

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

RINA KENT

Sinopse

Num covil de víboras, a vingança é o veneno mais mortal.

Eles destruíram meu mundo; agora, vou destruir o deles.

O problema? Praticamente não tenho como rastrear o mestre das marionetes.

Minha única pista: os Vipers.

Um time de hóquei universitário de elite que domina o gelo, e as sombras além dele.

Para me infiltrar em sua sociedade secreta, mirei em seu elo mais fraco.

Kane Davenport.

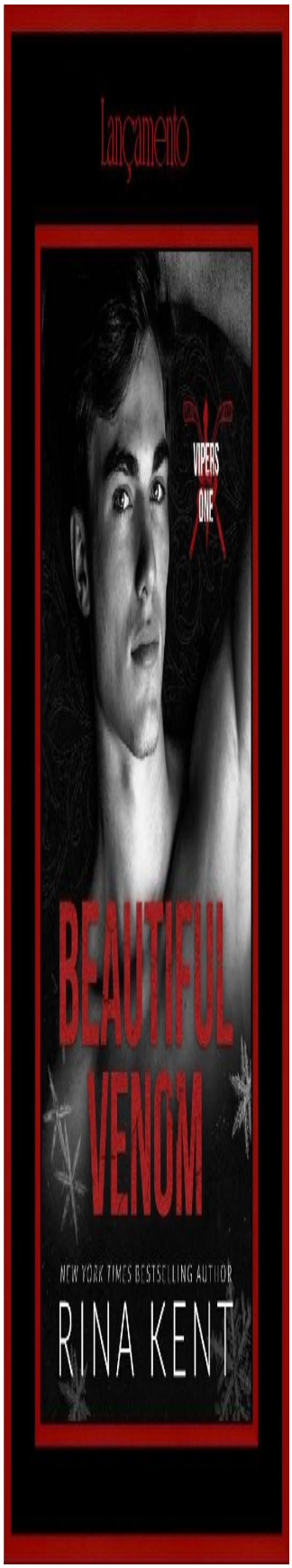
O capitão carismático e a bandeira verde solitária em um ninho de serpentes.

Mas, tarde demais, percebo que atraí a cobra mais venenosa.0

A fachada amigável de Kane esconde um predador mais perigoso do que eu imaginava.

Ele rapidamente revela o monstro à espreita sob a superfície.

Um monstro que me atraiu apenas para me prender em um jogo letal sem escapatória.


lançamento
VIPERS
ONE
BEAUTIFUL
VENOM
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
RINA KENT


Serie
VIPERS
ONE
BEAUTIFUL
VENOM
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
RINA KENT

Para aqueles que correm no escuro, onde a beleza e o perigo são dois lados da mesma moeda

Playlist

The Girl Who Stole My Heart – Blue October

Little Girl Gone – CHINCHILLA

Rip Me Apart – Unlike Pluto

Black Dahlia – Hollywood Undead

Shadow – Livingston

Cake – Melanie Martinez

Sick Thoughts – Lou Bliss

Hell of a good time – Haiden Henderson

Bad Timing – Blindlove

Backbone – KALEO

I Can’t Go on Without You – KALEO

Lilith – Halsey & SUGA

Vicious – Bohnes

Neon Gravestones – Twenty One Pilots

Game Of Survival – Ruelle

All That Pretty Love – Atom & Breathe

SINS – Red Leather

Feeling You – Harrison Storm

Fickle Game – Amber Run

Playlist no Spotify.

Capítulo Um

Dahlia

A vida como a conheço foi quebrada em pedaços minúsculos e irreconhecíveis.

O lado bom? Não tenho nada a perder.

Ninguém para quem voltar.

Nenhum lugar para chamar de lar.

Então nada me impede de seguir o caminho sangrento que tracei cuidadosamente.

Meus dedos tremem contra o plástico liso do assento do estádio enquanto permaneço escondida. Meus músculos queimam e meus joelhos tremem, rangendo devido à posição agachada em que me forcei por vinte minutos ou mais.

Uma rajada de ar gelado me envolve, congelando as gotas de suor que cobrem minhas têmporas e meu lábio superior.

O problema é que não deveria estar aqui.

E não me refiro a esta posição em si, mas a todo o lugar.

Eu certamente não deveria ter pisado em Graystone Ridge ou no campus da Universidade Graystone, também conhecida como GU. Mais importante ainda, eu não deveria estar me esgueirando pela famosa Vipers Arena, casa do prestigiado time de hóquei da universidade, o Vipers, que acabou de vencer uma partida espetacular.

‘Acabou’ é metafórico, porque o jogo terminou há horas e todos já evacuaram o local.

Exceto eu.

E os três jogadores abaixo.

Baques altos enchem meus ouvidos enquanto o disco bate nas placas. O som sibilante das lâminas no gelo adiciona uma sinfonia de violência pura.

Espio por entre as cadeiras azul-escuras, prendendo a respiração apesar da magnitude dos sons ecoando na arena.

Os assentos dentro da Vipers Arena, com capacidade para mais de dez mil pessoas, são íngremes, proporcionando uma vista estonteante e vertiginosa do gelo abaixo. Ainda consigo ouvir o rugido da torcida de antes como se fosse uma força física, reverberando em meu peito em um zumbido persistente. As palmas e os cânticos que ricocheteavam nas paredes, elevando-se a um crescendo ensurdecedor, eram monótonos em comparação com o som do treino acelerado dos três jogadores no fim da noite.

Ou melhor, encontro?

Vislumbro a palavra ‘VIPERS’ impressa nas placas à minha frente enquanto o gelo brilha sob as luzes fortes e ofuscantes, lançando um tom azulado sobre a pista. O som nítido e cortante dos patins cortando o gelo me arrepia enquanto acompanho as manobras implacáveis dos jogadores.

Já vi os Vipers dominarem a arena inúmeras vezes durante minha pesquisa, então consigo reconhecer quem tem o disco sem nem mesmo verificar o número.

Alguns podem chamar isso de obsessão, e talvez seja, mas se isso me aproximar do time, serei uma simplória. Ou uma stan[1]. Ou qualquer termo correto que signifique que sou uma especialista nesse bando de cobras.

Abaixo meu boné de beisebol sobre o rosto, troco meu peso de um pé para o outro e então descanso minha testa úmida em um pequeno ponto entre as duas cadeiras.

Os três são tão rápidos, tão cruéis e tão implacáveis em suas brincadeiras, que quase se confundem em um mar de deslizamentos bruscos.

Meus olhos se cruzam enquanto tento acompanhar. Eles estão se revezando e jogando dois contra um, provavelmente para aprimorar a sinergia de ataque impecável que todos elogiaram mais cedo.

A razão pela qual esses três jogam bem juntos é provavelmente porque, mesmo depois que todos foram para casa, eles voltaram à pista.

Ouvi rumores de que eles costumam ter essas ‘reuniões’ noturnas e tive que confirmar pessoalmente. Por isso, fui ao banheiro, fiquei lá até o lugar ficar quase deserto, depois voltei sorrateiramente para a arena e me escondi atrás das cadeiras no canto perto do gelo, mas fora do campo de visão dos jogadores.

No entanto, tive que ficar em silêncio absoluto porque esse lugar ecoa até o menor ruído.

Os três param no meio do rinque, batendo os tacos antes de jogá-los no gelo.

—Essa foi uma péssima defesa. — O número 71, Jude Callahan, é o primeiro a tirar o capacete e sacode o cabelo preto encharcado antes de jogá-lo para trás como um cachorro.

Ele é o mais alto e corpulento dos três, com impressionantes 1,95 m, e é a definição de ‘fodido.’ Jude é o ponta-direita mais temido da liga universitária. O ataque dos times rivais pensa duas vezes antes de entrar na sua zona, e os defensores não conseguem lidar com seu tamanho e sua energia descontrolada.

Jude tem problemas de raiva e escolheu o hóquei para espancar as pessoas. Todo mundo sabe disso, e qualquer um que sonha com uma carreira no hóquei aprendeu a ficar longe dele.

O número 13, Preston Armstrong, joga o capacete na nuca de Jude, e sua voz grave ecoa pela arena vazia com um tom de sarcasmo. —Bater no peito não é

uma estratégia ofensiva. Você teria sido penalizado por isso. Como sempre. Não seja um problema.

Preston é frequentemente rotulado como o príncipe da liga, provavelmente por causa de seu rosto incrivelmente atraente, cabelo loiro-areia sempre penteado e olhos verde-caribenhos. Apesar de sua aparência elegante e maneirismos refinados, ele é conhecido por ser a cobra mais cruel dentro e fora do gelo.

Sua aparência é apenas mais uma ferramenta que ele usa para atingir seus objetivos. Sejam eles quais forem.

Apesar da minha extensa pesquisa sobre Preston, ainda não sei nada sobre sua verdadeira personalidade e duvido que seus companheiros de equipe tenham a mínima ideia do que ele realmente é capaz.

Ao contrário de Jude, um sujeito musculoso e notório que age sem se importar com ninguém, Preston é mais calmo e calculista, mas exala um tom sombrio.

Ainda assim, se eu tivesse que escolher, escolheria a segunda opção. Eu consigo lidar com jogos mentais, mas o estilo de violência descontrolada de Jude é difícil de engolir.

Como se fosse um sinal, Jude joga seu corpo contra o de Preston com tanta força que ambos se chocam contra as tábuas com um baque alto.

Prendo a respiração quando Jude se senta em cima do Preston como se fosse uma cadeira. —O que foi isso, seu babaca?

A cabeça de Preston bate contra as placas e, apesar de não estar usando capacete, ouço o eco da batida no meu peito.

Eles se agarram pela gola e Jude tenta levantar Preston, provavelmente para jogá-lo através do rinque, no estilo neandertal. Preston, embora não seja tão

corpulento ou alto quanto Jude, ainda tem 1,90 m e consegue manobrar a força bruta de Jude, virando-o e jogando-o contra o gelo antes de dar uma cotovelada em sua garganta.

O 13 sorri enquanto fala perto do rosto do 71. —Eu disse que você é um peso, *seu babaca.* Aprenda a controlar sua força animal. Tudo bem parecer um, mas fingir que é um é demais, não acha?

Retiro o que disse.

Não tenho como lidar com o Preston. Não sei se ele vai soltar o cara enorme embaixo dele ou estrangulá-lo até a morte enquanto sorri.

Quase perco o equilíbrio e revelo minha posição quando o rosto de Jude muda de vermelho para azul em questão de segundos.

Num piscar de olhos, Jude chuta Preston e então eles rolam no gelo como dois ursos polares.

Sem proteção para a cabeça.

O terceiro jogador, Número 19, tira o capacete com um suspiro, revelando cabelos castanho-escuros úmidos e despenteados e uma leve carranca entre suas sobrancelhas grossas.

A briga entre Jude e Preston desaparece no fundo enquanto a visão do capitão e centro dos Vipers aperta minha garganta com mãos invisíveis.

E o pior? Não é a primeira vez que ele rouba minha atenção.

Por algum motivo, muitas vezes meus olhos inconscientemente se voltam para Kane Davenport, e não consigo entender o porquê.

Sim, ele é bonito, provavelmente o mais bonito dos três. Enquanto Jude tem feições angulosas e Preston é mais do tipo principesco, a beleza de Kane é desconcertante.

Seu queixo pontudo e esculpido lhe confere um visual naturalmente imponente. Seu cabelo, normalmente penteado com esmero, agora está desgrenhado, e ele passa os dedos por ele, fazendo com que seus fios grossos pareçam casualmente polidos.

Com 1,93 m, ele também é alto, mas não tão ameaçador quanto Jude. A constituição física esguia, porém musculosa, de Kane complementa seu papel de jogador dominante no gelo. Seu corpo é esculpido para potência e agilidade, e seus movimentos controlados refletem sua liderança inata. Ele se porta com confiança, sua postura sempre ereta e composta, exalando uma aura de autoridade silenciosa.

E, no entanto… seus olhos azuis são tão pálidos, tão vazios, que mais parecem os de um lobo ártico do que os de um humano. São penetrantes, frios e indecifráveis. Apesar da calma aparente, há um lampejo de perigo à espreita logo abaixo da superfície.

E ainda assim ele é a única opção segura no time.

Kane é um capitão responsável, um líder poderoso e aquele que acalma seus companheiros de equipe quando eles perdem o controle. Ele também é o único jogador veterano com uma personalidade relativamente normal.

Bom, tão normais quanto esses idiotas podem ser.

Ele ainda faz parte daquela organização maldita que nenhuma pessoa normal escolheria por vontade própria. Olho para o anel de obsidiana negra em seu dedo indicador direito, que não brilha sob a luz. Não consigo vê-lo claramente, mas sei que há uma rosa dos ventos gravada no topo, uma representação do símbolo de sua família.

O anel é a prova de seus laços monstruosos.

Ele patina até os outros dois e interrompe a briga à força, colocando o corpo

entre os deles. Preston imediatamente pula e patina em círculos, com seu ritmo e expressão facial provocativa provocando sem que ele precise dizer uma palavra.

Jude luta contra o domínio de Kane, e sua força e sede de violência formam um halo invisível ao redor dele, provocando arrepios em minha pele.

—Chega. — Kane o empurra, e embora o movimento pareça relaxado, na verdade não é. Não teria como ele empurrar um homem com aparência de urso se fosse esse o caso.

É isso que o Kane tem de especial. Ele consegue fazer as coisas parecerem fáceis quando estão longe disso.

—É só isso que você tem, grandalhão? — Preston inclina a cabeça para o lado e faz beicinho para Jude, imitando uma criança inocente. —Estou decepcionado.

Jude corre em sua direção. —Seu filho da puta...

Kane estende as mãos, dando socos simultâneos na barriga dos dois. —Já disse chega. Guardem as energias para o rinque.

Jude rosna. —Vou esmurrar a cara bonita dele até ele parar de falar merda.

—Arruinar a minha cara não vai me impedir de te dar uma surra. — Preston sorri largamente. —Só vai mostrar o seu complexo de inferioridade. Está com inveja da minha aparência, seu camponês?

—Sua aparência? — É a vez de Jude dar uma risada irônica. —Qual aparência? Doentia e perturbadora?

—Ninguém nunca disse isso. Mas, olha, posso te encontrar um bom cirurgião plástico. E também um neurocirurgião para ele consertar essa sua personalidade problemática.

—Só se a sua personalidade passar pela mesma cirurgia.

—Blasfêmia. Eu tenho uma personalidade maravilhosa. A sua, no entanto, gira em torno de questões maternas. — Preston faz beicinho.

—Vou te enterrar, porra. — Jude ataca, e Kane usa seu corpo para absorver o choque e ainda assim é empurrado para trás.

—Pres. — Kane o encara. A energia muda sem que ele precise dizer mais nada.

Preston levanta o ombro. —O quê? É divertido mexer com ele. Além disso, ele precisa ser drenado para poder dormir. Como uma criança.

—Que porra você acabou de dizer? — Jude pergunta em um tom sombrio.

—Viu? — Preston levanta as mãos como se estivesse provando algo.

—Guarde as provocações para o jogo, — diz Kane a ele.

—Hmm... deixe-me considerar. — Preston bate no queixo. —Me recuso.

Kane suspira como se esperasse a resposta. —Você usou essa mesma energia antagônica para fazer com que aquele jogador fosse penalizado?

—Suponho que sim. Disse a ele que a mãe dele está deixando o treinador transar com ela em todos os buracos frouxos para que um jogador medíocre como ele possa continuar no time.

Doente desgraçado.

—Não é à toa que ele quase te matou e foi punido por cinco minutos. Duas vezes, — diz Kane em um tom de voz calmamente perturbador. —Você é irritante sem esforço algum.

Preston sorri. —Eu sei, certo?

—Isso não é um elogio.

—Ela fez isso? — Jude pergunta, parecendo ter esquecido de sua promessa

de matar Preston.

—Ela fez o quê?

—Deixar o treinador foder todos os buracos dela pelo filho dela? — Jude pergunta em tom enigmático, e Kane o observa atentamente como se estivesse procurando por algo, embora eu não consiga identificar o quê.

—Sei lá. Provavelmente? Quem se importa, desde que a história tenha servido ao seu propósito. — Preston solta um suspiro. —É tão fácil mexer com as pessoas que está ficando chato.

Jude tira as luvas e as joga no rosto de Preston.

Este último torce o nariz. —Inculto como sempre, Callahan.

Meu olhar se concentra no anel preto no dedo indicador de Jude. Semelhante ao de Kane, embora o dele esteja marcado com o símbolo da família, um caduceu envolto em trepadeiras espinhosas. Preston também tem um. O dele tem o símbolo de um sol e uma lua crescente.

Eles não estavam usando durante o jogo, provavelmente por causa do regulamento. Devem estar usando agora, porque estão treinando sozinhos.

Talvez eles não queiram ser vistos sem provas de sua lealdade.

Ou prova de seu poder neste lugar.

As pessoas pensam que Graystone Ridge é uma cidade extensa e próspera, aninhada no nordeste dos EUA, onde história e riqueza se misturam perfeitamente com a ambição moderna. O coração da cidade oferece uma mistura de cafés sofisticados, lojas de grife e marcos históricos alinhados às ruas de paralelepípedos.

As pessoas também acreditam que a Graystone University, localizada nos limites da cidade, é uma instituição de prestígio, conhecida por formar potências

acadêmicas e esportivas. Sua arquitetura histórica envelheceu bem, harmonizando-se com o entorno. Embora ofereça programas renomados em negócios, direito, ciências e medicina esportiva, seu verdadeiro orgulho reside em seu programa de hóquei, que se tornou um campo fértil para futuras estrelas da NHL.

O corpo estudantil é uma mistura de pessoas ricas e tradicionais, como Kane, Jude e Preston, e estudantes bolsistas ambiciosos, atraídos por Graystone por suas conexões e prestígio, como eu.

O que as pessoas não sabem, no entanto, é que por trás dessa fachada brilhante, a universidade esconde uma influência sombria: a Vencor. A sociedade secreta ligada às suas famílias fundadoras e às da cidade. O poder aqui não é apenas conquistado, mas manipulado e transmitido de geração em geração.

Cada canto deste lugar sussurra o poder das famílias de elite que moldaram a cidade.

Os Davenports, Callahans, Armstrongs e Osborns vivem em um enclave fechado chamado Ravenswood Hill, nos arredores, na floresta enevoada que se ergue sobre a cidade. Atrás de pesados portões de ferro, suas mansões isoladas refletem um legado de influência e controle sobre a cidade. As estradas que levam a Ravenswood Hill são ladeadas por carvalhos imponentes e sistemas de segurança ocultos, criando um ar de exclusividade e mistério.

O Hill sempre foi inacessível para pessoas de fora, e é por isso que tive que abordar esses três na faculdade.

Ou melhor, algo como um.

Kane é minha melhor aposta. Não acho que ele seja um idiota que eu possa enganar facilmente, mas pelo menos é um pacifista. Nas últimas semanas, assisti a muitos dos seus jogos online e pessoalmente, chame a polícia da perseguição, e nunca o vi se envolver em violência.

Nenhuma *vez.*

Isso é um tipo de milagre em um esporte físico como o hóquei.

Na verdade, ele é um especialista em apartar brigas. Sua calma nunca é abalada e sua autoridade transparece através da tela. Provavelmente por isso ele conquistou o posto de capitão sem esforço.

Eu preferiria não chegar perto de nenhum deles, mas preciso, então tem que ser Kane.

—Você vai convidar alguém dessa vez? — Kane pergunta a Jude enquanto patina até a área dos bancos.

—Não, — diz o último sem se virar.

—Tem certeza disso?

—Sim. Vai se foder. — E com isso, Jude sai do gelo e segue em direção ao túnel, desaparecendo de vista.

Um leve zumbido mecânico vindo das máquinas de gelo sobrepõe-se ao silêncio enquanto Kane olha para Preston por alguns segundos. —Você?

—Contemplando isso.

—Espera-se que você examine e traga alguém para a iniciação, Pres.

—Você não contou isso para Jude.

—É melhor que ele não faça isso. Ele vai simplesmente forçar alguém da rua a acompanhá-lo, e não queremos lidar com essa confusão. Você é diferente. Use suas habilidades de persuasão. Quero dizer, habilidades de manipulação.

—Da última vez que fiz isso, ela não quis beber meu sangue. Quase a matei antes de ser expulsa. — Ele franze a testa. —Como alguém poderia recusar *meu* sangue?

—Pessoas normais? — Kane pergunta o que estou pensando. Sério, talvez aquele cara só esteja em Vencor porque nasceu em uma família fundadora.

Obviamente ele não pertence àquele lugar.

—E você? — Pergunta Preston com uma sobrancelha levantada.

—Estou pronto. Preocupe-se consigo mesmo.

Pronto? Isso significa que ele já tem alguém em mente?

Eu deveria me infiltrar na vida dele para ser esse alguém.

Há pouco tempo, me candidatei para ser estagiária do médico da equipe, mas a vaga ainda está em espera. Meu colega de classe disse que era impossível aceitarem uma garota para o cargo, enquanto se gabava de que ele seria a melhor pessoa para o cargo.

Se ele estiver certo, minhas chances de me aproximar do time são menores do que nunca. Poderia me candidatar a assistente do gerente administrativo ou até mesmo me voluntariar. No entanto, isso não é garantido em um time popular como os Vipers.

—Tudo pronto, hein? — Preston repete com um tom de quem entende do assunto.

—Vá para casa, Armstrong.

—Sim, sim, Capitão. — Preston faz uma saudação irônica, com um sorriso sádico nos lábios antes de patinar para longe. —Hora de afogar Callahan no chuveiro.

Enquanto o silêncio toma conta da arena, Kane fica parado no meio do rinque por alguns segundos, depois pega os discos que eles deixaram espalhados e os guarda no compartimento apropriado.

Minhas pernas doem de tanto esforço, e sei que se eu não sair logo, vou cair

e revelar minha posição.

Mordo o lábio e permaneço imóvel.

Vou embora depois que Kane for embora.

Não tem como sair de fininho enquanto ele estiver lá.

Pare de ser certinha e vá logo.

O som dos patins se mistura com o das máquinas de gelo e me distraio massageando minhas pernas, então não percebo que Kane patinou até o meu lado das arquibancadas.

Quando levanto o olhar, ele para bem em frente ao meu esconderijo.

O frio penetra em meus ossos, e o ar fica tão frio que chega a ser doloroso respirar.

No silêncio opressivo, a voz calma de Kane ecoa pela arena vazia. —Você pode sair agora.

Me escondo ainda mais, esperando, não, rezando, para que ele esteja falando com outra pessoa que foi corajosa ou tola, o suficiente para entrar na Vipers Arena tarde da noite.

—Eu sei que você está aí. Sugiro que apareça enquanto estou só eu. Não posso garantir que os outros serão tão compreensivos.

Capítulo Dois

Dahlia

Meu coração bate tão forte que quase transborda pelas costelas.

O suor cobre minhas mãos enquanto aperto a cadeira com mais força. Nenhuma quantidade de ar gelado poderia extinguir o fogo que irrompe no fundo da minha barriga.

As palavras de Kane ecoam no meu peito em vez de na minha cabeça, e paro de respirar completamente.

Sim, eu pretendia ‘conhecê-lo’ oficialmente. Mas não assim. Eu estava trabalhando em vários planos para tornar tudo natural e crível.

Me pegar em uma das minhas sessões de espionagem não é nenhuma das opções acima.

Talvez se eu correr, consiga sair daqui.

—Sou tão assustador assim? Prometo que não mordo. — O tom de diversão em sua voz interrompe o fluxo dos meus pensamentos.

Deus, por que diabos a voz grave e rouca desse homem parece ter saído dos meus sonhos mais sombrios e deliciosos?

Ele parece relaxado. Convidativo, até.

Talvez seja por isso, ou pelo fato de minhas pernas já não aguentarem mais me carregar, mas escolho aproveitar a oportunidade. A probabilidade de ter outro encontro cara a cara com *o* Kane Davenport é mínima. Ele está sempre cercado de pessoas.

O tempo todo.

Em todos os lugares.

Em qualquer lugar.

Ele é o campo magnético para o qual as pessoas se sentem atraídas.

Eu sou o povo. O povo sou eu.

Com uma expiração brusca, levanto-me lentamente. Meus joelhos queimam e minhas pernas estão dormentes. Num movimento rápido, tiro meu boné de beisebol e afago meu cabelo até que os longos fios castanhos e ondulados se acomodem suavemente sob meus seios.

Minha irmã Violet me disse que a primeira impressão é a que fica, e odeio não estar arrumada para o encontro que venho planejando há semanas. Mas me maquiei mais cedo hoje à noite e estou usando uma calça jeans que valoriza minhas curvas e uma blusa bege que contrasta lindamente com meu tom oliva escuro de pele.

Claro, eu poderia ficar melhor, mas também posso trabalhar com isso.

Isso pode fazer ou quebrar meu plano.

Depois de respirar fundo, olho para baixo e quase me esqueci de quão lindo Kane é sem esforço algum.

Quase.

Ele se encosta nas placas, braços cruzados, taco pendurado na mão, com uma expressão inquietante e indiferente. As impressões opostas que ele emite são chocantes e me arrepiam.

O uniforme azul-escuro de hóquei acrescenta uma sensação de mau agouro ao seu físico já intimidador. Apesar das poucas fileiras de assentos nos separando e da minha altura média de 1,67 m, ele ainda parece assustadoramente alto.

Um leve sorriso surge em seus lábios carnudos. —Aí está. Não foi tão difícil assim, foi?

—Oi.

Merda.

Não pareço fraca. Nunca. O que há de errado comigo? *Calma, pelo amor de Deus.*

—Olá. — Seu sorriso permanece o mesmo, exalando educação. É até acolhedor. —Posso perguntar o que você está fazendo aqui a esta hora?

—Fiquei para trás depois do jogo.

—Eu percebi. Por quê?

—Eu... eu sou fã! — Digo abruptamente a primeira coisa que me vem à cabeça.

Por que diabos não pensei nisso antes? Na verdade, pensei. Por um instante. Mas imaginei que os Vipers já tinham muitos torcedores se atirando em cima dos membros do time a qualquer momento. Então isso não me faria me destacar da multidão.

Mas agora que estamos sozinhos, pode ser que sim.

—Entendo. — As duas palavras são seguidas por um contato visual intenso, estranhamente desprovido de calor. Estou sendo examinada, mas não há conexão.

A cor glacial pálida de seus olhos é semelhante a afundar no Oceano Ártico, com camadas de gelo se formando na superfície a uma velocidade alarmante.

Deve ser assim que se sente quando se é congelado vivo.

Tiro a imagem da cabeça. Este é Kane, não Preston, ou, Deus me livre, o curinga Jude. Ele é minha melhor, e *única*, opção.

—É, — continuo num tom mais confiante. —Sou uma nova fã. Não sabia muito sobre hóquei antes, mas estou aprendendo mais por causa do time. Força, Vipers!

—Fico feliz que conseguimos te atrair para o jogo. — Suas palavras soam calmas. Como um oceano tranquilo.

Certo.

Essa é a vibe que Kane sempre transmitiu. Profundo, controlado e confiável. Um oceano em toda a sua glória.

—Você me fez um grande favor. — Abro um sorriso largo. Sempre ouvi dizer que tenho um sorriso lindo e não me importo de usá-lo a meu favor. Quem pede não escolhe, e sou definitivamente uma pedinte nessa situação.

—Qual é seu jogador favorito no time?

—Você, — digo sem hesitar.

—Tem certeza de que não está dizendo isso só porque estou aqui? Se o Callahan aparecer, você vai trocar, não é?

—Callahan é muito agressivo e violento em sua jogada. Não acho isso divertido.

—A maioria dos fãs de hóquei acha isso.

—Eu não. Prefiro sua destreza tática e sua capacidade inconfundível de liderar tanto no ataque quanto na defesa.

—Fico lisonjeado. Obrigado. — Sua voz permanece a mesma. Sem afetação, tranquila. Ele certamente não parece lisonjeado, ou talvez já tenha sido elogiado tantas vezes que suas respostas se tornaram mecânicas.

—Não, obrigada por reservar um tempo para falar comigo. É difícil te encontrar no campus, então isso significa muito para mim.

Urgh. Não costumo elogiar estranhos tanto assim. Estou começando a me encolher.

—Qualquer coisa por um fã. Se você quiser um autógrafo, basta chegar mais perto. Eu *realmente* não mordo.

É então que percebo que ainda estou aninhada atrás da fileira de assentos de plástico, segurando um deles com tanta força que meus dedos doem. Solto-o e desço lentamente os degraus.

Durante todo o caminho, o olhar de Kane está fixo em mim.

Não é ameaçador propriamente, mas é intenso, como quando ele está lendo os oponentes no gelo. Isso deveria soar como um elogio, mas já vi esse cara esmagar tantos rivais, que a atenção me causa uma onda de desconforto.

Paro na frente dele, e ele se ergue em toda a sua altura. Não sei se o gesto é para me intimidar, mas posso ter subestimado sua altura real. Adicione os patins e ele está completamente altíssimo.

De perto, seu maxilar é mais afilado, sua pele lisa, exceto por uma barba por fazer. E seus olhos são mais claros, muito mais frios. Um pouco perturbador, até.

Ele se comporta sem esforço, com total facilidade.

Estou com inveja mesmo. Como alguém pode ser tão... autoconfiante? Tão autossuficiente?

—Posso deixar o autógrafo para depois? — Pergunto para acabar com a tensão invisível. —Não tenho caneta nem papel.

—Que tal uma foto então?

—Isso seria incrível. — Procuro no bolso de trás da calça e pego meu telefone, depois clico na câmera.

Devido à diferença de altura, não consigo obter um bom ângulo.

—Posso? — Ele pergunta depois de me ver lutando por alguns segundos.

Entrego-lhe o telefone com um sorriso de desculpas e me inclino para que ele possa tirar a foto. Um aroma de fumaça de madeira e um leve traço de almíscar inundam meus sentidos.

O cheiro é tão masculino que minha cabeça gira e um calor sobe pela minha nuca. Sempre achei homens cheirosos e atraentes.

Esqueci de sorrir algumas vezes enquanto ele tirava algumas fotos sucessivas.

Enquanto ele me entrega o telefone, fico olhando para seu anel preto por um longo momento e espero que meu desgosto interior não apareça em meu rosto.

—Agora, por que você não me conta o verdadeiro motivo de estar aqui, Dahlia Thorne?

Meus dedos param no telefone enquanto ele aperta o outro lado. Ele não o solta quando seus olhos encontram os meus. Sua expressão não mudou, mas uma sombra sombria ofuscou suas maneiras educadas.

—Como você sabe meu nome? — Sussurro.

—Você se candidatou a uma vaga de estagiária na equipe médica, não? O currículo tinha sua foto e seu nome.

—E você analisa todos os formulários?

—Como capitão do time, sim, eu faço. Ninguém chega perto dos Vipers sem o meu conhecimento. — Ele faz uma pausa e solta meu celular. —Ou aprovação.

Eu sabia disso. Eu *sabia*, e é por isso que me aproximar dos outros teria sido inútil, para não mencionar perigoso. Não importava quem eu mirasse, teria chamado a atenção de Kane de qualquer maneira, e é por isso que fui atrás dele desde o começo.

—Como você sabe que quero me aproximar? — Pergunto, sem me dar ao trabalho de negar suas palavras. Kane é esperto e tentar desviar só sairia pela culatra.

—Além de se candidatar para fazer parte da equipe médica, você tem perguntado sobre cargos administrativos e tentado fazer amizade com pessoas próximas aos membros da equipe.

Ele descobriu tudo isso? *Como*?

Olho fixamente para o anel dele. Vencor. É claro que, como membro, ele conhece este lugar de cabo a rabo.

Talvez eu tenha subestimado o quão intrinsecamente elas estão entrelaçadas na estrutura da universidade e da equipe.

—Eu fiz você desconfiar de mim? — Sorrio, deliberadamente fazendo parecer constrangedor. Envergonhada, até.

—Eu não chamaria isso de desconfiança. Curiosidade é mais preciso.

Engulo a saliva presa na garganta. —Sobre o que você está curioso?

—Seu motivo.

—Não posso ser fã?

—Você pode. Mas suas ações não refletem sua reivindicação.

—Como assim?

—Primeiro, você não está usando nenhuma das nossas camisas, e embora isso seja normal para um espectador ocasional, é bizarro para um *torcedor.* Segundo, você disse que começou a gostar de hóquei recentemente, e mesmo assim parece conhecer o meu estilo de jogo e o do Callahan, como se estivesse estudando em vez de assistir ao jogo por diversão. Por fim, se você fosse torcedora, teria aproveitado a oportunidade para tirar uma foto comigo, com o

Armstrong e o Callahan, mas você estava decidida a se esconder e espionar, então isso me diz que você tem uma intenção. Essa intenção tem menos a ver com o time e mais com o meu anel, porque você deu pelo menos três espiadas nele desde o início desta conversa.

Nossa, ele é bom.

Ele é tão bom que estou sem palavras.

A maneira como ele apresentou sua análise, com palavras tranquilas e precisas, é impressionante e ao mesmo tempo enervante. Até que ponto ele me interpretou?

E é mesmo seguro se envolver com ele?

Ele é assustadoramente perspicaz e mestre em reconhecer e conectar padrões. É fascinante no rinque, mas letal na vida real.

Kane levanta a mão, mostrando o dedo indicador. —Você sabe o significado deste anel?

—Todo mundo na cidade sabe, — digo baixinho.

—Correto, mas provavelmente não tão bem quanto você. Na verdade, poucos decifraram o verdadeiro significado.

—Não sei do que você está falando…

—Não. Não se faça de boba. Isso insulta a inteligência de nós dois.

—O que você quer que eu diga? — Sussurro, sentindo-me presa entre suas garras sem que ele sequer precise me tocar.

—O que significa esse anel, Dahlia?

—Não sei.

—Terminamos aqui. — Ele se vira e começa a patinar.

Entro em pânico, minha respiração fica em um ritmo entrecortado, e desenho círculos infinitos no meu polegar com o dedo indicador.

Eu sei, eu simplesmente sei, que se ele for embora, nunca mais vai me dar a mínima atenção. Ele pareceu decepcionado com a minha resposta. Ele tinha plena consciência de que eu estava mentindo e, em vez de me criticar, simplesmente decidiu encerrar a conversa.

—Espere! Isso significa que você é um membro Sênior da Vencor.

Ele para a uma curta distância e se vira lentamente. Sua expressão é a de sempre, calma e distante. —Que outras patentes existem?

—Teste, Membro, Sênior e Fundador, — digo lentamente, revelando que estou mais entrincheirada do que qualquer um deveria estar.

Agora já coloquei todas as cartas na mesa, e a decisão é dele se vai virar as cartas ou me deixar jogar. Eu poderia ter mentido e negado, mas Kane provou que não tolera besteiras.

O timbre grave de sua voz preenche o ar. —E como um universitário como eu conseguiu um cargo tão alto na universidade?

—Porque você é…

—Eu sou?

—Biologicamente relacionado a uma família fundadora.

—Verdadeiro e falso. Eu subi de nível como todo mundo. Só comecei cedo.

Ah. Eu não sabia disso. Pensei que ele, Jude e Preston tivessem conseguido acesso apenas por laços familiares.

—Quão cedo? — Pergunto.

—Cedo. — Ele pronuncia a única palavra com autoridade suficiente para afastar quaisquer outras perguntas. —Agora, por que você não me conta o

motivo de ser tão versada em Vencor, já que nasceu no Maine e cresceu em Nova Jersey, Dahlia?

Engulo em seco. Mesmo que essa informação seja pública e conste no meu currículo, o fato de ele se lembrar dela com tanta clareza é perturbador.

—Você sabe que eu tenho uma bolsa de estudos, certo? — Começo a falar em tom calmo.

—Sim, e daí?

—Se você fez sua pesquisa, deve saber que recebo bolsas de estudo. Nasci de um pobre pescador e costureira em uma pequena cidade costeira do Maine, mas não me lembro muito daquela vida, porque meus pais morreram quando eu tinha seis anos. Mas me lembro de que minha mãe consertou o mesmo vestido pelo menos cinco ou seis vezes em vez de me comprar um novo. Lembro-me de nunca ter comida suficiente para saciar a fome no meu estômago. A situação não mudou quando fui jogada no sistema e transferida de um lar abusivo para outro. Crianças como nós não recebem coisas boas. Algumas de nós se tornam drogadas, outras vendem seus corpos e muitas morrem em acidentes bizarros. Ninguém se importa com o cadáver sem nome à beira da estrada. Somos apenas estatísticas que alimentam a máquina. As poucas que conseguem, como eu, ainda são tratadas como estranhas e discriminadas, não importa o quão inteligentes, sejamos estudiosos ou espertos, aprendamos a nos tornar.

Faço uma pausa, principalmente por causa do nó que está obstruindo minha garganta. Não queria ser pessoal, mas tenho a sensação de que qualquer coisa menos que a verdade não comoverá Kane nem um pouco. Aliás, ele pode me menosprezar se eu mentir, ele certamente estava pronto para interromper a conversa quando tentei.

Embora eu tenha acabado de lhe expor minha vida sem glamour, ele não reage. Não há nem um tique em sua expressão monástica. Ele não parece estar

calculando se estou ou não dizendo a verdade.

—E? — É tudo o que ele diz, me incitando a dizer mais, deslizando mãos fantasmagóricas pelo meu cérebro como se quisesse desmontá-lo pedaço por pedaço.

—E estou cansada de ficar de fora. Por uma vez, quero estar de dentro. Quero acordar de manhã e não me preocupar em como sobreviver por mais um dia. Ouvi dizer que a Vencor pode ajudar com isso. Que, se me tornar membro, meu futuro estará garantido, como já foi para inúmeros políticos, empresários e até ex-presidentes. Quero fazer parte dos poderosos em vez dos fracos.

—E você pensou que a melhor maneira de fazer isso seria se aproximar do time de hóquei, onde três jogadores são veteranos e alguns outros são membros, e pedir que um dos veteranos a convidasse para a próxima iniciação.

Não é uma pergunta, mas ainda digo: —Sim.

—Você pensou certo. Vou realizar seu desejo.

Meus lábios se abrem.

Kane concordou em me ajudar sem que eu tivesse que recorrer a todos os planos diabólicos que eu havia preparado?

O que?

Por que?

Será que ele tem pena de mim?

Sinceramente, não me importo. Vou ser o cachorrinho mais lamentável se isso me levar para lá. Não tenho tempo para focar no meu orgulho em situações como essa.

—Sério? — Pergunto, ainda sem acreditar no que ouço.

—Sim. Eu já tinha outra pessoa em mente para a iniciação, mas vou levar

você.

Sinto um arrepio quando ele diz: ‘Vou levar você.’ Mesmo que seu tom de voz não mude, há uma estranha mudança em sua expressão.

Um sorriso surge em seus lábios, e paro e o encaro. Será que eu deveria achá-lo tão lindo assim?

Logo desaparece quando seu tom mecânico preenche o ar. —Aviso justo. Esta não é uma iniciação comum ou uma cerimônia de trote onde você será solicitada a aceitar desafios bobos. Você será testada. Você será levada ao seu limite. E você será solicitada a oferecer seu corpo e alma no altar de pessoas dementes. Se recusar, será expulsa e banida para sempre. Se não provar que está disposta a ser usada por Vencor, será sabotada até escapar do país ou se matar. E se trair Vencor, ninguém encontrará seus ossos. Tem certeza de que ainda quer participar? Às vezes, ser um forasteiro é muito mais seguro do que ser um insider ligado por sangue.

Outro arrepio percorre meu corpo e aperto o celular com mais força. Ouvi muitos boatos e participo de fóruns da dark web que discutem teorias e histórias sobre o que essas pessoas são capazes de fazer.

As palavras de Kane, ditas com a voz neutra de um apresentador de jornal, não deveriam me abalar, mas abalam.

Se eu tivesse ouvido isso um ano atrás, eu teria dado meia-volta e ido embora, mas e agora?

Agora, não tenho nada a perder. E se eu tiver que usar minha vida para vingar minha irmã, que assim seja.

Então digo com uma voz resoluta e morta: —Tenho certeza.

Kane me observa, sem surpresa nem aprovação. —Se mudar de ideia antes de ser aceita, diga uma palavra que só nós dois saibamos e farei isso parar. Não

importa o que seja. Vamos com... vermelho.

Concordo com a cabeça. —Por que você está me ajudando?

Ele bate na minha bochecha com o dedo indicador, no qual está usando o anel. O metal frio me arrepia, mas isso não é nada comparado ao fogo eletrizante que se espalha pela minha barriga quando sua pele toca a minha.

—Estou curioso para saber se você vai durar e até onde vai, minha falsa fã. — Seu sorriso desaparece enquanto ele dá um último tapinha na minha bochecha. —Não me decepcione.

Capítulo Três

Dahlia

Não me decepcione.

Não me decepcione.

Não. Me. Decepcione.

Já faz uma semana que Kane me disse essas palavras. Ele não disse mais nada desde então e, por algum motivo, não consigo tirá-las da cabeça.

Tenho tentado entrar na arena para assistir ao treino dos Vipers, talvez chamar a atenção do Kane e perguntar a ele sobre as medidas que serão tomadas daqui para frente. No entanto, a segurança deles não é brincadeira. Eles têm uma política de tolerância zero com estranhos. Mesmo que sejam os maiores fãs do time. Não importa se estudam na Universidade Graystone.

Se não fossem as fotos muito reais no meu celular, eu pensaria que toda a conversa que tive com Kane e a promessa que ele fez de me levar para a iniciação foram fruto da minha imaginação.

Claro, ninguém sabe quando e onde as iniciações de Vencor acontecem, já que, de acordo com rumores, eles as mudam para manter o fator misterioso.

Mas Kane está no círculo interno. O nível Sênior é o mais alto nível alcançável por todos os membros, exceto os Fundadores. Não tenho ideia de que tipo de provações eles devem passar ou quantas almas precisam vender ao Diabo para chegar lá, mas suspeito que a alma deles não seja suficiente.

Franzo a testa para a minha foto com Kane no celular. Postei nas redes sociais outro dia e o marquei, mas só recebi uma curtida. Só isso. Sem mensagem direta nem reconhecimento da minha existência.

Nada.

Deveria estar estudando, mas me pego olhando para a selfie.

De novo.

A expressão de Kane é mais calma que uma noite sem estrelas e igualmente profunda. Para ser sincera, não consigo imaginá-lo vendendo a alma. Ele escuta de verdade e não tem a obscuridade de Preston nem a brutalidade de Jude.

Ele pode ser implacável durante um jogo, se necessário, mas nunca vi Kane ser agressivo. Seja dentro ou fora do gelo.

Dou um zoom na mão dele, onde o anel aparece. Ele ainda é um Vencor, um Vencor Sênior. Por algum motivo, pareço ignorar esse detalhe sempre que penso em Kane.

O que tenho feito constantemente desde nosso último encontro.

Vencor ou não, não acredito que ele seja do tipo que faz promessas vazias.

Mas por que ele não entrou em contato desde então? Ele é meio intocável no campus, então não posso me aproximar dele como se fôssemos conhecidos. De qualquer forma, estudamos em áreas completamente diferentes, em prédios que ficam em extremidades opostas do campus. Ele, administração. Eu, pré-medicina. Então seria difícil aparecer por lá e fingir que é uma coincidência.

Além disso, seria inteligente fazer isso? Iniciar uma reunião pública? Da outra vez, ele se certificou de que seus colegas de equipe estivessem fora do alcance da voz antes de falar comigo. Imagino que ele não queira que nosso acordo seja exposto.

—Kane Davenport. Você não está brincando sobre seu crush.

Minha cabeça se levanta bruscamente. Eu estava tão concentrada e perdida em meus pensamentos que não percebi Megan se aproximando da minha mesa.

Viro o telefone com dificuldade. —Ele não é meu crush.

Megan é minha colega de quarto no alojamento da GU e está aqui com uma bolsa de estudos, assim como eu, então pelo menos não há muita diferença social entre nós. Mas, para a sorte dela, ela vem de uma família feliz e eu a vejo com frequência nos cafés locais com os pais ou irmãos.

Fico na minha, e ela fica na dela. Ela tentou fazer amizade comigo no começo, já que é muito extrovertida, mas depois de me ver estudando como uma louca para tirar as notas necessárias para a bolsa de estudos, ela meio que se retraiu e decidiu passar mais tempo com os amigos do departamento de ciências sociais.

Megan é uma ruiva com pele escura e tem um estilo marcante. Ela está arrasando com um vestido estilo quimono vermelho, branco e verde, com fendas na saia e correntes brilhantes no lugar das alças, para uma de suas saídas à noite.

—Garota, você estava olhando para aquele homem como se ele fosse um lanche. — Megan se olha no espelho de corpo inteiro perto da entrada do nosso quarto.

—Eu não estava.

—Uh-huh. — Ela tira algumas selfies no espelho.

O lado dela do quarto está cheio de roupas coloridas empilhadas sobre a cama, da hora que ela estava escolhendo suas roupas. Algumas bolsas caíram no chão, mas sua mesa está impecável, com todos os seus livros de ciências sociais dispostos com capricho, como se fossem verdadeiros tesouros.

Meu lado é minimalista, na melhor das hipóteses, com meus livros de medicina e meu laptop. No entanto, minha mesa de cabeceira está coberta de revistas de hóquei universitário desorganizadas, que tenho estudado mais a sério do que meus projetos escolares.

Meus três pares de tênis brancos estão enfileirados no meu armário, enquanto os da Megan estão cheios de todos os tipos e cores de sapatos.

—E eu aqui pensando na sua recente obsessão por hóquei. Preciso dizer que você tem gostos caros. Não conseguiria um jogador de nível inferior do time?

Giro na cadeira para encará-la. A outra diferença entre Megan e eu é que ela está na GU desde o primeiro ano. Quanto a mim, eu estudava na cidade vizinha, Stantonville. Inicialmente, me inscrevi na GU e no Stanton River College, ou SRC, mas minha inscrição foi rejeitada pela GU e fui aceita no SRC. O que foi uma pena, mas pelo menos Violet também foi aceita no SRC, então nos mudamos de Nova Jersey para Stantonville.

Imagine minha surpresa quando me ofereceram uma bolsa de estudos aleatória para a GU no meu último ano neste verão. Dizer que fiquei nas nuvens seria um eufemismo. O programa de medicina da GU é único, e foi por isso que eu quis me matricular aqui em primeiro lugar. E receber essa oportunidade no meu último ano foi surreal.

Violet parecia um pouco apreensiva, mas mesmo assim ela me comprou um bolinho e nós nos divertimos muito comemorando naquela noite.

Pensei que esse seria meu novo começo.

E é, mas agora, não tenho Violet comigo.

Megan, na verdade, é moradora de Stantonville e poderia ter estudado no SRC, mas ela se candidatou propositalmente a uma bolsa de estudos aqui porque, em suas palavras: —Este lugar é uma merda. Tirando o famoso programa de hóquei, o SRC não tem muito a oferecer.

Os Stanton Wolves são os maiores rivais dos Vipers. Ambas as equipes são conhecidas por produzirem os melhores jogadores da NHL, e seus jogos da ‘Guerra Fria’ são facilmente o destaque da liga universitária.

Apesar de Megan não ter muito interesse em hóquei, ela foi criada cercada por essas duas lendas, então ela sabe mais do que os rumores que ouvi e o que minha pesquisa técnica pode produzir.

—Não fui atrás de ninguém, — digo para continuar a conversa. —Ele foi generoso o suficiente para me deixar tirar uma selfie como torcedora depois do jogo.

Ela desvia a atenção do espelho e coloca a mão no quadril. —Você vai ficar aí sentada me dizendo, com a cara séria, que não quer ser mais do que uma fã?

Giro minha caneta-tinteiro entre meus dedos, mas permaneço em silêncio.

—Foi o que pensei, — diz ela com uma expressão de júbilo, depois olha para o espelho novamente para alisar os cachos ruivos. —É melhor não criar muitas expectativas. Ele está no topo da cadeia alimentar, como a realeza, nesta faculdade, cidade e mundo. Pessoas como você e eu não se metem com pessoas como eles e saem ilesas. Então, baixe os padrões... a menos que você só queira transar com ele? Nesse caso, entre na fila. Eu deixaria aquele homem jogar comigo como se eu fosse o disco dele. Ouvi de uma conhecida de uma conhecida que ele tem um pau enorme para combinar com a energia.

—Megan!

—O quê? Preciso pesquisar antes de abrir as pernas. E acabei pesquisando para você também. De nada.

Eu rio sem querer. —O que mais você sabe além de boatos sobre o tamanho do pau dele?

—É tudo o que eu preciso. — Ela me olha de soslaio. —É tudo o que você precisa também, se quiser ficar longe de problemas.

—Só quero saber minhas chances.

—Você não tem nenhuma. Essas pessoas que moram lá em cima só se

relacionam, se casam e produzem pequenos lacaios como eles, que vão repetir o ciclo novamente. Somos forasteiras. Forasteiras não têm chance. — Ela olha para cima. —Meu Deus, na próxima vida, eu quero renascer como um homem rico. Amém. Espera. Com um pau enorme também. Um grande amém para isso. Sem trocadilhos.

—Então os de fora não têm chance, mas transar está tudo bem?

—Claro que sim. Foder é uma diversão inofensiva. Qualquer coisa além disso não é. Se você quiser ser super realista, terá mais chances de transar com aquele safado do Preston, que aceita as investidas de todas as garotas, do que com o Kane. Ora, o Jude pode ser mais fácil de transar do que com o Kane. É difícil excitar aquele cara com qualquer coisa que não seja hóquei. Os encontros dele são raros. Ou ele está treinando para ser monge, ou tem um acordo de confidencialidade e tanto, porque todas as garotas querem seu pau, mas poucas conseguiram, e as que conseguiram não falam sobre isso.

Transar com o Kane é a última coisa na minha cabeça agora. Tá, não é *bem* a última. Estaria mentindo se dissesse que não o acho gostoso. Em outras circunstâncias, eu estaria aberta a uma diversão inofensiva como a Megan, mas com a minha situação, preciso de algo mais profundo.

Muito mais profundo.

—Você já foi a Ravenswood Hill? — Pergunto. —Sabe, para bisbilhotar e ver como eles vivem.

—De jeito nenhum. Esta cabeça bonita. — Ela aponta para o rosto. —Quero que fique neste pescoço bonito. Muito obrigada.

—É tão perigoso assim?

—Claro que sim. Escute. Eu sei que você provavelmente é uma daquelas estudantes que adora a emoção de mundos secretos, casas mal-assombradas e

florestas encantadas, mas isso não é um filme de terror. Aqueles que ousaram chegar perto da Colina desapareceram sem deixar rastros. Não vire estatística.

Eu já fiz isso. Não tenho mais nada a perder.

Mas Megan tem razão. Ir ao Hill só para bisbilhotar sem nenhum plano de entrada ou fuga em mãos é pedir a morte.

É por isso que pensei que a melhor maneira seria conseguir a entrada através da equipe.

Megan borrifa uma nuvem de perfume antes de sair, tentando uma última vez me convidar para a última festa ‘doentia.’ No entanto, ela desiste quando digo que vou estudar hoje à noite.

Pelo menos é isso que pretendo fazer.

Acho difícil me concentrar e mal consigo terminar de ler um estudo de caso sobre ética.

Meu telefone acende e eu o verifico para ver as fotos que Megan enviou do ‘que eu perdi.’

A caneta aninhada entre meus dedos para e cai em cima do meu livro quando recebo uma mensagem direta de @Kane.davenport.

Kane: *Você está livre esta noite?*

Meu coração bate tão forte que consigo ouvir nos ouvidos enquanto digito: *Oi! Sim.*

Então percebo que parece muito desesperador, então apago.

Eu: *Por que?*

Kane: *A iniciação é hoje à noite. Em duas horas.*

Meu Deus.

Chegou mais cedo do que eu esperava. Não achei que receberia um cartão de reserva de data nem nada. Mas um aviso prévio de duas horas?

Nem estou preparada mentalmente.

Kane: *Você estará lá?*

Eu: *Sim. Onde?*

Kane: *Vou te mandar um endereço. Chego aí em uma hora e meia.*

Eu: *Certo. Obrigada.*

Acho que a conversa terminou porque ele viu minha mensagem e não respondeu, mas então uma única palavra apareceu na tela e meu coração acelerou.

Kane: *Dahlia.*

Eu*: Sim?*

Kane: *Vermelho. Diga essa palavra agora e esse pesadelo não vai acontecer. Se não disser, não terá chance depois.*

Meus olhos voam sobre o que ele escreveu repetidamente. Assim como quando descobriu meu interesse, ele está me oferecendo uma saída.

Mas ele não sabe que quando estou decidida a fazer algo, não paro até fazer.

Alguém em Vencor estava por trás do ataque da minha irmã e do coma subsequente. Perdi minha única família por causa deles, e não descansarei até que eles estejam sete palmos abaixo da terra. Tomara que depois que eles sofrerem.

Então não. Mesmo que eu vá morrer, não vou aceitar a proposta que o Kane me ofereceu.

Mas gosto que ele esteja colocando essa opção em pauta.

Eu: *Eu estarei lá.*

Há um longo silêncio da parte dele antes que ele envie uma última mensagem.

Kane*: Vista-se confortavelmente. Vai ser a noite mais longa da sua vida.*

Capítulo Quatro

Kane

Esta não é a primeira, a segunda ou mesmo a centésima vez que me deparo com uma cena dessas.

E não será a última.

Mas nunca consegue me penetrar. Nem os gritos, nem o borbulhar de sangue, nem o fedor de medo misturado à absoluta percepção de que eles fizeram merda.

E que essa é a última vez que eles vão estragar tudo.

—Escutem... escutem... por favor, me ouçam... — o vice-chanceler, Fred, implora de joelhos, com a barriga saltando por entre os botões rasgados da camisa, e sua gravata roxa feia e apertada, deixando seu rosto vermelho.

Jude, Preston e eu convidamos Fred para um passeio conosco depois da escola.

Ele sorriu de alegria, pensando que estávamos lhe apresentando uma oportunidade. Não é todo dia que um mero vice-reitor consegue uma reunião privada com três membros seniores da Vencor que se tornarão membros fundadores de fato assim que se formarem.

E Fred, como qualquer membro da Vencor, sabe que somente nós, que nascemos nas quatro famílias fundadoras, temos o direito ao cargo de Fundador. Portanto, sempre tivemos o monopólio do equilíbrio de poder no campus, mesmo sendo apenas membros Seniores. Um cargo que Fred jamais alcançará.

Porque em vez do encontro cheio de oportunidades que ele esperava, nós o levamos até um armazém de propriedade da minha família, localizado tão longe da cidade que ninguém o ouviria gritar.

Os comparsas do meu pai estão lá fora, esperando a gente terminar de se divertir para eles poderem limpar.

Mas, na verdade, é mais divertido para Jude e Preston do que para mim. Só estou aqui para terminar uma missão de ‘decapitação.’ Ou seja, cortar a cabeça de uma cobra que está começando a pensar em morder seu dono.

O poder da Vencor, além das fortes relações comerciais entre as quatro famílias fundadoras, reside no controle. Se surge uma oportunidade, não apenas a aproveitamos, como também eliminamos qualquer um que crie qualquer tipo de obstáculo.

É uma sociedade secreta altamente dependente dos membros fundadores e de suas conexões. Mas, diferentemente de qualquer outra sociedade, não é exatamente uma irmandade, e brigas internas entre as quatro famílias fundadoras para obter vantagem são comuns.

Membros seniores, a posição mais alta que qualquer forasteiro pode alcançar, estão mais aptos a assumir posições de destaque na sociedade, como senadores, líderes de partidos políticos ou controladores de complexos militares e financeiros. Sua função é aumentar as conexões da Vencor e servir aos seus objetivos. Geralmente, eles têm Membros que os atendem, cumprem suas ordens e os vigiam caso algo dê errado.

Não é inédito que um Membro se torne um Sênior por revelar a traição de um Sênior anterior para quem ele trabalhou.

Como é impossível para alguém que não tenha nascido em uma família fundadora alcançar um posto mais alto, Preston, Jude e eu somos anomalias no campus. Temos poder sobre a equipe, e todos na Universidade Graystone se curvam diante de nós.

A missão de hoje foi uma que escolhi pessoalmente, então os outros dois não precisaram participar, mas, por outro lado, Jude desenvolveu um vício irritante

em matar, e Preston sofre de um caso incurável de sede de sangue.

Como membros seniores, somos nós que designamos aqueles com patentes mais baixas do que nós para esses tipos de missões, e nosso papel é supervisionar nas sombras, intervindo apenas se as coisas saírem do controle.

Mas sempre gostei de colocar a mão na massa. Não confio em ninguém para terminar o trabalho com a mesma eficiência que eu.

—Ouvir o quê, exatamente? — Inclino-me para trás numa cadeira de metal em frente ao Fred, limpando minha arma com um pano e me certificando de que ela esteja em seu campo de visão o tempo todo. —Que você está traficando drogas no campus pelas nossas costas?

—Foi só uma coisa única... por favor... eu tenho uma família, — ele implora, com gotas de suor se acumulando em seu lábio superior e nariz oleoso.

—Então você devia ter pensado naquela família antes de nos trair. — Me levanto. —Ninguém trai a Vencor. Você é só uma pequena ferramenta a ser usada. É de mau gosto quando você começa a acreditar que tem poder de decisão. Nós é que pensamos, não você.

—Prometo que nunca mais farei isso se você me der outra chance.

Não seja ingênuo. Não há segundas chances. Um erro e você está fora.

—Principalmente quando você achou que conseguiria escapar impune. — Jude desliza para trás de Fred, agarra sua gravata e o puxa para tão longe que fico surpreso que seu pescoço não se quebre.

—A audácia está me enviando. — Preston se ajoelha diante de Freddie, rolando o cabo da faca entre os dedos. —Notícia de última hora. Nada nos escapa. Você pode se esconder, mas não pode correr.

—Você pode correr, mas não pode se esconder, — Jude diz a ele.

—Bem, eu quis dizer o contrário. — Preston pressiona a faca contra o pescoço de Fred, e o homem prende a respiração. Se é por causa da faca de Preston ou da forma como Jude o está estrangulando, não sei dizer.

—Não é assim que funciona. Não seja idiota.

—Ha. A panela falando do maltrapilho.

—O que está errado é o que está errado, não a panela.

—Mesmo significado, porra. — Preston joga as mãos para trás, cortando a garganta de Fred no processo. O sangue jorra como uma fonte, salpicando os dois de vermelho. Seus rostos, cabelos, roupas.

Em todos os lugares.

Ele até respinga em meus jeans e sapatos.

Que chatice.

A boca de Fred está aberta, seus olhos fixos no nada enquanto ele sangra até a morte em segundos.

—Argh... olha o que você fez, Jude! — Preston se ergue em toda a sua altura. —Eu não tive a chance de vê-lo morrer.

—Eu? Foi você quem matou ele, filho da puta. A gente nem chegou a torturar ele.

Preston se aproxima dele. —Foi porque você estava bancando o espertinho tentando me corrigir.

—Eu não precisaria te corrigir se você estivesse certo, não é?

—Eu sempre estou certo. Não é minha culpa que um camponês como você não consiga reconhecer um ser superior.

—Mais como uma dor de cabeça superior.

—Que porra você acabou de me chamar?

Jude se aproxima. —Dor. — Ele dá um tapinha no ombro dele. —Na. Bunda. — Ele dá um tapa na cabeça dele. —Está claro o suficiente para você?

Preston o agarra pelo colarinho. —Vou te afogar no sangue do Freddie.

Eles estão prestes a começar a lutar e a discutir como sempre, então guardo minha arma no cinto e digo: —Só para vocês saberem, se vocês começarem a brigar, eu não vou acabar com a briga. Não vou me sujar mais com esse sangue imundo do que já estou.

—Ah, é? — Preston sorri, e o movimento parece frenético, com filetes de vermelho escorrendo pelo seu rosto. Então ele solta o colarinho de Jude, toda a agressividade desaparecendo, e coloca um braço fraternal em volta dos seus ombros. —Grandão, sou só eu ou parece que o Kane está nos menosprezando?

—Não, você tem razão. Ele tem aquela coisa de se achar superior a todos. É revoltante.

—É isso que estou dizendo. Acho que deveríamos fazer algo a respeito.

—Não ouse... — Antes que eu consiga escapar, eles pulam em mim.

Jude e principalmente Preston me sujam de sangue. E enquanto tento despistá-los, esses dois formam a dupla perfeita e me dominam.

Eles sempre fizeram isso, desde que a gente estava no internato. Eles brigavam e eu tentava separar, então eles se juntavam contra mim só porque sim.

Só consegui tirá-los de mim depois que o sangue de Fred já estava me cobrindo da cabeça aos pés.

Preston ri e Jude observa com uma expressão satisfeita enquanto saio do armazém para conversar com os homens do meu pai.

Crianças do caralho.

Não importa como Fred morreu. O que importa é que ele morreu e não vai mais trair Vencor.

O escalão superior, também conhecido como os Fundadores, escolherá um substituto para ele em breve. Isto é, se ainda não o fizeram.

Minha missão como capitão dos Vipers é garantir que o campus esteja sob controle e cumpra seu papel como um dos múltiplos tentáculos de Vencor.

Como esta cidade é obcecada por hóquei a ponto de considerá-lo uma religião, faz sentido usar o time mais popular como nossa base, por meio do qual ficamos de olho na Graystone University e até recrutamos aqueles que consideramos dignos.

Porém, o processo de seleção só nos permite convidar membros de alto escalão da sociedade.

Geralmente sim.

Porque enquanto entro no meu carro, estou pensando na exceção à regra.

A fã falsa que afirma querer ter a chance de estar por dentro. Uma chance que estou concedendo não porque simpatizo, mas porque quero vê-la de joelhos.

Literalmente.

Figurativamente.

Pisei no acelerador. Hora de ir para o ponto alto da minha noite.

Espero que ela não me decepcione. Se isso acontecer, talvez eu tenha que levá-la a um dos nossos armazéns.

E seria uma pena deixar aqueles olhos castanhos brilhantes vermelhos.

Capítulo Cinco

Dahlia

Meses.

Foram meses de planejamento constante e cuidadoso, cálculos minuciosos e paciência minuciosa.

Meses.

E hoje finalmente é o dia.

Limpo as mãos úmidas na calça jeans enquanto estaciono a bicicleta em uma vaga e caminho apressadamente pelas ruas mal iluminadas. Na verdade, segui o conselho de Kane e vim com a minha roupa mais relaxada: uma camiseta cinza lisa e meus tênis mais confortáveis, um pouco surrados.

Se eu dissesse que não estava com medo, seria uma mentira descarada.

Só ouvi rumores sobre as iniciações de Vencor, e todos mencionam um processo de interrogatório extenuante, tendo que suportar testes físicos e mentais, e ser despojado da própria humanidade.

Mas tudo isso continua sendo apenas rumores.

Ninguém além dos membros da Vencor sabe a verdade.

Apesar do leve tremor que invade meus membros e o peso em meus passos, nenhuma quantidade de medo me impedirá de fazer justiça a Violet.

Violet e eu não somos parentes de sangue, mas nos conhecemos em um lar adotivo, um dos mais abusivos em que morei, e criamos um vínculo. Ela me protegeu quando o homem que deveria cuidar de nós ficou bêbado demais e nos bateu, ou quando a esposa dele tentou me viciar em metanfetamina.

Então, uma noite, Violet pegou minha mão e sugeriu que fugíssemos. Ficamos sem teto por um tempo, e ela se recusou a nos levar para um abrigo ou qualquer outro lugar no sistema de assistência. Nenhuma de nós confiava. Eu tinha uns doze anos na época e ela, treze.

Por algum motivo, nossos antigos pais adotivos, Martha e Gerald, não nos denunciaram como fugitivas ou desaparecidas imediatamente, e Violet disse que ‘cuidou disso.’ Não sei como ela os convenceu, mas algo me dizia que era por causa do olho roxo que ela estava, e queria voltar e matá-los.

Mas a última coisa que queríamos era ser encontradas e jogadas em outro lar adotivo abusivo.

Felizmente, Violet parecia mais velha do que realmente era, então ela conseguiu um emprego em um restaurante suspeito e implorou à dona para me deixar estudar no depósito enquanto ela trabalhava no turno da noite.

Ela me alimentou, garantiu que eu mantivesse minhas notas altas e me levava para caminhadas noturnas. Ela é minha mãe, meu pai, minha irmã e minha salvadora.

Ela me protegia quando estava no frio. Ela me alimentava e ficava com fome.

Ela era o abrigo acolhedor que crianças como eu não recebem.

Até que ela foi arrancada de mim.

Por causa do Vencor.

Eles cortaram minha tábua de salvação e agora não me resta nada, exceto a necessidade de vingança a sangue frio.

A luz diminui ainda mais até que restem apenas algumas lâmpadas acesas. Elas estão tão distantes e quase imperceptíveis que preciso confiar na lanterna do meu celular para enxergar o caminho à frente.

Sigo as instruções que Kane me enviou, o que se torna um desafio quando as luzes desaparecem gradualmente, principalmente quando começo a fazer curvas e desvios em um caminho irregular.

Finalmente, chego ao antigo prédio de três andares que não está mais em uso. A entrada da porta da frente está escondida à vista de todos, escondida atrás de um portão de ferro encoberto de mato, coberto de hera caótica e arbustos grandes.

A pedra parece lascada em alguns lugares, e o andar superior parece prestes a desmoronar, com o térreo rangendo sob o peso instável.

Seis homens de jaqueta e calça de couro preta estão de pé, um de cada lado da entrada. Todos usam máscaras prateadas com sutis detalhes gravados em garras e penas que brilham sob a luz fraca e alaranjada das lâmpadas enferrujadas.

Paro devagar, sem saber se consigo entrar ou não.

A porta se abre com um rangido alto na noite silenciosa, e me assusto.

—Posso entrar? — Pergunto aos homens que parecem estátuas, mas não recebo resposta.

O silêncio assustador é ensurdecedor.

Agarro meu celular com força enquanto me arrasto em direção à entrada, imaginando que me impedirão se eu não puder entrar. Uma estranha sensação de decepção me atinge quando examino os rostos mascarados e não sinto a presença de Kane.

Olho para as mãos deles, mas estão todas enluvadas em couro marrom, então não consigo ver se estão usando anéis pretos.

Passo com cuidado enquanto deslizo pela porta de madeira surrada e entreaberta. A iluminação lá dentro é um pouco melhor, mas ainda é fraca, quase

como a de uma vela. À minha frente, estende-se uma recepção de tamanho médio que lembra o saguão de um hotel antigo, com carpete manchado, uma mesa alta e desgastada e um sofá verde-escuro que provavelmente está por trás do cheiro de poeira e mofo que impregna o ar.

Percebo quatro portas, uma em cada canto, pintadas em cores diferentes: vermelho, preto, cinza e branco.

Uma sombra fica presa na minha visão periférica e giro, meu senso de alerta ligado.

Uma mulher aparece na minha frente, usando a mesma máscara e luvas dos homens lá fora. No entanto, ela está usando um vestido preto e um espartilho de couro marrom apertado.

Ela estende a mão na direção do meu celular, que eu estava segurando com força. Dou uma última olhada nas notificações na esperança de encontrar uma mensagem do Kane.

Quando não vejo nada, entrego o telefone a ela, relutante. Ela o coloca sobre a mesa e me dá uma apalpada mecânica. Tento cheirá-la, mas só sinto o cheiro do couro comum. Não consigo nem distinguir a verdadeira cor dos seus olhos devido à pouca iluminação. Vislumbro uma corrente de prata serpentina com um pingente de garra pendurado em seu pescoço.

Ela tira meu relógio de ginástica e o coloca ao lado do meu telefone, depois dá um passo para trás, com as mãos entrelaçadas na frente do corpo.

—Estou livre para ir? — Minha voz soa mais alta no silêncio, alta demais para meus próprios ouvidos.

Ela não diz nada, olhando para frente como se fosse uma estátua.

—Presumo que posso escolher por qual porta passar?

Sem resposta.

Tudo bem então.

Evito as portas vermelhas e pretas por motivos óbvios. As cores em si são ameaçadoras. Também voto contra o branco. Pode parecer seguro no papel, mas se for um truque psicológico e as cores estiverem invertidas, não quero acabar enfrentando o pior julgamento.

Respiro fundo e vou até a porta cinza, mas paro.

Lembro-me de algo sobre o que Kane disse. Apenas membros Sêniores usam anéis pretos. Presumo que o preto esteja associado a eles. O prateado, que equivale ao cinza nesta ocasião, provavelmente está associado à mulher e aos homens lá fora, como suas máscaras. Eles não são Sêniores se são encarregados de tarefas mundanas como supervisão e segurança.

No último segundo, mudo de direção para a porta preta. Talvez Kane esteja atrás dela, e embora não tenha certeza se ele me ajudaria, pelo menos eu veria um rosto familiar.

Quando giro a maçaneta, um rangido alto ecoa no ar, arrepiando meus braços nus. Olho para trás uma última vez e encontro a mulher me encarando. Sem piscar. Completamente escultural.

Engulo em seco e entro.

Uma luz baixa pende do teto, mostrando uma longa escada. Começo a descer e, quando olho para trás, a porta por onde entrei está fechada.

Desço por um tempo e, ao chegar lá embaixo, encontro outra porta de metal. Abro-a com cuidado e entro.

Uma escuridão profunda me envolve enquanto a porta se fecha lentamente atrás de mim. O rangido baixo é seguido por um *clique suave* que ecoa em meu peito.

Não consigo ver nada.

Nem minhas mãos.

Estendo a mão para trás em busca da maçaneta e toco em algo frio e plano. Como uma pequena placa de metal. Tateio ao redor, minhas unhas curtas cravando-se nas rachaduras da madeira, mas não há como abri-la.

Um suspiro entrecortado escapa dos meus lábios, e permaneço completamente imóvel, mal sentindo minha própria existência.

Estou presa.

Não gosto de me sentir presa.

Não depois de ter ficado presa no carro com meus pais mortos por várias horas antes de ser encontrada.

Gostaria de pensar que superei minha leve claustrofobia, mas quanto mais olho e não vejo nada, mais apertado meu peito fica.

Pingar.

Me assusto e procuro ao redor como um animal enjaulado.

Pingar.

Água. Tem que ser água vindo de algum lugar.

O ar frio penetra na minha pele e o cheiro forte de terra úmida, junto com um leve odor de algo podre, permanece nas minhas narinas.

Estico os braços para os lados e toco a pedra úmida.

Um túnel?

Uma caverna?

Cuidadosamente, dou um passo à frente e, em seguida, dou outro, ainda tocando a pedra. O silêncio é opressivo, quebrado apenas pelo pingo ocasional de água ecoando na escuridão. Cada passo é alto, quase como se as paredes os

ecoassem.

Assim que tenho certeza de que o chão está seguro, ando mais rápido. Minhas roupas grudaram desconfortavelmente na minha pele e meu coração bate forte. Tão forte que só conseguia ouvir as batidas nos meus ouvidos.

Alguém disse uma vez que não é a escuridão que é assustadora, mas sim o que se esconde dentro dela.

Então, apesar da aniquilação completa da minha visão, ainda aperto os olhos, pisco e me esforço para distinguir alguma coisa, qualquer coisa ao meu redor.

Não sei bem quanto tempo ando, mas é tempo suficiente para sentir o esforço e a garganta ficar seca. Mas talvez seja por causa da minha hiperconsciência. Como se estivesse esperando um daqueles esqueletos de brinquedo assustadores pular em mim.

Embora pudesse lidar com esse ou qualquer outro cenário de terror. Sustos ficcionais não me incomodam. Não quando passei a infância cercada por monstros de verdade.

Ando mais um pouco, ainda sentindo as paredes, e meus batimentos cardíacos finalmente caindo para um ritmo relativamente normal.

Meu julgamento provavelmente está chegando ao fim do túnel. Quanto mais cedo eu chegar lá, melhor.

—Dahlia?

Fico imóvel, minha respiração fica mais profunda e um arrepio chocante me percorre.

M-Mãe?

Não ouço essa voz desde os meus seis anos. Já faz mais de quinze anos. Depois da morte dos meus pais, pulei de uma casa para outra, conhecendo uma

‘mãe’ adotiva atrás da outra até que todas se misturaram, mas nunca consegui esquecer a voz da mamãe.

A suavidade, o carinho e o leve cansaço de passar noites costurando vestidos.

Ninguém nunca me amou como mamãe.

—Dahlia, querida? — Ela fala novamente na escuridão, como um anjo.

Mordo o lábio inferior para não gritar com ela e dizer o quanto sinto sua falta.

Isto é um julgamento. Estão tentando me enganar.

Uma luz forte brilha à minha frente e semicerro os olhos, fechando-os em seguida. Uma película laranja se forma atrás das minhas pálpebras enquanto minha visão se ajusta gradualmente.

O som de risadas me alcança, e abro os olhos lentamente. Há uma luz à minha frente, projetada na parede, que mostra um vídeo antigo dos meus primeiros anos. Pareço ter quase um ano de idade.

Minhas mãozinhas gordinhas agarram um sofá de couro coberto com uma colcha colorida, meus cachos castanhos caóticos e mais claros do que são agora.

—Vamos, querida. Vem pra mamãe.

Minha visão fica turva quando a câmera se volta para minha mãe, que está sentada de joelhos. Faz tanto tempo que quase me esqueci de como ela era. Depois do acidente, o banco executou a hipoteca da casa, leiloou quase tudo que havia nela e jogou fora o resto ou o enviou para uma tia distante que se recusou a me acolher. Nem tirei uma foto dos meus pais.

A única imagem que tenho deles está na minha cabeça.

Depois de tantos anos, ela ficou distorcida e mudou, mas enquanto assisto ao vídeo, finalmente posso ver minha mãe novamente.

Pareço muito com ela, embora sua pele seja um pouco mais bronzeada, seu cabelo mais claro, seus olhos castanhos escuros, enquanto os meus são castanhos claros.

Ela era uma mulher linda, mas o que mais me lembro dela é o sorriso deslumbrante que nunca saía de seus lábios, não importava o quão difícil as coisas ficassem.

—Vem, meu bem. Mais um passo, — ela me encoraja, com as duas mãos estendidas.

A pequena eu, finalmente dá o salto. Estende a mão para ela e anda como uma bêbada. —Mamãe... mamãe...

—Sim! — Ela grita enquanto dou alguns passos e caio em seus braços. Mamãe me abraça forte, se levanta e me gira no ar enquanto eu rio incontrolavelmente. Ela encara a câmera, lágrimas de alegria formando um brilho em seus olhos. —Você viu isso, querido? Os primeiros passos da Dahl.

—Sim. — A voz do papai soa mais grave do que me lembrava. O vídeo se aproxima, ligeiramente trêmulo, conforme ele se aproxima de nós. A última imagem estática é uma imagem borrada do papai com o braço em volta da mamãe e de mim, o rosto indefinido.

Minha mão se estende por conta própria enquanto uma lágrima escorre pelo meu rosto. Nunca vi esse vídeo. Nem sabia que ele existia. Não sei o que quero fazer. Tocar na tela? Tocar neles?

Abraçar a imagem deles?

A imagem estática pisca na tela e então um vídeo mais escuro aparece. Imagens de câmeras de segurança na estrada. Meus lábios se abrem ao ver a imagem granulada de um carro capotado ao lado de um penhasco. Um Toyota azul antigo.

O carro do papai.

Meus ouvidos zumbem quando o vídeo retrocede rapidamente, e vejo um caminhão vindo na direção oposta, com os faróis brilhantes e a buzina alta quase partindo o meu crânio. Nosso carro desvia e caio de joelhos no chão frio e duro, tapando os ouvidos com as palmas das mãos para não ouvir o estrondo.

Mas o som penetra minhas mãos e explode em meus ouvidos tão alto que grito.

Em uma fração de segundo, sou transportada para quinze anos atrás.

—Papai, olha, eu fiz um vestido para a minha boneca, — me gabo, pulando para cima e para baixo no banco de trás. —Ei, olha, olha...

—Seu pai está dirigindo, Dahl. — Mamãe olha para trás e acaricia meu cabelo. —Não o distraia, tudo bem?

—Mas eu quero mostrar a minha boneca. — Faço beicinho e empurro a boneca contra o encosto do banco dele. —Papai, olha.

—Pare com isso, Dahl, — minha mãe repreende duramente.

Meus lábios tremem e começo a chorar, abraçando minha boneca com força contra o peito.

—Não chore, querida. — Papai me olha de relance. —Sua boneca está linda.

—Sério? — Fungo entre lágrimas.

—Sim, mas não mais bonita que você …

—John!!! — Mamãe grita enquanto uma luz branca ofuscante atravessa o carro e um estrondo alto ecoa no ar.

A última coisa que vejo é uma névoa vermelha e olhos vazios e sem vida.

Estou me abraçando no chão úmido, meus dedos suados tremendo, meu rosto

cheio de lágrimas enquanto assisto ao vídeo na tela em repetição.

—Por que você nos matou, Dahlia? — Pergunta a voz triste da mãe. —Por quê?

—Eu não queria... Eu... Eu... Mãe... Eu não sabia.

—Você me decepcionou, Dahl, — a voz do papai fala tão perto do meu ouvido que me faz tremer toda.

—Pai…— sussurro e me viro, mas não há ninguém lá.

Tudo ao meu redor está repleto de projeções e mais projeções do acidente. Na minha frente, atrás de mim, nas paredes, no chão.

Meu pesadelo se repete em detalhes grotescos e vívidos. Cada vez que o estrondo ecoa no ar, grito. Toda vez, sinto o cheiro de borracha queimada na estrada e o gosto ácido e metálico do sangue dos meus pais.

Minha boneca está torta, manchada com meu próprio sangue. O lindo vestido de tule que fiz está rasgado e manchado de vermelho.

Abraço os joelhos contra o peito, escondo o rosto neles e fecho os olhos com força para afastar as imagens horríveis.

Mas ainda não consigo bloquear os sons assustadores do meu pior pesadelo.

O estrondo. Os gritos. As sirenes.

As vozes distorcidas dos médicos.

Faça isso parar.

Alguém faça isso parar!

Por favor.

Ninguém faz isso.

Durante toda a minha vida, aprendi que se quero que algo seja feito, tenho que fazê-lo eu mesma.

Cavaleiros de armadura brilhante não existem fora da ficção.

A sorte nunca esteve do meu lado e nunca estará.

A tortura psicológica se repete em um ciclo de desespero que corrói minha sanidade. Deixo de sentir meus membros enquanto as sombras do passado se esticam e se contorcem, transformando-se em novos sussurros cruéis a cada vez que a cena se repete.

Você matou seus pais. Por que você está viva?

Você deveria ter morrido, não eles.

Se você não fosse uma criança mimada, nada disso teria acontecido.

Você é a razão pela qual eles se foram. Por que você sente pena de si mesma? Você não é a vítima aqui. Pare a energia do personagem principal.

Assassina…

Assassina.

Assassina!

—Não! — Grito, pondo-me de pé num salto, limpando o ranho e as lágrimas que cobrem meu rosto. A adrenalina queima em minhas veias enquanto encaro a cena, sem piscar, com as mãos em punho, as pernas afastadas na largura dos ombros. Dói, mas não desvio o olhar. Dói, mas assisto novamente, do início ao fim.

Meus pais se foram, mas Violet não, pelo menos, não completamente.

Violet precisa de mim.

E se eu tiver que passar por essa tortura por ela, que assim seja.

Quando o vídeo termina, me preparo para outra rodada, outro ataque visual e auditivo, mas as projeções desaparecem completamente.

Uma pequena luminária de parede piscante acende.

Estou mesmo em um túnel. Através da minha visão lacrimejante, distingo a luz de uma câmera piscando no teto e encaro quem está assistindo enquanto enxugo os olhos com as costas das mãos.

Você não vai me quebrar.

Ninguém o fará.

—Parabéns, Dahlia, — diz um homem, sua voz suave preenchendo o túnel. —Você passou no teste mental, mas ainda falta o teste físico. Correção. É mental e físico. Como este é um teste, se você disser a palavra de segurança que combinou com o membro Sênior que a convidou, tudo para. Você será escoltada para fora e banida do campus e da cidade. Contanto que fique quieta depois disso, você pode manter sua vida. Se não passar... deixo isso para a sua imaginação.

Engulo em seco, observando os arredores. Já disse a Kane que não diria a palavra, e isso não vai mudar agora.

Não há nada pior do que reviver meu pior pesadelo.

Uma porta se abre em algum lugar à direita, e aperto os olhos, mas não consigo ver sua localização exata nas sombras.

Uma silhueta alta caminha em minha direção, um homem, a julgar por sua constituição física e altura. Ele veste uma camiseta preta, calça jeans e botas militares. Suas mãos estão cobertas por luvas de couro preto e seu rosto está escondido por uma máscara preta que lembra um médico da peste. No entanto, esta tem detalhes afiados e perturbadores de serpentes e garras girando nos contornos como uma maldição.

Ele fica ali, sua altura ocupando o pequeno espaço enquanto me encara. Seu olhar arrepiante atravessa minhas roupas e atinge minha pele.

Olho para os lados, buscando uma saída. Ele permanece imóvel, como se aguardasse meu próximo movimento.

O túnel se estende até onde meus olhos alcançam. Sem fim à vista.

Mas talvez seja esse o ponto.

Meus membros ainda estão tremendo devido ao ataque do vídeo, mas reúno forças, me viro e corro.

Não dou nem dois passos antes que minhas pernas sejam agarradas. O chão se move e caio com um baque, meu joelho batendo no chão de terra com tanta força que sinto nos ossos.

Um grande peso cai sobre mim, me empurrando para baixo e forçando cada respiração para fora dos meus pulmões.

Me contorço e me empurro contra ele. Não sei o que deu em mim ou se devo mesmo lutar.

É um instinto de sobrevivência. Inato e inconsciente.

No fundo, sei que não posso vencer alguém muito maior que eu, mas isso não vai me impedir de tentar.

Uma mão enluvada envolve meu pescoço, levantando e torcendo meu rosto até que eu esteja olhando para a máscara horrível.

—Vermelho. Diga ou se renda.

Meus olhos se arregalam.

Kane.

É a voz do Kane.

Capítulo Seis

Dahlia

Meu coração para e meus dedos congelam enquanto um tremor me atinge.

Agarro o chão úmido e escorregadio abaixo de mim enquanto a frente de Kane cobre minhas costas inteiras, seu peso opressivo, seu corpo uma placa inflexível de músculos, como se estivesse sendo esmagada por uma parede.

Uma leve mistura de cedro e frutas cítricas paira no ar viciado e penetra em minhas narinas dilatadas.

Eu deveria sentir algum tipo de alívio por ele finalmente ter aparecido esta noite, mas não sinto.

Longe disso.

Meus músculos travam e o medo revira minhas entranhas.

Uma tensão assustadora aperta minha garganta, e minha respiração fica curta e frenética.

O ar fica mais denso e uma nuvem sombria o envolve com um manto de escuridão.

Este não é o Kane que eu pensava conhecer. Sua presença não acalma, sufoca.

Ele não é o simpático capitão dos Vipers nem o ‘filantropo’ que tão generosamente se ofereceu para me ajudar.

Não. Aqui é Kane Davenport, membro sênior da Vencor.

Muitas vezes achei difícil correlacionar a natureza destrutiva de Vencor com sua personalidade, mas agora consigo ver as sombras de onde ele surgiu.

A voz dele está diferente: mais profunda, mais baixa e totalmente estranha.

Ele vira meu rosto em um ângulo, e as sombras tremulam em sua máscara, cobrindo-o com um brilho ameaçador. Seu aperto transforma meu corpo em um prisioneiro sob ele, um aperto esmagador que paralisa mais do que meus membros.

—Kane? — Sussurro, sentindo um leve tremor.

—Shh... — Seu dedo enluvado desliza pela minha bochecha, lenta e deliberadamente, antes de traçar meu lábio inferior. —Não diga meu nome.

Arrepios se espalham como fogo, minha pele se enrijece sob o toque gélido dele. A verdade me atinge com força.

Ele mudou. Mais frio. Impessoal.

Aterrorizante.

O Kane que conheci nunca existiu de verdade. Apenas este predador calmo e calculista. Sua imobilidade é uma fachada, sua serenidade é permeada de ameaça, envolvendo minha garganta.

A máscara revela sua bondade, revelando o monstro por baixo.

—Eu avisei. — Suas palavras caem como pedras na escuridão, cada uma mais pesada que a anterior. Então, num piscar de olhos, ele se afasta de mim, me virando com tanta violência que minha visão fica turva.

Grito quando minhas costas batem no chão e ele se acomoda entre minhas pernas.

Nossos olhares se encontram sob a luz fraca. Seu olhar é tão escuro quanto a noite, com um leve brilho, um olhar desconhecido.

Seu dedo enluvado acaricia meu rosto novamente e, embora o movimento seja suave, parece frio como gelo. Então ele desliza o dedo para baixo, sobre

meu pulso e até minha clavícula.

Kane rasga minha blusa e sutiã no meio, e meus seios saltam livremente, meus mamilos endurecem instantaneamente com o frio.

Não tenho tempo para me ajustar enquanto ele puxa minha calça jeans para baixo com um movimento violento. Ela para nos meus joelhos, então ele a puxa completamente, jogando meus tênis para o lado no processo.

Deito-me embaixo dele com minha blusa rasgada, sutiã e calcinha preta simples, minha pele esquentando e uma sensação de humilhação apodrecendo em meu estômago.

A surpresa diminui lentamente, e a raiva se acumula na base do meu estômago. Empurro seu peito e fecho as pernas com força. —Que diabos você está fazendo?

Kane não se intimida com a minha luta enquanto desabotoa a calça lentamente. O tilintar do cinto abrindo reverbera ao meu redor como uma maldição, e um arrepio me percorre.

Porque seus olhos impassíveis permanecem em mim, me estudando como um predador.

Que pena para ele, não sou presa de ninguém.

Começo a me levantar, mas ele me pressiona de volta ao chão.

Violet disse que eu tenho um instinto de sobrevivência muito forte e um sexto sentido impressionante. De alguma forma, sempre soube quando o perigo estava chegando, e isso me ajudou a escapar a tempo. Eu realmente deveria ter dado ouvidos a esses instintos antes de entrar no prédio.

Tudo dentro de mim está gritando para que me afaste dessa situação.

Chuto e arranho Kane, tentando atingi-lo em qualquer lugar possível.

Ele não me deixa avançar um centímetro.

Sempre que tento me sentar, ele me empurra para baixo. Arranhar, chutar e até morder não parecem incomodá-lo. Nem mesmo quando puxo seus cabelos com toda a força.

Ele cobre meu rosto com a palma da mão e me empurra para trás, enquanto abaixa as calças e a cueca boxer para revelar um enorme pau meio ereto.

Minha luta cessa por um segundo enquanto fico olhando, estupefata.

Olha, não sou virgem, mas nunca vi um pau tão grande sem estar duro. Nem em pornografia.

A conhecida de uma conhecida de Megan estava minimizando isso de forma muito ruim.

Essa *coisa* não vai entrar em mim. De jeito nenhum.

Já acho difícil me molhar e preciso me preparar mentalmente. Definitivamente, também preciso me preparar fisicamente antes que ele me toque.

Kane deve ter interpretado minha perplexidade como se eu estivesse cansada demais para lutar, e ele entrelaça os dedos na minha calcinha, levantando minha cintura com eles.

O tecido estica, rasga sob seu aperto implacável, e os farrapos grudam na minha cintura. O ar frio cobre minha boceta e grito: —Pare!

Ele não faz.

Kane agarra minha pélvis e me arrasta para mais perto pelo chão duro até minha bunda queimar.

—Espere... — murmuro baixinho a princípio, depois grito: —Eu disse. Pare!

Levanto a parte superior do meu corpo e dou um tapa na máscara dele.

Minha palma queima por causa do plástico, mas ele para.

Acho que vejo um brilho em seus olhos enquanto ele permanece imóvel. Tão imóvel, o único som no ar é a minha respiração ofegante e o pingar ocasional de água no escuro.

Pingar.

Pingar…

Tapa!

Minha mão voa para minha bochecha em chamas.

Kane acabou de... me dar um tapa?

Olho para ele, perplexa, meu rosto ardendo e minha cabeça girando.

—Da próxima vez que você quiser tentar algo, pense bem se quer ser o alvo, — ele diz em tom distante. —E lembre-se, eu sou muito mais forte e não vou me conter.

Esse... desgraçado doente.

Com um rugido, pulo e puxo seus cabelos com as duas mãos, meus dedos puxando os fios até que sinto alguns deles caindo nas minhas palmas.

De repente, sou puxada para trás quando ele agarra meu rabo de cavalo com o punho e me puxa com tanta força que acho que meu pescoço vai quebrar. Minhas mãos soltam sua cabeça e o encaro enquanto ele aplica pressão gradualmente, como se pretendesse arrancar meus cabelos do crânio.

Um grito escapa de mim enquanto cravo minhas unhas em seu braço.

E ele apenas me encara, sem expressão. —Vamos tentar de novo. Se você fizer algo, receberá uma punição dez vezes pior. Entendeu?

A dor no meu crânio quase me faz desmaiar, e chuto cegamente, minha

metade inferior se debatendo para me libertar de seu aperto implacável.

Um gemido escapa dele e percebo que acabei de chutar ou dar uma joelhada, em seu pau.

Meus movimentos param, e balanço a cabeça. —Não, espera! Eu não queria...

Minhas palavras terminam com um grito agudo quando ele dá um tapa na minha boceta. Com força. Tão forte que vejo estrelas, e lágrimas ardem em minhas pálpebras.

Queria que parasse por aí. Queria que fossem só a dor e a repulsa que vinham com o golpe.

Para meu horror total, minha boceta aperta e meu interior se liquefaz.

Não, não, não…

Que diabos?

—Terminou de testar minha paciência? — Kane me empurra, usando meu cabelo até que eu esteja deitada no chão, então ele abre minhas pernas com um movimento vigoroso.

Deus. Porra.

Sei que disse que faria qualquer coisa e, honestamente, eu teria dormido com Kane em circunstâncias diferentes, mas esse cara é louco.

Quem sabe se ele vai me machucar irreparavelmente?

Ele puxa os pedaços da minha calcinha para trás para expor minha boceta, então agarra meus quadris e me arrasta em direção ao seu pau.

—Espere... espere... — Me agarro ao braço dele, minha mão tremendo apesar das minhas tentativas de conter minha fraqueza. —Por favor!

—O quê? — Ele tira meus dedos do seu braço e bate minha mão acima da minha cabeça no chão duro.

—Eu não quero isso. Você pode parar?

—Suas palavras e súplicas não me afetam. É assim que vai ser. Vou te usar, Dahlia. Vou abusar de você e humilhar até você gritar, chorar e implorar para eu parar. Sua boceta será o saco de pancadas do meu pau, e se não ficar satisfeito, vou para a sua bunda e te foder até você sangrar. Então, a menos que você esteja pronta para colocar todos os seus buracos à minha disposição, diga 'vermelho.' Essa é a única palavra que vai me parar.

Minha respiração irregular fica mais lenta.

Este é meu teste.

Preciso deixá-lo me foder para ser aceita, ou posso apenas dizer a palavra de segurança e ele me deixará ir.

Serei completamente removida da faculdade e da cidade e perderei minha única chance de descobrir quem está por trás do ataque de Violet.

Comparado a todos os sacrifícios que ela fez por mim, isso não é nada.

Com uma nova resolução, digo em voz clara: —Você pode usar camisinha?

—Vou enfiar meu pau na sua boceta sem camisinha. Uma camisinha atrapalharia.

Com a respiração trêmula, cubro os olhos com o braço livre e digo em tom resignado: —Faça o que quiser.

Acho que consigo sentir a mão dele apertando meu pulso de leve, mas talvez seja só o jeito da minha cabeça me fazer acreditar que uma parte dele se importa.

Essa parte dele consegue ver o quão fodido isso é e talvez fazer isso com delicadeza, diferente do que ele prometeu.

Mas eu deveria saber melhor.

Kane abre mais minhas pernas e estoca dentro de mim de uma só vez.

Minhas costas arqueiam do chão enquanto a dor explode dentro de mim, e solto um grito.

Isso dói.

Deus. Isso *dói.*

Ele é tão grande e mal estou molhada de quando ele bateu na minha boceta. Sem contar que meus músculos estão tão tensos que sinto que minhas costas vão estalar.

Meus lábios tremem e fecho os olhos com força enquanto as lágrimas se acumulam em minhas pálpebras.

Vermelho.

A palavra é vermelho.

Afundo os dentes no lábio inferior para impedir que a única sílaba saia.

Dor é normal.

Já lidei com inúmeros tipos de dor ao longo da minha vida. Isso não é nada.

Isto é apenas um incômodo que acabará em breve.

Sua respiração controlada enche meus ouvidos, aguda e sincronizada com suas estocadas.

Inspire. *Impulso.*

Expire. *Fora.*

Inspire. *Impulso.*

Expire. *Fora.*

Decido me concentrar no ritmo, esperando e rezando para que a provação acabe. Ele vai gozar logo. Todos os homens gozam.

—Relaxa. — Suas palavras soam como se ele estivesse entediado. —Quanto mais você ficar tensa, mais longo isso vai ficar. Lembre-se. — Ele dá um tapa na lateral da minha bunda. —Eu troco de buraco se este não me satisfazer.

Suas palavras só conseguem tensionar ainda mais meus músculos.

Nunca fiz sexo anal. Se ele fizer sem preparação, usando esse pau dele, provavelmente morro.

Certo, vamos ser esperta. Respirando fundo, tento relaxar.

É só mais uma transa, Dahlia. Você nunca ficou realmente satisfeita com elas, de qualquer forma.

Inalar.

Expire.

Isso vai acabar logo.

Não ajuda quando ele me penetra com força, me penetrando com força como se me odiasse.

Ele não é rápido nem desequilibrado.

Kane transa como fala. Deliberado e controlado. Como se estivesse cumprindo uma tarefa da agenda do dia.

Eu sou a tarefa.

A tarefa sou eu.

Ele acordou hoje e me escolheu como alvo do seu entretenimento.

—Dá para ver que você não está gostando, e posso garantir que eu também não. Você continua tão tenso que está prestes a cortar meu pau. — Quase

consigo ver a carranca em sua testa. Tipo, como ouso transar no chão e não aceitá-lo de braços abertos?

—Talvez se você fosse gentil, eu ficaria mais molhada e faria valer a pena, — digo antes que possa me conter.

Ele permanece dentro de mim, seu pau duro pulsando de tensão.

—Que porra você acabou de dizer? — Ele arranca meu braço do meu rosto e o prende com o outro acima da minha cabeça. —Olhe nos meus olhos e diga de novo.

Sabe de uma coisa? Eu já estou nessa situação. Qual é a pior coisa que ele pode fazer?

Vai te foder, Dahlia. Você quer mesmo provocá-lo, sabendo o quão imprevisível esse babaca é?

Mordo meu lábio inferior.

—O gato comeu sua língua? — Seus olhos escurecem, parecendo desequilibrados sob a luz fraca.

—Não é nada.

—Não. Foi algo. Algo como ser gentil. Assim? — Ele desliza para fora e penetra fundo, mas devagar.

Arrepios dançam na base da minha barriga.

—Ou isso? — Ele solta meus pulsos e circula meu clitóris em movimentos de prazer experientes enquanto me fode em um ritmo medido.

Minha boceta aperta e sinto cada centímetro enquanto o engulo a cada estocada. Eu o acomodo até mal conseguir registrar o tamanho. Meu corpo relaxa, apesar do chão de terra embaixo de mim, e meus quadris se movem acompanhando seus movimentos.

Até me ouço gemendo conforme ele se aprofunda. Agarro seu braço e acaricio sua pele através das roupas.

Por algum motivo, sempre precisei de toque durante o sexo. Acho que preciso de algum tipo de contato físico para erradicar a sensação de vulnerabilidade.

Preciso disso mais do que nunca agora, e queria que ele estivesse nu.

O suor cobre minha pele e sinto o acúmulo de suor revirando meu estômago.

—Isso é suave o suficiente para você? — Ele pergunta enquanto seus dedos tocam, circulam e beliscam meu clitóris.

—Mmm, sim, isso é bom.

Acho que não vou gozar com tanta força, mas pelo menos estou molhada, então as estocadas dele não doem mais. Aliás, a maneira como ele me estica a cada movimento é emocionante. Só tive orgasmos fracos, sozinha ou acompanhada, e tudo bem.

De qualquer forma, meu desejo sexual nunca foi tão alto.

—Você parece estar sob a ideia equivocada de que seu prazer importa. Tenho uma novidade para você. — Kane envolve minha garganta com a mão enluvada e me penetra com força. —Não importa.

Grito quando ele atinge um ponto sensual dentro de mim. Ele acelera o ritmo e vai mais fundo e com mais força, batendo naquele ponto repetidamente.

Minhas costas raspam no chão e acho que ele vai me sufocar até a morte enquanto me fode.

—Isso é sobre *o meu* prazer. — *Estocada.* — *Minha* satisfação. — *Estocada.* —Você só está aqui para receber. — *Estocada.* —Seu corpo foi feito para ser usado e marcado como eu quiser. — *Estocada.* —Este é o meu buraco de gozo,

entendeu?

Agarro seu braço com as duas mãos, cravando minhas unhas no tecido enquanto ele me penetra. A máscara o faz parecer um demônio na noite.

Um louco determinado a destruir.

O ritmo dele me deixa sem fôlego, e não tenho clareza para pensar em nada além daquele ponto que ele continua batendo.

—Sua boceta está estrangulando meu pau. — Ele rebola os quadris e estoca novamente. —Mal pode esperar para minha porra encher esse buraco? Que putinha gulosa.

Meus lábios se abrem em um *O*. Meu corpo está sendo violado das formas mais obscenas possíveis e suas palavras são tão humilhantes, mas não consigo pensar além do furacão que se forma na base do meu estômago.

O redemoinho é severo e implacável.

Acho que não conseguiria parar mesmo se quisesse.

Nunca senti nada tão desconfortável, intenso e prazeroso ao mesmo tempo.

—Espere... espere... — Digo, engasgando, mas em vez de diminuir o ritmo, ele me bate, seu pau quase me despedaçando.

E no meio dessa dor, acho que vou morrer.

Eu vou morrer enquanto ele me fode.

Mas a onda que me atinge é uma nuvem de prazer ofuscante. Enquanto sua virilha bate na minha, um líquido espirra de mim e encaro horrorizada enquanto ele encharca sua calça jeans e o chão ao nosso redor.

Não consigo me concentrar em como esguichei pela primeira vez na vida enquanto minha cabeça rola para trás. O orgasmo me percorre em ondas elétricas que me engolem por inteira. Minhas pernas tremem e perco o controle dos meus

membros.

Acho que apaguei por uma fração de segundo.

Quando sou cuspida de volta à realidade, Kane me fode mais fundo, e acho que o orgasmo nunca vai acabar.

Mas então ele se afasta e solta minha garganta.

Acho que finalmente acabou e pisco rapidamente, mas então ele envolve uma mão forte em volta da minha cintura e me vira de bruços.

Meus joelhos latejam ao tocar o chão, e ele me força a me apoiar nos cotovelos e puxa minha bunda para cima. —Isso não está funcionando, vamos tentar algo diferente.

Tento olhar para trás, mas ele afunda a mão no meu cabelo, empurrando meu rosto no chão de terra e enchendo minhas narinas com o cheiro de terra orvalhada.

Tapa!

Um gemido escapa de mim quando sua palma enluvada encontra minha nádega. A dor me arrepia até os ossos, mas antes que eu possa pensar, ele me bate novamente, desta vez nas duas nádegas.

Grito, mas meu grito é parcialmente abafado pelo chão e meus soluços.

Meus olhos ardem e percebo que há lágrimas escorrendo pelo chão.

Isso dói.

Dói como uma mãe.

Mas, de alguma forma, o prazer permanece; na verdade, ele queima mais. E isso me apavora profundamente.

—Pare! — Grito, cravando os dedos na terra. —Pare com isso... pare...

—Mmm, é isso. — Ele dá um tapa mais forte na minha bunda, como se eu fosse seu saco de pancadas. —Implore por mim.

—Por favor…— Soluço enquanto a dor se intensifica, juntamente com um prazer ofuscante.

—Mais. Me mostre como você fica quando se despedaça como uma vagabunda suja.

Minha pele parece ter sido encharcada de fogo, então, quando ele afunda os dedos na minha bunda machucada, grito, mas é quase inaudível. Toda a minha força parece ter desaparecido, exceto pela pulsação constante que está por vir.

Seu pau força a entrada em mim novamente, e grito.

Minhas paredes se fecham em torno do tamanho dele e sinto que ele vai me quebrar. —É mais ou menos assim. Sua boceta apertada está me estrangulando tão bem. Mmm. Mais.

Estendo a mão fraca para trás, batendo cegamente em sua coxa, em sua calça jeans, em qualquer lugar que eu possa alcançar. —Não... não... pare com isso... por favor...

Não sei se estou implorando para ele parar porque dói ou porque estou com medo de como isso me excita.

Mas sinto um suspiro de alívio quando ele não me escuta.

Kane investe dentro de mim com uma força ofuscante, indo mais fundo do que eu jamais imaginei que seria possível.

—Olha a sua boceta toda molhada. Você tem um talento nato para receber pau. — Ele dá um tapa na minha bunda e soluço, sentindo o gosto do meu ranho e das minhas lágrimas.

Mas não importa o quanto eu lamente e chore, ele continua e continua, me

empalando com seu pau.

Batendo na minha bunda até que o prazer e a dor se misturem e se tornem uma só coisa. Acho que vou me despedaçar como ele disse ou até desmaiar ou morrer de verdade.

Enquanto choro um soluço murmurado no chão, percebo que ele disse que só vai parar se eu disser ‘vermelho.’

Está na ponta da língua, mas não digo.

Não sei por que não consigo.

Eu nem *quero*.

Ele aperta meu cabelo com mais força enquanto me penetra, sua virilha batendo na minha bunda dolorida e machucada, seu ritmo se intensificando, me fodendo mais fundo, mais forte.

—Você parece tão desafiadora, mas vira uma putinha safada quando está sendo fodida. — *Tapa.* —Você está pingando por todo lado. Que bagunça.

Minhas entranhas se liquefazem, a dor lateja por todo lugar, mas Kane não termina.

Ou vai mais devagar.

Ele está me usando como uma boneca sexual, descontando sua agressividade e desvio sexual sujo em mim.

E ainda não vou impedir isso.

Acho que ele nunca vai gozar, pois ele me penetra com intensidade renovada.

Acho que não vou sobreviver a isso. Mesmo que meus sucos estejam escorrendo pelas minhas coxas.

Nunca senti esse tipo de prazer desconfortável antes, tão profundamente entrelaçado com a dor. Tão intenso e estranho.

Meu Deus.

Um prazer ofuscante aumenta dentro de mim, e fecho os olhos, pronta para o orgasmo.

Mas antes que ele atinja o alvo, Kane para.

O quê... não... O mínimo que ele pode fazer é me deixar ir.

Minha boceta pulsa e se contrai em protesto enquanto sua voz rouca ecoa no ar. —Como eu disse, não se trata de você, sua vagabunda. Você gozou o suficiente por uma noite.

O mundo gira enquanto ele me vira de novo. Soluço quando minha bunda em chamas toca o chão.

Sinto uma sombra acima de mim e meus olhos se arregalam quando ele monta na minha cabeça, com os joelhos em cada lado da minha têmpora, olhando para mim através da máscara horrível.

O tecido da calça jeans dele arranha minhas bochechas quentes e ardendo. Kane segura seu pau duro com a mão firme, as veias saltando nas costas. —Abre essa boca, porra.

Pisco, ainda desorientada, sem forças. Estou tão esgotada, dolorida e cheia de frustração sexual que me surpreendo por ainda não ter desmaiado.

Quando não obedeço, ele agarra um punhado do meu cabelo, puxa minha cabeça para cima com violência e bate na minha boca com a parte de baixo do seu pau. E então ele goza em todo o meu rosto, seu esperma formando uma película pegajosa nos meus olhos, nariz, bochechas e boca.

Em todos os lugares.

Seu olhar permanece em mim enquanto ele bagunça meu rosto e só consigo ver uma versão borrada dele. —Que putinha suja, *suja*.

Sinto o gosto dele na minha língua enquanto nossos olhos se encontram.

Os dele são tão distantes que me pergunto se há algum calor dentro dele. Se ele não tivesse coberto meu rosto com porra, eu suspeitaria que ele fosse um robô que não gostou do que acabou de acontecer.

—Você poderia ter sido uma puta melhor, — ele diz em um tom tão distante quanto seus olhos enquanto se levanta e se acomoda. —Se você consegue andar, entre pela porta à sua esquerda.

Enquanto ele entra pela porta, olho horrorizada para a luz vermelha piscando no teto.

Esqueci completamente que havia uma câmera.

Alguns pervertidos doentes ficaram me observando, sendo humilhada esse tempo todo.

Capítulo Sete

Dahlia

Kane desapareceu.

E com isso, a câmera para de piscar em vermelho.

Logo depois que ele saiu, ele voltou e jogou um casaco na minha cabeça, couro preto com botões de latão, como os que os guardas usavam lá fora.

Então ele desapareceu na escuridão sem olhar duas vezes na minha direção, como se eu o tivesse enojado.

Depois que ele me fodeu.

Depois que ele me usou para seu prazer.

Esse pensamento é mais humilhante do que o fato de eu ter tido o sexo mais violento da minha vida diante das câmeras. E gozei com tanta força que esguichei.

Preciso de terapia. Se ao menos eu pudesse pagar.

Meus movimentos são rígidos e automáticos enquanto passo a camisa rasgada pelo rosto, o toque dela raspando minha pele como uma lixa. Encontro o pedaço mais limpo e o arrasto entre as pernas.

Os hematomas que ele deixou na minha pélvis e na minha bunda latejam, irradiando calor. Uma dor aguda e pungente me atravessa a cada pequena mudança. A sensação dele dentro de mim é crua, viva, como se meu corpo tivesse sido rasgado e preenchido com pequenos fragmentos invisíveis dele.

Meus músculos tensos protestam enquanto puxo minha calça jeans para cima, calço meus sapatos, visto o casaco enorme e prendo o cinto na cintura.

Tem cheiro de Kane. Amadeirado e misterioso.

Encantador no início, mas um demônio de perto.

Bem feito para mim por tentar humanizá-lo no começo, apesar de saber exatamente a que tipo de organização ele pertence.

Achava que ele era a bandeira mais verde dessa organização esquecida por Deus, mas, aparentemente, eu era daltônica.

De agora em diante, Kane, assim como qualquer pessoa em Vencor, é meu inimigo.

—Parabéns, Srta. Thorne, — ecoa uma voz suave no alto. —Você demonstrou resiliência física e mental e, portanto, merece ser um membro do Vencor de Teste. De agora em diante, espera-se que você execute qualquer missão que o membro Sênior responsável por você lhe proporcione. A recusa resultará em banimento. Três falhas consecutivas na execução de tarefas resultarão em banimento e perda de quaisquer privilégios. Seu destino está ligado ao membro Sênior que a trouxe. Se ele a descartar, você está fora. A revelação dos segredos do Vencor ou o que acontecer na iniciação ou nas reuniões custará sua vida. Agora você passará pela cerimônia de aceitação.

No mesmo instante, uma porta se abre à minha esquerda, e hesito por um segundo antes de entrar. Faço o possível para andar normalmente, mas é impossível. Uma dor lancinante explode entre minhas pernas a cada movimento, e é difícil respirar direito, quanto mais andar.

As paredes da sala são feitas de pedras irregulares, e o teto tem o formato de uma cúpula, adornado com uma imagem macabra de uma luta violenta entre uma cobra preta e um grande corvo.

O vasto espaço não é tão escuro quanto o túnel, mas também não é claro. Cinco pessoas estão em círculo no meio, segurando tochas acesas com as mãos

enluvadas de couro.

Eles usam mantos pretos longos e enormes, então não consigo dizer o gênero deles. Seus rostos estão cobertos por máscaras, assim como o de Kane. Os detalhes em forma de serpente e garras parecem monstruosos sob o fogo dançante.

A ideia desses pervertidos assistindo Kane me foder até quase me matar me deixa fisicamente doente.

Minhas mãos tremem e penso em me virar e correr para o mais longe possível.

Mas não faço.

Não depois de tudo que suportei para chegar aqui.

Dois membros encapuzados recuam, abrindo uma abertura no círculo. Entendo isso como meu sinal para entrar.

Assim que entro, uma presença sufocante se materializa atrás de mim. Uma, ou algumas, pessoas encapuzadas me encaram através dos minúsculos buracos de suas máscaras, mas ainda assim me viro para encarar quem quer que esteja em meu encalço.

Uma sombra alta se ergue sobre mim, segurando uma taça de prata com serpentes esculpidas em volta dela na mão esquerda enluvada. A mão direita, porém, está nua, com veias salientes nas costas, exibindo o anel preto em seu dedo indicador.

Kane.

Não sei o que dizer sobre mim o fato de ser capaz de reconhecê-lo apenas pela mão, apesar de ele estar completamente encapuzado e mascarado.

Ele deve ter me seguido de fora, porque o círculo que se fecha ao nosso redor

ainda tem cinco membros.

A pulsação entre minhas coxas se intensifica, e não tenho certeza se é por desgosto pelo que ele me fez passar ou por algo completamente diferente.

Kane coloca a mão direita em cima da minha cabeça. É um gesto áspero, grande e faz meu coração bater mais rápido.

Justo quando penso que ele provavelmente vai esmagar meu crânio, ele me empurra com firmeza. —Ajoelhe-se.

A única palavra é inegociável, e dobro meus joelhos, lentamente me posicionando, não que eu possa recusar.

Só espero que isso não seja mais um ato sexual exibicionista. Acho que não consigo fazer isso na frente de tanta gente. Poxa, ainda me dá enjoo saber que essas pessoas assistiram ao meu desabafo pela câmera.

—Repita comigo. — A voz de Kane soa tão fria que meu sangue gela. —Eu entrego minha alma às sombras.

Meu indicador traça um pequeno círculo no meu polegar, e engulo a bola na garganta enquanto falo em voz baixa, mas firme: —Eu entrego minha alma às sombras.

Os dedos de Kane cravam-se no meu couro cabeludo e penso que ele vai acabar com a minha cabeça, mas ele me solta e estende a palma da mão grande à minha frente. —Mão.

Ofereço-lhe minha mão esquerda e ele puxa uma adaga preta da parte de trás da calça jeans e corta meu dedo indicador. A ardência é pequena, mas o sangue escorre e Kane o deixa pingar no copo.

Então ele corta o próprio dedo indicador e observo com a respiração suspensa enquanto nossos sangues se misturam como se fosse um ritual satânico.

Kane mergulha seu dedo indicador cortado no copo, gira-o e então usa o sangue para desenhar o que eu acho que é um símbolo de serpente na minha testa.

Assim que termina, ele deixa o copo cair no chão, e seu tilintar alto ecoa no silêncio. Eu o encaro e, embora só consiga ver buracos escuros através da máscara, eles brilham.

Brilhando.

Acho que nunca vi os olhos dele tão... emocionados? É essa a palavra certa?

Um dos homens ao nosso redor fala, sua voz rouca preenchendo o espaço. — Agora, passem-na para os outros para que eles possam gozar na boca dela.

Minha pele formiga e meus olhos se arregalam.

Fiquei tão concentrada nos movimentos em miniatura de Kane que, de alguma forma, apaguei os outros membros ao nosso redor.

Meu olhar busca o dele, mas só por um segundo. Um segundo tolo.

Porque a verdade me atinge como uma facada nas costelas. Kane não está do meu lado.

Ninguém nesta sala está.

Será que consigo me rebaixar tanto? Mesmo que seja pela Violet, acho que não consigo.

Kane não reage às palavras do homem. Em vez disso, ele enfia a mão na capa e tira uma máscara prateada, semelhante às dos guardas e a prende em volta do meu rosto.

Ele agarra minha mão e me puxa para ficar de pé, de frente para ele. Seu peito roça o meu por um breve segundo, quente e duro, como uma parede.

—Não estou interessado, — ele diz em seu tom habitual, sem emoção, mas

acho que detecto tensão por trás disso.

—Então use a boca dela na nossa frente, — diz outro dos homens encapuzados ao nosso redor em tom travesso.

É aquele…Preston?

—Ainda não estou interessado. Ela não me excita.

Ai.

As palavras dele me perfuram como uma adaga. Definitivamente não é isso que uma garota gosta de ouvir depois de ter sido abusada sexualmente por um homem.

Mas pelo menos não preciso passar por mais atos humilhantes.

—Tem certeza disso? — Pergunta outra pessoa com uma voz feminina.

—Sim. Se você quiser ver meu pau, é só falar. — Kane parece entediado, como se mal pudesse esperar para dar o fora dali.

Quando ninguém mais protesta, ele tira um colar de sua capa, o mesmo colar de garra que vi a garota usando.

Meu rosto se aperta contra seu peito musculoso enquanto ele a prende em volta do meu pescoço. Quando a corrente se encaixa, ele sussurra no meu ouvido para que só eu possa ouvi-lo: —Você realmente deveria ter fugido enquanto teve a chance. Bem-vinda ao inferno, Dahlia.

Capítulo Oito

Dahlia

Depois de tudo o que passei, deveria ter enterrado meu rosto debaixo das cobertas e me escondido lá pelo resto da noite.

E tentei isso.

Felizmente, quando voltei a uma da manhã, Megan ainda não tinha chegado. Não é incomum que ela passe a noite com as amigas ou simplesmente saia para festejar.

Tomei um banho e esfreguei a pele até ficar vermelha, depois me enfiei debaixo do edredom de bruços, porque minha bunda queima a cada movimento. Sempre que fecho os olhos, imagens do acidente dos meus pais e do sexo violento e implacável invadem minha cabeça.

Vergonha e nojo formigam minha pele com intensidade renovada, então volto para o chuveiro. Sob a água escaldante, esfrego a pele com força suficiente para que novos hematomas se juntem aos já existentes.

Como diabos fui usada daquele jeito? Por aquele demônio?

Estou doente?

Uma parte de mim quer odiar profundamente, considerar uma agressão mesmo que eu tenha concordado. Essa parte, provavelmente algum tipo de mecanismo de defesa, sussurra que não me deram escolha. Que só fiz isso porque não conseguia dizer não.

Mas eu poderia ter feito isso.

Kane me deu todas as chances de dizer aquele maldito ‘vermelho,’ mas recusei.

Minha cabeça dói muito depois de sair do chuveiro enrolada numa toalha.

Deito-me de bruços na cama e pego meu telefone que me foi devolvido quando saí daquele maldito prédio.

O Instagram é aberto. Especificamente, minha última troca de mensagens diretas com o Kane, quando esperava que ele me encontrasse na entrada. E mesmo que eu não achasse que ele me ajudaria, também não achei que ele me usaria nesse sentido.

Embora seja inútil se sentir injustiçada ou tentar se sentir vitimizada. Não quando me ofereceram uma saída inúmeras vezes, mas mesmo assim recusei.

Clico no perfil dele e estreito os olhos ao ver a legenda.

Centro e Capitão dos Vipers.

Mais como um diabo de duas caras.

Estudava a página do Kane no Instagram como se fosse um ensaio durante minha fase de stalking, mas agora a vejo com outros olhos. É temática de hóquei e cheia de fotos de jogos e treinos, além de fotos com colegas de time, o técnico, alguns professores e fãs.

Há outros em eventos de arrecadação de fundos com a cúpula da universidade e doadores dos Vipers. Os grandes nomes da cidade. Sua família, os Callahans, os Armstrongs e os Osborns.

Mas essas são poucas e distantes entre si, como se ele não quisesse que seu passado fosse o foco principal.

Ele parece perfeitamente cordial em todas elas. Não há sinais de que esteja fingindo ou construindo uma imagem.

Seus sorrisos transmitem uma vibração genuína e charmosa, como se fosse muito divertido conversar com ele.

Só agora é que percebo que aqueles sorrisos nunca alcançam seus olhos gelados. Não mesmo.

Eles ficam lindos por causa da cor, mas isso não significa que combinem com o resto do rosto.

Talvez seja porque já conheci o outro lado dele, mas o véu foi levantado e percebo que as imagens aleatórias, às vezes descoordenadas, são apenas um jogo que ele joga muito bem.

Como o disfarce perfeito atrás do qual ele se esconde.

E agora que meu destino está ligado ao dele em Vencor, preciso entendê-lo. De alguma forma.

Preciso chegar mais perto.

De qualquer maneira possível.

Volto às nossas conversas.

Eu: *Melhor fazer um teste para aquela DST que te dei hoje à noite*

O quê? Isso deveria chamar a atenção dele.

Acho que meu único consolo sobre toda essa porra de cru é que Kane e seus companheiros de equipe testaram negativo nos últimos exames médicos. Eu sei porque acessei os relatórios deles sem o conhecimento do meu professor.

Meu coração dá um pulo quando sua resposta vem imediatamente.

Kane*:* *Muito engraçado.*

Eu: *Eu não estava brincando.*

Kane: *Deve estar, porque sua boceta parecia que não engolia um pau há muito tempo. Quase como uma virgem.*

Minhas bochechas ficam quentes, mas insisto.

Eu: *E você transa com muitas virgens?*

Kane: *Não. Não sou fã.*

Eu: *Graças a Deus. Nenhuma virgem deveria sofrer com seu jeito perverso de fazer sexo.*

Kane: *Também estava sofrendo quando você esguichou em todo o meu pau?*

Esfrego as coxas, mas digito exatamente o oposto.

Eu*: Hum-hum. Pior sexo da minha vida.*

Kane*: Duvido. Você estava engolindo meu pau tão fundo. Quase como se não conseguisse o suficiente.*

Eu: *Não, não estava. Enfim, só estou te dizendo. Clamídia é horrível.*

Kane: *Vou acreditar em você.*

Eu: *Você vai sofrer como um filho da puta*.

Kane: *Vá dormir, Dahlia.*

Tento pensar em outros insultos, mas estou muito agitada, então jogo o telefone na cama.

O colar brilha sob a luz e agarro a garra prateada entre meus dedos, olhando para a horrível corrente serpentina.

Não importa. O desconforto e a vergonha vão passar. O mais importante é que estou dentro.

Cedo ou tarde, serei capaz de identificar o agressor de Vi.

Violet.

A vontade de vê-la pulsa sob minha pele como uma bomba-relógio.

Troco de roupa e visto uma calça jeans e uma camiseta, depois visto um

suéter antes de sair do dormitório. Vou de bicicleta até a cidade.

O Graystone General Hospital é enorme e conhecido por ter grandes departamentos que se beneficiam do amplo financiamento das famílias fundadoras.

É também a principal beneficiária da Graystone Hope Foundation, que financia inúmeras cirurgias caras ao longo do ano. Foi a fundação que me ofereceu a bolsa de estudos na GU e está pagando as despesas médicas de Violet e sua estadia no hospital.

Quarenta e cinco dias atrás, minha irmã foi levada em uma van preta com placa falsa para o hospital em Stantonville, onde morávamos. Um homem com o rosto totalmente escondido a jogou em uma maca e fugiu em alta velocidade na van antes que pudesse ser identificado. Minha irmã estava inconsciente e tinha um ferimento na nuca e vários ferimentos menos graves por todo o corpo. Eles a transferiram para o Hospital Geral Graystone, que é maior e tem um centro de trauma.

Desde então, ela está em coma há um mês e meio. Vi as contas que ela teve durante a estadia. Contas que eu não conseguiria pagar mesmo se me vendesse por pedaços no mercado negro.

Por isso, sou imensamente grata à fundação. Nem me importo de tirar fotos com eles e aceitar dinheiro de caridade. Não me importo se é a maneira dos ricos de sonegar impostos. Pelo menos eles estão pagando pelo tubo que literalmente mantém minha única tábua de salvação respirando.

Perdi meus pais, mas nunca perderei Vi. Nem que eu tenha que oferecer minha alma ao Diabo.

Pego o elevador até o quinto andar, onde ficam os pacientes em coma.

Cumprimento às enfermeiras do turno da noite. Elas me veem praticamente

todos os dias desde que Vi foi internada. A enfermeira-chefe, Sra. Hales, uma loira rechonchuda de bochechas rosadas, sorri para mim e depois franze a testa.

—Dahlia, querida. Você está pálida. Esqueceu de comer de novo?

—Estou bem. Como está a Violet?

—Preocupe-se primeiro com você. — Ela vasculha a mesa e pega uma barra de proteína. —Coma isso antes que desmaie.

—Obrigada. — Aceito a barra timidamente, porque ela tem razão. Estou sobrevivendo com o sanduíche de atum que comi no almoço de ontem.

Violet divide o quarto com um jovem de pele morena e sobrancelhas grossas. O nome dele é Mário, e ele sofreu um acidente logo após o ataque a Violet. Os dois ficaram na UTI por um tempo e, agora, ainda compartilham o mesmo quarto porque o hospital não conseguiu transferi-los para quartos individuais devido à falta de capacidade.

Não me importo, pois eles têm uma cortina separando-os, então a privacidade deles é respeitada quando as enfermeiras cuidam deles.

Mario, no entanto, não recebe visitas. Pelo menos, não vi ninguém visitá-lo desde que cheguei. Às vezes, encontro cestas de frutas na mesa ao lado da cama dele, e a Sra. Hales costuma me dizer para comê-las, pois apodrecem e são jogadas fora.

Como o Mário deve estar se sentindo sozinho, às vezes também converso com ele, principalmente sobre as notícias do dia ou anedotas aleatórias. Não quero imaginar como a Vi se sentiria se eu parasse de visitá-la.

Com meu sorriso mais alegre, empurro a porta. —Vi! Estou tão animada para ter acesso total ao laboratório como veterana.

Minhas palavras param ao ver uma sombra alta parada ao lado da cama de Violet. Ele está sufocado pela escuridão, e um capuz cobre sua cabeça e rosto.

Mal consigo vê-lo e grito.

Ele corre até a janela, a força e pula para fora.

Corro em direção a Violet enquanto ouço passos vindos do corredor.

Felizmente, ela ainda dorme tranquilamente, e o aparelho ao lado da cama emite um bipe em um ritmo um pouco alto, mas regular. Continuo segurando sua mão pálida e verificando seu pulso, só por precaução.

—O que está acontecendo? — Uma enfermeira espia, com as bochechas vermelhas.

—Alguém... estava neste quarto. — Aponto para a janela. —Ele pulou pela janela.

—Impossível. Ele morreria dessa altura.

—É verdade.

A enfermeira me olha como se eu estivesse louca, depois se aproxima e olha para fora. —Não tem nada.

—Eu sei o que vi. Por favor, verifiquem as imagens de segurança.

Ela franze a testa ainda mais enquanto bate a janela e sai.

Meu coração bate forte enquanto sinto a batida constante da minha irmã sob meus dedos.

Lanço um olhar para Mario e solto um suspiro quando percebo que ele também está dormindo pacificamente.

Só para ter certeza, saio do lado de Vi e olho pela janela. Tudo o que vejo são carros correndo na rua lá embaixo.

Mas eu não poderia estar enganada.

Alguém estava aqui e se eu não tivesse chegado a tempo, quem sabe o que

teriam feito com Vi.

Meu sangue gela.

Espere.

Não poderia ter sido quem a machucou vindo para terminar o que começou, certo?

Corro de volta para o lado da minha irmã.

Ela pareceria um anjo dormindo se não fosse por sua pele branca e doentia, mais clara que os lençóis. Seu cabelo, que costumava ser de um loiro-avermelhado brilhante, agora está opaco e sem vida, emoldurando seu rosto pequeno.

Violet sempre foi uma beldade que todos paravam para admirar. Flertavam com ela. Tentavam se aproveitar.

Seus olhos, agora fechados, são, na verdade, de um azul-escuro, seus traços faciais são delicados e perfeitamente harmonizados. Ela tem até algumas sardas no nariz.

Ela costumava se vestir como uma mendiga, nunca usava maquiagem e até usava óculos de armação grossa sem grau para não ser notada. Não posso dizer que isso ajudou, pois ela frequentemente sofria com olhares masculinos maliciosos.

O pensamento de que um deles poderia ter feito algo com ela agora cria um nó no meu coração.

Desde que me tornei adulta, minha missão é protegê-la, assim como ela me protegeu quando éramos jovens. Por algum motivo, os homens não se sentem tão atraídos por mim quanto por ela. Quer dizer, recebo olhares, mas não são como os que ela recebe. Como se ela fosse sangue e eles fossem vampiros que querem sugá-la até secar. Assim que me veem, e geralmente, um pouco do meu spray de

pimenta, Tasers ou as armas do proprietário que eu limpo como bico, eles vão embora.

Mas não consegui protegê-la dessa vez.

Desta vez, um deles a alcançou primeiro.

A abraço, minha cabeça pressionada contra seu peito enquanto as lágrimas embaçam meus olhos. —Você disse que nunca me deixaria sozinha, Vi. Você... prometeu.

As palavras apertam minha garganta e tremo toda. Como no dia em que ela me tirou da cama e me ajudou a calçar os sapatos. Ela também tremia enquanto nos escondíamos no canto. Ela tinha treze anos. Eu, doze.

—Você confia em mim? — Violet me perguntou certa vez na escuridão do quarto onde dividíamos um beliche.

Assenti.

Vivendo no sistema desde os seis anos, aprendi a não confiar em ninguém, mas Violet é diferente. Algumas crianças odeiam ter um irmão adotivo. Elas detestam ter menos comida para dividir e dormir em beliches.

Eles podem se tornar maliciosos e até violentos.

Não, Violet.

Desde que cheguei nesta casa no subúrbio de Nova Jersey, há um ano, ela compartilha sua comida e seu esconderijo no armário.

Quando cheguei aqui, Violet estava com Martha e Gerald, nossos pais adotivos, que só usam o sistema para obter uma renda extra, há seis meses.

Violet sempre disse que precisamos sair daqui.

Certa noite, Martha a chamou de prostituta que estava tentando seduzir o marido. Chamei Martha de vagabunda e o marido de tarado porque era ele

quem olhava para Violet enquanto lambia os lábios, enquanto ela usava um pijama simples de algodão. Vi nunca se veste de forma reveladora. Nunca mesmo.

Ela vem desenvolvendo seios e quadris e ficando mais curvilínea no último ano, e aquele tarado do Gerald não consegue tirar os olhos vulgares dela.

Outro dia, Martha me bateu por responder, até que ela partiu meu lábio. Violet se desculpou em meu nome, prometendo que eu não faria isso de novo.

Vi pede desculpas sem parar. Ela também fica de cabeça baixa, ouvindo Martha chamá-la de prostituta feia, igualzinha à sua mãe vagabunda, e dizendo que ela deveria ser grata por terem acolhido ela, ou teria morrido na beira da estrada como sua mãe viciada em drogas.

Violet sempre engole a faca com o sangue e enterra suas feridas profundamente. Ela nunca reclama nem causa problemas e prefere sofrer em silêncio. Só recentemente descobri que Gerald a toca de forma inapropriada, deixando as mãos vagarem e se demorarem onde não deveriam.

Para evitar conflitos, ela prefere ficar em silêncio em vez de falar, mas sempre se manifesta quando se trata de mim. Ela sempre tenta corrigir a situação e me proteger sob suas asas.

Ela sempre diz que preciso tomar cuidado com a minha boca apimentada, mas não sou nem de longe tão paciente quanto ela e me irrito facilmente. Prefiro apanhar, passar noites sem comer e ser jogado no sótão do que deixar Martha e Gerald se safarem com suas merdas.

Foi por isso que a Martha me deu uma surra hoje à noite. Arranhei o rosto dela e, quando o Gerald fingiu apartar a briga, dei um chute no saco dele. Ele me deu um soco tão forte que perdi a consciência. Quando recobrei a consciência, estava trancada no sótão.

É uma caixa escura e sem ar, e a única luz é a sombra branca do poste de luz que se infiltra por uma janela estreita e empoeirada no alto da parede. As vigas de madeira acima estão lascadas e deformadas, com teias de aranha grudadas nelas como testemunhas silenciosas das horas que passei aqui.

O cheiro rançoso de mofo e calor acumulado gruda na minha pele enquanto puxo os joelhos em direção ao peito e apoio a cabeça neles. Observo a leve camada de neve caindo e pousando no parapeito da janela.

Certo. Já vai ser Natal. Eu odeio a época de festas.

Desde que meus pais morreram e fiquei órfã, é como se uma agulha estivesse perfurando uma ferida antiga, desfazendo os pontos e me fazendo lembrar do que perdi.

As tábuas do assoalho rangem sob um passo hesitante. Me ajeito quando uma chave balança na fechadura e então a porta se abre.

Violet.

Ela sempre rouba as chaves quando eles estão dormindo e me traz um sanduíche. Normalmente, ela me abraça e me diz para parar de me rebelar para não me machucar de novo.

Desta vez é diferente.

Ela está de legging e casaco, com uma mochila pendurada no ombro. Mas não é isso que me faz pular e correr até ela.

É o hematoma preto ao redor do olho esquerdo. Grande, feio e tão inchado que ela mal consegue abri-lo.

—Vi, o que aconteceu? Parece ruim.

Ela acaricia meu rosto. —Você também está com um hematoma azul.

—Eu vou matá-los.

Ela sorri, e é o sorriso mais largo e genuíno que já vi em seu rosto. —Quer sair daqui, Dahl? Só você e eu?

Já faz um tempo que nós duas queríamos dar o fora. Esta noite está tão boa quanto qualquer outra.

Concordo com a cabeça, inspecionando seu rosto.

O hematoma parece pior de perto, e há um pequeno corte no lábio inferior. —Quem fez isso? Foi aquele babaca do Gerald, não foi?

—Esquece. Estou bem. — Ela acaricia minha bochecha, e me encolho com a pontada de dor. —Seu rosto parece pior, aliás.

Nós duas caímos na gargalhada e tivemos que cobrir a boca uma da outra para não sermos descobertas.

Enquanto escapamos daquele lugar horrível onde mais um casal está usando o sistema de assistência social para agir como Deus para crianças indefesas, ainda estamos rindo.

Histericamente.

Tanto para Violet quanto para mim, esta é a primeira vez em muito tempo, talvez para sempre, que finalmente nos sentimos livres.

Vivas.

Como se pudéssemos fazer o que quiséssemos sem pais adotivos assustadores respirando em nosso pescoço, nos usando como válvula de escape para suas vidas banais.

Paramos em uma ponte para recuperar o fôlego.

A neve escorre, cobrindo nossos ombros e sapatos. Mas ainda giro sob o poste e grito na noite silenciosa: —Estamos livres!

Violet agarra meus ombros, parecendo ter uma auréola sob a luz fraca e a

neve caindo. —Dahlia?

—Sim?

—De agora em diante, somos a única família uma da outra.

—Você nunca vai me deixar?

Ela me abraça e sussurra a palavra que me dá uma nova esperança: — Nunca.

Sentando-me, encaro o rosto de Violet e seguro sua mão entre as minhas trêmulas. —Você disse que éramos a única família uma da outra. Como pôde me abandonar? Por que não me contou sobre o homem que estava ameaçando te matar em vez de escrever sobre isso no seu diário?

Na verdade, talvez eu tenha uma ideia do porquê.

Desde que a conheci, Violet tem uma fala mansa e uma espécie de pessoa que agrada a todos. Ela nunca levanta a voz e tem dificuldade em dizer não a qualquer pessoa com autoridade ou que grite com ela. No entanto, ela sempre foi uma mãe urso quando se trata de mim, rapidamente se transformando em uma garota protetora e cruel se alguém me machuca ou diz algo negativo sobre mim.

Não duvido que ela quisesse me proteger do homem cuja identidade ela provavelmente descobriu. Ela preferia morrer a me ver implicada.

A piada é com ela porque eu faria o mesmo.

Ela desistiu de muita coisa por mim, e chegou a minha vez de retribuir.

Vi costumava dizer que crianças como nós sempre foram destinadas a ficar na base da cadeia alimentar, uma franja do sistema, uma engrenagem na máquina. Nossas vidas, sofrimento e traumas não importam.

Ninguém se importa.

Mas é aí que ela se engana.

Ela é mais importante para mim do que o mundo inteiro.

Quero dizer a ela que estou perto. Que me infiltrei na organização onde está aquele canalha. Vou encontrá-lo e, pode acreditar, farei com que ele pague, mesmo que seja a última coisa que eu faça.

Mas não digo.

Na verdade, nunca falei com ela sobre meus planos para não agitá-la. Só compartilho boas notícias e digo que sinto falta dela.

A enfermeira de antes empurra a porta, com a carranca ainda estampada no rosto.

—Você encontrou alguma coisa na filmagem? — Pergunto, com o sangue fervendo.

—É isso aí. As câmeras do corredor e do elevador foram desativadas de alguma forma.

Capítulo Nove

Kane

—Callahan!

A voz do treinador interrompe o treino.

Como de costume, Jude simplesmente empurrou Price contra as placas e saiu patinando com o disco como se fosse algo perfeitamente normal.

O treinador Slater é um veterano do esporte, nascido e criado na cidade e um orgulhoso produto do incomparável programa de hóquei da Graystone University.

Ele é alto, magro, careca e tem uma barriga de cerveja. Embora rigoroso, sua compreensão da harmonia e do estilo de execução da equipe é de primeira qualidade. Ele é conhecido por levar os jogadores além dos limites que eles acham que existem.

Mas Jude não.

Esse filho da puta não tem limites.

Em vez de ajudar Price a se levantar, Jude o encara por ousar interromper seu fluxo.

O treinador o encara do banco, com a pele ficando vermelha. —Eu te disse para não encostar nos meus jogadores, Callahan. Guarde a energia destrutiva para os outros times.

Jude levanta o ombro em puro desdém. —Achei que isso fosse um amistoso e que deveríamos jogar como se fosse um jogo de verdade.

—Você perdeu a parte sobre minimizar o risco de lesões?

—Minimizar não é eliminar.

—Fora do gelo. Número 71, cinco minutos para embarque.

—Vamos lá, isso não foi uma penalidade de dois minutos, — argumenta Jude com uma cara assassina.

—Fora da minha pista. Agora.

Jude faz uma careta enquanto patina em direção à área de penalidade.

Ótimo. Agora tenho que me virar com dez jogadores. Às vezes, Jude é simplesmente o ser humano mais inseguro que já conheci.

Quando seu cérebro funciona, ele realiza milagres. Quando permite que seus impulsos o dominem, ele não é diferente de um cavalo selvagem indomável.

Olho para ele enquanto se senta, parecendo um animal encurralado. Ele anda estranho ultimamente. E por estranho, quero dizer que é um incômodo mantê-lo.

Até mesmo minhas impecáveis habilidades de contenção estão falhando.

Algo que não acontecia desde que o conheço.

Que é a nossa vida inteira.

—Pronto para ser enterrado sob o gelo, Davenport? — Pergunta Preston, capitão e pivô do Time B, antes do confronto na zona ofensiva. —Seu time é inútil sem um ponta direita.

Mantenho meus olhos no disco.

Preston pode ser o mestre em apertar botões, mas isso só acontece porque ele tem como missão explorar as fraquezas dos oponentes. Ele é especialista em estudar a natureza humana e em encontrar as palavras exatas que vão irritar o adversário. Ele já foi checado e jogado de um lado para o outro mais vezes do que consigo contar, mas muitas vezes sai sorrindo daquele jeito levemente provocativo, enquanto Jude fica furioso e começa uma briga.

Essa tem sido a nossa dinâmica desde que fomos mandados para o internato. Alguém implicava com o Preston porque ele era magricelo e tinha aparência frágil, e o Jude os desmantelava. Às vezes, enquanto me levava junto.

Mas eu preferia tornar a vida deles um inferno sem levantar um dedo.

À medida que crescemos, Preston perdeu as fraquezas da infância, mas não o comportamento antagônico.

Ficou dez vezes pior.

Mas azar dele. Não tenho fraquezas que ele possa explorar, então seus métodos nunca funcionaram comigo. Suas palavras são apenas ruído branco.

Roubo o disco para o meu time e empaco o placar. O técnico grita instruções para a defesa de Preston, parecendo querer estrangulá-los.

Apesar das minhas melhores tentativas de minimizar os danos, o jogo de poder do Time B lhes dá uma vantagem da qual não consigo me livrar. Quando Jude volta, mal conseguimos segurar o empate.

Ele dá um encontrão em um filho da puta e quase recebe outra penalidade pela jogada imprudente.

Acabamos vencendo, mas o treinador nos dá um sermão sobre sermos responsáveis no gelo antes de nos deixar ir tomar banho.

—Tenho uma ideia para resolver o problema do Callahan, — Preston sussurra para mim depois que saio do chuveiro, com uma toalha enrolada na cintura, e vou em direção ao armário.

Preston já terminou de tomar banho, vestiu uma calça jeans, uma camisa branca e uma jaqueta dos Vipers, e está penteando seu cabelo dourado para trás com um pente. Cada fio está perfeitamente no lugar.

Abro meu armário, jogo a toalha no chão e visto minha cueca boxer e a calça

de moletom. —Não podemos quebrar as pernas dele.

—Ah, mas isso vai nos salvar das travessuras dele.

—Não. — Ainda sem olhar para ele, vasculho minha mochila em busca de um moletom e o coloco sobre a cabeça.

Preston encosta as costas no armário ao lado do meu, seu olhar se torna gélido, e seu humor leve muda tão rápido que é como se nunca tivesse existido. Ele é a definição clássica de TPAS[2]. Foi diagnosticado com sociopatia, transtorno bipolar e uma série de outros problemas mentais. Há rumores de que ele matou a própria mãe. Um fato que ninguém além dele pode confirmar ou negar.

Preston tem a reputação de Príncipe Encantado. Um galã de cabelos dourados e olhos verdes brilhantes. Ele adora garotas e transa com qualquer pessoa de saia que esteja disposta a engasgar com seu pau.

Mas Preston, como todos nós, é especialista em manter uma imagem. Ele pode até ser o melhor nisso. Porque por trás da personalidade de um príncipe galã, esconde-se um monstro que adora ver os outros sofrerem. Embora raramente se entregue à violência, ele se excita ao ver sangue e olhares vazios.

Sempre que tínhamos missões para eliminar potenciais inimigos Vencor, eu os eliminava com um silenciador. Jude geralmente os espancava até a morte, o que era confuso e desnecessário. Preston, no entanto, fazia questão de prolongar a situação o máximo possível. Com sua faca.

Ele também despreza aqueles que arruínam seus planos e aspirações e se torna um lunático quando as coisas não acontecem do seu jeito. Ele não é impulsivo como Jude, mas é mortal.

Percebo a mudança sutil em seu tom, mesmo enquanto ele sorri. —Não vou deixar esse merda sabotar meu jogo contra os Stanton Wolves, então, se você

não fizer nada a respeito, eu farei.

—Nosso jogo.

—O que?

—Não é o seu jogo contra os Wolves. É *o nosso* jogo. E você pode sonhar em vencer sem o Callahan. Ele é conhecido como o ponta direita mais forte da liga por um motivo.

—Você está falando de mim? — Jude sai do chuveiro sem toalha, com suas cicatrizes e várias tatuagens marcantes à mostra.

Ele nunca se importou com o que as pessoas pensam dele ou com os olhares que recebe dos outros membros da equipe. Ele apenas usa seu passado sangrento como um distintivo.

Essa é a diferença entre Jude e eu. Ele mostra tudo o que aconteceu com ele. Eu não.

—Armstrong sugeriu quebrar suas pernas para não estragar nossos próximos jogos, especialmente o contra os Wolves. — Bato a porta do armário. Hora da minha corrida matinal de sempre antes do início da minha primeira aula.

—Vou arrancar seus dentes. — Jude enfrenta Preston.

Este último ri e lhe dá um tapinha no ombro. —Brincadeira. Brincadeira, grandão.

—É melhor que sim. Se me tocar, você vai acabar sofrendo um acidente bizarro.

—Ah, é? — Preston abre um sorriso largo. —Quer apostar seu próximo jogo nisso?

—Sem apostas. — Olho para Jude. —Ou você conserta o que está te dando dor de cabeça ou eu vou te deixar no banco por quantos jogos forem necessários.

Ele me encara, com o maxilar tenso, mas saio antes que ele tenha a chance de responder.

Posso ter crescido com esses dois, mas isso não significa que não haja conflitos o tempo todo.

Principalmente entre Jude e Preston. Num minuto, eles estão se protegendo. No outro, querem se matar.

Como nossas famílias são as fundadoras da cidade, nossos clãs muitas vezes brigam entre si para se tornarem dominantes.

Fomos ensinados a não confiar uns nos outros e que a possibilidade de guerra é uma questão de quando, não de se. Podemos ser iguais agora, mas quem sabe o que acontecerá no futuro?

Quem sabe se estaremos brigando pelo topo?

Embora seja impossível machucarmos um ao outro seriamente, não depois do pacto que fizemos quando fomos jogados naquele internato de pesadelo.

Somos nós três contra o mundo, não o contrário.

Mas isso não é problema meu agora.

Minha prioridade é vencer. Manter o time inteiro e controlar a porcaria do Jude e a bomba-relógio que é Preston.

Acredito que ele seja inteligente o suficiente para ficar longe de problemas, mas, por algum motivo, sinto que ele vai se meter em encrenca em algum momento.

Então, tenho que limpar a bagunça deles. Como sempre.

Sempre fui um Kane racional, calmo e confiável. Nada pode abalar minha estrutura ou abalar meus alicerces.

Meu pai se certificou disso.

Agora, sou apenas uma arma à disposição dele e da organização. Ou, pelo menos, é nisso que ele acredita.

Por enquanto.

Preston me alcança, batendo seu ombro contra o meu por trás, então abaixa a cabeça e sussurra: —Que tal envenená-lo?

—Não.

—Apenas temporariamente.

—Não.

—Me escuta. Sabe aquele novo medicamento que a família dele está desenvolvendo? Ele seria o sujeito perfeito para testes.

—Não.

—Tudo bem. Então vamos sequestrá-lo e abandoná-lo em uma ilha.

—Não.

—Prendê-lo?

—Ele vai simplesmente destruir o lugar e escapar.

—É verdade. Hmm. Que tal... — Ele desiste do pensamento e me dá uma cotovelada.

Levanto a cabeça e paro, meu dedo indicador esquerdo tremendo contra minha coxa.

Encostada na parede perto da entrada da arena, usando shorts minúsculos e um moletom enorme, é o meu maior problema.

A pedra no meu maldito sapato.

—Bem, olá de novo. — Preston desliza para o lado dela, com seu sorriso

encantador à mostra. —Dallas, não é?

—Dahlia, — ela responde, sua atenção permanecendo fixa em meu rosto.

Dahlia Thorne tem estatura média, pele naturalmente bronzeada e olhos castanhos que, na penumbra, parecem mais amarelo-acastanhados do que verdes. Seu cabelo castanho está preso em um rabo de cavalo, destacando suas maçãs do rosto salientes e seu rosto redondo.

Os shorts esticam e se ajustam à pele dela, realçando suas curvas.

Curvas que não consegui apagar da minha mente desde a noite em que a marquei e a reivindiquei, três dias atrás.

Desde então, ela tem aparecido nos meus treinos matinais como uma parasita.

Sempre lá.

Ao mesmo tempo.

Mesma expressão determinada.

Depois da tortura física e mental, pensei que ela estaria um pouco quebrada, um pouco cansada. Melhor ainda, acreditei que ela jogaria a toalha e fugiria. Eu até teria aberto uma exceção e permitido que ela escapasse.

Mas não, ela está usando essa expressão como um distintivo.

E ela está me enviando mensagens aleatoriamente.

Dahlia: *E agora?*

Dahlia: *Olá?*

Dahlia: *Não me diga que seu teste deu positivo para uma DST? Detesto dizer isso, mas eu meio que te avisei.*

Dahlia: *Foi uma brincadeira. Eu não te dei nada.*

Dahlia*: Hum, então você meio que precisa de algumas lições de comunicação.*

Dahlia*: Meu Deus. Obrigada pela caixa de chocolates depois daquela transa brutal. Ah, espera, você não mandou nenhuma. E dizem que o romance morreu.*

Dahlia: *Essa coisa toda é decepcionante. O que acontece depois que eu entro? Tem alguma reunião secreta da qual eu deva saber?*

Dahlia: *Tudo bem então. Acho que vou continuar me maravilhando com suas habilidades espetaculares de comunicação.*

Ignorei toda a sua tagarelice, mas isso não a impediu de aparecer pessoalmente.

Como uma enxaqueca incurável.

—Dallas. Dahlia. Ambas têm nota *D*. — Preston sorri. —Falando em pau, o do Kane não é tão impressionante assim. Quer uma experiência melhor? Tenho uma política de diversão total garantida.

—Vou pensar sobre isso, — ela diz com um sorriso falso, sua atenção ainda em mim.

—Pense rápido. Vagas limitadas.

—Talvez um dia.

—Você não vai se arrepender. Facilmente, cinco em cinco.

—Não vou apostar dinheiro nisso.

—Ai. Você me acertou onde me importo. — Ele coloca a mão no peito e finge dor. —Agora, tenho que defender a honra intocável do meu pau. Que tal hoje à noite?

Caminho calmamente entre os dois e corro para longe da arena na direção de

uma colina.

—Espere! — Sua voz me alcança antes que sinta seus passos frenéticos me seguindo.

Aumento a velocidade até que as árvores começam a ficar borradas na minha visão periférica.

—Kane! — Ela grita, parecendo sem fôlego. —Devagar, droga.

Me viro e corro para trás. Ela se esforça para me acompanhar, com os membros tremendo e o rosto mais vermelho que as folhas caídas no chão.

—Por que eu deveria?

Ela arfa, mas não para. —Porque acordei tão cedo para falar com você?

—Não é problema meu.

—Achei que sim, já que estou sob seus cuidados e tudo mais.

—Supervisão.

—O que?

—Sob minha supervisão, não meus cuidados.

Ela diminui o passo até parar e se abaixa, com as mãos nos joelhos, mas quando vê que ainda estou correndo de costas na colina, ela geme e acelera o passo.

—Tudo bem, então o que faço sob sua supervisão?

—Nada. Desaparecer seria um bom começo.

—Que diabos você quer dizer com nada? Não é você quem deveria me ensinar o funcionamento do Vencor?

Paro abruptamente e ela colide comigo, sua cabeça batendo no meu peito.

—Ai. — Ela solta um gemido de dor, sua respiração irregular preenchendo a floresta silenciosa.

Suas curvas suaves se moldam aos meus músculos rígidos, e tenho um flashback de sua boceta se esticando para me acomodar, apertando e ordenhando meu pau.

Não.

Não penso com o meu pau. *Nunca.* E nem uso meu pau para acertar contas como o Preston faz ou para aliviar agressões como o Jude.

É apenas uma arma usada para exercer poder. Nada mais.

E ainda assim digo: —Se você está morrendo de vontade de provar outro pedaço do meu pau, tudo o que você precisa fazer é cair de joelhos.

Ela se afasta bruscamente, colocando distância entre nós, mas não antes que seu perfume picante de jasmim inunde minhas narinas. Como um maldito veneno.

Já fui picado por inúmeras cobras venenosas como parte do meu treinamento, mas nenhuma delas deixou um gosto tão forte quanto o cheiro dela.

Ela cruza os braços, o moletom esticado contra os seios. —Não, obrigada. Prefiro não passar pelo calvário de transar com você nunca mais.

Meu dedo indicador treme, mas deixo meus lábios se abrirem num sorriso. —Você costuma esguichar quando supera provações, Dahlia?

Seus lábios se esticam para frente e um fogo irrompe em seus olhos, escurecendo-os como um acerto de contas. É impressionante que seus sentimentos estejam estampados em seu rosto, mas isso é normal. Suponho.

—Eu estava fingindo. Sabe, para passar no teste.

—Você pode fingir um orgasmo, sim, mas não pode fingir um esguicho ou o

jeito que sua boceta engoliu meu pau, me estrangulando e me ordenhando. Admita, você ficou decepcionada por eu não ter enchido seu buraco com meu esperma, não é?

Quanto mais falo, mais vermelhas suas bochechas ficam e mais quero pressioná-la, ver sua reação.

Ver até onde consigo levá-la até o limite.

E isso não é nada do meu *feitio*.

Eu não dou a mínima para as emoções das pessoas. Na verdade, as uso por meio desses sentimentos ilógicos, descontrolados e destrutivos.

—Você... você... — Ela aponta o dedo para mim.

—Sim?

—Você é uma fodida máquina.

—Isso deveria ser um insulto?

Uma ruga delicada surge entre suas sobrancelhas. —Você é mesmo um robô? Devemos fazer uma verificação de captcha?

—Um captcha o quê?

—Meu Deus. Você é!

A voz dela.

É feminina, mas não suave, e ela não fala naquele tom falso e arrulhador que algumas garotas usam, então eu vou transar com elas.

Ela está na sua cara. Ou na minha, para ser mais preciso.

Tudo simplesmente jorra dela como se fosse uma fonte.

E estou começando a desprezar a liberdade com que ela pode agir. A

primeira coisa que notei nela é que ela está se tornando uma irritação.

—Volte para a escola e pare de me seguir. É desesperador.

Me viro, prestes a retomar a corrida, mas, é claro, o maldito incômodo que estava destruindo minha paz pula na minha frente.

—Espere!

—Mudou de ideia? Deixo você chupar meu pau depois do próximo jogo, se eu estiver com vontade.

—Não, obrigada. — Ela engole em seco, lutando contra o rubor ou a raiva, não sei dizer. —Só quero saber o que esperam de mim. Qual o sentido de ser membro da Vencor se me mantêm no escuro?

—Você será contatada caso precisem de algo. Não o contrário.

Ela faz uma pausa e consigo ver as engrenagens do seu cérebro trabalhando a todo vapor. Gosto de como ela pensa antes de falar. O tempo entre pensar e falar poderia ser mais longo, mas é uma boa característica.

Foi também assim que eu soube que ela estava planejando se infiltrar em Vencor. Não sei bem por quê, mas foi por isso que eu dei aquele show todo para iniciá-la.

Qual a melhor maneira de observar um perigo potencial?

Mantenha-o sob seu controle.

Aperte-o se ele balançar.

Agora, eu não precisava transar com ela, mas ainda é uma moeda de troca de poder e ela não usou sua palavra segura, então o jogo começou.

Tudo é um jogo.

Ela prende alguns fios rebeldes atrás da orelha e acompanho o movimento.

Como seus dedos finos se esticam. Suas unhas não estão pintadas e estão curtas, mas de alguma forma parecem elegantemente arrumadas.

Então ela fala novamente, tentando, sem sucesso, parecer distante. —Que tal reuniões e coisas assim?

—Coisas?

—Você sabe. Seja lá o que acontecer nessas reuniões.

—O que quer que aconteça nessas reuniões não é para membros da Prova. A menos que você seja convidada por um Sênior.

—Então me convide.

Me aproximo dela, apagando a distância entre nós.

Meu peito se expande com o cheiro dela novamente, e resisto à vontade de arrancar a maldita flor silvestre dentro dela e esmagá-la em pedaços.

Houve um tempo em que eu gostava de coisas bonitas. Agora, quero que todas sejam destruídas.

Pisoteadas.

Reduzidas a pó.

Dahlia olha para cima, seus lábios carnudos se abrindo, o inferior um pouco mais cheio que o superior. Quando olho para ela, uma respiração entrecortada escapa de sua boca entreaberta e noto uma pinta no canto do lábio, minúscula e quase imperceptível.

E agora estou olhando para o lábio dela.

Olho fixamente para os olhos dela, ligeiramente arregalados. Expectante, até. —O que vou receber em troca?

—O que você quer? — Seu sussurro baixo envia uma descarga elétrica até

meu pau.

Jesus Cristo, porra.

Apesar do meu bom senso, agarro seu queixo com o polegar e o indicador, inclinando sua cabeça para trás para invadir aqueles olhos. Preston sempre disse que os meus são perturbadores, e percebo que ela sente isso enquanto a encaro por vários segundos.

—Se eu disser seu corpo e alma, você os ofereceria?

Seus lábios se abrem novamente, a abertura perfeita se eu quiser enfiar meu pau em sua garganta e então decorar seu rosto com meu esperma.

De novo.

—Eu tenho escolha? — Seu murmúrio é assombroso, um tanto sem vida.

E eu odeio o desaparecimento gradual do seu fogo.

Como ela lentamente se recolhe em sua concha.

—Você sempre tem uma escolha, Dahlia. A palavra é 'vermelho.' Ela te oferece uma saída para tudo, exceto para Vencor. Essa, uma vez dentro, você só sai em um caixão ou se eu te considerar indigna.

—Se... — Ela engole em seco, seus olhos buscando os meus apesar do medo sutil que espreita sob o amarelo claro. —Se eu me oferecer, você me protegerá?

—Não.

Ela se encolhe, seu corpo fica rígido, e provavelmente deveria soltá-la.

Eu não faço isso, no entanto.

Mesmo que o calor dela se misture com o meu, enviando sinais errados para o meu pau.

—Por que não? — Ela pergunta.

—Eu não me apego emocionalmente às pessoas com quem transo.

—Eu também não. Então é uma situação vantajosa para todos.

—Mentirosa. Você vem tentando minimizar e fingir que o que aconteceu naquele dia é normal, mas é o seguinte: você está se comportando como uma durona. Eu sei que está desconfortável. Seu maxilar está cerrado, seu corpo está tenso e você geralmente está vestida de uma forma que não chama atenção para o seu corpo. Você está apavorada que eu te foda e te use de novo. A ideia te faz tremer. E esse tremor me excita. — Giro seu rosto pálido entre os dedos. — Sua luta e seu sofrimento me excitam. Me deixam *duro*... Então, Dahlia, desapareça da minha vista antes que eu te quebre.

Sinto o momento exato em que seu instinto de sobrevivência entra em ação.

No momento em que a solto, ela dá um passo para trás, as folhas estalando sob seus tênis. Ela tropeça, seus olhos arregalados nunca desviando do meu rosto antes de se virar e correr de volta pelo mesmo caminho de onde veio.

Dahlia é inteligente o suficiente para pressentir o perigo. Pelo menos agora ela é.

Ela deveria ter visto isso antes de decidir abordar a organização.

Ou eu.

Porque mesmo que a tenha deixado ir, é apenas temporário, para que eu possa me manter sob controle.

É só uma questão de tempo até que eu a prenda novamente.

Capítulo Dez

Dahlia

O detetive responsável pelo caso de Vi concordou em designar um policial para vigiar seu quarto de hospital.

Depois que vi alguém prestes a machucá-la, ou pior, a tentar matá-la, o detetive Collins encontrou evidências claras de adulteração do sistema de segurança do hospital.

Alguém desativou as câmeras do corredor e do elevador naquele momento específico de propósito.

O detetive Collins suspeita que isso tenha sido obra de um hacker experiente.

Ao contrário das amostras de DNA que a polícia conseguiu coletar debaixo das unhas de Violet, desta vez, nenhuma evidência foi deixada para trás.

Essa amostra de DNA não identificada é a única pista que tenho sobre o agressor.

O detetive Collins disse que há uma grande probabilidade de que o ataque tenha ocorrido após uma briga. No exame de sangue inicial, havia propofol no sangue dela, então ela provavelmente lutou antes de ser sedada.

E isso torna o caso mais complexo e evasivo.

Na verdade, a câmera de vigilância do Hospital Stanton que mostrou o homem na van deixando Vi não capturou seu rosto. Estava coberto pelo capuz quando ele a deitou na maca e depois pulou de volta para a van. Presumimos que ele seja um homem, a julgar por sua altura e constituição física robusta.

Existe a possibilidade de ele ser o agressor, mas ele a salvou levando-a ao hospital, então essa possibilidade é pequena. Esse homem provavelmente ainda é

a única testemunha do que aconteceu.

Pedi à polícia que investigasse profissionais médicos ou pessoas com acesso a medicamentos hospitalares, pois me pareceu estranho que quem sedou Vi tenha optado por um anestésico em vez de opioides ou algo mais comum no mercado. No entanto, o detetive Collins deixou claro que eu não tinha o direito de me envolver na investigação.

Foi por isso que comecei minha própria jornada de vingança depois de ver o diário da Violet. Nele, encontrei algumas entradas em que ela mencionava alguém a seguindo.

Em uma entrada específica, ela mencionou um anel preto no dedo indicador dele com símbolos ininteligíveis que ela não conseguia ver de longe.

Então ela escreveu ‘eles,’ o que me fez pensar que é um grupo.

Mas a evidência clara que me fez ir atrás dos Vipers foram estas palavras:

Eu o vi hoje. O homem que está me seguindo. No canal local do bar onde trabalho. Nunca assisto a esportes nem presto atenção ao que passa na TV, mas hoje prestei, e ele estava lá na tela, com seu uniforme de hóquei, encarando a câmera. Aparentemente, ele joga pelos Vipers, um time universitário de hóquei da cidade vizinha.

Mas mesmo com as pistas que o diário de Vi me deu, minha vingança não está indo bem.

Depois que Kane me aterrorizou naquela floresta três dias atrás, fiquei longe.

Por algum motivo, pensei que ele iria me foder e depois me matar, e ninguém perceberia.

Então redirecionei minha atenção para Violet.

Todos os dias, depois de terminar a escola e meu trabalho de meio período

em um supermercado local, vou passar a noite ao lado dela.

Pego meu laptop e estudo a maior parte da noite enquanto cuido dela. Já faz quase uma semana desde aquele possível ataque, e tenho sobrevivido com três horas de sono e energéticos nojentos.

Hoje à noite, porém, tenho que confiar no policial para mantê-la segura.

Porque vou a uma festa.

—Não acredito que você finalmente está vivendo um pouco! — Megan me abraça enquanto caminhamos até a casa de Drayton no centro da cidade.

Gavin Drayton é o goleiro dos Vipers e um dos insiders. Ele também é membro do Vencor, a julgar pelo colar de serpente que vi algumas vezes.

Após a vitória do time fora de casa, ele está organizando uma festa de portas abertas para os estudantes do campus e moradores da cidade. E embora Drayton faça parte do sistema, considerando que seu pai é o prefeito da cidade, ele é um peixe pequeno.

As famílias realmente poderosas controlam a cidade e seus arredores e geralmente são mais distantes dos moradores.

Os Davenports são pioneiros em um negócio comercial centenário e administram uma extensa rede de importação e exportação.

Os Armstrongs controlam a produção de energia e a gestão de recursos, desde petróleo até diversas fontes alternativas.

Os Callahans são donos da maior empresa farmacêutica do país e de outros grandes complexos médicos, incluindo o hospital da cidade.

Os Osborns são os craques do mercado imobiliário, da construção e do desenvolvimento urbano.

Eles estão se beneficiando uns dos outros enquanto mantêm o monopólio em

seus respectivos campos.

—Obrigada por me deixar entrar e por me emprestar isso, — digo a Megan e puxo o vestidinho preto apertado.

O tecido elástico se ajusta a mim como uma segunda pele e mal cobre minha bunda. O modelo sem alças mostra mais decote do que o que costumo usar.

Mas, pensando bem, não tenho vestidos de festa, então sou grata à Megan. Ela até me emprestou uma bolsa dourada e passou cerca de uma hora fazendo uma maquiagem esfumada nos meus olhos, que realça a cor avelã deles, e meu batom vermelho vibrante.

—Sempre. Você está uma delícia. — Ela estreita os olhos para os meus tênis brancos. —Ficaria ainda mais gostosa de salto. Pena que não usamos o mesmo número.

Graças a Deus. Seria constrangedor, já que não sei andar de salto.

A casa dos Draytons ergue-se orgulhosamente no coração do centro da cidade. Uma enorme casa em estilo colonial que exala o charme de uma família rica e tradicional com suas colunas brancas, persianas verde-escuras e gramado impecavelmente cuidado.

Quando Megan e eu entramos, a energia viva envolve meus sentidos.

As paredes são adornadas com certificados emoldurados, diplomas e fotos antigas que retratam a história da família Drayton. O brilho suave dos lustres de cristal no teto reflete nos pisos de madeira polida, cuja superfície é tão brilhante que quase consigo ver meu reflexo.

O aroma da grama recém-cortada se mistura ao aroma defumado do churrasco vindo das barracas de comida montadas no gramado, visíveis através das grandes portas francesas. Risos e conversas se elevam da multidão de moradores e estudantes universitários, criando um burburinho de entusiasmo. O

ar está carregado com o cheiro de perfume caro, cerveja e carne grelhada, fazendo meu estômago revirar enquanto passamos por grupos de pessoas.

Música grave ecoa pelos alto-falantes, fazendo vibrar o piso de madeira, com o ritmo sutil batendo sob meus tênis. O tilintar suave de taças de champanhe brindando ecoa de uma reunião próxima de políticos locais e da elite da universidade, reunidos em pequenos grupos.

Megan pega duas taças de um garçom bem-vestido e pisca para ele antes de me oferecer uma. —Eu adoro festas de gente rica.

Aceito a taça de champanhe, mas não a bebo. Desde que o sujeito que alugou o sótão para a Violet e eu tentou nos drogar com seu vinho ‘caseiro,’ nunca mais consumo nada que não esteja lacrado.

Meu olhar percorre a multidão, tentando localizar os jogadores de hóquei. Vejo Drayton com o pai e a equipe técnica dos Vipers, mas os outros não parecem estar por perto.

—Belo vestido, — diz uma garota alta e esbelta para Megan enquanto ela desfila em nossa direção com outras duas garotas incrivelmente lindas.

Seus cachos loiros cobrem seus ombros, e seu vestido prateado brilhante reflete o brilho dos lustres.

—Obrigada. — Megan sorri, mas é um sorriso apertado.

—Espero que você não tenha pago caro por ele no brechó. Doei para caridade ano passado. — A Loira me gesticula. —Esse também. Eu usava melhor, mas é bom ver que encontraram um novo lar.

O rosto de Megan se contorce como se ela tivesse comido algo ruim e ela tenta puxar minha mão, mas permaneço no lugar e esboço um sorriso. —Obrigada pela sua caridade. Você é uma pessoa tão boa.

Seu sorriso endurece e quase desaparece antes que ela force um sorriso mais

largo. Suas amigas, no entanto, não escondem o choque, seus olhos lançando punhais em minha direção.

—Por favor, continuem doando para que possamos usar coisas bonitas, — acrescento com um sorriso radiante.

—Qual é o seu número de sapato? Vou te mandar um salto para você se vestir adequadamente.

—Obrigada, mas não consigo usar salto. Ouvi dizer que machuca e não gosto de dor.

Megan aperta meu braço, e acho que essa é a deixa para eu parar com isso.

—Engraçado. — A loira se inclina e sussurra no meu ouvido: —Porque você deixou o Kane te usar como um tapete inútil. Você parecia estar com dor, mas talvez isso seja fetiche de vagabunda?

Minha mão treme ao redor da taça de champanhe e a encaro com os olhos arregalados.

Ela estava lá? Olho para ela novamente, mas ela não está usando o anel nem o colar. Ela faz parte de Vencor? Como...?

É a vez dela sorrir enquanto acaricia meu cabelo e murmura: —Você é um lixo inútil e sem dinheiro, mas estou disposta a considerá-la uma caridade. É tudo o que você sempre será. Não olhe para cima. Não cobice o que não é seu. Fique longe do que é meu antes que eu te esmague sob meus saltos de diamante.

E então ela se afasta em uma nuvem de perfume floral, seguida por suas duas lacaias.

—Puta, — Megan murmura baixinho.

—Quem é ela?

—Isabella Drayton. Irmã gêmea do Gavin. Ela vem de família rica e acha

que tem o monopólio sobre os jogadores do time, especialmente Kane. Ela é uma princesa esnobe, então esqueça ela.

Mas não posso.

Não depois que eu soube que ela assistiu ao vídeo de iniciação.

Só que...quantas pessoas assistiram a esse maldito vídeo?

Minha pele se arrepia ao sentir olhares me observando, e quase consigo ouvir sussurros de reconhecimento e julgamento pairando nos cantos da sala. O ar se inflama com uma opressão sutil e aquece o sangue em minhas veias.

Eu deveria parar de pensar naquele vídeo e no homem ligado a ele. Não se trata de mim. Trata-se da justiça por Violet.

Dedos macios acariciam meu braço enquanto Megan sorri para mim. —Você lidou bem com ela. Por que está tão pálida, D?

—Estou bem. — Forço um sorriso.

—É por causa do vestido? — Ela o encara. —Eu disse que encontrei isso em algum lugar...

—Não, fico muito grata por você ter me emprestado. Nunca tenha vergonha de não ter dinheiro, principalmente por causa das palavras dela. Você é gentil e estilosa pra caramba, até mais do que ela. Além disso, você é uma pessoa melhor do que ela jamais será, Meg.

Ela sorri e me dá um abraço rápido.

Às vezes, ela me lembra a Vi. A Vi é um pouco mais ligada às suas emoções, embora a Megan adore ficar, ao contrário da minha irmã, que eu acho que tem medo. Provavelmente por causa de todos os pervertidos.

Megan encontra alguns amigos e fico com eles por um tempo até ver alguns jogadores de hóquei saindo.

Então uso uma ida ao banheiro como desculpa e saio.

Luzes de fada cintilam contra o crepúsculo que se aprofunda, lançando um brilho acolhedor e festivo sobre a multidão reunida. O som de risos e conversas se mistura com o zumbido constante da fonte próxima, adicionando uma sensação surreal de distanciamento das tensões subjacentes que esta cidade exala.

Observo sutilmente cada pessoa enquanto finjo estar maravilhada com o jardim.

É então que avisto Ryder Price, o defensor dos Vipers, se afastando da mesa do bufê. Vislumbro seu colar de serpente negra, o que significa que ele é membro do Vencor.

Finjo estudar a comida e pego o garfo que ele usou para comer um pedaço de bolo e até lambeu antes de deixá-lo no prato. Então, me abaixo, fingindo amarrar os cadarços. Depois de me certificar de que ninguém está prestando atenção, me cubro com a cortina de uma mesa, pego o kit de DNA que comprei e pego uma amostra do garfo, fecho-o em um saco e o guardo na bolsa.

Deixei o garfo cair na grama e me levantei.

Um já foi.

Sigo na sombra dos outros jogadores, espiando seus colares. Embora os únicos membros veteranos dos Vipers sejam o trio, Kane, Jude e Preston. E embora eu tenha visto Preston com uma garota no colo e Jude com seu treinador, não vi Kane.

O que é realmente uma bênção.

Por algum motivo, não consigo me concentrar quando ele está por perto. E depois do nosso último encontro, um arrepio me percorre só de pensar nele.

Consegui coletar uma amostra de DNA de Declan Novak depois que ele saiu

furtivamente para fumar e jogou fora seu cigarro pela metade quando um colega de equipe o chamou.

Declan Novak, Ryder Price e... é só isso. Ainda não vi os outros jogadores que têm colares. E definitivamente não quero arriscar com Jude e Preston. Ainda.

Espera.

Estou na casa do Gavin Drayton. Entrar no quarto dele é a maneira mais fácil de coletar a amostra. Quem sabe eu até consigo a da irmã dele?

Se ela pode ver esse vídeo, ela provavelmente faria parte do Vencor.

Depois de dar uma olhada na multidão, volto para dentro e subo as escadas.

Embora não seja tão movimentado quanto o andar de baixo, há bastante gente no lounge, o que facilita a integração.

O volume da música diminui, e a conversa fica mais proeminente, agitada e se misturando em uma nuvem social falsa. Fico pensando se alguém está ouvindo o que o outro está dizendo ou se estão apenas falando sem parar.

Como não tenho certeza de onde ficam os quartos de Gavin e Isabella, finjo estudar as pinturas feias nas paredes. Talvez sejam feias porque não tenho educação e só consigo ver linhas caóticas em cores descombinadas.

De vez em quando, abro uma porta ou espio por uma entreaberta para ver o que está acontecendo.

Sexo. Amassos. Gritos de: —Vai se foder!

Nossa!

As coisas com as quais me traumatizou por justiça.

Caminho por um corredor mais silencioso, precisando esvaziar minha mente de todas as cenas que acabei de testemunhar.

Ouço algumas vozes ininteligíveis.

Meu coração acelera e, depois de me certificar de que o corredor está vazio, vou na ponta dos pés até a sala de onde vem o barulho.

—…é uma ponta solta que precisa ser amarrada.

Meus olhos se arregalam. É a voz da Isabella. Ninguém mais soa tão arrogante quanto ela.

—Você está deixando isso te afetar. Isso não é do seu feitio.

Meu coração bate forte atrás das costelas e me esmago contra a parede, desejando poder desaparecer de alguma forma.

Kane.

Aquele era definitivamente o Kane.

Desenho círculos no meu polegar, esperando e rezando para que meus batimentos cardíacos diminuam bastante.

—É aí que você se engana. É exatamente a cara dela. Ela é ciumenta, cruel e parece mais uma cobra do que o colar.

Preston.

Quando ele chegou aqui? Juro que ele ia transar com aquela garota que estava se esfregando nele há menos de quinze minutos.

—Não estou pedindo permissão. Vou contra os Osborn e Serena se for preciso. — Isabella novamente.

—Seja razoável, — diz uma terceira voz masculina. Quero dizer que é o Gavin, mas não tenho certeza.

—É como pedir para um tubarão não morder. — Há um vago divertimento na voz de Preston.

—A Izzy tem razão. — Uma voz feminina. —Vamos fazer do nosso jeito.

—Sério, eu não me importo. Quanto mais louco, melhor. Só me dê um tempo para preparar minha pipoca, — diz Preston. —Davenport?

Embora não tenha certeza do que diabos eles estão falando, tenho certeza de que é sobre Vencor, e me pego me aproximando com a respiração suspensa para ouvir a resposta de Kane.

Eu já suspeitava disso, mas agora tenho certeza de que ele tem algum papel de liderança. Não apenas como chefe dos Vipers, mas também do pequeno grupo deles.

Ele é o caminho certo a seguir, se eu não tivesse tanto medo dele.

Uma mão forte pousa em cima da minha cabeça. —O que você pensa que está fazendo?

Olho lentamente para trás e meu olhar se choca com o olhar glacial de Jude. Seus olhos são tão escuros que quase não há luz neles. Ele é tão alto e largo que pareço um anão no corredor, o que me dá um arrepio na espinha.

Talvez seja porque Jude sempre foi o mais assustador, antes de eu conhecer a verdadeira face de Kane, mas sinto que ele pode esmagar meu crânio entre os dedos só para arrancar meu cérebro.

Ele certamente me encara como se quisesse me colocar a dois metros de profundidade.

—Eu estava procurando o banheiro feminino, — digo com a maior calma possível, orgulhosa de parecer confiante, considerando as circunstâncias.

Seu lábio superior se levanta em um rosnado ou em uma expressão de desgosto, não tenho certeza, mas ele empurra a porta e me empurra para dentro.

Perco o equilíbrio e caio de joelhos no tapete persa decorativo, mas consigo

manter minha bolsa no ombro.

—Encontrei está aqui bisbilhotando lá fora. — Jude atravessa a sala e imediatamente sinto vários pares de olhos fixos em mim.

Gritante.

Estreitamento.

Levanto a cabeça e, de fato, Kane está sentado em um grande sofá marrom, com o braço estendido no encosto. Ele veste uma jaqueta preta, calças plissadas e tênis. Apenas a camisa branca oferece uma pausa da aura de lorde das trevas.

Isabella senta-se ao lado dele, com o braço entrelaçado no dele, e seus olhos maliciosos quase perfuram meu rosto. Suas duas amigas estão atrás dela como guardas zelosos, enquanto Preston senta-se na beirada do sofá. Gavin está recostado em uma cadeira e Jude vai para o lado dele.

Sete pares de olhos.

Todos me observam atentamente. A iluminação fraca do ambiente projeta uma sombra de intenção ameaçadora em seus rostos.

Minha pele fica tensa, e o calor irrompe entre meu coração e minha caixa torácica.

De repente, sou transportada para a noite da iniciação, quando fui cercada por cinco membros encapuzados. Os mesmos membros que provavelmente viram o sexo que fiz com o homem sentado no meio.

—Que porra você está fazendo aqui? — Pergunta a amiga de Isabella, a de mechas prateadas.

Começo a me levantar, tentando, sem sucesso, não tremer. —Eu estava procurando o banheiro. Foi um erro.

Antes que possa me levantar, Gavin pula e me empurra de volta para baixo

com tanta força que eu engasgo.

Ele enfia o sapato nas minhas costas, me esmagando contra o carpete bege com estampa verde. —Você não ouviu? Tem alguns erros pelos quais a gente paga com a vida.

Meus lábios se abrem, mas não ouso emitir nenhum som. Nem mesmo quando sinto a sola do sapato dele cavando um buraco nas minhas costas, onde a barra do meu vestido encontra a minha pele. Ou quando meus seios doem por estarem espremidos no chão.

Olho para Kane e não sei por quê.

Ele nunca esteve do meu lado e deixou isso claro inúmeras vezes.

Na verdade, eu deveria temer ele mais.

Ele me olha com um olhar frio e calculista, como se eu fosse um inseto que ele está pensando se deve ou não esmagar.

—Agora. — Preston sorri, mas o sorriso está carregado de malícia. —Não vá assustar a Dalton. Eu ainda não transei com ela.

—Que tal você fazer isso aqui e agora? — Pergunta Isabella com um sorriso de víbora enquanto acaricia o braço de Kane. —Não seria a primeira vez que ela se prostituiria para o mundo ver.

—Fico feliz em participar, — diz Gavin com a voz grave. —Me pergunto o que a tornou tão apetitosa a ponto de Davenport se recusar a compartilhar.

Meus olhos ardem e sinto que qualquer coisa que eu diga será um soluço sufocado, então mordo meu lábio e permaneço em silêncio.

Não é como se eles fossem ouvir meus protestos. Preciso economizar energia para poder lutar e escapar.

Kane se levanta, forçando Isabella a tirar suas garras dele.

Ele não olha para mim enquanto calmamente, mas decisivamente, coloca a mão no ombro de Gavin e o empurra.

Inspiro grandes golfadas de ar e me levanto cambaleando, abraçando minha bolsa junto ao peito.

Mas antes que eu possa fazer outro movimento, Gavin agarra meu braço e sorri. —Vamos, Kane. Você precisa usar a vadia. Hora de dividir.

Meu braço dói com o toque forte dele, e quanto mais me afasto, mais forte ele aperta. Acho que ele vai quebrá-lo, mas então a mão dele desaparece.

Kane agarra o braço de Gavin e o torce contra suas costas enquanto fica atrás dele. Com a diferença de altura, ele se eleva sobre ele enquanto fala baixo, perto de seu rosto. —O que eu uso é meu e só meu. Não compartilho meus brinquedos. Entendido?

—Porra! Solta. Você vai quebrar meu braço.

—Depois disso, é a vez do seu pau.

—Davenport, — Preston desliza para o lado dele. —Ele é o nosso goleiro.

—Nosso goleiro saberia qual é o seu lugar agora, não é?

Suas palavras são calmas. Tão calmas que chegam a arrepiar.

O rosto de Isabella se contorce numa expressão feia enquanto ela corre até o irmão. —Kane, solte-o! Por que você está machucando o Gav por causa dessa vadia? Ela nem é...

—Cale a boca, Isabella. — Suas palavras são profundas e definitivas.

Esqueça Isabella, até eu estremeço, na esperança de encontrar um buraco onde eu possa rastejar.

—Fora, — ele ordena, jogando Gavin em Preston. —Todos vocês para fora. *Agora.*

As amigas de Isabella saem correndo dali como se estivessem em chamas. Gavin, Jude e Preston são os próximos.

Isabella é quem fica para trás, com o rosto vermelho e a respiração entrecortada.

Ele apenas a encara com sua expressão serena característica, capaz de derrubar montanhas. —Esperando um acompanhante?

—Você não pode estar falando sério! — Ela aponta o dedo na minha direção. —Ela é uma estranha. Essa vadia é uma *estranha do caralho!*

—Chame-a de vadia de novo e corto sua língua.

Eu estremeço. De novo. Como se tivesse sido atingida por um raio.

Isabella treme toda, suas pernas mal conseguem mantê-la de pé, mas ela sai pisando duro do quarto depois de me lançar um último olhar.

Todos, e eu quero dizer todos que saíram, olharam para Kane como se ele fosse um alienígena antes de saírem.

A sala está carregada apesar da ausência deles. Nossa, está ainda mais sufocante do que quando todos estavam aqui.

Meu instinto de sobrevivência entra em ação e me aproximo lentamente da porta. Quanto mais cedo eu sair daqui, melhor.

Eu não me inscrevi para lidar com esse lado do Kane esta noite. Não importa qual seja esse lado.

No momento em que abro a porta, uma mão a fecha com força por trás e um calor opressivo percorre minhas costas enquanto a voz grave de Kane preenche meus ouvidos. —Onde você pensa que está indo?

Capítulo Onze

Dahlia

Minhas unhas cravam na alça da minha bolsa.

Meus dentes afundam no meu lábio inferior.

E desenho inúmeros círculos no meu polegar numa tentativa de respirar corretamente.

Dentro.

Fora.

Você sabe como respirar. Lembre-se de como respirar.

Mas nenhuma quantidade de movimentos de conforto dissipa a tensão que se acumula no meu estômago.

—Estou indo embora. — Falo claramente, embora minha voz esteja baixa. —Você não pediu para todo mundo sair?

—Você não.

Meu coração dispara e realmente odeio a reação do meu corpo às suas palavras.

Não. À sua voz.

Áspero, profundo e tão perto, sinto a vibração do seu peito contra minhas costas.

Ele nem grita, mas mesmo assim é autoritário. Ele tem um volume impressionantemente monótono que nunca aumenta nem diminui. Mas talvez seja por isso que é assustador.

Eu testemunhei exatamente do que Kane é capaz, então sua imagem calma e

agradável agora é perturbadora em vez de intrigante.

Como o braço dele está acima da minha cabeça, na porta, bloqueando minha saída, imagino que escapar não seja uma opção. Depois de um último círculo com o polegar, giro.

Ele está perto.

Perto demais. O peito dele paira perto do meu.

Tão perto que consigo sentir o cheiro de álcool e menta dos seus lábios.

De tão perto, consigo ver as olheiras que circundam seus olhos azuis gelados.

Tão desumanamente perto, estou presa pelo calor que seu corpo emana, como um portal para o inferno.

Tão perturbadoramente perto, minhas pernas se apertam por uma estranha necessidade de me proteger.

E o mais irritante é que não consigo ler sua expressão.

Ou a falta dela.

Como um quadro em branco, seu rosto está neutro e seus olhos estão opacos, quase como se ele estivesse entediado com toda aquela provação.

Me pergunto se ele tem essa mesma expressão enquanto transa.

Não.

Por que diabos estou pensando em Kane e sexo?

Levanto o queixo. —O que você quer?

—O que *você* quer? — Há um alargamento em suas narinas, um endurecimento em seu tom que se torna autoritário e firme.

—Eu? Foi você quem me aprisionou aqui.

—É você quem continua aparecendo na minha frente. Uma e outra vez. Apesar dos meus avisos claros. Então me diga, Dahlia, você não tem instinto de sobrevivência ou tem uma mania pervertida de morrer jovem?

—Eu não queria aparecer na sua frente esta noite.

—Foi por isso que você escolheu comparecer à festa de comemoração da vitória do *meu* time? Ou por que estava bisbilhotando assuntos que não lhe dizem respeito?

—Não é que eu quisesse estar aqui. Fui convidada por uma amiga.

—Um convite que você deveria ter recusado. — Ele diminui a distância entre nós e seu peito roça meus seios, que de repente ficam pesados. —Mas você nunca foi boa em recusar convites, não é? Você parece sempre se meter em encrenca só de existir.

—Não me insulte. — Não sei como minhas palavras saem coerentes quando estou me afogando em seu cheiro. Quando seu simples toque me coloca em modo de fuga.

Mas eu estou de pé.

Aqui.

De frente para ele.

Por mais tolo que isso pareça.

Nunca me dei bem com pessoas me menosprezando. Isso já me meteu em encrencas maiores do que eu podia suportar, mas me recuso a ser menosprezada.

Kane me encara, com um brilho debochado nos olhos. —Ou o quê? Você vai oferecer seus serviços a outra pessoa?

Levanto minha mão e dou um tapa nele.

Minha palma arde e imediatamente sei que estraguei tudo.

Então, quando ele levanta a mão, fecho os olhos, esperando o tapa. Quase esqueci que ele disse que, se eu o machucasse, ele me machucaria também. Sem hesitar.

Me preparo para o golpe, mas o que me vem é o leve toque dos dedos dele no meu queixo. Pisco lentamente, abro os olhos e meus lábios se abrem.

Kane aperta meu queixo como fez na floresta. Seu polegar e indicador esticam a pele, apertando apenas o suficiente para me manter imóvel.

Ele está estudando meu rosto com total fascínio, como se nunca tivesse me visto antes.

Como se eu fosse um ser estranho que ele está tentando entender.

—Por que você me deu um tapa? — Ele pergunta, seus dedos acariciando minha bochecha no que parece um gesto carinhoso, mas na verdade está travando meus músculos.

—Porque você me desrespeitou, — sussurro, agarrando-me ao meu orgulho bobo.

—Você dá um tapa em todo mundo que te insulta?

—Se eu puder alcançá-los, sim.

—Você não deu um tapa em Gavin e Isabella quando eles te chamaram de vadia.

—Não tive oportunidade desde que você os expulsou.

—Você daria um tapa neles se eu os chamasse de novo?

Eu franzo os lábios.

—Você não faria isso, — ele anuncia como se fosse óbvio. —Sabe por quê?

—Porque Gavin é mais forte que eu e pode me matar?

—Eu também posso te matar, mas isso não te impediu. Quer saber qual eu acho que é o verdadeiro motivo por trás das suas ações?

—Não.

—Vou te contar mesmo assim. As palavras deles não te atingiram. As minhas, sim. — Ele passa o polegar pelo meu lábio inferior, para frente e para trás, para frente e para trás, como um xingamento. —Interessante.

—Isso não é verdade. — Seu polegar roça meus lábios e dentes, e ele observa o movimento.

Fiquei ainda mais surpresa ao ver que minhas palavras soaram como uma mentira para meus próprios ouvidos.

Os olhos de Kane permanecem na minha boca, observando com atenção intensa, como se ele estivesse resolvendo um problema de matemática.

Meus lábios tremem apesar das minhas tentativas de permanecer calma.

—Não. — Sua voz fica mais grave, causando arrepios na minha pele.

—Não o quê?

—Não me tente.

—Não estou fazendo nada.

—Você está tremendo.

—Tremendo?

—Eu te disse, não disse? Seu medo me excita.

Ele enfia a perna entre as minhas, forçando-me a abrir as coxas, que antes estavam travadas. Meus olhos se arregalam ao sentir seu pau grosso e duro, quente e pesado contra minha pele nua.

Lembranças de ser fodida por esse mesmo pau me fazem estremecer. Não

importa há quanto tempo aconteceu. Meu corpo se reergue só de pensar nisso.

Na outra noite, depois que ele me avisou para não ir para a floresta, sonhei com ele me fodendo contra uma árvore e acordei com a mão enterrada nas minhas dobras molhadas. Tomei um banho frio logo depois e prometi encontrar outro caminho e não me aproximar mais do Kane.

Ele é perigoso.

E não pelo que ele é capaz de fazer, mas pela minha reação a ele.

Porque em vez de ter medo dele e da organização satânica à qual ele pertence, tudo o que consigo pensar é no prazer ofuscante que senti em seus braços implacáveis.

Sim, o medo ainda existe, mas definitivamente não é a única emoção que tenho em relação a esse homem.

Aperto meu estômago e minhas coxas, tentando fortalecer minha determinação e não ser afetada.

Um ruído profundo e áspero sai de sua garganta.

—Pare de se mexer. A menos que você vá abrir a boca e me deixar foder sua garganta até eu enfeitar esses lábios vermelhos com meu esperma.

Minha boceta pulsa e a sensação de formigamento que tive depois daquele sonho volta à tona.

—Você é doente, — sussurro, embora as palavras também possam ser dirigidas a mim mesma.

—Eu sei muito bem. Foi por isso que te avisei. Várias e várias vezes. — Ele move a perna para que eu fique sentada em sua coxa. Meu vestido sobe até a cintura, revelando minha calcinha preta.

Então ele se move até seu pau pressionar minha calcinha, provocando uma

pressão profunda. Eu resisto a um gemido. Deus, isso é tão bom.

—E *de novo.* — Ele revira os quadris e empurra novamente.

Mesmo que as roupas nos separem, minha boceta se aperta, exigindo ser preenchida. Nunca me senti sexualmente frustrada, mas acho que é exatamente isso que está acontecendo agora.

—Mas você não se dá bem com avisos, não é? Você é uma florzinha selvagem rebelde que acha que pode sobreviver em qualquer lugar. Mas adivinha?

Ele empurra os quadris para frente, com mais força, esfregando seu pau vestido contra minha boceta faminta enquanto segura meu rosto com as duas mãos, forçando meus olhos a permanecerem nos dele.

É uma invasão diferente da de baixo. Ele pode estar me penetrando sem dó, mas seus olhos gelados... estão fodendo minha alma.

—Eu sou o seu inverno, Dahlia. Nenhuma flor sobrevive ao inverno. Nem mesmo as flores silvestres.

Agarro seus dois pulsos enquanto ele me penetra com uma precisão ofuscante, esfregando o pau e a coxa contra meu clitóris sensível. Minhas costas batem na porta com sua força viciosa, e sinto uma necessidade inexplicável de me agarrar com mais força para me equilibrar. De senti-lo por inteiro me penetrando, despertando as fortes pontadas de prazer dentro de mim.

Deus. Acho que estou quebrada.

Achei que queria sexo gentil, carinhoso e muita preparação para ficar excitada, mas descobri que preciso de sexo violento, sujo e sem nenhum tipo de remorso.

O fato de Kane pegar o que quer sem pedir permissão me deixa tonta.

Poxa, isso me deixa mais molhada.

—Abaixe as mãos, — ele ordena com voz áspera.

Solto seus pulsos e seguro sua cintura por baixo da jaqueta.

E faça uma pausa.

Porque estou falando da definição de pedra.

Ele era tão musculoso assim antes? Apesar da cintura fina, ele é muito definido.

—Dahlia... — O aviso rola pela minha pele como se ele tivesse me lambido. —Não me toque.

—Você também está me tocando. — Cravo minhas unhas em sua pele, recusando-me a soltá-lo.

Seus movimentos diminuem, e quase grito de frustração. —Pare de me tocar ou vou deixar sua boceta molhada insatisfeita.

Minha libido vence e deixo minhas mãos caírem da cintura dele e as pressiono contra a porta para não agarrá-lo instintivamente. Ele não parece ser fã, apesar de estar em cima de mim.

Que droga, ele está mantendo meu rosto como refém. Mas acho que há uma diferença entre o toque dele e o meu.

O meu é mais suave, buscando alguma forma de conexão. O dele é sobre poder, controle e domínio absoluto.

Ele esfrega seu pau para cima e para baixo na minha boceta molhada, seus movimentos são longos e constantes, nunca ficando frenéticos ou desenfreados.

Sua respiração é mais profunda, seu toque é mais forte, mas ele parece estar no comando total.

Eu, por outro lado? Minhas respirações preenchem o espaço, e conter os pequenos ruídos que escapam de mim está além do meu alcance.

—Você está encharcada para alguém que jurou nunca querer ser fodida por mim. — Sua voz rouca enche meus ouvidos e penetra minha pele.

—Reação física. — Tento soar normal, mas minha voz sai rouca e termina em um gemido conforme o ritmo se intensifica.

—Reação física?

Uma pontada de fúria emana dele e penetra na minha pele.

Houve uma longa e profunda retirada antes que ele me jogasse contra a porta.

Acho que vou ali mesmo.

Mas não paro, então o provoco. —É, qualquer um consegue.

—Qualquer um, hein?

Acho que vejo um músculo saltar em seu maxilar, mas ele desaparece imediatamente quando ele desliza seu pênis com tanta ferocidade que uma onda se forma, tomando conta de mim.

Meus olhos se fecham, principalmente porque os dele são tão intrusivos que sinto que vou explodir sob seu escrutínio.

—Você monta em qualquer um, flor silvestre?

Minhas coxas se contraem e percebo que estava me esfregando descaradamente contra sua perna, mais rápido e mais forte, precisando daquele alívio mais do que da minha próxima respiração.

Uma parte de mim fica horrorizada por querer isso. Que Kane consiga me excitar como nenhum outro homem conseguiu.

A simples ideia de Kane desperta uma parte de mim que eu desconhecia. Minha calcinha está úmida e a textura da calça dele cria uma fricção deliciosa contra minha pele sensível.

Minhas coxas tremem e minhas pernas se abrem mais, como se eu pudesse convidá-lo a penetrar em mim através das camadas de roupa.

O som de atrito molhado satura meus sentidos, e estremeço enquanto minha boceta aperta e uma onda cresce e se expande até que não consigo pensar direito.

—Abra os olhos. Olhe para mim quando gozar no meu pau.

Encaro-o lentamente. Tão perto, com suas mãos em volta do meu rosto e seus olhos penetrantes enxergando minha alma, perco a batalha.

Na verdade, nem sinto isso chegando.

O orgasmo chega abruptamente, intensificando-se e fluindo por todo o meu corpo.

Minhas pernas se prendem às dele, e envolvo meus braços em volta da sua cintura enquanto desfruto do prazer ofuscante, gemidos fragmentados escapando dos meus lábios.

O orgasmo continua, e embora não seja tão intenso quanto quando ele me fodeu no chão, chega perto. Provavelmente porque não houve penetração.

Jesus Cristo.

Por que estou pensando em penetração?

—Eu disse para você não me tocar. — Ele solta meu rosto e dá um passo para trás.

Sou forçada a tirar as mãos da cintura dele, com a mente ainda flutuando numa névoa de prazer. —Eu não queria.

—É mesmo? — Ele coloca a mão no topo da minha cabeça, acaricia meu

cabelo, e então me empurra para baixo. —Que mentirosa linda.

Meus joelhos tocam o tapete, e escolho acreditar que o baque no meu peito é por causa do orgasmo e não porque ele me chamou de linda.

O som de um cinto se abrindo me alcança antes que eu olhe para cima. Minha boca seca e o formigamento na minha boceta se intensifica até se transformar numa pulsação dolorosa.

Kane libera seu enorme pau cheio de veias furiosas e se masturba com um movimento brusco.

Quase me esqueci do quão grande ele é.

Quase.

Ele aponta o pau para a minha boca como se fosse uma arma e engulo em seco. Sua mão esquerda agarra meu cabelo, prendendo-o em um rabo de cavalo e usando-a para inclinar minha cabeça para trás. —Você pintou esses lábios de vermelho para mim?

Balanço a cabeça uma vez, de alguma forma encantada.

Ele bate a cabeça do pau na minha boca. Uma vez.

Duas vezes.

—Hmm. Então, para quem é esse batom vermelho?

Seu pré-sêmen pinta meus lábios e escorre para dentro até que sinto o gosto salgado na minha língua.

—Não importa. — Ele bate na minha boca com o pau. —Vou pegar e usar esses lábios vermelhos de qualquer jeito. Abre.

Minha garganta seca e, como se estivesse hipnotizada, deixo minha boca entreaberta.

Digo a mim mesma que, depois do que ouvi esta noite, é inútil me aproximar de qualquer outra pessoa. Ele é claramente o membro mais forte da equipe e provavelmente do campus.

Posso chegar perto dele e usá-lo através de sua libido.

Mas a verdade é que estou morrendo de fome para experimentar.

Nunca fui fã de sexo oral ou boquetes, mas isso é diferente.

Surreal.

Quase como se eu quisesse fazer tudo com esse enigma.

Sempre que fiz um boquete, foi só porque senti que precisava. Porque os caras precisam que chupem o pau para entrar no clima.

Agora não.

Agora minhas coxas estão se esfregando com a perspectiva.

Kane enfia a ponta na minha boca. —Mais largo. Ponha a língua pra fora.

Me viro, tentando acomodá-lo, mas ele é grande tanto em comprimento quanto em circunferência. Meu maxilar dói, e é difícil manter meus dentes fora do caminho, mas consigo encaixar uma quantidade considerável, um centímetro de cada vez.

—Você está chupando meu pau tão bem. Vai me deixar foder sua cara e gozar nessa garganta linda, não é, Dahlia?

Meus ouvidos zumbem sempre que ele chama meu nome naquele tom levemente rouco.

Minha resposta é lambê-lo e agarrar a base com as duas mãos, girando e combinando o ritmo com a minha língua. De vez em quando, o puxo para lamber e chupar a cabeça.

Só porque nunca gostei de boquetes não significa que eu não seja boa. Olho para Kane enquanto lambo, giro e masturbo seu pau endurecido.

O olhar sombrio em seus olhos me deixa mais entusiasmada. Nossa, me excita.

E sei que isso o excita também, porque ele continua engrossando na minha mão.

—Quem te ensinou a chupar um pau desse jeito? — Ele pergunta, com a voz baixa e rouca.

—Mmm, — falo contra sua pele, depois beijo a ponta e chupo. —Você gostou?

Ele puxa meu cabelo até a dor irromper no meu couro cabeludo. —Não. Estou quase dormindo.

Meu coração cai.

Ele tira minhas mãos do seu pau e o agarra. —Abre a boca.

Obedeço e ele me empurra para trás, me amordaçando. Lágrimas brotam dos meus olhos, e acho que ele terminou de brincar e vai se livrar de mim agora.

—É isso aí. — Sinto-o ficando mais grosso e duro. —É assim que se pega meu pau.

Um zumbido invade meus ouvidos e sinto que vou desmaiar, mas ele se afasta. Eu gaguejo e engasgo com a saliva e o pré-sêmen dele, mas seu aperto firme no meu cabelo não me deixa me mexer.

—De novo. Abra.

Ofego, mas sigo o comando. Não quero ficar em dívida com ele por aquele orgasmo, e definitivamente não quero parecer uma desistente. Posso oferecer a ele o mesmo prazer que ele me deu.

Meus lábios se abrem por vontade própria enquanto seguro suas coxas.

Outra estocada profunda, e desta vez, as lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto ele fode minha garganta, meu rosto, minha boca, me fazendo ofegar e gargarejar. Ele usa minha língua para fricção, penetrando em mim com tanta dominância que estou pingando.

Não há razão para eu ficar tão excitada quando ele está me usando, mas acho que *esse* é o motivo.

O fato de ele estar me usando como um meio para seu prazer desperta uma sensação estranha dentro de mim.

—Você fica tão linda de joelhos, flor selvagem. — Ele mexe para dentro e para fora, me forçando a olhar para ele. —Você está se engasgando com meu pau tão bem. Mmm. Boa menina.

Meu coração dispara e penso que suas palavras me farão ter um orgasmo ou algo igualmente ridículo.

Seu ritmo acelera, seus gemidos roucos e profundos ecoam pela sala, e observo com total fascínio enquanto ele joga a cabeça para trás, com os olhos fechados, como um deus do sexo.

Seu esperma desce pela minha garganta, grosso e longo.

—Engula, — ele ordena. —Até a última gota.

Tento o meu melhor, mas consigo sentir gotas de esperma escorrendo pelos dois lados da minha boca.

Kane tira seu pau da minha boca e, para meu horror, ele ainda está meio ereto.

Ele me dá um tapa com ele na boca. —Lamba tudo.

Agarro-o pela base e lambo a pele, passando a língua por todo o seu

comprimento e chupando a ponta na boca, mantendo contato visual intenso. Provavelmente continuo o show por mais tempo do que o necessário.

Kane me observa o tempo todo, seus olhos escurecendo, seu dedo tremendo na parte de trás da minha cabeça.

Então, de repente, ele tira o pau da minha mão, se enfia na cueca e abotoa as calças.

O movimento me pega de surpresa, então apenas sento lá e observo, meus ouvidos ainda cheios de um zumbido vertiginoso e minha cabeça flutuando em outro lugar.

Kane se agacha na minha frente, e o encaro, ofegante. Ele segura meu queixo e, antes que eu possa pensar no que está fazendo, se inclina e passa a língua do canto da minha boca até meu olho esquerdo.

Então ele faz isso novamente no lado direito, sua língua deixando arrepios e formigamentos.

Ele está… lambendo minhas lágrimas?

O que…?

Ele se levanta, enfiando as mãos nos bolsos. —Não chore. Isso me deixa duro.

Capítulo Doze

Kane

O caminho até a casa dos meus pais é rápido e quase sem sentido.

Levo meu Porsche 911 Turbo S ao limite na subida, mas tenho controle total sobre o veículo. O que não se pode dizer do resto da noite.

Meus dedos tamborilam no volante enquanto a casa surge como uma sombra no topo de Ravenswood Hill, uma fortaleza isolada escondida nas profundezas das árvores.

A longa e sinuosa entrada é ladeada por carvalhos imponentes, cujos galhos se estendem acima como dedos esqueléticos. Os pneus do carro rangem contra o cascalho enquanto me aproximo do meu antigo asilo, o som abafado sob o peso opressivo da noite. O ar está carregado com o aroma de terra úmida e pinheiros, misturado a um leve odor metálico que sempre paira na floresta.

Desligo o motor e saio do carro. O frio penetra minha pele, o ar fresco da noite corta meu rosto. Minha respiração forma nuvens à minha frente enquanto caminho em direção à casa, o som suave dos meus sapatos no caminho de pedras é o único som que quebra o silêncio. Já fiz essa caminhada inúmeras vezes, mas ainda parece que estou preso em uma caverna por vontade própria.

Assim que entrei na faculdade, comprei uma cobertura no centro da cidade só para me distanciar desse inferno, mas não dá para escapar do sobrenome dele.

Ou a merda que vem com isso.

O complexo dos Davenport é uma mansão ampla feita de pedra escura, com hera subindo pelo exterior desgastado como veias. Suas janelas são vazios negros, que não refletem nada. A porta da frente é pesada, rangendo levemente quando a abro. Lá dentro, o ar é mais frio e restritivo. O aroma de madeira

envelhecida e couro invade minhas narinas, familiar, mas sufocante.

Cada pedra desta casa testemunhou gerações de Davenports sedentos por poder, oprimidos pelo dever e controladores. Seus retratos decoram o longo corredor por onde passo, um lembrete da riqueza geracional e das almas vendidas ao Diabo.

A fraca iluminação alaranjada projeta sombras sinistras ao longo das paredes, e o peso dos olhares vazios dos meus ancestrais me pressiona a cada passo.

Paro diante de uma janela alta com vista para a imensidão escura do jardim japonês abaixo e para a floresta ao longe. O farfalhar das folhas e o pio ocasional de uma coruja invadem o corredor. Meu reflexo me encara, inexpressivo e distorcido no vidro, como a máquina perfeita em que fui moldado.

Sem emoções.

Sem apego nenhum.

Nenhum outro ser humano tem permissão para ter poder sobre mim.

Ninguém.

—Kane?

Deslizo minha mão esquerda para o bolso e lentamente giro para encarar a mulher que me deu à luz.

Ela está vestida com um vestido de seda branca e um robe combinando, sua aparência fantasmagórica combina com a casa.

Helena Davenport era uma beleza impressionante na juventude, mas agora carrega o cansaço de uma vida passada em sofrimento silencioso. Seus cabelos escuros, antes brilhantes, rarearam e gradualmente se tornaram grisalhos no couro cabeludo. Estão presos em um coque simples, mas elegante, um resquício de sua antiga sofisticação. Seus olhos amendoados, de um azul glacial como os

meus, raramente demonstram emoção, como se o peso da depressão tivesse esgotado sua capacidade de sentir.

Ela caminha silenciosamente em minha direção, com a postura sempre ligeiramente curvada, como se estivesse sobrecarregada por correntes invisíveis. Helena é esguia, mas frágil, como se uma rajada de vento pudesse destruí-la. A menos que seja forçada por obrigações sociais, raramente interage com o mundo fora de seus aposentos privados, onde frequentemente permanece escondida, olhando para o mesmo livro que nunca termina ou conversando com as carpas no lago do jardim.

—Olá, mãe. — Abro um sorriso e me abaixo para que ela possa me abraçar.

Sua mão ossuda bate nas minhas costas sem emoção. Quando ela fala, é devagar, como se cada palavra fosse um incômodo. —Faz muito tempo desde a última vez que te vi. Você cresceu e ficou tão bonito.

—Obrigado, mãe.

—Me chame de mamãe, como quando você era jovem.

—Seria melhor não fazer isso.

Seus ombros caem, mas ela não luta contra isso nem insiste nisso.

Embora sua beleza tenha desaparecido, ainda há uma graça delicada em seus movimentos, um reflexo vazio do que ela costumava ser. A depressão crônica da minha mãe a tornou emocionalmente ausente, seu espírito outrora bondoso entorpecido por anos de pertencimento ao sistema.

Eu achava que Helena era diferente. Ela me amava e me cobria com o carinho que o marido era incapaz de ter, mas depois se recolheu em sua concha e me deixou pelos tubarões.

Aos seis anos de idade.

Depois disso, parei de chamá-la de mamãe e de pensar nela como mãe.

Ela é apenas mais um peão no jogo deles.

—Querido. — Ela coloca a mão no meu braço e é como ser tocado por um fantasma. —Mamãe pede desculpas.

—Eu sei.

—Não pude fazer nada a respeito.

—Eu sei.

—Você me culpa?

—Não.

—Você está dizendo isso só para me apaziguar?

—Claro que não.

Seu olhar se torna vazio, sombras se instalando. —Você fala igualzinho ao seu pai. Eu não gosto disso.

Acaricio sua cabeça como ela fazia quando eu tinha seis anos, depois de quase morrer afogado no calabouço do meu pai e digo a mesma frase que ela me disse naquela ocasião, palavra por palavra. —Você vai se acostumar.

Um soluço sai de sua garganta quando passo por ela.

Se eu fosse o mesmo Kane de quinze anos atrás, teria parado e a consolado. Teria levado ela ao jardim para observar as carpas ou lhe trazido flores.

Mas minha capacidade de desculpá-la por não ser capaz de me proteger ou de sentir simpatia por sua situação já foi tirada de mim há muito tempo.

Minha mãe é apenas uma mulher infeliz que ficou presa nas garras do poder.

Ela deu à luz um bebê fraco, eu, e meu pai fez questão de consertá-lo.

Bato em uma porta de mogno escuro e a empurro.

Com uma bebida na mão, a figura alta do meu pai está de pé junto à janela do chão ao teto. Ele veste um terno cinza sob medida, as costas retas e a postura ereta, ao contrário da esposa que ele quebrou.

Ele inclina a cabeça na minha direção, e é impressionante o quanto me pareço com ele. Mesmo cabelo, mesmo formato de olhos, mesma estrutura óssea. A única diferença entre nós, além dos seus olhos cinzentos e sombrios, são as rugas da idade em seu rosto e seus lábios finos, sempre em uma linha de desaprovação.

Grant Davenport sempre foi meu diretor, não meu pai.

—Kane, você está aqui.

—Você ligou.

Ele caminha até o armário de bebidas e me serve uma bebida, a cor âmbar brilhando sob as luzes amarelas do escritório.

Meu pai me oferece o uísque de malte, senta-se no sofá de couro marrom e faz um gesto para a cadeira à sua frente.

Sento-me, com as pernas bem abertas, projetando a postura relaxada e dominadora que ele incutiu em mim durante anos de tortura.

—Existe alguma razão para minha presença aqui, Pai?

—Não posso pedir para ver meu filho?

—Você pode, mas normalmente não faz isso. Se houver um propósito, eu agradeceria se pudéssemos alcançá-lo.

Um leve sorriso surge em seus lábios. —Você é um verdadeiro Davenport.

Levanto meu copo. —Vou brindar a isso.

O álcool tem gosto de urina na minha garganta, mas mantenho a fachada que ele garantiu que eu usaria como uma segunda pele.

—Vou direto ao ponto. — Grant se inclina para a frente na cadeira e gira o álcool no copo. —Os Osborn estão se mexendo.

Levanto uma sobrancelha.

Esta cidade foi fundada por quatro famílias: Davenport, Armstrong, Callahan e Osborn.

Durante séculos, detivemos o monopólio sobre a cidade, sua política e seu povo. Além disso, garantimos a extensão da nossa influência ao restante da sociedade.

É por isso que a Vencor existe. Com o apoio da riqueza e das conexões que a organização oferece, o seu futuro e o dos seus descendentes estão garantidos.

É por isso que atraímos muitos empresários, políticos e a escória da humanidade.

No entanto, o que os forasteiros não sabem é que sempre houve uma rivalidade interna entre as quatro famílias fundadoras. Cada uma delas quer governar, paralisar as outras famílias e tomar as rédeas.

A reputação é importante, então uma família frequentemente divulga os escândalos das outras famílias para arruinar sua posição social na cidade e encorajar/incitar o voto dos membros para restringir sua influência.

Quando fomos alvo de um ataque como esse há menos de um ano, por causa do meu tio, que foi flagrado por uma câmera transando com um homem, meu pai o baniu da família e do estado.

A homofobia está arraigada nesta cidade, e nenhum membro gay é permitido aqui. Não importa em que ano e época vivemos. Se você não é hétero, não é respeitável.

Mas trair como um campeão não tem problema. Grant enfiou o pau em todas as bucetas disponíveis e é considerado um ‘homem de verdade.’

Idiotas do caralho.

De qualquer forma. As aventuras sexuais do meu tio, embora tratadas impiedosamente pelo meu pai, ainda ferem a reputação dos Davenport. Porque ele não o matou.

Não estou brincando, esperava-se que meu tio morresse por preferir um pau a uma boceta. Que história de Idade Média.

Meu pai não poupou a vida por amor fraternal. Ele não tem essa emoção. Foi mais porque ele é categoricamente contra o derramamento de sangue de Davenport. É um mau presságio.

Além disso, meu tio controla os braços mais fortes da operação comercial de Davenport até hoje.

E ele tem a proteção das conexões mafiosas do namorado, então até as outras famílias precisam ter cuidado antes de colocar as mãos nele.

Tomo um gole do meu uísque. —O que os Osborns, que não têm filhos, pretendem fazer?

—Trazer o bastardo deles de volta.

—Marcus?

—Correto.

—Eu achava que filhos ilegítimos eram inaceitáveis.

—São. A menos que isso ameace a linhagem deles. Seus filhos estão mortos ou morrendo. Marcus Osborn é o único herdeiro homem saudável.

—Então eles estão eliminando completamente Serena Osborn, a razão literal pela qual eles ainda existem, só porque ela é... uma mulher?

—Sim. — Os lábios do meu pai se erguem num rosnado. —De qualquer forma, mulheres não têm lugar em cargos de liderança.

Diz o homem que foi ameaçado por algumas mulheres do clã Davenport depois do banimento do meu tio, então ele as expulsou do país.

Giro meu copo enquanto me inclino para trás. —Marcus cresceu como um bandido em Stantonville, e tenho quase certeza de que ele não vai aceitar a mão estendida dos Osborn depois que eles jogaram ele e a mãe dele na rua.

—Eles encontrarão uma maneira de prendê-lo de volta.

—E você vai permitir isso?

—Não se eu puder evitar. No entanto, se houver uma votação geral, não podemos negar o direito deles de trazer de volta um herdeiro homem. É imperativo que tomemos providências antes que isso aconteça.

—O que você sugere?

—Ele é o capitão dos Stanton Wolves, não é? Certifique-se de que ele não se importe com essa ideia. De capitão para capitão.

—Ele não está no meu nível.

—Então contrate alguém para fazer o trabalho por você. Jude ou Preston ou aquela Drayton que quer se casar com você. Mulheres são apenas objetos para serem usados e um acessório para vestir.

Idiota de merda. —Anotado.

—Os Osborn não podem recuperar sua posição. Não depois que os Armstrongs esmagaram e diminuíram seu poder recentemente. Todos os outros deveriam estar abaixo de nós. — Ele se levanta e dá um tapinha no meu ombro, seus dedos afundando na carne. —Lembre-se, Kane. Sem distrações.

Imagens de pele macia, bochechas coradas e batom borrado se repetem em

minha mente como um filme antigo. Ainda sinto seus lábios vermelhos e vibrantes em volta do meu pau e vejo a bagunça que fiz com aquele batom depois que terminei com ela. Seu aroma de jasmim, delicado, assombroso, permanece em meus sentidos.

Um desejo renovado me invade, e uma fome como nunca senti me corrói.

Eu não deveria ter tocado nela novamente.

Eu não deveria ter perdido o controle por causa de um ninguém.

E ela não é *ninguém.*

Mas o jeito como ela olhou para mim, aqueles olhos castanhos cheios de uma mistura de curiosidade e desafio, provocou uma parte primitiva de mim que mal consigo reprimir.

Mas já terminei.

Estou de volta ao controle.

—O que você acha que eu sou? Um amador? — Digo a Grant com uma expressão que reflete a dele.

Ele acena em aprovação, assumindo que estamos do mesmo lado.

Deixamos de estar do mesmo lado no dia em que ele deixou de ser meu pai.

Cada um por si.

Depois que me tornar um Fundador, vou derrubar esse homem.

Mais um ano.

Só mais um.

Sobrevivi 21 anos. Mais um não é nada.

Então é isso mesmo que eu digo.

Dahlia Thorne não será uma distração.



Na manhã seguinte, apareço na aula de psicologia.

Acontece que a Dahlia também faz.

E não, não descobri isso porque ela é uma distração. Sou apenas observador por natureza e percebo muitas coisas sobre muitas pessoas, mesmo quando elas ignoram o fato.

Por exemplo, o Pres aqui está escondendo alguma coisa, e embora eu ainda não tenha certeza do que é, sei que é grande o suficiente para que ele escorregue.

Por escorregar, quero dizer que tanto Jude quanto eu temos observado mais atentamente o comportamento dele. E isso diz muito, já que Jude também não está em melhor forma.

Preston e eu estamos sentados perto do fundo da sala de aula enquanto o resto dos alunos zumbem por ali, conversando como insetos.

—O que você está fazendo aqui? — Ele pergunta à minha direita, girando uma caneta preta e piscando para a morena sentada à nossa frente.

Folheio o livro como se me importasse. —Eu me inscrevi para a aula no começo do semestre.

—Mas você nunca comparece.

—Agora estou.

—Por que logo agora?

—É um momento tão bom quanto qualquer outro.

—É, é. Aposto que sua decisão totalmente *racional* não tem nada a ver com suas ações irracionais de ontem à noite.

Faço uma pausa e, em seguida, viro a página lentamente. Preston enviou uma série de mensagens para o nosso grupo de bate-papo ontem, se vangloriando e sendo um verdadeiro pé no saco.

O que eu ignorei, naturalmente. E Jude se divertiu.

—Não havia nada de irracional. — Folheio as palavras na página. —É tudo parte de um plano.

Preston sorri, seu rosto se transformando de dócil em demoníaco num piscar de olhos. —Então você não se importaria se eu me juntasse ao plano e fizesse minha jogada?

Me inclino para trás na cadeira e, embora eu pareça relaxado, a conversa dos alunos se dissipa, assim como as tentativas das meninas de chamar nossa atenção e flertar.

—Você fez um movimento e ela te rejeitou, Pres. Entenda a indireta.

—Aquilo não foi um movimento. Foi uma sugestão. Você nem viu o meu movimento de verdade. — Seu sorriso se alarga. —Falando no diabo.

Minha atenção se concentra em Dahlia, que entra na sala de aula com alguns livros na mão e uma bolsa pendurada no ombro. Ela tem a imagem de um gato usando óculos escuros e, logo abaixo, algumas palavras escritas em uma fonte divertida: “Fluff you, you fluffin' fluff[3]”.

O que é isso? Ensino fundamental?

E ainda assim meu olhar a estuda, absorvendo-a completamente como se ela fosse uma droga que estou inalando profundamente em meus pulmões.

E eu nem uso drogas.

Dahlia veste jeans, camiseta branca, jaqueta de couro surrada e seus tênis brancos de sempre. Seu cabelo está solto, caindo sobre os ombros em ondas

suaves, emoldurando a expressão irritantemente determinada em seu rosto.

Eu odeio esse olhar.

Odeio que ela sempre tenha isso, não importa o que ela passe.

É isso que me faz querer quebrá-la em pedaços.

Esmagar ela.

Arruiná-la tanto que ela nunca mais conseguirá ficar de pé.

Veja se ela ousa olhar para mim.

—Você está babando, — sussurra Preston, e acena. —Thorne! Aqui, guardei um lugar para você.

A sala inteira a encara.

É incomum que alguma das meninas consiga sentar conosco. Isabella e suas subordinadas garantiram isso. Então, elas só se aproximam se um de nós as chamar.

Dahlia levanta a cabeça e faz uma pausa, enquanto seu dedo indicador traça mensagens enigmáticas em seu polegar.

Como uma bruxa.

Não ficaria surpreso se ela fosse capaz de fazer algum tipo de poção.

Os olhos dela encontram os meus e ela segura meu olhar por um segundo.

Dois…

Três…

No quarto, ela volta sua atenção para Preston e oferece um sorriso ensaiado enquanto se aproxima.

Seus passos são tranquilos e confiantes, apesar dos sussurros e da atenção

indesejada que lhe são direcionados. Ela para ao nosso lado e, em vez de seguir em frente e chegar ao assento vago ao meu lado, faz um desvio completo e vai para o lado de Preston.

Meu dedo indicador treme, mas volto a me concentrar no livro e começo a ler bobagens sobre política.

—Oi, — ela sussurra, e sinto seu olhar em mim.

—Aqui, querida. — Preston aponta para si mesmo como um gigolô. —Fui eu quem guardou o seu lugar.

—Obrigada.

—O prazer é meu. Qualquer coisa por uma bela dama.

Viro a página calmamente, mesmo sem ter lido uma única palavra.

Preston não pode morrer.

Dahlia é apenas um peão.

—Escute, — ele continua. —Ouvi dizer que o Kane está te dando trabalho. Esqueça ele. Ele é muito rígido e reservado e não sabe como tratar mulheres. Que tal você vir até mim? Você pode se juntar a mim e ao time na próxima sexta-feira, depois do jogo, como minha convidada pessoal. É uma festa super exclusiva para o círculo íntimo.

Posso sentir seu olhar em mim novamente.

Como se ela estivesse esperando um sinal, uma palavra ou qualquer coisa que a ajude-se em sua decisão.

Não ofereço nada.

Vamos ver o quão desesperada ela realmente está.

—Pare de olhar para ele. Ele não se importaria. Certo, Kane?

—Eu não faria isso. — Levanto a cabeça e sorrio. —Na verdade, você deveria trazer alguns dos seus velhos amigos do Stanton River College. Seria muito mais... interessante.

Preston faz uma pausa e a encara por alguns instantes. —Você estudou na SRC?

Ela concorda. —É. Só vim para a GU este ano.

—Ela não só estudou na SRC, como também namorou seu jogador de hóquei favorito, Pres. Quem era mesmo? — É a minha vez de sorrir. —Certo. Osborn. Você devia convidá-lo para a nossa reunião, Dahlia.

—Eu não cheguei a namorar o Marcus de verdade, — ela desabafa. —A gente saiu, tipo, duas vezes e depois percebemos que não tínhamos nos dado bem.

—Mas você meio que namorou, — eu digo. —É só isso que importa. Certo, Pres?

Desde o nosso primeiro jogo contra os Wolves, Preston despreza a garra de Marcus. Provavelmente porque Marcus o bloqueia sempre que tem oportunidade e não se importa em ser penalizado. Algo com que Preston se importa e, portanto, não é tão agressivo em suas jogadas.

Acontece também que, além de mim, Osborn é o único jogador de hóquei em toda a liga que não se incomoda com as provocações de Preston, feitas com um sorriso. Algo que enfurece profundamente meu amigo.

Então, o que ele faz? Tenta explorar o máximo possível as fraquezas de Osborn só para derrubá-lo. Não importa qual seja o placar entre os Vipers e os Wolves, Preston e Marcus sempre parecem ter o jogo dentro do jogo. E provavelmente continuará assim até que Preston tenha uma clara vantagem.

Ele se recusa verdadeira, completa e categoricamente a se afastar de uma

situação que não sai como ele deseja. Ele pode parecer simpático, mas é um filho da puta insuportável quando persegue um objetivo.

E por causa de sua aversão ao ‘time de caridade,’ como ele chama os Stanton Wolves, ele está extremamente enojado com a comitiva de Osborn.

Não ajuda que Marcus tenha roubado a namorada do Preston. Ou quase namorada.

Desde então, no momento em que Preston descobre que uma garota dormiu com seu rival, ele imediatamente perde o interesse. O que é ótimo, vindo de Preston, que transa com qualquer garota disponível.

Então isso torna Dahlia proibida.

Permanentemente.

Papai estava certo. Vou usar Preston contra Marcus e Marcus contra Preston.

Uma situação vantajosa para todos.

—É mesmo? — Ele pergunta com um sorriso, mas seu olhar está impassível. —Por que vocês não se deram bem?

Ela franze a testa. —Ele é meio babaca.

Estreitei os olhos. Osborn fez alguma coisa com ela.

O quê? Não sei, mas vou descobrir.

—Davenport também, — Preston sorri. —Mas você já sabe disso.

O professor entra enquanto Dahlia olha para mim, abre a boca, depois a fecha e olha fixamente para seu caderno.

Preston pega o telefone e se concentra nele em vez da aula.

Eu?

Continuo observando a garota que jurei que nunca seria uma distração.

A garota que não deveria estar nesta cidade em primeiro lugar.

Meu telefone emite um sinal sonoro e o pego.

Dahlia: *Por que você está frequentando essa aula de repente?*

Eu*: Preciso de um motivo para frequentar uma aula na qual estou matriculado?*

Dahlia: *Uma aula que você nunca assistiu.*

Eu: *Estou fazendo isso agora.*

Dahlia: *Você está me perseguindo?*

Eu: *Você quer ser perseguida? Porque eu topo.*

Um tom vermelho cobre suas bochechas, e ela me lança um olhar penetrante. Pena que não há batom vermelho hoje, mas qualquer vermelho serve.

Dahlia: *Achei que você me queria longe da sua vista?*

Eu: *Mudei de ideia. Parece que preciso ficar de olho em você, minha flor silvestre.*

Capítulo Treze

Dahlia

As amostras de DNA não correspondem.

Isso se aplica aos três caras cujo DNA roubei na festa.

Price, Novak e Kane.

Então, depois que ele fodeu meu rosto e gozou na minha garganta três dias atrás, guardei um pouco do esperma dele na minha boca e depois o ensaquei.

Gostaria de pensar que essa é a única razão pela qual deixei que ele me usasse como uma boneca de pano, mas a pulsação entre minhas pernas na época e muito tempo depois de eu chegar em casa não comprovam essa teoria.

De qualquer forma, o fato de o DNA dele não estar presente sob as unhas da minha irmã foi um alívio que não sabia que precisava até cambalear até o balcão do laboratório.

Caramba.

A inocência dele é tão importante para mim?

Por que?

Porque eu ardo pelo seu toque? Porque a sua mera presença me perturba a ponto de perder o controle?

Mas isso não importa. Eu já fiz sexo antes. Sexo é físico e não significa nada.

Então por que diabos…?

Olho fixamente para o resultado do teste de DNA e o guardo no jaleco. A última coisa que preciso é perder esta bolsa por realizar testes de DNA ilegais. *E* por ter como alvo os deuses do hóquei da cidade.

Todo mundo aqui parece obcecado pelo time. Até a Sra. Hales perguntou se eu poderia pegar o autógrafo do Preston, já que estudamos na mesma faculdade. Aparentemente, ele é o mais popular e atrai todo mundo sem esforço.

Kane fica em segundo porque ele é muito bem-educado e um *sonho,* palavras da Sra. Hales, não minhas.

Que sonho, o caramba. Ele usa a máscara tão bem. Até eu fui enganada por ele no começo.

Jude, por outro lado, é um azarão dentro e fora do rinque. Há uma brutalidade nele que só atrai uma certa categoria de pessoas. Ele também não se esforça para exibir um sorriso como Preston ou uma máscara como Kane.

O que você vê é basicamente o que você obtém.

Já que ele e o resto da equipe são meus próximos alvos na caça ao DNA, preciso me aproximar da equipe.

Depois disso, vou descobrir uma maneira de influenciar Kane a me tornar um membro ativo da Vencor. Até agora, ele rejeitou todas as minhas tentativas de me tornar um membro ativo da organização.

Quando tentei fazer amizade com Preston, Kane de alguma forma conseguiu dizer as palavras certas para fazer seu amigo perder completamente o interesse na minha companhia.

Eu sabia que aquele babaca do Marcus era problema. Nunca deveria ter saído com ele, para começo de conversa. Na época, o sobrenome dele não significava muito para mim, e não queria acreditar nos boatos que circulavam sobre ele e seu passado sombrio.

Eu mal sabia que ele era, na verdade, um grande psicopata.

Não sei como Kane conseguiu essas informações sobre minha vida amorosa, e isso me deixou ainda mais paranoica.

O quanto ele sabe sobre mim?

Por quanto tempo posso enganá-lo?

Será que eu consigo *enganá-lo*?

Com sua personalidade indecifrável e ações imprevisíveis, é ele quem engana as pessoas, e não o contrário.

Ainda assim, a única maneira de me aproximar da equipe e dele é fazer com que ele confie em mim.

A qualquer custo.

Ele me defendeu outro dia na festa do Drayton, então não é como se ele não se importasse nem um pouco. É um bom começo.

Embora eu ache que ele se importa mais com a degradação através do sexo. O que eu posso *tolerar.*

Mentirosa.

Minhas coxas se contraem só de pensar nisso. E estou realmente lutando para aceitar o fato de que gosto de algo tão doentio.

Um som alto de vibração ecoa na mesa vazia do laboratório e me afasto dos meus pensamentos.

Minha postura se endireita quando vejo o texto. Por que a simples visão do nome dele me deixa hiperconsciente?

Kane*: Você se inscreveu no motoclube.*

Eu: *Sim, e daí? Isso é mais um anúncio das suas tendências stalker?*

Kane: *Não tem perseguição nenhuma. Estou de olho em você. E você não vai a esse clube.*

Eu: *Por que não?*

Kane: *Porque você só quer estar lá por causa do Jude, e consigo ver seus truques a quilômetros de distância. Pare com isso.*

Eu: *E se eu não fizer?*

Kane*: Então terei que agir de acordo com meus avisos.*

Encosto as costas no balcão. Algo deve ter me atingido na cabeça desde aquela iniciação, porque digito:

Eu: *E como você vai agir em relação a eles?*

Kane: *Pergunte à sua boceta dolorida e ao seu maxilar machucado. Eles sabem exatamente como eu reajo à desobediência.*

Eu: *Esqueci. Talvez você não tenha causado tanta impressão.*

Kane: *Ou talvez se fosse até aí e te tocasse, te encontraria encharcada só de pensar em ser usada por mim, Dahlia. Você está morrendo de desejo. Posso ver nos seus olhos quando olha para mim.*

Ele está certo, mas não precisa saber disso.

Eu: *Você não é tão especial assim. Acredite, já tive um pau melhor.*

Kane: *Boa tentativa. Esses joguinhos não funcionam comigo.*

Eu: *Sem brincadeiras. Só fatos ;)*

Kane: *A única coisa que sei é que se eu te tocasse, você derreteria nos meus braços. Você é uma vagabunda pelo meu pau, flor selvagem.*

Eu: *E você é um babaca pela minha boceta, mas não me vê dizendo o óbvio.*

Kane: *Você é só um buraco que eu uso. Nada mais.*

Meus lábios se franzem e odeio o leve baque atrás das minhas costelas.

Eu*: Não foram usados buracos de verdade durante a produção deste filme.*

Pelo menos, não nas últimas... semanas. Não é de se espantar que você não seja tão especial assim.

Kane: ***Dahlia*****.**

Eu: *Sim?*

Kane: *Eu disse para não me tentar.*

Eu: *Estou apenas tendo uma conversa civilizada.*

Kane: *Você só é civilizada quando fica em silêncio. O que acontece quando você está engasgando com o meu pau.*

Eu: *Você é um pervertido.*

Kane: *Eu sei. Passei os últimos dias imaginando sua boceta estrangulando meu pau enquanto você gritava e chorava. Quero ver suas lágrimas de novo.*

Minha mão treme ao redor do telefone. Esse... babaca doente.

Eu: *Passe difícil. Não gosto de dor.*

Kane: *Questionável. Enfim, venha assistir ao jogo amanhã. Eu te mando um ingresso.*

Eu: *Por que eu iria?*

Kane: *Achei que você fosse minha fã, não?*

Eu: *Talvez eu tenha mudado de ideia.*

Kane*:* *É adorável pensar que você pode.*

Eu: *As pessoas mudam de ideia o tempo todo.*

Kane*:* *Esteja lá.*

Em seguida, ele anexa um ingresso para um assento bem na frente. Nunca sentei na frente em nenhum jogo, muito menos em um time extremamente

cobiçado como os Vipers.

Não que eu vá seguir a ordem dele e ir lá só porque ele me mandou.



Então eu vim mesmo assim.

Não importa o quanto despreze a atitude do Kane em um nível pessoal. Ainda preciso que ele confie em mim e me permita me aproximar.

Até comprei a camisa dele na loja de produtos lá fora e revirei os olhos.

O jogo de hoje à noite é contra o Blackhawks, um dos times mais ferozes da liga e atual campeão de Michigan.

A Vipers Arena está lotada de pessoas boquiabertas ao verem dois titãs se enfrentando. Elas vibram de excitação incontrolável sempre que há contato.

A pista pulsa com vida, o rugido da multidão vibra no ar como um zumbido elétrico, que penetra em meus ossos.

O ar frio penetra na minha pele, mesmo através das várias camadas de roupa. Como todo mundo, minha atenção está concentrada no jogo. O staccato agudo dos patins cortando o gelo, o baque dos corpos se chocando, tudo se funde em uma sinfonia caótica de poder e violência.

No entanto, o jogo não está realmente no meu radar.

Estou mais focada no homem que comanda o gelo como um guerreiro.

Kane.

E percebo que a maneira como ele joga é uma representação fiel da sua personalidade. Ele se move como um predador, calculando cada movimento com precisão mortal. Sua estrutura alta corta os jogadores adversários, e seus olhos azuis-gelo nunca deixam o disco.

Há algo no jeito como ele toca, sua presença magnética, impossível de ignorar. Seus patins raspando no gelo são como uma facada nos meus sentidos. A frieza e a nitidez de seus movimentos cortam o ar, acelerando meu pulso.

O disco desliza pelo gelo e Kane o agarra. Seu taco se conecta ao disco em um movimento único e fluido que leva a torcida à loucura. Até me inclino para a frente no assento. Cada músculo do seu corpo parece sintonizado com o jogo, a maneira como ele domina o gelo, o controle que exerce, é inebriante.

Não. Aterrorizante.

Há uma calma nele, uma autoridade que contrasta com o caos do jogo. Cada vez que ele se move, uma força sutil surge sob a superfície. Ele finalmente chuta, e é um chute perfeito, o disco batendo na rede com um estalo forte que leva a torcida ao delírio.

Kane não reage. Seu rosto permanece indecifrável, frio, enquanto patina de volta para o centro do gelo, sem responder aos aplausos.

Acho que o vejo olhando na minha direção, mas é um olhar passageiro e provavelmente fruto da minha imaginação.

—Nos encontramos novamente, Dahlia.

A voz baixa e perturbadoramente maliciosa me deixa nervosa. Estava tão concentrada em Kane que não prestei atenção ao que me cercava, então não percebi quando um demônio personificado se aproximou de mim.

—O que você está fazendo aqui, Marcus? — Falo em meio ao caos da multidão.

Ele se senta ao meu lado quando juro que o assento estava ocupado por uma senhora há menos de dez minutos. Penso em me mudar para outro lugar, mas a arena está lotada.

—É assim que se cumprimenta, baby?

—Não sou sua baby, — digo entre dentes cerrados.

Ele sorri, mas é um sorriso predatório, na melhor das hipóteses.

Marcus Osborn é uma presença inquietante, uma força de energia caótica mal contida em sua estrutura alta e esguia. Seu rosto é anguloso, com maçãs do rosto salientes e um maxilar que poderia cortar vidro, mas são seus olhos que revelam a profundidade de sua brutalidade. Seus olhos escuros, quase negros, são frios e vazios, mas há um lampejo de selvageria neles, como uma tempestade em constante formação.

Uma fina cicatriz atravessa sua sobrancelha direita, um lembrete constante da violência que ele sofre e inflige. Seus lábios, muitas vezes contorcidos num sorriso cruel, sugerem seu prazer com a dor que causa e a emoção que sente ao levar os outros ao limite.

Como ele fez comigo uma vez.

—É por isso que você está usando a camisa do Davenport? Você com certeza sabe como subir na hierarquia.

—O que eu faço com a minha vida não é da sua conta.

—Eu sei. Só estou decepcionado com suas escolhas de vida.

—Melhor do que as escolhas de vida que você tinha em mente para mim.

Ele sorri, mas não diz nada.

Percebo hematomas roxos e raivosos nos nós dos seus dedos. Embora não seja tão corpulento quanto Jude, Marcus tem uma constituição forte e musculosa, e não é estranho a confrontos físicos, sendo seu método preferido de comunicação frequentemente os punhos ou pior.

Ele é só má notícia para todos os lados.

Traço círculos com o polegar. —O que você está fazendo aqui?

—Assistindo ao jogo. Como você.

—É só isso?

—Sim. Os Vipers e os Blackhawks são nossos rivais, lembra? Ou você esqueceu de onde veio depois que se envolveu com os garotos ricos e elegantes?

Abro a boca para dizer algo quando as tábuas à minha frente chocam com um impacto violento. Meus olhos se arregalam ao se chocarem com os de Kane. Ele acabou de empurrar um jogador do Blackhawks com tanta força que estou surpresa que as tábuas não tenham se estilhaçado.

Ele me encara por um breve instante. Frio, inexpressivo, mas algo cintila ali, algo sombrio e intenso que me imobiliza.

O árbitro não marca pênalti, e os Vipers recuperam o disco. Kane avança para o ataque, retomando o jogo em ritmo acelerado.

—Hmm. — Marcus coça o queixo enquanto me observa. —Interessante.

—O que você quer dizer?

—Davenport não faz checagens violentas. Ele costuma ser extremamente perspicaz e intervém de forma limpa. Devo dizer que prefiro essa versão dele.

Franzo a testa, mas antes que eu possa considerar as palavras de Marcus, ele acena para o rinque e diz algo que não consigo ler a tempo.

Quando sigo seu campo de visão, vejo Preston encarando-o de volta por uma fração de segundo antes de patinar com o disco.

Preston é uma sombra no gelo. Ele não bate nem empurra, mas sua presença ainda é sentida. Há uma suavidade em seus movimentos, uma graça natural enquanto ele navega pela pista, ziguezagueando entre os jogadores com facilidade. Ele não é barulhento nem agressivo, mas seu estilo é letal em sua precisão. Cada passe e cada jogada são estratégicos, como se ele estivesse cinco

passos à frente de todos os outros.

Enquanto Jude ataca os jogadores adversários com uma força que faz os corpos voarem em direção ao tabuleiro, Preston evita isso a todo custo.

—Ei, Marcus?

—Hmm? — Ele diz sem tirar seu olhar calculista do jogo.

—Você conhece Preston?

Ele inclina a cabeça na minha direção, repuxando levemente o canto dos lábios. —Por quê? Ele disse que me conhece?

—Não. Mas ele meio que não gosta de mim desde que descobriu que estivemos juntos.

Um sorriso lento e malicioso se abre em sua boca. —É mesmo?

—Sim. O que você fez?

— *Eu*? Nada.

—Você quer que eu acredite que ele não gosta de você sem motivo?

—Ah, tem um motivo. Ele não consegue me bater nem me irritar, não importa a tática que use. Isso o irrita. E gosto de ver o principezinho perdido.

—Tem certeza de que é só isso?

—O que mais poderia haver? Pessoas como nós não frequentam os mesmos círculos que eles, baby. — Todo o seu humor desaparece. —Você vai descobrir isso no seu próprio tempo.

Depois disso, ele fica em silêncio, mais focado na pista.

Eu também me distraio quando o jogo se transforma numa guerra literal. Um choque brutal de poder e estratégia.

Em meio a tudo isso, é Kane quem me mantém refém. Mesmo em meio ao caos, seu controle é absoluto, e a maneira como ele comanda o gelo é hipnotizante. Cada vez que ele se move, é como uma pulsação percorrendo meu corpo, me lembrando de quão perigosamente perto pretendo chegar de alguém que deveria me aterrorizar.

E, no entanto, quanto mais o observo, mais forte se torna minha sensação de apreensão.

Que tipo de criação Kane teve que o transformou em uma verdadeira máquina de gelo? É possível alguém ser tão tecnicamente perfeito? Não sei se é porque comecei a ver o hóquei recentemente, mas nunca o vi cometer nenhum erro.

Depois que o jogo termina a favor dos Vipers, por pouco, os jogadores vão para a área do banco e depois para o vestiário.

Kane segue com a mão no pescoço de Preston enquanto fala perto do ouvido dele, mas ele não me reconhece.

No início do jogo, o primeiro lugar para onde ele olhou assim que entrou no gelo foi para mim. Acho até que vi uma expressão de satisfação.

Mas agora ele sai do rinque sem olhar para trás.

Meu coração afunda.

Por que diabos ele me pediu para vir assistir se ia me ignorar? Será que é só mais uma tática?

Enquanto a arena começa a esvaziar, com a multidão conversando animadamente, Marcus e eu não nos movemos.

Ele não parece estar com pressa, mas a última coisa que quero é ficar perto desse babaca. A única razão pela qual fico é porque quero arrancar informações dele.

O encaro. —Ei, Marcus.

—Sim?

—Você é um pivô como Kane, mas por que vocês dois jogam de forma diferente?

Ele coloca as duas mãos atrás da cabeça e se recosta no banco. —Então agora você é especialista em hóquei? Juro que você nem sabia quantos jogadores havia em um time alguns meses atrás.

—As pessoas aprendem. Então me diga, qual a diferença entre vocês dois?

—O que você notou de diferente?

—Os movimentos de Kane são mais suaves.

—Ele é tediosamente técnico. Assim como Armstrong. Eles aprenderam hóquei com treinadores e campos caros que só poderiam ser pagos pela riqueza de sua geração. Eles acham que a violência é inferior a eles, então evitam isso, aconteça o que acontecer. Deveriam jogar tênis em vez de hóquei.

—Mas Jude é violento.

—Ele é diferente. Tem um talento nato que não poderia ser destruído por técnicos caros. É o único digno de respeito dos três. Provavelmente foi ele quem os arrastou para o jogo também.

—Estou certa em pensar que adquirir tais habilidades técnicas significa treinamento rigoroso e uma rotina rígida?

—Sim. Ouvi dizer que eles passaram a infância num internato só para meninos, onde aprenderam... *disciplina severa.*

Meu couro cabeludo formiga de inquietação. —Como eles foram ensinados?

—Pergunte a ele. — Ele sorri. —Se tiver coragem.

Antes que eu possa insistir mais, ele se levanta e sai.

Algumas garotas o notam e o seguem como mariposas em direção ao fogo. Quer dizer, sei que o Marcus é incrivelmente bonito, com toda essa atitude *de "je ne sais quoi*[4]*"*, mas deveria haver algum senso de lealdade à nossa faculdade. O Marcus é como o arqui-inimigo do nosso time.

Quero dizer, os Vipers.

Não é *nosso* time.

Depois de ficar por algum tempo até a arena esvaziar, a segurança me pediu para sair.

Ao sair, verifico minhas mensagens e meu humor piora quando não encontro nada de Kane.

Deveria ter passado meu precioso tempo ao lado de Violet em vez de atender aos seus caprichos estúpidos.

Meus passos são letárgicos enquanto me dirijo ao estacionamento onde deixei minha bicicleta. Está vazio agora, exceto por alguns carros. A luz é mais fraca ali, e o silêncio paira como uma camada de poluição.

Acelero o passo em direção ao estacionamento de bicicletas e paro.

A bicicleta não está lá.

Alguém roubou?

Nem é tão boa assim. Chuto o poste e gemo de dor.

Droga. Minha bicicleta é meu único meio de transporte. Não tenho dinheiro para comprar outra.

Um carro para ao meu lado e olho para cima, com a testa franzida.

A janela traseira dourada de um Rolls-Royce abre para revelar Isabella

Drayton.

Seu cabelo está preso em um rabo de cavalo e ela me olha de cima como se eu fosse a sujeira sob os pneus do seu carro. —E aí, Charity[5]? Não consegue achar uma carona para casa?

—Meu nome é Dahlia e meu negócio não é da sua conta.

—Eu ia te oferecer uma carona. Como caridade, Charity.

—Não, obrigada. — Procuro ao redor para ver se a bicicleta foi movida.

—Você não pode me recusar. Quando eu peço, você só obedece, sua vagabunda.

Me viro em direção a ela, prestes a lhe dizer umas palavras, mas uma sombra aparece atrás de mim.

Antes que eu possa descobrir quem é, algo pica meu braço.

Pego o bisturi que sempre guardo na minha bolsa, mas ele cai no chão.

—Você…— Minha língua para de se mover e minha visão fica turva.

A última coisa que vejo é o sorriso maligno de Isabella enquanto o mundo fica escuro.

Capítulo Quatorze

Dahlia

Silêncio agora, minha querida, a lua está no céu,

As ondas na praia cantam uma suave canção de ninar.

As estrelas no céu observarão enquanto você dorme,

E leve seus sonhos para o oceano tão profundo.

A voz suave da mamãe ecoa em meus ouvidos enquanto minhas pálpebras se fecham, oscilando naquele lugar sonhador entre a vigília e o sono.

—Mamãe? — Sussurro, mas não tenho certeza se sai algum som.

Minha cabeça pesa e meus membros estão paralisados, como se eu estivesse acorrentada à cama áspera abaixo de mim. Os traços gentis da mamãe parecem borrados por trás das minhas pálpebras avermelhadas, mas sua voz suave continua na escuridão.

Descanse agora, minha doce, a suave canção da noite,

Irá embalar você junto à maré enquanto ela avança.

O mar sussurra suavemente, o vento cantarola uma melodia,

E logo você estará dançando sob a suave lua.

—Você está aqui para me pegar, mãe?

Uma mão calejada pousa na minha e ela para de cantar. —Quer que eu te pegue, querida?

—Hmm. Estou tão cansada, mamãe. É exaustivo.

—Então venha se juntar a nós.

—Dahl! — Chama uma voz familiar, com uma urgência de pânico permeando sua suavidade habitual.

—Vi?

—Não me deixe, Dahl. Prometemos ser a família uma da outra. Dahlia! Dahlia, por favor! Eu só tenho você.

O mar sussurra suavemente, o vento cantarola uma melodia,

E logo você estará dançando sob a suave lua.

A canção de ninar da mamãe ecoa ao meu redor misturada aos gritos de Violet, até que meus sentidos explodem em um caos enlouquecedor.

Meus olhos se abrem de repente.

Um teto branco com uma mancha de mofo no canto me cumprimenta primeiro.

Tento me sentar, mas meus membros estão tão pesados que minha cabeça cai de volta.

Quente.

Estou com tanto calor que minha garganta está seca e sinto como se minhas roupas fossem minhas piores inimigas.

Onde estou?

O que aconteceu?

Olho ao redor. Um pequeno quarto branco, completamente estéril, exceto pela cama de metal em que estou deitada.

O lugar está escuro, banhado por uma suave luz âmbar que projeta sombras longas e bruxuleantes nas paredes. Tudo parece errado. Nebuloso. O ar ao meu redor é denso, opressivo, sufocando-me com seu peso.

Mais uma vez, tento me levantar, mas é como se meu corpo estivesse preso por amarras invisíveis.

O mundo gira ao meu redor, borrando as bordas. Então meus sentidos retornam em fragmentos nítidos e chocantes. Um calor insuportável se espalha pela minha pele, um fogo que se acende de dentro para fora. Meu coração bate forte nos ouvidos, cada batida forte, pulsando em minhas veias.

Cada toque no tecido me causa arrepios, amplificando o calor escaldante.

Inspiro fundo, mas meu peito está apertado, cada respiração superficial e irregular. Um leve cheiro de suor e algo picante paira no ar e na minha garganta cada vez que engulo.

A cama abaixo de mim é macia, contrastando com a tensão que se acumula em meus músculos.

Algo está errado.

Meu corpo está muito quente, meus pensamentos muito lentos. Minha pele formiga, cada centímetro de mim está fora de sincronia, mas muito consciente de tudo.

O ar é como se dedos deslizassem sobre mim, provocando, puxando o calor que cresce em um ritmo avassalador.

Tento me mover novamente, mas é como se eu estivesse desconectada do meu corpo, meus membros mal respondendo ao meu cérebro.

Minha boca está seca, minha mente acelerada, mas tudo está nublado nessa névoa espessa de necessidade que não consigo parar.

As batidas do meu coração abafam meus pensamentos e o leve zumbido no ar que pulsa no mesmo ritmo do meu pulso.

Minhas pernas se contraem e isso desencadeia a pressão. Sinto a umidade

jorrando da minha boceta. Minha pele queima com uma dor que nunca senti antes.

A porta se abre e olho para cima enquanto dois homens usando as conhecidas máscaras prateadas entram.

—Quem…quem é você?

Meu Deus. Por que minha voz está tão rouca e carente?

Eles se aproximam de mim e deslizo de volta para a cama.

—Não. Fique longe…

Não importa o que diabos Isabella e seus asseclas injetaram em mim, não vou deixar que eles me toquem.

Nem mesmo se isso estiver relacionado à organização.

—Que tal eu começar? — Pergunta o mais alto ao outro, com a voz rançosa e áspera. —Será que ela é tão boa quanto parece?

—Não…— Tento chutá-lo quando ele tenta alcançar minha perna, mas ele a pega facilmente e puxa minha calça jeans.

—Pare de agir como uma puritana. Todos sabemos que você deixou o Kane te usar como uma vadia. — Ele desabotoa os botões e puxa para baixo, expondo minha parte inferior. Apenas minha calcinha e a camisa de hóquei larga me cobrem.

—Eu te mato se você não me soltar. — Chuto e me debato, lutando lentamente enquanto meus olhos se enchem de lágrimas. —Eu juro que vou.

O riso cruel deles ecoa no ar, condensando-se sobre minha cabeça como uma nuvem de zombaria. —Boa sorte com isso.

—Por favor…— Puxo minha camisa, apertando minhas pernas até meus joelhos baterem.

Odeio ter que recorrer a implorar, mas farei qualquer coisa para sair deste lugar inteira.

Então vou envenenar esses dois enquanto dormem.

O mais alto agarra minha coxa, e sua mão mais fria me choca contra a pele em chamas. Uma onda de prazer percorre minha barriga e jogo a cabeça para trás com um gemido.

Oh Deus. Não.

Por favor, não.

—Viu? — Um deles zomba. —Você mal pode esperar para ser fodida como uma puta.

Minha mente está confusa e meu corpo está desesperado para aliviar a dor, mas ainda murmuro: —Não...

—Você queria ser membro do Vencor, não é? É isso que os membros fazem, sua vadia. Eles abrem as pernas sempre que os mais altos pedem.

—P-pare… V-vermelho…— sussurro.

Minha palavra de segurança cai em ouvidos moucos.

Certo. Isso é só entre mim e o Kane.

Não creio que Kane esteja por trás de uma dessas máscaras.

Pelo menos espero que não.

Nunca o perdoaria se ele fizesse isso comigo.

Eu o mataria com minhas próprias mãos.

Parte da razão pela qual permiti o sexo na iniciação e na festa foi porque eu confiava que ele pararia se eu dissesse a palavra de segurança.

É diferente se eu estiver sendo drogada e abusada sem ter a opção de impedir isso.

A angústia me dilacera, crua e consumidora. Quero lutar, gritar, arrancar as mãos deles da minha pele, mas a droga que me injetaram me envolve como um torno, me puxando para um calor sufocante.

—Forasteiros como você deveriam reconhecer seus limites, — diz um deles, enquanto cada um puxa uma perna para separá-las. —Considere isso um aviso. Se você não sair da cidade em uma semana, vai ser fodida sem dó da próxima vez sem a droga. Nem pense em pedir ajuda ao Kane. Vamos mostrar a ele um vídeo seu gemendo pelos nossos paus, e ele vai perder o interesse. Também vamos compartilhar online para que você seja conhecida como a prostituta do campus.

Meu coração acelerado desacelera um pouco.

Não é o Kane.

Eu deveria me sentir tão aliviada?

Feliz, mesmo?

—Pronta para a noite da sua vida? — Pergunta a pessoa à minha direita.

—Foda-se... você, — murmuro, mas a voz termina abafada quando ele agarra meu cabelo e me puxa para cima.

Quando Kane fez isso, fiquei excitada, mesmo que um pouco apreensiva. Agora, estou apavorada até a medula, apesar do afrodisíaco artificial.

O ar fica ainda mais denso, o cheiro de suor e algo enjoativamente doce gruda na minha pele, me sufocando. Tudo está se esvaindo, meu domínio da realidade, meu controle, minha força.

Mãos ferozes começam a agarrar minha camisa, e empurro com toda a minha

força, mas ela mal as toca.

Levante-se. Lute.

Você sempre se defendeu. Lute.

Não grite. Lute.

Não chore. Lute.

Lute, Dahlia. Lute!

Com muito esforço, solto minha perna e dou um chute desesperado na virilha do cara mais alto.

Não acho que seja tão forte, mas ele geme de dor e levanta a mão.

Levanto meu braço e o coloco na frente do meu rosto para me proteger.

—Eu não faria isso se fosse você.

A sala inteira fica em silêncio ao ouvir aquela voz.

O tapa ou o soco não vêm.

Deixando meu braço cair, me movo para o lado com esforço meticuloso.

Jude.

Ele está parado perto da porta, com seu corpo grande bloqueando a saída. Encostado na parede, ele enfia as mãos nos bolsos com indiferença e cruza os pés na altura dos tornozelos.

Meu coração não desacelera, e nenhuma sensação de segurança me invade ao vê-lo.

E se ele também estiver envolvido?

Meus olhos embaçados percorrem o espaço atrás dele, olhando, procurando, examinando a porta em busca de outra pessoa.

E nunca procurei alguém para me salvar antes.

Eu fiz o salvamento.

Para mim e para a Vi.

—Como... — O mais alto dos caras encara Jude enquanto o outro me segura na cama. —Ninguém sabe sobre este lugar.

—É o que você pensa. — A voz de Jude é um estrondo assustador sem esforço, sem que ele precise fazer nada. —Desde quando peões como você acham que têm poder de decisão?

—Estamos apenas agindo sob ordens.

—De quem são as ordens?

Os dois caras permanecem em silêncio.

—Não importa quem sejam, eles não vão te proteger do que vai acontecer em exatamente... — Jude olha o relógio. —Um minuto.

Os caras ficam se encarando, mas o que está segurando minha coxa, meio encostado na cama, não me solta.

Tento me soltar, mas estou muito fraca. Meu coração está tão acelerado que acho que vou ter um ataque.

Com a minha visão turva, vejo a porta batendo contra a parede com tanta força que fico surpresa que ela não saia das dobradiças.

No começo, não consigo enxergar direito. Minha visão fica entrando e saindo de foco.

Mas eu sei que é ele.

Uma sensação de paz toma conta de mim e meu coração desacelera.

Kane.

Ele está aqui.

O clique silencioso de seus passos ecoa através da névoa, firme e calmo, mas há algo perigoso espreitando por baixo.

Há uma mudança no ar, e o ambiente se contrai ao seu redor, curvando-se à sua presença. Ele não se apressa, não grita. Está muito calmo, muito controlado, como a quietude antes de uma tempestade.

—Menos de um minuto. Impressionante. — A voz de Jude ecoa ao meu redor, mas ele está longe de ser o centro das minhas atenções.

Pisco, ainda tentando me concentrar, para me segurar naquela âncora, mas a droga me arrasta para baixo novamente.

Meu corpo luta contra mim, meus pensamentos se esvaem como areia entre os dedos. Mal percebo o azul-gelo frio dos seus olhos pousando em mim. Não há calor ali, nem suavidade.

Apenas um golpe letal que faz arrepiar a sala.

Meu peito arfa, minha mente se mistura entre a necessidade de escapar e a atração da presença dele. Seu olhar me percorre, absorvendo tudo, a forma como estou imobilizada, o olhar vidrado que deve estar em meus olhos e meu desamparo transbordando por todos os poros.

Ele não demonstra nenhuma emoção enquanto inclina a cabeça, concentrando-se nas mãos agarrando minhas pernas.

Abro a boca, tentando dizer alguma coisa, o nome dele, talvez, mas nada sai.

Os homens congelam, sem dúvida sentindo a ameaça que paira sob a aparência calma de Kane. Um estalo de eletricidade se acende no ar quando a postura de Kane muda sutilmente e ele agarra os pulsos de um dos homens, torcendo-o em seguida.

Não parece tão forte, mas o homem grita.

A voz de Kane ressoa com um timbre rico e grave. —Eu já deixei claro, não deixei? Que parte de ninguém toca nas minhas coisas você não entendeu?

—Nós não sabíamos... Porra! — O cara mais baixo grita enquanto um estalo reverbera pelo ar.

Ele quebrou o braço ou o pulso. O uivo do cara ecoa nas paredes e ressoa nos meus ouvidos.

O outro cara corre em direção à saída, mas Jude o agarra pela gola da camisa com facilidade. —Calma.

Aquele com o pulso quebrado cai no chão, ainda gritando, mas Kane fica atrás dele, agarra seu braço esquerdo e o torce.

Estouro.

Seu grito ecoa no ar, arrepiante, como algo saído de um filme de terror.

E a situação fica cada vez mais intensa enquanto Kane chuta suas bolas e as esmaga com o sapato.

A máscara do homem cai, revelando alguém que nunca vi antes. Seu rosto está vermelho e seus cabelos loiros e desgrenhados cobrem sua testa.

Ele se encolhe no chão em posição fetal, lamentando e chorando.

Kane está de pé sobre ele, sua sombra imóvel, sua postura ereta. —Da próxima vez que você tocar no que é meu, seu corpo inteiro estará em um caixão.

Meus olhos mal estão abertos, mas o vejo caminhando em direção ao sujeito que Jude está segurando. —Agora, é a sua vez.

Ele o segura pelo braço. —Quem te deu permissão para tocar no que é meu?

—Não sei dizer… Serei expulso …

—Você será expulso de qualquer jeito.

O estouro ecoa no ar. Segue-se um grito de cortar o coração.

—Vamos tentar de novo. — Kane segura o outro braço. —Quem orquestrou isso?

—Se eu te contar, você me mantém?

—Não. Mas se você sairá com seus membros intactos ou não, dependerá das suas próximas palavras.

—Foi Preston …

Ele nem terminou de falar quando Kane quebra seu braço.

—Você disse que não me machucaria! — Grita o homem.

—Mudei de ideia. — Ele o chuta enquanto Jude o segura em pé.

Tento me agarrar àquele fragmento da cena à minha frente, mas meu corpo está escorregando, caindo em uma névoa. Minha visão fica turva, pontos escuros dançam à minha frente e minha respiração sai em arquejos irregulares e desesperados.

Por fim, deixei-me perder a luta para permanecer consciente.

À medida que meu mundo escurece, chego a uma conclusão perturbadora.

Confio em um monstro como Kane para me manter segura.

Capítulo Quinze

Kane

Minha visão está vermelha.

Minha visão *nunca fica* vermelha.

Desde que Jude me ligou e disse que testemunhou atividades suspeitas no estacionamento, meu humor piorou drasticamente.

Depois do jogo, já estava dirigindo até a Colina para uma reunião com os diretores mais próximos de Grant na empresa. Já dominei a arte de fingir que estou fazendo o que quero no negócio que vou herdar, mas, na realidade, essa é uma maneira de fortalecer meus contatos e tirar o poder do meu pai.

Depois da ligação de Jude, dei meia-volta e mal dei desculpas pela minha ausência na reunião que passei semanas organizando.

Não importa que mais cedo esta noite tive essa necessidade ilógica de estrangular Dahlia porque ela estava flertando com o ex dela no meu jogo.

Enquanto usava minha camisa.

Com meu nome nas costas.

Aquele fogo desconcertante ainda queima meus pulmões, mas é abafado pela raiva que nubla minha visão com uma névoa carmesim.

Estou prestes a quebrar todos os ossos dos corpos dos filhos da puta que tiveram a audácia de tocar no que é meu.

E eu não recorro à violência. Eu nem gosto de violência.

Na verdade, considero pessoas violentas, com exceção de Jude, fracas, com pouca ou nenhuma capacidade cerebral.

No entanto, a necessidade de esmagar as cabeças dos dois bastardos pulsa sob minha pele como uma necessidade.

Um desejo.

Isso está começando a parecer um impulso.

—Eu termino o serviço. — Jude joga a escória chorosa no chão como se fosse bagagem extra, depois faz um gesto atrás de mim. —Ela apagou.

Meu olhar se volta para ela e, pela primeira vez esta noite, o vermelho lentamente desaparece enquanto Dahlia entra em foco.

Sua pele está corada, suas bochechas estão com um tom muito escuro, o calor irradia dela em ondas, e eu consigo sentir isso até mesmo do outro lado da sala.

A subida e descida do seu peito produzem respirações superficiais e irregulares.

Ela parece pequena, pequena demais, encolhida, com seus cabelos castanhos emaranhados grudados na pele úmida.

Há um leve tremor em seus dedos, que se curvam fracamente na barra da camisa, puxando-a para baixo, cobrindo a parte superior das coxas. É o único movimento que ela faz.

O resto dela...ainda.

Uma emoção desconhecida e nauseante borbulha na minha garganta, mas a engulo enquanto diminuo a distância.

O calor no quarto se intensifica e é aí que me dou conta. A pele dela queima, provavelmente a reação do seu corpo ao que injetaram nela. Meu dedo indicador esquerdo treme, a vontade de destruir algo, alguém, mal contida.

Ajoelho-me ao lado da cama e meus dedos roçam a pele nua do seu braço.

E assim, de repente, seu calor me queima.

Quente. Muito quente.

E não é o tipo certo de calor.

Cerro o maxilar enquanto deslizo os braços por baixo dela, levantando-a sem esforço. Sua cabeça pende contra meu peito e seu corpo se afunda em mim como se seu lugar sempre tivesse sido aqui.

Em meus braços.

Que pensamento ridículo.

E ainda assim…

Sua respiração suave toca meu pescoço, superficial e silenciosa demais.

Dahlia nunca foi quieta, então isso é estranho, para dizer o mínimo.

O leve aroma de jasmim invade minhas narinas, preenchendo-me com seu aroma. Sua pele está úmida, corada, queimando sob meu toque. Eu a abraço com mais força, observando como ela se aconchega em mim, seu peso frágil em meus braços.

Tentaram quebrá-la. Tocar no que é meu, porra.

Quanto mais seu corpo se encolhe contra o meu, desesperado por algo sólido, algo seguro, mais quente o fogo dentro de mim se acende.

Seus dedos se contraem contra meu peito, buscando uma âncora. E o fato de ela pensar em mim como uma delas, *eu*, rompe a fúria que turva minha mente.

Dahlia é forte. Mais forte do que imagina. Mas ao vê-la assim, quebrada, trêmula, agarrada a mim como se sua vida dependesse disso, uma sensação estranha me invade.

Uma dor.

Uma vontade de protegê-la de uma forma que nunca protegi ninguém.

E isso é perigoso.

Não. É *letal.*

Porque isso não só afetará meus planos, mas também a tirará do tabuleiro de xadrez como um peão inútil.

Eu deveria ficar frio, me afastar e manter a distância que cuidadosamente criei entre nós.

Talvez ligar para alguém. Que seja essa pessoa a lhe oferecer ajuda enquanto me refugio nas sombras.

Mas estou preso no lugar.

Incapaz de ignorar seu corpo macio e trêmulo pressionado contra mim, seu calor como uma marca.

Cerro os dentes enquanto a seguro com mais força, endurecendo meu maxilar ao sentir seu batimento cardíaco frenético batendo contra mim.

Me convenço de que a maneira como meus dedos estão cravados em suas coxas e braços não significa nada.

É só para evitar que ela desmorone.

Para depois colocá-la de volta na caixa organizada que criei para ela.

Enquanto a carrego para fora, Jude se coloca na minha frente, seu corpo enorme bloqueando a porta.

Seu rosto está marcado por linhas duras, seus olhos desprovidos de calor.

Não é segredo que ele preferiria não estar aqui limpando a bagunça de alguns membros de classe baixa do Vencor e desperdiçando seu tempo.

—Você sabe o que fazer, Jude. Faça-os revelar o plano. Eu cuido da Isabella

depois.

—Eu nem te contei que era o carro dela que vi no estacionamento. — Ele arqueia uma sobrancelha. —Como você descobriu?

—Está claro como o dia que ela não ficou nada feliz com meu envolvimento recente com a Dahlia. Como ela não pode me tocar, ela redirecionaria sua fúria para a parte mais fraca. Um erro de cálculo terrível da parte dela.

—O que você planeja fazer com ela?

—Mandar ela embora do Vencor. Com os seus votos e os do Preston, podemos destituir um membro. Se ela ainda insistir em ser uma dor de cabeça, mando enterrá-la a sete palmos de profundidade.

—Digamos que eu apoie a votação, por que o Pres faria isso?

—Ele vai saber quando eu contar que Isabella mandou os capangas usarem o nome dele como bode expiatório. Você sabe que ele odeia bagunça se não for o culpado.

—Vou considerar. — Ele se empertiga, com um brilho de sadismo nos olhos. —Você me deve por hoje.

—Eu faço.

—Espero um nome extra na minha caixa de entrada esta noite.

Aceno.

Claro que Jude se aproveitaria imediatamente. Ele não tem a mínima habilidade para reunir informações e guardá-las para depois. Mas, por ter esses nomes, ele está se livrando ainda mais das minhas garras.

Mas isso não importa. Por enquanto.

Jude ainda precisa de mim para atingir seu objetivo e, portanto, ainda posso controlá-lo.

Em vez de se afastar, ele encara Dahlia, com faíscas quase saindo de seus olhos.

Olho para ele com firmeza. —Algum problema?

—Por que diabos é ela? Logo *ela*?

—Ela é apenas um peão.

Ele cai na gargalhada, um som longo e cruel. —O todo-poderoso Davenport perdeu a calma por um *peão*? Tente enganar alguém inferior.

—Alguns peões merecem cuidados extras.

—Bem, nesse caso, é melhor tomar *cuidado extra* para que ela não se meta na minha vida.

—Anotado. — Faço um gesto em direção à porta. —Você pode sair agora?

Depois de um último olhar ambíguo para Dahlia, ele se afasta e pega o pedaço de merda pelo colarinho.

Ao sair, a voz de Jude ecoa atrás de mim. —Estou falando sério, Davenport. Se ela meter o nariz onde não é chamada, verá seu criador mais cedo ou mais tarde. Todas as apostas serão canceladas.

Inclino a cabeça na direção dele e lhe dou um sorriso. —Isso não vai acontecer. Contanto que você controle suas malditas tendências de stalker, estamos bem.



Quando cheguei à minha cobertura no centro da cidade, Dahlia estava queimando.

Coloquei-a no sofá da sala mais cedo. Desde então, estou de braços cruzados perto da janela do chão ao teto, com vista para o horizonte luminoso da cidade.

Que porra vou fazer?

Nunca cuidei de outra pessoa antes. Exceto pelo Preston quando ele sai dos trilhos, e mesmo assim, costumo deixar o Jude cuidar dele enquanto lido com as consequências.

Se a febre da Dahlia não baixar, vou levá-la ao pronto-socorro.

Eu *suponho.*

Um gemido escapa de seus lábios e ela se debate, seus movimentos fazendo o sofá de couro ranger sob ela. Ela curva os dedos, esticando e puxando a blusa. Ela sobe, revelando sua calcinha branca e sua barriga.

Mesmo sob a luz suave, o contraste da camisa branca contra sua pele bronzeada é marcante.

Meu pau se contrai e desvio o olhar dela para olhar pela janela.

Seus gemidos guturais ecoam no ar, sedosos e extremamente eróticos.

Aparentemente, a ideia de me controlar me escapa quando essa garota está por perto, porque inclino minha cabeça na direção dela novamente.

Dahlia enfiou a mão direita na calcinha, tocando-se em um movimento frenético e descoordenado.

O cheiro dela paira no ar enquanto ela emite um som que é uma mistura de gemido e lamento. Sua mão esquerda apalpa e acaricia seus seios por baixo da blusa.

Jesus Cristo, porra.

Caminho em sua direção e agarro a mão que está em sua boceta e a puxo para fora.

Grande erro. Porque, agora, não só a sala cheira à boceta doce dela, como também é a única coisa que consigo respirar.

—Dahlia, acorde.

—Hum.

—Dahlia, abra a porra dos seus olhos.

—P-por favor…por favor…

Puta merda.

Me ajusto, mas isso não faz nada para diminuir o volume nas minhas calças.

Meus dedos roçam sua bochecha quente enquanto a toco. —Implorar vai te fazer transar, flor silvestre.

Seus olhos piscam e se abrem, levemente vidrados, a cor mais marrom do que verde, brilhando enquanto ela estuda meu rosto.

—Kane…

Meu nome sai da boca dela em um gemido suave e fecho meus olhos.

Abaixo.

Fique abaixado, *porra.*

—Kane..., — ela geme novamente, mais suave, mais carente. —Estou quente.

Abro os olhos e começo a afastar a mão. —Quer tomar um banho?

—Não... É desconfortável. Hum. — Ela pega minha mão com as duas menores e a pressiona contra a calcinha encharcada. —Me toca. Faz isso passar.

Puta merda.

Quem diria que a sempre orgulhosa Dahlia Thorne, um verdadeiro espinho no meu pé, tem esse lado carente e sedutor?

—Quer que eu te toque aqui? — A acaricio preguiçosamente sobre o tecido

úmido e ela joga a cabeça para trás, com a pele corada e a testa suada.

—Sim, sim! *Mais.*

Meus dedos deslizam por baixo da calcinha dela e circulo seu clitóris. Suas coxas tremem e um arrepio a percorre.

Ela é como uma marionete em minhas mãos, reagindo ao meu menor toque.

Os gemidos de Dahlia tornam-se mais profundos, mais desesperados. — Sim... ali... bem ali.

—Aqui? — Diminuo a velocidade de propósito.

Ela agarra meu pulso. —Mais rápido... mais...

—Você quer que te foda, Dahlia? Quer que meu pau afunde nessa sua boceta pequena e alivie a dor?

—Sim...sim...está quente...faça parar...

—Você vai chupar meu pau tão bem, não é? Mesmo que seja grande, você vai ficar com vontade de chupar mais.

—Sim…qualquer coisa…sim.

—Você vai engolir cada centímetro como uma boa menina e me deixar usá-la para gozar?

Suas costas arqueiam quando enfio dois dedos dentro dela.

Ruídos ininteligíveis de prazer reverberam na sala, aumentando e se intensificando como um crescendo.

O ar fica abafado com seu perfume, estonteante e absolutamente viciante.

Não importa o quanto tentei negar e quantas vezes me enfiei de volta naquela caixa de controle, desde aquela primeira vez, tenho fantasiado sobre transar com ela novamente.

Possuí-la novamente.

Reivindicando-a de uma vez por todas.

—Mal cabem os meus dedos, flor silvestre. Como você vai pegar meu pau?

—Mmm... Eu vou. Prometo.

—Implore para eu te foder. Para te usar como eu achar melhor. — Estendo a mão para frente e adiciono outro dedo, penetrando-a em um ritmo constante.

Desenhando cada estremecimento, tremor e gemido sufocado.

—P-por favor, — ela diz entre dentes.

O corpo dela estremece e coloco a mão esquerda por baixo da blusa, agarro seu seio por baixo do sutiã e dou um tapa no mamilo endurecido. —Diga a frase toda direito.

Ela grita, e o som sai como um gemido fragmentado. Seus olhos estão entreabertos, pingando amarelo.

Ouro.

—Por favor, Kane… por favor, me foda.

Meu ritmo aumenta, penetrando-a profundamente como se meu pau estivesse dentro dela. Como se eu a estivesse reivindicando novamente.

Sua boceta se estica em volta de mim e circulo seu clitóris com meu polegar.

Ela logo se agarra a mim, sua respiração fica ofegante enquanto ela joga a cabeça para trás.

—É isso aí. Goza pra mim, baby.

Enquanto ela se masturba, solto seu seio, enfio a mão na calça e solto meu pau. Meus dedos fodem sua boceta enquanto minha mão esquerda sacode meu próprio pau pesado.

Para cima e para baixo em um movimento brusco e frenético.

O pré-sêmen brilha na ponta e as veias saltam de desejo.

Não se trata do meu prazer. É uma punição por perder o controle e desejá-la.

De novo.

—Diga meu nome, — me esforço enquanto estrangulo meu pau.

—Kane... — Ela olha para onde estou me contorcendo e me sacudindo, seus lábios se abrindo, e ela engole em seco. —Por favor, me fode.

—Jesus. Porra. — Tiro os dedos de dentro dela, levanto a blusa e abro o sutiã dela.

Gemo enquanto meu esperma decora seus seios, cobrindo seus mamilos duros e pingando até seu umbigo.

Ela me observa o tempo todo, com a boca aberta e o rosto vermelho.

Recolho meu esperma da barriga dela e coloco meus dedos cobertos de porra na frente da sua boca. —Chupe-os até ficarem limpos.

Dahlia desliza meus dedos para dentro e os chupa, sua língua molhada me lambendo suavemente.

Enquanto olhava para mim com aqueles olhos amarelos brilhantes.

Logo, suas pálpebras fecham e ela adormece com um suspiro suave.

Com meus dedos em sua boca e minha sanidade em suas mãos.

Toda vez que a toco, perco todo o senso de realidade e de mim mesmo.

Por um momento, apenas um momento, esqueço quem eu sou, para que existo e o que pretendo fazer.

Por aquele momento, é só ela.

E não tenho certeza se isso pode ser corrigido neste momento.

Ou se estou ou não disposto a fazê-lo.

Capítulo Dezesseis

Dahlia

A manhã chega com uma estranha sensação de paz.

E uma dor de cabeça.

Dor de garganta também.

Abro os olhos algumas vezes e um teto liso com flores de cerejeira pintadas se materializa diante de mim. Os impressionantes detalhes 3D são tão bem ilustrados que me sinto transportada para um conto de fadas.

Lentamente, o resto do quarto aparece e me sento na cama enorme, segurando o lençol preto contra o peito.

A primeira coisa que me atinge é o frio.

Não o tipo gelado que penetra nos meus ossos, mas o tipo que se espalha pelo ar, que me envolve até mesmo debaixo das cobertas. Está em toda parte, espalhando-se das paredes, do chão e do próprio espaço ao meu redor.

Espaço de *Kane*.

Tem o cheiro dele. Fumaça de madeira e couro.

O cômodo é enorme, mas sufocante. Tirando o teto de cerejeiras em flor, todo o resto é desprovido de aconchego. Paredes cinza-escuras absorvem toda a luz.

Linhas limpas, minimalista, com tudo perfeitamente no lugar. Sem toques pessoais, sem fotos, e apenas alguns troféus de hóquei à minha frente.

Não há nada que diga que alguém vive ou respira aqui. É mais como uma ilusão de controle cuidadosamente construída.

Olho para a escrivaninha no canto. Austera. Vazia. Exatamente como o dono. Não há desordem, nenhum sinal de vida. É imaculada, como se tudo neste quarto fosse um testemunho de como ele mantém seu mundo, perfeitamente organizado.

A única coisa que se destaca é a janela, do chão ao teto, com vista para a cidade que parece se estender além do horizonte. A luz da manhã entra, mas é fraca, opaca, como se nem o sol conseguisse aquecer aquele espaço. Lá fora, a cidade fervilha de vida, mas lá dentro, tudo é inquietantemente silencioso.

Me mexo debaixo dos lençóis, meu corpo dolorido, minha mente tentando juntar as peças de como cheguei aqui.

As memórias filtram como um filme antigo e granulado.

As drogas. O sequestro. Os homens mascarados.

E então…

Kane.

—Oh Deus. — Cobro a boca com as mãos, arregalando os olhos.

Por favor, diga que não implorei para Kane me tocar.

Foda-me.

E ele *não o fez*.

Ele só me tocou e gozou em mim, mas não me fodeu.

Por que diabos estou decepcionada?

Gostaria que a terra me engolisse viva e me poupasse desse constrangimento.

Meus olhos pousam em uma muda de roupa no pé da cama, e presumo que isso significa que posso usar o chuveiro dele.

Depois de alguns segundos me culpando internamente, entro no banheiro

elegante.

Tiro a camisa e a calcinha, então paro diante da visão do seu esperma seco na minha barriga. Ele adora deixar sua marca em mim como um animal.

Deveria me sentir brava ou algo assim, mas estou mais furiosa pela forma como *agi*.

O elegante chuveiro tem tantas configurações que levo alguns minutos para descobrir como usá-lo.

Depois de terminar, seco o cabelo com a toalha e visto o agasalho de moletom e a calça de moletom dos Vipers. Tenho que enrolar o cós algumas vezes e amarrar o cordão para que fiquem no lugar.

O cheiro forte da comida faz cócegas em minhas narinas enquanto saio do quarto e caminho pelo corredor cheio de obras de arte impressionistas, até finalmente chegar à sala de estar que reconheço vagamente da noite passada.

Este lugar é enorme.

E assustadoramente caro.

Ando com cuidado, com receio de tocar ou, pior, derrubar e quebrar alguma coisa. Aposto que não conseguiria pagar por aquilo mesmo se me vendesse no mercado negro.

Meus pés descalços vacilam na porta da cozinha, e a visão de Kane me atinge como um soco no estômago.

Ele está em pé junto ao fogão, de costas para mim, seu corpo largo e musculoso coberto apenas por uma calça de moletom cinza que lhe cai dos quadris.

A luz da manhã filtra-se pela janela, lançando um brilho fraco nas partes planas do seu corpo, realçando as linhas dos seus músculos.

Mas não é isso que me tira o fôlego.

São as tintas e as cicatrizes.

Quando ele se vira para o lado, vejo uma serpente enrolada em seu ombro esquerdo, preta e detalhada, com as escamas brilhando à luz. Sua cabeça repousa perto de sua clavícula, a boca aberta como se estivesse pronta para atacar.

Não consigo desviar o olhar.

Meus olhos absorvem cada detalhe da tatuagem. É tudo coisa de Kane, fria, perigosa, equilibrada.

Logo abaixo da serpente, há cicatrizes irregulares, cruzando sua pele como um mapa de dor.

Embora eu não tenha ideia de quem ou o que o atingiu, sei que deve ter sido brutal.

Meu estômago se revira ao ver isso, como se eu tivesse visto um cachorrinho chutado tremendo na beira da estrada. Só que, neste caso, não posso pegá-lo no colo e levá-lo para um abrigo.

E Kane não é de forma alguma um *cachorrinho.*

Como é possível que alguém o tenha machucado o suficiente para causar essas cicatrizes? Ele sempre parece invencível. Intocável. Ele é um Deus do hóquei e um monarca tanto no campus quanto na cidade. Ninguém ousaria chegar perto dele.

Mas eles fizeram.

E ele ficou tão machucado que ficou marcado para sempre.

Mais tinta envolve seu outro braço, linhas intrincadas que formam um corvo com as asas abertas sobre o ombro, os olhos fundos e escuros. Abaixo do pássaro, uma pequena frase em latim que não consigo distinguir se curva em

torno de suas costelas, desaparecendo nas sombras de sua pele.

Tudo nele é um aviso.

As tatuagens, as cicatrizes, a maneira como seu corpo se move com poder silencioso, como se ele estivesse sempre pronto para atacar.

No entanto, agora, ele é apenas um homem parado na cozinha, mexendo ovos como se fosse a coisa mais natural do mundo.

—Você acordou. — O timbre baixo de sua voz percorre a sala como uma brisa fresca.

—Sim. — Desenho um círculo no meu polegar.

—Sente-se. O café da manhã está pronto. — Ele desliga o fogão e despeja o conteúdo da panela num prato com uma precisão desconcertante.

Nenhuma bagunça à vista.

—Obrigada, mas posso pensar em algo para comer no caminho para casa.

Ele levanta o olhar e me olha pela primeira vez esta manhã.

Seus olhos gélidos se demoram em minhas roupas largas, pesadas, como se ele pudesse ver por baixo delas. Não ajuda que seu cheiro de fumaça de madeira grude na minha pele, me envolvendo como mãos invisíveis.

Ele caminha até a sala de jantar com dois pratos e os coloca sobre a mesa. Vislumbro a asa do corvo se estendendo até o peito antes que ele pegue uma camiseta branca lisa do encosto de uma cadeira e a coloque sobre a cabeça.

Matando minha visão.

Ele gesticula para a cadeira à sua frente. —Sente-se, Dahlia.

—Sério, eu posso…

—A comida já está pronta. Não se rebele só por se rebelar e sente-se.

—Eu não estava me rebelando. — Só não estou acostumada com alguém cozinhando para mim além da Vi.

Meu estômago ronca.

Kane ergue uma sobrancelha. —Você estava dizendo?

Esfrego minha nuca e então sento lentamente.

A mesa está absurdamente cheia, e o aroma quase me faz babar.

Os pratos são dispostos com precisão, ovos mexidos até ficarem levemente amarelos, fatias de torrada perfeitamente douradas e uma porção de frutas frescas que parecem ter sido cortadas à máquina. Uma cafeteira, duas xícaras de porcelana de alta qualidade, suco de laranja e uma leiteira.

Há geleia e manteiga, bacon crocante e brilhante, e panquecas empilhadas, com vapor ainda saindo delas como uma espécie de fantasia doméstica perfeita.

O fato de alguém como Kane conseguir fazer algo tão normal quanto um café da manhã e ainda ser capaz de quebrar os braços das pessoas com as próprias mãos é ao mesmo tempo surpreendente e perturbador.

—Vá lá, não fique só olhando espantada. Coma. — Ele fala enquanto corta sua torrada com ovos.

Não preciso que me digam duas vezes. Começo os ovos e, sem vergonha, termino a maior parte do meu prato num piscar de olhos. Isso é tão bom. Sério. E tenho um pouco de vergonha de admitir, mas nunca tomei um café da manhã tão completo antes. Tive a sorte de ter café e alguns ovos cozidos ou algo de uma loja de conveniência no caminho para o trabalho ou a escola.

Uma faca crava-se na minha torrada. —Vá com calma, senão você vai sofrer de indigestão, na melhor das hipóteses, ou engasgar, na pior.

Engulo o conteúdo da boca. —Desculpe.

—Sobre o quê?

—Minhas maneiras à mesa. Estou com um pouco de fome.

Acho que um leve sorriso surge em seus lábios, mas desaparece enquanto ele continua comendo. —Mastigue bem e com calma.

É preciso esforço para não devorar tudo o que vejo e parecer uma mulher das cavernas.

Kane me observando como um pai severo não está ajudando.

Ele toma um gole de seu suco, seus olhos rolando sobre mim como uma carícia sensual.

Como ontem à noite.

Não pense nisso. Simplesmente *não pense.*

—É um hábito? — Ele pergunta.

—O que?

—Comer rápido.

—Acho que sim. Nunca tenho tempo para comer entre a escola e o meu trabalho de meio período.

—E bisbilhotando. E metendo o nariz onde não é chamada. E sendo tão alheia à própria segurança.

Deixei a colher de geleia pendurada no meio do caminho até minha boca e o encarei.

—Perdi alguma coisa? — Ele pergunta com um sorriso desconcertante. —Ah, e de bater papo com ex-namorados no meu jogo.

—Eu não convidei o Marcus. Ele veio sozinho, e ele não é meu ex.

—Não te impediu de ficar atenta a cada palavra dele como todas as puck bunnies[6] disputando a atenção dele. Já sente falta dele?

—Isso *não é* verdade. O Marcus é um babaca, e eu não olharia duas vezes para ele nesta vida. Ele só estava sendo antagônico como sempre e provavelmente tomando notas sobre o jogo do seu time antes do próximo jogo. — Solto um suspiro. —Nem sei por que estou te contando isso. Não somos nada um para o outro.

—Você gozou no meu pau e nos meus dedos três vezes; acho que somos alguma coisa.

Minha boca fica aberta e meu estômago se contrai por algo diferente de fome.

Ele estreita os olhos. —Você não achou que ia me implorar para transar com você e depois ir embora como se nada tivesse acontecido?

—Eu estava drogada. Não conta.

Ele toma um gole de café. —Para mim, conta.

—Então…o que somos?

—O que você quer que sejamos?

—Uma parceria?

—Não somos um negócio.

Franzo a testa e mordisco minha panqueca. —E depois? Amigos de foda?

—Se é isso que você quer, tudo o que você precisa fazer é pedir.

—Eu não *quero* isso. Foi você quem pareceu me levar a essa conclusão.

—Você tem alguma objeção?

—São muitas para contar. E o mais importante: eu nem te conheço.

—Com o tempo, você vai fazer. Por exemplo, eu não gosto que você flerte com outros homens no meu jogo.

—Eu não estava *flertando.*

—Tenho minhas dúvidas.

—Eu ainda não sei quase nada sobre você.

—Não precisa de currículo se estamos transando.

Solto um longo suspiro e jogo a panqueca no prato. —Por que você quer esse tipo de relacionamento comigo?

—Eu não quero isso propriamente, mas parece que reivindicar é a única maneira de garantir que ninguém ousará tocar nas minhas coisas.

—Eu não sou uma *coisa.*

—Não uma coisa. É *minha* coisa.

—Bem, o fato de você ter reivindicado algo ou não, não impediu o que aconteceu ontem à noite.

Ele cerra os maxilares. —Não vai acontecer de novo.

—Digamos que eu concorde. E depois? Você me abandonaria quando estivesse entediado?

—Possivelmente.

—Uau. E dizem que o romance morreu.

—Não pretendo ter um romance com você, Dahlia. Eu não faço isso. Então, se você está procurando confissões de amor suaves, uma caixa de chocolates e um buquê de flores, saia agora mesmo. Mas se você prefere jogos violentos e jogos de impacto primal, talvez possamos combinar algo.

Minha garganta seca e uma voz alta dentro de mim me diz para correr.

O mais rápido possível.

Mas permaneço enraizado no lugar.

Essa é a única maneira de me aproximar do Kane. Mas eu seria mentirosa se dissesse que uma parte de mim não ganha vida com as palavras dele.

—Você vai me machucar? — Sussurro.

—Sim. — A palavra é como um chicote no meu âmago sensível.

Cerro as pernas. —Quanto?

—Até os seus limites. E não me refiro aos limites que você acredita existirem na sua cabeça, mas além deles.

—Você pode me avisar?

—Não. — Um leve sorriso irônico surge no canto dos seus lábios. —Qual a graça nisso?

Engulo em seco, sentindo um medo profundo e uma expectativa mórbida me percorrerem. —Ainda posso usar 'vermelho' para pará-lo?

—Sim.

—Então está bem.

—Vermelho é a única palavra que pode me parar. *Não, pare com isso,* e *eu não quero isso* só me excita. Sua luta me excita.

—Seu babaca doente, — murmuro baixinho.

—Eu ouvi isso. E se eu for doente, o que isso faz de você? Porque você ficou esfregando as pernas o tempo todo enquanto eu pintava um quadro na sua cabeça.

—Eu *não fiz*.

Ele sorri como um predador de olho na presa. —Agora, você não deveria me agradecer por te salvar? Vou pegar sua bicicleta e deixá-la no seu dormitório. Também vou tirar a Isabella do seu pé. Para sempre.

—Depois que você deixou ela e quem sabe quantas outras pessoas assistirem você me foder, não vejo sentido.

—Me viram te fodendo?

Meus dedos se fecham no colo. —Na iniciação. Tinha uma câmera, não é? — Isabella deu a entender que assistiu a tudo.

—E você acreditou nela?

—O que eu deveria fazer?

—Isabella não é membro sênior e nem estava lá. Os únicos membros presentes éramos eu, Preston, Jude e outros três que não estão no time de hóquei.

—Nossa, obrigada. Pelo menos agora sei que a Isabella não viu o vídeo, mas os outros sim.

—Eles não fizeram.

—Mas…a câmera?

—Desabilitada.

—Como ela e o irmão sabiam, então?

—Provavelmente Preston espalhando boatos em seu tempo livre.

Oh.

Uma parte de mim ainda está cética, mas quando olho nos olhos frios de Kane, acredito nele.

O que eu provavelmente não deveria fazer, considerando as circunstâncias.

Ele me observa com uma intenção intrusiva.

—O que?

—Ainda estou esperando você me agradecer pela noite passada.

—Você costuma salvar pessoas para serem agradecidas?

—Eu não costumo salvar pessoas, mas no seu caso, sim, quero ser devidamente agradecido.

—Obrigada, — digo depois de dar uma mordida na panqueca.

—Isso não pareceu sincero.

—Bem, você deveria ter dado instruções mais claras. Você disse para agradecer, não para parecer sincera.

Ele estreita os olhos. —Essa sua boca precisa aprender um pouco de disciplina.

—Ou você precisa ouvir outras opiniões além da sua.

—Não estou interessado. Ou as coisas acontecem do meu jeito ou vão por água abaixo. Sem meio-termo.

O aviso é claro.

Eu não deveria mexer com o sistema dele.

Mas algo me diz que por trás de todo esse controle, por trás das paredes e do frio, há caos.

E de alguma forma, de alguma maneira, fui atraída para isso.

Agora, se serei consumida por isso ou usarei isso em meu benefício dependerá de como lidar com essa nova situação.

Terminamos o café da manhã em relativo silêncio. Kane não parece querer

falar muito, e minhas tentativas de iniciar uma conversa são recebidas com respostas monossilábicas.

É a fortaleza de gelo que o cerca, camuflando-o completamente do mundo exterior.

E eu.

Enquanto nos levantamos para nos preparar para a escola, a campainha toca.

Kane vai até a tela que mostra quem está lá fora. Sigo atrás dele e me inclino para o lado para ver.

Uma mulher que aparenta ter entre 40 e 45 anos está ali com uma expressão cansada, as bochechas afundadas e os olhos gelados, uma réplica dos de Kane.

A mãe dele?

Espero que ele abra a porta, mas ele apenas aperta o botão do telefone, com a voz completamente distante. —Mãe, o que posso fazer por você?

—Querido, — ela levanta uma caixa na frente da câmera. —Fiz seus biscoitos favoritos para você.

—Eu não como mais isso.

Sua expressão se contrai e ela desvia o olhar para o lado, inspecionando desajeitadamente o ambiente.

—Se não houver mais nada. — Ele estende a mão para desligar, mas aperto a tecla de desbloqueio primeiro.

—Por favor, entre, Sra. Davenport, — digo antes que o clique da porta soe à distância.

Kane inclina a cabeça na minha direção, estreitando os olhos. —O que você pensa que está fazendo?

—Convidando sua mãe para entrar. Por que você falaria com ela pelo interfone como se ela fosse uma estranha?

—Sabe, esse é o seu problema, Dahlia. — Ele invade meu espaço, com os ombros tensos, e dou um passo para trás. —Você sempre se mete em coisas que não lhe dizem respeito.

Minhas costas batem na parede quando sua mãe entra. —Kane, querido.

Ele se endireita e a encontra no meio do caminho, abraçando-a cerimoniosamente, com a postura rígida. —Olá, mãe.

Fico ali observando a diferença de altura e tamanho entre eles. O fato de uma mulher frágil como ela ter dado à luz um filho tão fera é fascinante.

De perto, suas feições demonstram que ela era uma verdadeira beldade em sua época. As rugas em seu rosto são um indício de que ela teve uma vida difícil.

—E essa é…? — Ela olha para mim com curiosidade, seus olhos muito mais suaves e gentis que os do filho.

Então não é sobre a cor.

—Dahlia, — ele diz sem olhar para mim.

—Sua namorada?

—N...

—Sim, — ele me interrompe com um olhar furioso.

Nossa. Que intensidade!

—Oi. — Limpo a mão suada no meu moletom e a estendo para ela. —Prazer em conhecê-la, Sra. Davenport.

—Me chame de Helena, — ela sorri. —É a primeira vez que conheço uma das namoradas do Kane.

Olho para Kane, mas ele está com as duas mãos nos bolsos e permanece ereto como uma estátua.

Ela me oferece a caixa. —Se quiser, pode ficar com estes biscoitos caseiros. Eles costumavam ser os favoritos do Kane. Não sou uma boa mãe e não sabia que ele não gostava mais deles.

Estou curiosa para saber o que ela quer dizer com ‘não ser uma boa mãe,’ mas obviamente não posso perguntar isso, então aceito a caixa. —Obrigada. Adoro biscoitos.

—Ah, fico feliz em ouvir isso.

Meu Deus, ver mães como ela me faz sentir saudades da minha mãe. Ela fazia os biscoitos mais deliciosos e até me deixava bagunçar a cozinha.

Pequenas memórias fragmentadas.

Memórias perdidas.

Kane não sabe que tem o que muitos de nós desejamos: uma mãe carinhosa e amorosa.

Alguém em quem confiar quando as coisas estiverem difíceis.

—Estamos nos preparando para a escola, mãe. — O tom inexpressivo e insensível de Kane interrompe o momento. —Se não houver mais nada...

—Ah, certo. Desculpe-me por ter incomodado, — Helena deixa escapar, parecendo pisar em ovos perto do filho.

Ele até a chama de mãe. Isso é super impessoal.

É triste que pessoas como eu anseiam por uma mãe que não existe, enquanto Kane ainda tem sua mãe, mas não parece se importar com ela.

Suspeito que ele não se importa com ninguém.

—Eu acompanho você até a porta. — Eu a acompanho, mas Kane desaparece pelo corredor como se não quisesse passar mais um minuto na companhia dela.

Assim que chegamos à porta, digo, sem jeito: —Sinto muito pelo Kane. Não sei o que deu nele.

—Não sinta. — Ela sorri suavemente e dá um tapinha na minha mão. — Acho você uma boa pessoa, Dahlia. Então, deixa eu te dar um conselho.

—Sim?

—Fuja enquanto pode. Uma vez dentro, você nunca mais conseguirá sair.

Capítulo Dezessete

Dahlia

Dois dias depois, Kane me enviou um convite para uma festa.

Não é qualquer festa.

Uma festa só para membros.

Dizer que gostaria de poder dar um high-five em mim mesma seria um eufemismo. Sabia que a paciência acabaria me trazendo até aqui.

Para Ravenswood Hill.

Os Armstrongs estão organizando este evento em sua extravagante mansão.

A segurança é reforçada no condomínio fechado, meu convite teve que ser escaneado por uma máquina infravermelha especial, e fui revistada minuciosamente em busca de armas.

Embora o convite dissesse para me vestir formalmente e usar a máscara Vencor, tive que removê-la por motivos de segurança e depois colocá-la novamente.

Quanto à parte formal, tive que usar o vestido que encontrei numa caixa que veio junto com o convite.

O vestido é puro pecado, um vermelho escuro e profundo que se adere a cada curva como seda encharcada de sangue. Uma fenda corta minha perna, parando logo acima do joelho esquerdo, provocando-me a cada passo. O tecido luxuoso abraça minha cintura, com o decote profundo o suficiente para cruzar a linha entre a elegância e o perigo.

Combina comigo. Bem demais, na verdade.

O fato de Kane saber meu tamanho é enervante.

Guardei o convite, mas não consegui esconder o vestido da Megan. Ela surtou por meia hora com o quão deslumbrante eu estava e como o vestido era maravilhoso.

Ah, e tinha saltos pretos de grife, com os quais tenho dificuldade para andar.

Segundo Megan, o vestido e os saltos custaram pelo menos vinte mil. Tudo o que eu conseguia pensar era em como essa quantia poderia ajudar com os cuidados médicos da minha irmã.

Embora não esteja confortável com o presente e pretenda devolvê-lo assim que a festa acabar, não poderia ir à minha primeira festa Vencor com uma roupa inadequada.

Também sou grata pela máscara. Pelo menos assim, o anonimato me protege, de certa forma.

Meus passos vacilam quando entro no salão principal.

Sempre ouvi histórias sobre pessoas vivendo em um mundo distante e diferente, mas até agora não entendi completamente o significado delas.

A mansão Armstrong é um palácio envolto em sombras, com opulência transbordando de todos os cantos. Os enormes lustres de cristal lançam uma luz fragmentada sobre o piso de mármore negro, e o brilho dourado e prateado reflete nas paredes como mil estrelas presas em um lugar fechado.

Tudo brilha desde a madeira polida, as esculturas extravagantes e a arte antiga que não deveria pertencer a este mundo.

Estou completamente deslumbrada com um tipo de dinheiro que nunca vi na vida. Nem mesmo em filmes.

De repente, uma trepidação percorre todos os meus nervos e me sinto como

um rato preso na terra dos gatos.

O salão de baile é enorme, grande demais para o conforto, com janelas imponentes cobertas por veludo rico. As cortinas caem pesadas e escuras, quase engolindo a luz. As mesas estão repletas de cristais finos e talheres reluzentes, e o brilho da luz das velas projeta sombras que dançam sobre os rostos mascarados.

É tudo muito brilhante, muito extravagante, como se a riqueza e o poder pudessem me afogar se ficasse ou olhasse por muito tempo.

Tudo neste lugar parece perigoso. Lindo. Como uma armadilha que brilha o suficiente para fazer você esquecer que não há saída.

O ar está carregado com o aroma de colônia cara, champanhe e algo mais escuro. Ele gruda na minha pele, misturando-se ao zumbido baixo de conversas sussurradas e risadas fracas que ecoam nas paredes.

Os membros se movem como fantasmas sob a luz bruxuleante, suas máscaras prateadas e pretas escondendo seus rostos, mas não a depravação em seus olhos. Cada movimento parece calculado, cada olhar carregado de poder silencioso.

Aqui está em um nível completamente diferente do grupo Drayton. Ele parece ser um grupo iniciante comparado a este.

O que me faz abandonar qualquer ideia de coletar amostras de DNA ou mesmo de bisbilhotar. Vislumbro inúmeras câmeras piscando em cada canto, e a sensação de estar presa e constantemente vigiada me invade como uma doença.

É melhor ter cuidado desta vez, manter a discrição e observar. Como é meu primeiro convite, pode ser um teste.

Pego uma taça de champanhe de um garçom e me aconchego em um canto. Até os funcionários usam meias-máscaras prateadas, e estão impecavelmente

arrumados.

Meus olhos continuam percorrendo os membros com máscaras pretas e anéis. O número deles excede o daqueles que estavam presentes durante minha iniciação. Identifico pelo menos vinte no total, mas muitos deles têm vozes mais velhas, então talvez sejam políticos e figuras públicas e, portanto, a máscara seja uma camuflagem perfeita. Além disso, seus anéis não têm símbolos distintivos como os de Kane, Jude e Preston.

Continuo virando a cabeça, procurando por Kane, mas não encontro nada. É impossível identificá-lo entre tantas pessoas.

Vejo três homens de máscara prateada perto de uma mesa e me aproximo um pouco, ficando na esquina. Fora de vista, mas perto o suficiente para ouvir a conversa.

—…E você concorda que sua irmã seja expulsa, Gav?

Ryder Price. Essa é a voz dele.

Aquele com quem ele está falando é Gavin Drayton.

Este último afrouxa a gravata borboleta e toma um gole do copo por baixo da máscara. —Não há nada que eu possa fazer. Se três veteranos votarem nela, ela está fora.

—Ela mexeu com o último brinquedo do Davenport quando ele a avisou para se afastar. Ela merecia. — O terceiro, um brincalhão, porque já ouvi a voz dele antes, mas não consigo me lembrar.

Gavin bate o copo na mesa. —Bem, meu pai vai prendê-la e tirar seus privilégios por algumas semanas. Acho que ela já sofreu golpes suficientes para desistir. Não precisa ficar esfregando na cara dela.

—Ei, não se preocupe tanto. — Ryder passa o braço em volta dos ombros de Gavin. —Pelo menos você ainda está aqui, então o lado bom é que ainda

podemos entrar para os membros Sênior depois da formatura, se continuarmos na linha.

—Algo errado, rapazes? — Uma mulher usando um vestido verde deslumbrante e uma máscara preta e vermelha caminha até o meio do trio.

Preto e vermelho.

Uma fundadora?

Uma mulher que faz parte do escalão superior. Me inclino contra a parede.

—Nada mesmo, — diz Ryder com um sorriso. —Você está incrível, Serena. Como sempre.

Serena… Serena…

Onde é que já ouvi esse nome?

Oh.

Um artigo que li há algum tempo me vem à mente: —*Serena Osborn diz que a mudança fundamental é a única mudança necessária no setor.*

A atual CEO da Osborn Enterprises?

Ela acaricia a máscara de Ryder. —Você é um amor. Alguém viu o Julian?

—Acho que não, — diz Gavin. —Vimos o irmão dele, Jude, com Preston mais cedo.

O irmão de Jude, Julian. Lembro-me de ter lido sobre ele também. Se bem me lembro, o nome de Julian Callahan foi mencionado como o maior inovador do país no setor farmacêutico.

—Entendo. — Serena dá outro tapinha na máscara de Ryder e ele congela como se não ousasse respirar.

É incrível como uma mulher de altura média consegue fazer três homens que

têm o dobro ou o triplo do seu tamanho ficarem parados em reverência.

—Divirtam-se, rapazes. — Ela faz uma pausa e inclina a cabeça para o lado. —Não incomodem meu irmão no próximo jogo.

—Sim, senhora. — Eles quase a saudaram.

Sua risada rouca paira no ar enquanto ela caminha com determinação em direção ao próximo grupo. Todos cheios de pessoas com máscaras pretas e vermelhas.

Achei que só havia quatro membros com essas máscaras, ou seja, os chefes das famílias fundadoras, mas só nesse grupo, são seis. Serena é a número sete.

—Não incomode o irmão dela? — Gav zomba, em voz baixa. —Estou surpreso que ela ainda não tenha colocado Marcus como alvo, considerando os rumores de que ele foi absorvido de volta para tomar o lugar dela na família.

—Quem disse que ela não fez isso? — Diz a terceira pessoa cujo nome não consigo identificar, ainda mais baixo. —Marcus é só um gato com nove vidas.

Certo. Marcus.

Esqueci disso enquanto observava. Marcus Osborn é meio-irmão da Serena.

Mas espere aí. Absorvido de novo?

Será que eles *conhecem* o Marcus? Ele despreza tudo o que este mundo representa. Aposto que ele prefere ser espancado até a morte a fazer parte dos ‘esnobes pretensiosos,’ como ele os chama.

Ryder coça o cabelo. —Essa disputa interna de poder está me deixando ansioso. Papai diz que precisamos escolher um lado o quanto antes.

—Essa coisa toda de quatro famílias é absurda, para começo de conversa, — diz o terceiro jogador. —Não importa o quanto eles colaborem, mais cedo ou mais tarde eles vão acabar pisando nos calos um do outro. Além disso, a geração

que nos precedeu, seja Julian Callahan, Serena Osborn, Atlas Armstrong ou o atualmente banido Kayden Davenport, só sabe se engalfinhar.

—Nossa geração é diferente, no entanto, — diz Gavin. —Kane, Jude e Pres são muito unidos.

—Por enquanto. — O jogador três olha para o horizonte. —Após o banimento de Kayden, as decisões comerciais de Grant Davenport sofreram muito, e isso está começando a impactar a posição deles. É só questão de tempo até que Serena, Julian ou Atlas usem essa oportunidade e os esmaguem. Isso sinalizará uma guerra.

—Foda-se, — resmunga Ryder. —Não gosto do desconhecido nessa coisa toda. Prefiro que nos mandem matar pessoas em vez de escolher lados. Melhor ainda, eu só quero jogar hóquei e ficar com mulheres bonitas. É pedir demais?

Gavin coloca a mão no ombro dele. —Nós sobreviveremos. No jogo dos predadores, moscas pequenas como nós só precisam saber o seu lugar.

Enquanto eles se afastam, continuo pensando no que disseram.

Gavin Drayton, filho do prefeito, que mora na maior e mais linda casa que já vi, simplesmente se autodenominou uma mosca. Ryder também. Cuja família é literalmente dona de uma rede de shoppings.

Se eles são moscas, o que diabos sou eu?

O som de metal batendo no vidro ecoa no ar, silenciando a todos.

A atenção da multidão se volta para o topo da escadaria de mármore coberta por um tapete vermelho, onde cinco pessoas estão de pé.

O homem que segura a taça de champanhe usa uma máscara preta e vermelha. A mulher à sua direita usa uma máscara preta, e o homem à sua esquerda usa uma máscara preta e vermelha. Outro homem está um degrau abaixo, usando uma máscara preta, enquanto segura a mão de uma menina que

usa uma meia-máscara rosa e fofa.

Presumo que o homem que chamou a atenção de todos seja Lawrence Armstrong, um magnata dono de uma empresa internacional de recursos energéticos. A mulher provavelmente é sua esposa, e o terceiro homem é Atlas Armstrong, seu irmão mais novo.

O cara que segura a mão da menina é Preston, e a menina deve ser sua irmã.

Lawrence ergue o copo, e então sua voz ecoa pelo salão. —Sinto-me honrado em recebê-los em minha humilde propriedade. Esta noite é para construir conexões entre os membros. Por favor, não hesitem em perguntar ao nosso engenhoso mordomo sobre suas necessidades específicas. Não importa quais sejam. — Ele gesticula para um homem que usa uma meia-máscara preta e se curva cortesmente. —Com isso, senhoras e senhores, por favor, aproveitem a noite. Nas sombras...

—Nós mandamos! — Todos ecoam ao mesmo tempo, o salão vibrando com suas vozes.

A festa continua com uma suave música de piano tocando ao fundo. Vejo alguns membros, a maioria com máscaras prateadas, sendo abordados pela equipe e depois os seguindo para fora.

Estico a cabeça, procurando o melhor canto onde posso me esconder e continuar minha observação.

—Você parece solitária.

Assustei-me com a voz repentina. Nossa, nem percebi que ele se aproximava. Olhos escuros me observam ou me encaram? Através das aberturas da máscara preta, e seu físico enorme bloqueia minha visão.

—Jude? — Pergunto, sem ter certeza se ouvi sua voz corretamente.

Ele estende a mão e me afasto, sentindo uma energia destrutiva direcionada a

mim, mas ele apenas pega um garfo de prata da mesa atrás de mim e o gira. —Você já ouviu falar em estar no lugar errado na hora errada?

—Sim. Por quê?

—Você está nessa situação agora.

—Fui convidada pelo Kane.

—E você confia nele para mantê-la segura?

Minha boca abre e depois fecha.

Eu confio.

Em uma parte profunda de mim que não reconheço, sinto que ele me manteria segura. Talvez seja porque ele me protegeu duas vezes, na festa do Drayton e depois que fui drogada. E embora ele possa ser intenso comigo, não acredito que ele me exporia ao perigo.

Pelo menos não intencionalmente.

Espero.

—Você faz, — diz Jude quando permaneço em silêncio. —Você é muito mais burra do que eu pensava.

—Não me insulte.

—Então não se coloque em situações em que você possa se sentir insultada. — Ele me encara e fico sem palavras.

Por que Jude teria tanta hostilidade comigo? É quase como se ele me odiasse. Embora eu tenha notado que ele trata todo mundo com a mesma energia, talvez não seja só eu, e ele odeia todo mundo.

Um homem usando uma máscara preta e um terno sob medida envolve Jude com o braço. —Grandão. Por que você está perdendo seu tempo aqui? O show

vai começar.

Preston.

—Que show? — Pergunto.

Ele mal me olha. —Não é da sua conta, Delilah.

—É Dahlia.

—Seja o que for, Osborns ilegítimos e qualquer pessoa relacionada a eles não são bem-vindos aqui. — Consigo ouvir o sorriso irônico permanente em sua voz.

—Não sou parente do Marcus só porque saí com ele por, tipo, duas semanas. Sou membro, e é por isso que estou aqui.

—Em julgamento, — diz Jude. —Eu não prenderia a respiração se fosse você.

—Aqui vai um segredo. — Preston abaixa a voz. —Noventa e cinco por cento dos membros da Prova são banidos, e os cinco por cento que entram são da nossa classe social.

Engulo em seco, olhando entre eles como se fossem demônios erguendo suas cabeças feias.

—Ah. — Preston finge compaixão. —Você não achou mesmo que a gente pegava vira-latas na rua, achou? A gente podia fazer alguma caridade para te alimentar, te dar um teto e te manter viva para você poder abastecer a máquina, mas *só isso*... Gente como você e aquele bandido do Osborn são meros descartáveis. O propósito de vocês é servir de peões no tabuleiro de xadrez que a gente pode largar a *qualquer* momento.

Aperto a taça de champanhe com mais força. Embora eu soubesse o que pessoas como eles pensavam de pessoas como nós, ainda me enche de raiva

ouvir isso.

—Vai se foder enquanto pode, — diz Jude com a voz dura. —É sério.

—Achei que não conseguiria sair depois de entrar.

—Posso pedir uma exceção ao meu pai, — diz Jude. —Armstrong vai ajudar, certo?

—Com prazer, — diz Preston. —Não quero você por perto.

—Kane faz, — digo, erguendo o queixo. —E, pelo que sei, ele é o único que tem poder de decisão sobre a minha aceitação.

Preston acaricia o queixo da máscara, e quase consigo ver a maldade se infiltrando em seus olhos. —Ele não vai fazer isso depois que o pai descobrir suas ações ilógicas.

—Você entregaria seu amigo para se livrar de mim?

—Estou fazendo um favor a ele. Tenho certeza de que Kane não gostaria de ter um espião entre nós.

—Um espião? Para quem?

—Aquele seu namorado bandido.

—Ele *nunca foi* meu namorado, e por que eu espionaria para ele?

—Ainda não sei, mas vou descobrir. Em breve.

Jude está prestes a dizer algo quando um membro da equipe usando uma meia máscara se aproxima de nós. —Senhorita Thorne.

—Sim?

—Por favor, siga-me.

Olho para Jude e Preston para tentar descobrir se eles estão por trás disso,

mas eles já estão indo embora.

Minha mão treme ao redor da taça de champanhe. Isso faz parte do teste? Aqueles dois estão brincando comigo?

Considerando a hostilidade deles agora, duvido que eles vão facilitar.

—Senhorita Thorne? — Pergunta o funcionário novamente, com a voz fria, mas profissional.

Abandono cuidadosamente minha taça de champanhe na mesa. —Para onde estamos indo?

—Siga-me, — ele repete, ignorando completamente minha pergunta.

Meus passos são pesados e meus sapatos cravam-se na pele a cada movimento. Tenho quase certeza de que tenho uma bolha, e ela lateja com uma pulsação incessante. O desconforto se mistura com a apreensão, e desenho círculos com o polegar enquanto observo o longo corredor adornado com papel de parede verde-escuro e luminárias de parede em tons suaves.

Não há pessoas nem qualquer indicação do nosso destino. O barulho da festa vai diminuindo lentamente até desaparecer, deixando espaço para os passos abafados do homem e os meus, mais altos.

—Para onde você está me levando? — Minha pergunta cuidadosamente formulada rompe o silêncio.

—Chegaremos em breve.

Ele nem sequer me reconhece enquanto fala.

Imagens daquela iniciação infernal passam repetidamente pela minha cabeça, e fico tensa em antecipação ao que quer que eles tenham planejado para mim.

No final do corredor, o homem faz algumas curvas complicadas que não consigo acompanhar e então destranca uma porta e a abre. —Por favor, prossiga.

Hesito, mas ao ver o que parece ser um jardim, relaxo um pouco e saio.

A porta se fecha atrás de mim, mas paro quando descubro que não fui levada a um jardim, mas sim a uma estrutura de árvores e sebes estrategicamente cortadas.

Caminho um pouco, observando os troncos e memorizando as formas. Está escuro, porém, com apenas uma linha de luz escondida entre as nuvens, o que dificulta a visão.

O ar frio gruda na minha pele, cortante e afiado, e me abraço em busca de algum tipo de aconchego. A noite é densa e pesada, pressionando-me por todos os lados, e o leve farfalhar das folhas é o único som neste interminável silêncio perturbador.

Meus saltos afundam na grama úmida a cada passo, o suave ruído sob mim é enervante. As cercas vivas se erguem altas, serpenteando e se curvando, engolindo o caminho à minha frente.

Espere.

Não acabei de passar por aquela árvore?

Olho para trás e congelo.

Este não é apenas um jardim peculiar.

É um labirinto.

Mal consigo enxergar meio metro à minha frente. As sombras se movem como se estivessem vivas, a lua deslizando por entre as nuvens, fazendo pouco para penetrar o manto negro que envolve tudo.

Minha respiração embaça o ar, misturando-se ao frio que já está penetrando meus ossos. Cada passo parece mais pesado que o anterior, minhas pernas doem, a pressão dos meus sapatos cravando-se nos meus pés e piorando as bolhas.

Ouço um farfalhar atrás de mim, mas antes que possa me virar, um corpo grande envolve minhas costas.

Uma lâmina fria pressiona minha garganta.

Minha respiração congela e meu corpo estremece, mas um braço forte me envolve pela cintura, me puxando para trás. Tropeço, a grama escorregadia sob meus saltos enquanto sou puxada para algo sólido, *alguém* sólido.

O ar fica denso de perigo, e o calor da sua respiração desliza pela minha nuca até arrepios percorrerem minha pele.

Estou presa contra ele, a faca a um sussurro da minha pele. Um grito estrangulado se forma no fundo da minha garganta, mas se recusa a se libertar quando vislumbro a horripilante máscara negra com detalhes serpentinos e hediondos.

Meu pulso acelera e meu corpo inteiro desperta em resposta.

Sua respiração é constante, quase uma ondulação no ar. Cada expiração é lenta, deliberada, roçando minha pele como se fosse a mão dele.

É quente apesar do frio de tudo ao nosso redor, mas também parece um aviso, muito quieto, muito composto, como se ele estivesse escondendo algo mais sombrio sob a superfície.

—Kane? — Sussurro.

—Shh... — Ele aperta meu quadril com mais força. —É hora de testar se você realmente quer isso, Dahlia.

—Como…?

—Corra, — ele rosna, a palavra deslizando como seda sobre minha pele, baixa e perigosa.

Ele me solta e tropeço para frente, meus saltos escorregando na grama.

Me viro e mal consigo discernir sua sombra na escuridão, alta e encoberta pela noite.

—Três. — Sua voz é áspera, atingindo minha pele como um chicote.

Dou um passo para trás, com o coração martelando nos ouvidos.

Isso é loucura.

—Dois.

Me viro para frente e minha visão fica turva quando a adrenalina aumenta.

Por que eu quero isso?

—Um.

Um grito escapa de mim enquanto levanto meu vestido, tiro meus saltos e faço o que ele ordenou.

Eu corro.

Capítulo Dezoito

Dahlia

Minha respiração vem em pequenos suspiros.

A terra fria choca meus pés.

O ar asfixia meus pulmões em chamas.

Mas não paro.

Não posso.

A grama molhada escorrega sob meus pés, e cada vez que minha pele roça no chão úmido, um arrepio percorre meus ossos. Mas acelero, com o coração martelando contra as costelas. O labirinto paira sobre mim, suas imponentes muralhas de sebes me engolindo por inteira enquanto mergulho mais fundo na escuridão.

O ar denso da noite me envolve em um nó sufocante. Minhas inspirações curtas arranham minha garganta enquanto alguns galhos arranham meus braços, prendendo-se no tecido do meu vestido.

Ouço o farfalhar das folhas atrás de mim. Sinto um arrepio na espinha.

Ele está perto.

Consigo senti-lo junto com a batida no meu peito.

Ouça-o em meio ao zumbido em meus ouvidos.

Aquela presença silenciosa e constante me persegue na escuridão. Às vezes clara, às vezes tênue, como se estivesse brincando comigo.

Na verdade, ele *está* brincando comigo.

Ele disse claramente que sou seu *brinquedo.*

Agora, se minhas entranhas não se liquefazem com a perspectiva de ser perseguida, isso seria ótimo.

Tento me concentrar no caminho à minha frente, mas o som de seus passos calmos e controlados continua me puxando para trás. A emoção de saber que ele está lá, sempre um passo atrás, se mistura com o medo em meu peito. Minha mente me diz para correr, mas há algo mais também.

Algo mais sombrio.

Uma parte de mim que quer desacelerar.

Essa parte doente e distorcida quer que ele me pegue.

O chão sob mim se move, a grama molhada desliza sob meus pés descalços. Eu tropeço, meu corpo cai para a frente e meus joelhos batem no chão duro.

Sinto uma pontada de dor nas pernas. Tenho quase certeza de que ralei os joelhos, mas essa é a menor das minhas preocupações.

Passos estrondosos ecoam no ar e me levanto e corro novamente. Apesar da minha visão embaçada. Apesar do gosto metálico forte na minha língua.

É sobrevivência.

Sempre fui boa em sobrevivência.

Então, vejo um raio de luz na cerca viva, quase largo o suficiente para passar. Num piscar de olhos, corro em sua direção, quebro um galho e o jogo na direção oposta, o mais longe que consigo mirar.

Espero que isso o distraia.

Entro no espaço estreito, pressionando as costas contra as folhas ásperas e abraçando os joelhos contra o peito.

Os galhos cravam-se na minha pele, mas ignoro o desconforto. Meu peito sobe e desce, meus ouvidos latejam e o suor cobre minhas têmporas e escorre

pelas costas.

Os passos param.

Um silêncio denso e opressivo me engole por inteira, e mordo o lábio, tentando controlar a respiração. Mas a batida frenética do meu coração ameaça revelar minha posição.

Sem falar que o ar está tão frio que tenho medo de desmoronar.

Por um momento, o único som é o sussurro do vento através das sebes.

Mas sei melhor.

Ele está lá.

Em algum lugar no escuro, espreitando e observando como um predador.

A tensão elétrica no ar faz os pelos da minha nuca se arrepiarem.

Ele está perto. Perto *demais.*

Então ouço seus passos levando-o na direção oposta.

Ah. Graças a Deus.

Por um momento, apenas um momento, acho que o perdi.

Mas antes que possa soltar um suspiro de alívio, uma mão áspera envolve meu tornozelo.

Um grito agudo escapa da minha garganta enquanto sou puxada para fora, meu corpo desliza pelo chão úmido, meus dedos lutam para encontrar um galho ou qualquer coisa para me segurar.

Minhas unhas cravam na terra, a sujeira se acumulando embaixo delas enquanto arranho a grama, mas ela escorrega pelas minhas mãos como água.

Me viro, chutando as pernas com toda a minha força.

Por um momento, realmente acredito que estou em perigo e luto, visando causar o máximo de dano.

No entanto, seu aperto é firme e sem esforço, e isso me excita ainda mais.

O mundo gira enquanto sou puxada de volta, o chão áspero sob meus pés, a grama raspando contra minhas pernas.

O vento frio e implacável bate em meu rosto, mas tudo o que consigo ouvir é sua respiração constante enquanto sua voz profunda ressoa em um sussurro abafado: —Peguei você.

Uma onda de terror paralisante e excitação mórbida me percorre, e levanto minhas mãos trêmulas no escuro. —Kane... espere... vamos conversar sobre isso.

—Não diga meu nome. Não sou ninguém para você. — Sua voz soa mais baixa, mais próxima, cada palavra me envolvendo como um terremoto latente.

Ele me vira com uma facilidade assustadora.

Tudo o que consigo ver é a sombra do seu corpo se aproximando na escuridão, grande, largo e absolutamente intimidador. Uma estranha vibração desperta na boca do meu estômago.

É excitação?

Necessidade?

Ambos?

Mais?

Uma emoção animalesca e primitiva me invade como um trovão, e uma tensão estimulante se acumula em meu íntimo.

Kane dá um tapa nos meus joelhos e se ajoelha entre eles. A última coisa que vejo é o brilho da faca antes que ele arrebente meu vestido e o corte bem no meio.

Um vestido tão caro que fiquei com medo de usá-lo.

Ele o arranca brutalmente como se custasse centavos.

Meu suspiro ecoa no ar, e empurro seu peito. —Pare!

Ele empurra minha mão com firmeza e corta meu sutiã sem alças como se fosse manteiga.

Meus seios se soltam, os mamilos endurecendo ainda mais enquanto ele aperta um com força na mão grande. —Que safada! Seu corpo foi feito para ser usado por mim. Você vai engolir meu pau e implorar pela minha porra, não é?

—Não me toque! — Chuto seu peito com toda a minha força.

Ele agarra meu pé e corta minha calcinha, depois enfia o cabo da faca dentro de mim.

Deus. Estou molhada.

Estou tão molhada por causa da agressividade dele que deve ser constrangedor.

—Você acha que pode lutar comigo? — Ele empurra novamente, bombeando o cabo com perícia perversa. —Você acha que pode escapar de mim?

Minhas costas arqueiam na grama molhada, mas ainda tento resistir ao prazer ofuscante que cresce dentro de mim.

Parece uma necessidade.

Uma *necessidade* doentia e depravada.

—Você está tão molhada com a perspectiva de ser usada. Tão preparada e pronta. Está sufocando a faca como se fosse meu pau, não é?

—Você me dá nojo, seu babaca de merda. Me solta! — Levanto a mão direita e dou um tapa na máscara horrível dele.

Ele me dá um tapa com a mão livre. Tão forte que minha visão fica turva, e acho que gozei um pouco.

Oh não.

Não.

Não.

Isto é apenas um show, um teste e um jogo para conseguir o que quero.

Não deveria gostar tanto.

Eu não deveria gozar.

—Pense duas vezes antes de falar. — Ele coloca a mão por baixo de mim e pressiona um dedo contra meu ânus, e fico tensa. —Eu poderia e comeria sua bunda sem camisinha. Hum. Isso parece virgem.

Me empurro e tento escapar dele, mantendo as pernas abertas para não cortar a coxa na faca, enquanto meu coração dispara.

—Vamos testar.

No momento em que ele tira a faca de mim, o chuto e me viro, rastejando de quatro, ofegando como um animal ferido.

Estou completamente nua, e o frio penetra minha pele quente, mas isso não importa.

Parece que estou correndo para salvar minha vida.

Como se eu estivesse em perigo real.

Mas a verdade é que quero provocá-lo ainda mais, soltar a fera e fazê-lo mostrar seu verdadeiro eu.

Mesmo que seja apenas uma vez.

Só para mim.

Uma mão agarra meu cabelo e grito enquanto sou puxada para trás, de joelhos. Minhas costas pressionam o peito tenso de Kane, sua respiração áspera preenche meus ouvidos.

Pela primeira vez, ele não está calmo. Não está firme.

Ele está longe de estar controlado.

Ele está *desequilibrado.*

—Onde diabos você pensa que está indo?

—Para longe de você. — Inclino a cabeça para trás, apesar da dor, e cuspo na máscara dele enquanto minto descaradamente. —Seu toque me causa repulsa.

—É mesmo? — Enquanto ele ainda imobiliza meu cabelo, sinto sua mão direita se movendo atrás de mim e ouço o desafivelar de um cinto, seu som ecoando no silêncio assustador.

—É. Você é um filho da mãe doente que eu não tocaria duas vezes. — Minha voz treme, apesar das minhas tentativas de provocá-lo.

Ele disse que minha briga o excita, e sinto isso.

Sinto a protuberância pressionando minha bunda, dura e pesada.

—Se eu sou um doente... — Ele me dá uns tapas na bunda e enfia o pau entre as minhas coxas, deslizando todo o comprimento contra minha boceta encharcada, depois fala contra a minha boca, sua máscara tocando meus lábios a cada palavra áspera. —Você é uma putinha suja.

Então ele investe em mim com uma força que me tira o fôlego.

Meu Deus.

Ah, merda.

Não importa se estou molhada ou prestes a gozar, Kane é enorme. E ele parece maior do que nunca enquanto seu pau me penetra como se me odiasse.

Me aperto em volta dele como se eu também o odiasse.

Continuo me contorcendo e lutando como se eu realmente não quisesse isso, mesmo que meu corpo inteiro ganhe vida.

Mesmo que uma onda de prazer avassalador se acumule na boca do meu estômago.

Não ajuda quando ele continua sussurrando palavras pecaminosas em meus ouvidos, como um mantra, um afrodisíaco.

Palavras que me arrastam para o limite da minha sanidade.

—Mmm. Sua boceta está me estrangulando tão bem.

—É isso aí, alongue-se para mim. Boa menina.

—Seu corpo foi feito para ser usado e possuído por mim.

—Você está me tomando por inteiro. Tão fundo. Tão gostoso.

—Você aprende rápido. Mexa esses quadris para eu poder foder sua boceta apertada.

Minha cabeça zumbe com um zumbido baixo e constante, e meu corpo ressuscita.

Das cinzas.

Dos mortos.

Kane é o único que conseguiu provocar esse meu lado bizarro.

Talvez seja por causa de seus métodos pouco ortodoxos.

Talvez porque ele me fode com força e rapidez, confiscando todo o meu

controle, quer eu goste ou não.

Talvez porque eu não consiga pensar direito.

Ou talvez, só talvez, eu esteja doente da cabeça e só goste dessa brincadeira difícil.

Adoro como a cada toque o prazer se mistura com a dor até que os dois se tornam indistinguíveis.

Cada estocada se aprofunda, se intensifica, eletrificando cada fibra do meu corpo. Meus gemidos, lamúrias e xingamentos velados ecoam no ar, rompendo o silêncio, fundindo-se com o som obsceno de suas idas e vindas.

Mas ele não para.

Não diminui a velocidade.

Sua respiração fica ofegante e áspera. —Você foi feita para mim. Só para *mim*.

Não consigo me manter em pé e me agarrar a ele. Minhas unhas cravam na gola da camisa ou do paletó dele, mas não é o suficiente. Me inclino para a frente com suas investidas poderosas e quase caio, mas ele envolve meu quadril com uma mão forte e circunda meu clitóris estimulado com os dedos.

—Goza pra mim. Me mostra o quanto você quer isso.

É impossível durar.

Não posso.

No momento em que ele me toca, estou perdida.

Meu corpo estremece e tremo toda enquanto desmorono em seu pau. Agarro-me a ele para me equilibrar enquanto onda após onda me atinge, consumindo cada nervo.

Fecho os olhos com força, sentindo cada centímetro dele enquanto ele me fode, sem nunca diminuir o ritmo ou ficar gentil.

Uma parte de mim gosta disso. A parte que nunca gostou de gentileza.

Kane solta meu cabelo e aperta a minha garganta. —Você está estragando tudo. *Tudo*.

Não achei que fosse possível, mas seu ritmo se intensifica, fica mais forte, suas estocadas mais longas e profundas, atingindo um ponto sensível dentro de mim.

—Tudo, — ele rosna, suas palavras são ásperas e cruas.

Não há vestígios do Kane controlado.

Aquele que se escondeu em uma fortaleza sem chave.

Ele é ele mesmo por inteiro. Puro e real.

—Você não devia ter entrado na minha vida. — *Impulso.* —No meu mundo. — *Impulso.* —Na porra do meu sistema. — *Impulso.* —Vou te quebrar em pedaços por ousar chegar perto.

Posso sentir os resquícios do orgasmo se transformando em algo mais poderoso.

Mal consigo respirar por causa dos dedos dele apertando as laterais da minha garganta.

O prazer se intensifica à medida que ele aperta mais, aumentando, aumentando, até que penso que vou desmaiar.

Mesmo assim, levo a mão trêmula até a máscara dele e a empurro para cima. Meus movimentos são, na melhor das hipóteses, desajeitados, considerando minha falta de força.

Assim que revelo sua boca, fecho a pequena distância e selo meus lábios

trêmulos aos dele.

Suspeito que Kane não beija. Ele nunca tentou antes e também não gosta que eu o toque.

Mas preciso disso.

Em meio à violência e à degradação, preciso de alguma forma de conexão. Também preciso possuir uma parte dele que ninguém ousou possuir antes. Preciso virar o mundo dele de cabeça para baixo, assim como ele fez com o meu.

Ele fica imóvel por um instante, seu corpo enorme congelando como se tivesse levado um tiro. Seus lábios estão frios e imóveis.

Mas é só um momento.

Apenas um momento suspenso no tempo.

Um rosnado irrompe de dentro dele enquanto ele me beija com um vigor implacável que rouba meus pensamentos.

Não é um beijo, é uma posse. Seus lábios se movem contra os meus com uma intensidade áspera, sem deixar espaço para respirar ou suavidade.

Apenas Kane.

Seus dedos apertam meu pescoço, levantando meu rosto para que ele possa me devorar.

O beijo é um choque, uma guerra de calor e raiva enquanto ele roça os dentes no meu lábio inferior e mergulha a língua, consumindo a minha. O gosto dele é de fogo, queimando cada pensamento da minha mente. Sua respiração é áspera contra a minha boca, seus lábios implacáveis, como se ele estivesse tentando me engolir, me quebrar.

Não há delicadeza no jeito como ele beija. Não é controlado nem refinado. Nem sequer é disciplinado como o jeito como ele fode. É como se ele nunca

tivesse beijado antes e eu pudesse testemunhar cada segundo de cada pedaço do seu poder brutal, acalorado e explosivo.

Anseio por isso.

Amo isso.

Desmorono ao pensar que ele só me mostra esse lado dele.

Sem as restrições. Sem a repressão.

Apenas Kane.

O beijo dele é furioso. É perigoso.

É *tudo.*

Então ele me fode enquanto me beija com uma paixão ofuscante. Seus quadris se movem no mesmo ritmo da língua.

Dessa vez, não recebo nenhum aviso enquanto gozo em seu pau.

Gozo com tanta força que acho que vou desmaiar.

Mas não faço.

Ainda segurando aquela parte irrestrita dele, precisando de mais e de tudo.

Estou tão sensível, tão dolorida, gemendo em sua boca enquanto ele continua a me beijar. Enfiando-se em mim como se estivesse me punindo e me possuindo ao mesmo tempo.

Embora ele provavelmente não saiba que eu também possuo uma parte dele.

Uma parte que ninguém mais viu.

—Porra! — Ele afasta os lábios dos meus e solta minha garganta enquanto me empurra de quatro na grama.

—Jesus Cristo. — Ele agarra meus quadris, puxando minha bunda para cima

enquanto me penetra com uma raiva evidente.

Adoro quando ele perde o controle por minha causa.

Ele está xingando, livrando-se de suas camadas externas, uma de cada vez.

Por *minha* causa.

Então, mesmo estando completamente esgotada, inclino a cabeça nas mãos, agarro-me à terra e deixo que ele me foda como uma fera.

Cada estocada deliciosa e punível quase me leva ao limite, e não consigo acreditar que minhas entranhas drenadas estão pensando em outro orgasmo.

Devo realmente gostar *muito* de algo bruto.

O peito de Kane cobre minhas costas, sua mão envolve meu cabelo e sinto seus dentes e lábios sugando e mordendo meus ombros, minha espinha, marcando-me em todos os lugares.

Dói muito.

—Você é um pesadelo, — ele diz bruscamente perto do meu ouvido, seus lábios roçando a concha.

—Kane…

—Não geme meu nome, Dahlia.

—Kane... Kane... — Gemo mais alto, mais roucamente, enquanto o orgasmo me invade. —Goza, goza... por favor...

—Porra, maldita!

—Estou tomando anticoncepcional… goze dentro de mim.

—Porra. — Kane se afasta e sinto seu esperma cobrindo minha bunda e costas, a ardência do líquido quente contra as marcas de mãos que ele deixou nas minhas nádegas empalidece em comparação com a sensação de afundamento no

fundo do meu estômago.

Por que estou decepcionada por ele não ter gozado dentro de mim?

Kane cai em cima de mim, me esmagando contra o chão. —Eu te odeio pra caralho.

—Eu também te odeio, seu babaca. — Murmuro, perdendo toda a minha vontade de lutar.

Acho que ele vai me matar com seu peso.

Que maneira de morrer.

Sendo esmagada até a morte depois do melhor sexo da minha vida.

Kane se mexe e acho que ele vai me soltar, mas ele me puxa com um movimento rápido, de modo que fico deitada em cima dele, de costas para o seu peito, a cabeça em seu ombro. Minhas pernas estão presas entre as dele, seu pau meio ereto cutucando minha bunda.

Estou uma bagunça, coberta de porra, suor e até lágrimas, por causa da intensidade que é Kane Davenport. Nem quero pensar no estado da minha maquiagem.

Mas Kane ainda envolve um braço em volta dos meus seios e o outro em volta do meu quadril e da minha boceta.

Estou tão sensível que me arrepio ao menor contato. Meus mamilos cutucam a mão dele e não gosto de nada dessa cena.

É vulnerável e não gosto de ser vulnerável.

O que é risível, na verdade. Aguento ser perseguida e fodida no meio do nada, mas ser segurada me dá um alarme, como se eu tivesse sido jogada em água gelada.

Me mexo e tento me virar.

—Pare de se mexer. — Sua voz áspera chega aos meus ouvidos como uma maldição.

—Estou desconfortável.

—Não dou a mínima. Pare de tentar se virar. Pare de estragar tudo. Pare logo.

Viro o rosto. —Eu te odeio, seu babaca.

Sua mão envolve meu pescoço e ele inclina minha cabeça para cima para falar contra meus lábios: —Eu também te odeio pra caralho, Dahlia.

E então ele me beija sem sentido.

Ele me beija até eu achar que vou desmaiar.

Ele me beija até eu achar que ele nunca mais vai parar de me beijar.

Capítulo Dezenove

Kane

Respirar.

Inalar.

Expirar.

Relaxar.

Aceitar a dor.

Meus pulsos queimam onde as correntes os cortam, meus braços esticados acima de mim, meu próprio peso puxando meus ombros.

A cada tremor involuntário que percorre meu corpo, o ferro penetra em minha carne.

O porão em que estou pendurado me engole por inteiro, o frio penetrando minha pele. As paredes de pedra estão úmidas, exalando mofo e o cheiro forte de metal enferrujado.

Quanto ao motivo pelo qual estou aqui, mais uma vez, é simples.

Hoje à noite perdemos o nosso jogo fora de casa.

Os Vipers perderam uma sequência de vitórias limpas. Contra os malditos Wolves de Stanton.

Dizer que o moral do time está no fundo do poço seria um eufemismo.

Isso ocorreu devido a uma série de fatos infelizes.

Primeiro, eu não estava concentrado e, enquanto meu corpo estava na pista, minha presença mental sofria muito.

A disciplina imaculada que passei mais de quinze anos aprimorando até a

perfeição lascou nas bordas, pequenas rachaduras apareceram na base.

Segundo, talvez tenha sido a falta da minha liderança assertiva, mas o resto do time também entrou em crise, lutando para manter os Wolves, especialmente seu capitão, sob controle.

Osborn brincou com o espírito de equipe e prestou atenção redobrada em Preston, controlando e até mesmo caindo em cima dele até que nosso ala esquerda mal conseguisse respirar. Como um homem possuído, Osborn fez de Preston um alvo e continuou atacando-o implacavelmente, como se meu amigo fosse o único jogador dos Vipers na pista. E isso, em retrospecto, fez com que Jude começasse a brigar mais do que o normal, ele é notoriamente protetor com Preston desde que éramos crianças.

Terceiro, a frieza habitual de Preston desapareceu. Ele resistiu no primeiro período, mas acabou cedendo às brigas e a tudo o que Osborn sussurrava para ele toda vez que o derrubava. No terceiro período, Preston cedeu e mandou Osborn voando contra as placas, que se espatifou em pedaços.

A única reação de Osborn foi uma risada maligna.

Foi a primeira vez que Preston recorreu deliberadamente à violência durante um jogo. Embora não se importe com assassinatos, ele acredita que a violência no hóquei é inferior a ele e que aqueles que confiam em seus músculos são mesquinhos.

Mesmo na vida real, Preston frequentemente delega tarefas à extensa rede de seguranças particulares de sua família, recusando-se veementemente a sujar as mãos se a tarefa não for interessante o suficiente.

Mas ele cometeu um erro de estreante que o deixou cinco minutos na área de penalidade, o que é em grande parte o motivo da nossa derrota.

Aqueles cinco minutos de penalidade foram brutais, e Osborn fez questão de

acenar para Preston toda vez que ele marcava. A torcida do Stanton Wolves foi à loucura por Osborn, torcendo e cantando como se ele fosse seu deus.

Mesmo depois de Preston ser liberado da área de penalidade, ele estava praticamente inútil. Osborn já estava na cabeça dele, então o jogo acabou.

Jude e eu seguramos a fortaleza, e foi por isso que não fomos completamente derrotados, mas ainda assim foi uma derrota.

Não lido bem com perdas.

Eu não *perco.* Fim de conversa.

Toda a minha educação foi personalizada para me ensinar que pessoas como nós não perdem. Estamos sempre do lado vencedor.

Toda vez, porra.

Então, naturalmente, meu pai ficou descontente e, como expressão de sua fúria, ele me trancou em meu próprio inferno.

Um quarto escuro no porão da nossa casa, porque, sim, Grant Davenport tem uma câmara de tortura onde ele pode ensinar disciplina ao seu filho.

Tudo começou aqui, antes que o internato assumisse o legado. Depois que me formei, este lugar voltou a ser minha cela.

Meus olhos estão fechados enquanto estou pendurado no teto pelos pulsos, vestindo apenas minha calça jeans, pois meus dedos mal tocam o chão frio e úmido.

De vez em quando, o teto acima de mim se abre e sou encharcado com água gelada para não dormir.

Há alguns anos, entrei em hipotermia, mas o médico do Grant me salvou. Às vezes, quando ele está realmente decepcionado comigo, ele me eletrocuta o suficiente para me machucar, mas não me matar.

Costumava ficar apreensivo com os castigos. Costumava enrijecer os músculos e atacar. Mas isso só prolongava o sofrimento, então aprendi a ter paciência.

Disciplina.

Endurecer minha mente me permitiu deixar tudo o que ele manda contra mim, passar.

Os elementos, a escuridão, a tensão nos meus músculos, tudo é normal.

Embora o tempo que passo neste quarto seja impossível de contar, costumo passar a noite aqui e sou liberado de manhã, antes do treino ou da patinação livre. Grant não pode deixar o mundo exterior perder seu menino de ouro, principalmente depois que me tornei uma estrela do hóquei.

Ele considera minhas vitórias como certas e minhas derrotas como uma ofensa à sua honra.

Geralmente, aproveito esse tempo para pensar nos próximos passos que preciso tomar para derrubá-lo, arruinar seu legado e destruir suas conquistas de uma vida inteira.

Mas minha cabeça tem outros planos e continua voltando para alguns dias atrás, quando transei com Dahlia como um animal e deixei meu último resquício de controle se estilhaçar.

Queria transar com ela e humilhá-la. Usá-la e descartá-la como naquela primeira vez.

Era para ser uma demonstração de poder para que ela entendesse quem estava no controle.

Mas então ela aceitou tudo o que eu oferecia e aproveitou. Ela *gemeu* por isso. Seu animal interior se chocou com o meu, encaixando-se como uma luva nos meus desejos mais depravados.

Nem nos meus sonhos mais loucos imaginei que encontraria alguém que compartilhasse o mesmo tecido da minha alma depravada.

É por isso que nunca mostrei esse meu lado. Nem considerei isso.

Mas com a Dahlia? Saiu tão naturalmente.

Ela teve a audácia de me *beijar.* De cravar suas garras minúsculas em mim e me queimar. De exigir isso, até.

Como se ela tivesse *todo* o direito.

Foi aí que qualquer resquício de racionalidade se dissipou. Perdi minha década e meia de disciplina em uma fração de segundo.

E assim, sucumbi ao meu lado instintivo e primitivo.

Meus lábios se contraem como se ainda pudesse sentir o gosto dela na minha língua.

É muito irritante como uma mulherzinha com intenções duvidosas tem o poder de quebrar minhas barreiras e erodir minhas paredes apenas por existir.

Não. Não é irritante.

Perigoso.

E a pior parte?

Depois daquele encontro, ela me deu um gelo.

Bem, não exatamente, mas desde que dei a ela minha jaqueta para se cobrir e a tirei da mansão Armstrong, depois a levei para o dormitório, ela tem me ignorado.

As mensagens dela são, na melhor das hipóteses, secas, e ela sempre dá um jeito de me evitar.

No dia seguinte, a vi mancando em direção à aula e eu, sendo um *cavalheiro,*

fui ver como ela estava.

Eu: *Você está mancando.*

Certo, não foi exatamente uma checagem, mas ela entendeu. Ou não. Porque a resposta dela não foi o que eu esperava. Não que eu soubesse o que esperar.

Dahlia: *Obrigada pela observação, Sherlock.*

Eu*:* *Você se machucou?*

Dahlia: *Você me machucou, seu idiota. Mal consigo andar.*

Eu: *Foi tão bom assim, não é?*

Dahlia: *Foi TÃO ruim.*

Eu: *Você gozou três vezes, flor silvestre. Não acho que tenha sido TÃO ruim. Além disso, você não usou sua palavra de segurança.*

Ela me deixou em: Visualizado.

Normalmente, não daria a mínima, mas apertei os olhos e deixei para lá. No dia seguinte, comecei de novo.

Eu: *A dor desapareceu?*

Dahlia: *E se não desapareceu? Você vai beijar para melhorar?*

Eu: *Posso tentar. Venha para minha casa hoje à noite.*

Dahlia: *Não, obrigada. Não estou com vontade de morrer.*

Eu: *Eu não vou te foder. Não se preocupe.*

Dahlia: *Sim, não. Não vou cair nessa.*

Eu*: Evitar-me não é a solução para o que quer que esteja acontecendo nessa sua cabeça.*

Visualizado. Novamente.



Nesse ponto, minhas sobrancelhas quase atingiram a linha do cabelo, mas dei a ela alguns dias para superar o que quer que tenha deixado ela irritada.

Não parecia ser nada de novo em sua vida.

Eu sei porque estava de olho nela. Ela está sempre bem ocupada com aulas, projetos escolares, seu trabalho de meio período e o hospital no fim do dia. Ela também tem o hábito de ficar no laboratório por muito tempo.

Eu*:* *Sua birra acabou?*

Dahlia: *Eu não estava fazendo birra, mas se você quiser uma, terei prazer em fazer.*

Eu: *Em vez disso, entregue-se na minha casa.*

Dahlia: *Estou ocupada.*

Eu: *Não me faça aparecer no seu dormitório e aterrorizar sua colega de quarto.*

Dahlia: *Não é aberto a pessoas de fora.*

Eu: *É engraçado você pensar que existe algum lugar nesta cidade ao qual eu não tenho acesso.*

Dahlia: *Me deixa em paz, Kane. Tenho que trabalhar até tarde hoje à noite.*

Eu: *Então chega de conversa fiada sobre salário mínimo. Vou providenciar para que você seja aceita como estagiária remunerada na equipe médica. Vamos triplicar seu salário. Você pode começar em dois dias.*

Dahlia*: Pessoas ricas típicas. Jogando dinheiro em problemas e torcendo para que dê certo.*

Eu: *Não espero. Eu aguardo. Além disso, você não queria trabalhar com a*

equipe?

Dahlia: *Isso foi antes de eu perceber que não queria passar mais tempo na sua companhia.*

Eu: *Muito engraçado. Vou providenciar para que você tenha uma função mais de observadora e de registro médico.*

Dahlia*: Por que esse papel especificamente?*

Eu: *Então você não vai tocar nos outros jogadores. Estou realizando seu desejo, então você deveria me agradecer.*

Dahlia: *Obrigada, meu senhor, mas eu recuso. Prefiro ganhar meu dinheiro de forma justa e honesta.*

Eu: *Eu não sugeri que você roubasse. Pare com essa bobagem de orgulho de pobre e de ser teimosa só por ser. Se uma oportunidade se apresenta, você não vira as costas. Você a agarra. Achei que você não queria ser uma estranha, mas aqui está você escolhendo ser uma.*

Dahlia: *Você terminou a palestra?*

Eu: *Juro que você é a coisa mais irritante do planeta.*

Dahlia: *Obrigada. Você também não é tão ruim assim.*

Eu: *Aceita o emprego, Dahlia. Sua conta bancária vai agradecer.*

Ela me deixou no Visualizado. *De novo.*

Naquele momento, estava com a testa franzida, tanto que Jude, que estava se trocando ao meu lado depois do treino, chutou minha canela. —Algum problema?

—O que significa ficar constantemente em Visualizado?

Ele fez uma pausa e, lentamente, vestiu o moletom. —Falta de interesse?

—Ela costumava me mandar mensagem primeiro.

—Então perda de interesse.

—Não é isso. — Bati o armário e fui embora.

De qualquer forma, era inútil perguntar ao Jude. Ele nunca teve um relacionamento, não acredita neles, e é um bruto que não aprecia nada macio e delicado. Jude é do tipo que chama flores de grama e chocolate de um festival de açúcar desnecessário.

Preston poderia ter sido mais útil, mas ele também é alérgico à monogamia e aquele não era o momento certo, já que ele estava na zona de conforto antes do jogo contra os Wolves. Que ele ainda cometeu um erro épico, apesar de todos os seus constantes avisos a Jude e ao resto do time para estarem na melhor forma possível.

Já se passaram dois dias e ainda não entendi o motivo dela ter me deixado em Visualizado. O que pode ou não ter afetado meu desempenho hoje à noite ou ontem. Provavelmente já é de manhã cedo.

Um barulho vem de cima da minha cabeça, dispersando meus pensamentos.

Água gelada bate na minha pele como cacos de vidro, penetrando carne e osso. Cerro os dentes, meus músculos se contraindo contra o ataque, mas ela continua vindo, cada onda mais fria que a anterior, escorrendo pelas minhas costas, encharcando meu jeans até que eu não seja nada além de pele congelante e ossos tremendo.

O chão embaixo de mim está escorregadio, a mordida gelada subindo do chão, atravessando meus pés e chegando à minha espinha. As correntes chacoalham acima de mim, e meus pulsos gritam de tensão.

Até que não consigo mais dizer onde termina a água e começa a dor.

Tudo o que consigo ouvir é o *gotejamento constante, gotejamento,*

gotejamento ecoando no escuro.

À medida que meu corpo endurecido absorve o choque, os pensamentos sobre Dahlia se tornam um mero raio de luz na escuridão, desaparecendo rapidamente sob os chicotes do condicionamento.

Porém, neste momento, faço uma promessa a mim mesmo.

Esta é a última vez que permito que os capangas de Grant me sequestrem e me acorrentem a este lugar.

Da próxima vez, será ele pendurado no teto.



Como esperado, Grant me libera às cinco da manhã.

Não pessoalmente.

Ele deixou isso claro ontem à noite.

—Meu filho não pode ser um fracasso, entendeu?

—Sim senhor, — foi tudo o que eu disse antes que ele fechasse a porta.

Um dos seus ajudantes solta minhas correntes e me deixa cambaleando.

Enquanto subo as escadas para a casa principal, encontro Samuel esperando com uma toalha, sua postura ereta parecendo prestes a quebrar.

Ele é um velho enrugado e careca que é nosso mordomo desde que nasci. Ele mal fala, mas sempre vem com uma toalha e me prepara um banho quente, chá e uma refeição depois das minhas sessões de tortura.

Ele também sempre tem um médico de prontidão para qualquer eventualidade.

Grant certamente não quer que seu filho e único herdeiro morra. Não depois

que meu tio estiver fora de cena, provavelmente vivendo a melhor vida com aquele namorado jovem dele.

Às vezes, acho que ser banido não é uma má ideia.

Mas então me lembro que não posso deixar Grant ter tudo.

Não sou tão magnânimo quanto meu tio.

Agradeço a Samuel ao entrar na banheira. O calor me percorre, dissipando o frio, mas meus músculos ainda se contraem. Então, submerjo completamente por alguns minutos antes de emergir novamente.

—Senhor. Seu telefone. — Samuel fica ao lado da banheira e o entrega.

Mas ele não vai embora.

Envolvo o dispositivo com meus dedos azuis. —O que é?

—Sua mãe quer ver você.

—Não. Mantenha-a longe. Saio em meia hora.

—Observado.

Ele sai do banheiro e a enorme porta ornamentada se fecha atrás dele.

Me inclino para trás na banheira e abro meu telefone.

Inúmeras notificações aparecem na tela, e estou prestes a excluí-las quando vejo algumas mensagens de texto.

Me endireito, sentindo a água chacoalhar ao meu redor.

Dahlia: *Sei que você perdeu pela primeira vez nesta temporada, mas você fez o seu melhor.*

Dahlia: *Você é meio controlador, então provavelmente está levando isso para o lado pessoal, mas não deveria. Na verdade, Preston precisa se sentir mal*

e pedir perdão de joelhos. Nossa, ele foi uma piada, principalmente no terceiro período. Que merda inútil.

Dahlia: *De qualquer forma, você é a razão pela qual os Vipers não foram eliminados. O lado bom, certo?*

Jogo a cabeça para trás e rio.

Jesus Cristo.

Sem pensar, levanto, me seco e visto.

Depois, dirijo até o centro da cidade e até o Graystone General Hospital, onde ela passa a maior parte das noites.

A enfermeira-chefe e a equipe se curvam ao me ver, mas não lhes dou atenção enquanto pego o elevador e caminho até a sala no final do corredor.

De fato, Dahlia está dormindo em uma cadeira, com a cabeça desajeitadamente caída na cama ao lado de uma mulher pálida e em coma. Seu laptop está aberto e alguns livros didáticos estão espalhados caoticamente de cada lado dela.

Bipe, bipe, bipe constante das máquinas é o único som que ecoa na sala.

Caminho até ela como se ela estivesse me prendendo com uma corda invisível.

Ao me aproximar, lancei um olhar para a tela do laptop.

Um projeto escolar, inúmeras abas relacionadas à pesquisa…

O que temos aqui?

Uma aba com um artigo sobre o jogo de hoje à noite está minimizada na parte inferior da tela. Clico nela e a amplio.

Os Vipers São Esmagados pelos Wolves em uma Noite Sensacional.

Desço a tela e descubro que ela tem uma conta e seu nome de usuário é, juro, ColdAsKane. E esse alter ego já postou vários comentários.

—Ah, vai se foder. Esmagados. Você parece uma criança latindo para chamar atenção e clicks. Não houve esmagar, e os Vipers teriam resistido muito bem se não fosse por aquela vadia do Armstrong.

—Sensacional? Mais para patético. Os Wolves não conseguiriam 'esmagar' nada se não tivessem os árbitros no bolso.

—Por favor, vadia. Um jogo não define uma temporada. Entendam os fatos, idiotas.

—Engraçado como uma vitória única deixa a torcida do Wolves babando. Desesperado fica bem em você.

—Os Wolves deram sorte, mas a sorte acaba. Os Vipers nunca acabam, seus filhos da puta.

E quando os fãs do Wolves interagiam, ela era tão passivo-agressiva, chamando-os de todos os tipos de nomes e provocando-os intensamente.

Jesus Cristo.

Ela é como a diabinha mais tóxica da internet, canalizando os sentimentos ilógicos dos fãs em relação aos jogos. Acho que nunca a ouvi xingar assim na vida real, mas ela é proficiente online.

Isso me faz sorrir. Pelo menos ela superou os Wolves e o capitão bastardo deles.

A ideia de que Osborn colocou as mãos nela antes de mim me deixa com vontade de matar.

Fecho o laptop e acaricio uma mecha de cabelo que caiu no rosto dela, atrás da orelha.

Ela geme baixinho e se inclina na minha palma, acariciando sua bochecha como se fosse um cachorro.

Essa mulher será a minha morte.

Seus olhos se abrem e ela me encara por alguns segundos sob a delicada luz do amanhecer. O castanho se transforma lentamente no verde mais claro e encantador.

Ela é tão linda que é difícil olhar para ela sem sentir uma queimação.

Como se acordasse de um transe, Dahlia se levanta de um salto e olha de mim para a paciente, com a postura rígida.

Vê-la se transformar em modo protetor num piscar de olhos é fascinante.

—O que você está fazendo aqui? — Ela pergunta com uma voz clara e dura.

Que droga. Vim sem pensar duas vezes, então não pensei numa desculpa.

—Um check-up matinal antes do treino.

—Vocês não têm médicos particulares?

—Sim, mas precisei fazer um teste de tecido com uma máquina que só está disponível aqui.

Ela estreita os olhos. —Como você sabia que eu estava neste quarto?

—Jude.

—Jude?

Desculpa, grandão. Te devo uma.

Aponto para o outro paciente inerte no quarto. —É o guarda pessoal dele.

—Ah, — ela franze a testa. —Nunca vi Jude visitá-lo.

—Não quando você estiver aqui, já que ele não gosta de companhia. Se não

acredita em mim, pode perguntar a ele.

Ela coloca a mão no quadril. —Então *você* pergunta para ele. Liga para ele e coloca no viva-voz.

—Parece que você não acredita em mim.

—Eu não. Vai em frente.

Porra.

Pego meu telefone e ligo, mas Jude não atende.

Boa defesa.

—Provavelmente ainda dormindo, — digo enquanto desligo e mando uma mensagem rápida, fingindo franzir a testa para o meu telefone.

Eu: *No hospital. É melhor você atender.*

Os olhos arregalados de Dahlia ainda estão semicerrados, mas ela solta um suspiro e arruma seu espaço. —Pode ir agora. Minha irmã é cautelosa com estranhos.

—Tenho quase certeza de que ela não consegue dizer se está em coma.

Ela me encara.

—Muito cedo?

—Vá embora.

Sento-me na cadeira dela e lanço um olhar rápido para a paciente adormecida.

—Meia-irmã?

Ela se senta na cama, bloqueando minha visão. —Por que você acha isso?

—Vocês não se parecem.

—Irmã adotiva. — Sua voz suaviza enquanto ela segura a mão da irmã. — Ela é a única família que eu tenho.

—O que aconteceu? — Finjo interesse.

—Não sabemos ao certo, mas ela foi atacada e deixada em um hospital em Stantonville. Ela está em coma desde então.

—Sinto muito.

Seus olhos encontram os meus, brilhantes, com um brilho anormal. — Obrigada, mas ela vai voltar. Eu sei.

Quero dizer a ela para não criar falsas esperanças e bater na cabeça dela com fatos concretos de que pacientes em coma não voltam simplesmente e que ela deveria desistir, mas não consigo fazer isso.

Normalmente, não dou a mínima para os sentimentos das pessoas.

Dahlia está se mostrando uma exceção de maneiras que não consigo reconhecer.

Mas ainda digo: —Se você quer pagar as contas médicas dela, não seria uma ideia inteligente aceitar a oferta que te fiz?

—A fundação paga as contas dela.

—Então você pode conseguir um estágio com carga horária razoável, salário mais alto e prestígio suficiente para adicionar ao seu currículo. É a coisa mais inteligente a se fazer.

Ela solta a mão da irmã e sussurra: —Tem certeza de que não é para ter acesso a mim o tempo todo para seus jogos doentios?

Puxo-a pelo braço até que ela se espatifou contra o meu peito, com o rosto a um passo do meu. — *Nossos* jogos são doentios, e posso ter acesso a você, esteja você no time ou não.

Sua respiração escapa em sons longos e entrecortados, seus olhos oscilando entre verde escuro e marrom furioso.

Então eu entendo. O motivo pelo qual ela está me evitando.

—Você está com medo, não é? — Murmuro palavras quentes contra sua pele.

—Não estou com medo. — Ela empurra meu peito.

—Você está tremendo, assustada por amar tanto. Está horrorizada que, se eu te caçar, perseguir e te foder com tanta brutalidade, você vai desmoronar de novo. Admita, flor silvestre, seu animal interior foi feito para o meu.

—Você me fez fazer isso. Não estou tão doente quanto você.

—Então diga 'vermelho.'

Ela franze os lábios.

Deixei minha boca se curvar num sorriso. —Você nem pensou nessa palavra, não é? Você estava gostando demais para pensar em parar. Aposto que você tocou na sua bucetinha apertada com essa lembrança.

—Cale-se.

—Como desejar.

Chego mais perto, com a atenção voltada para sua boca. Sua respiração entrecortada roça minha pele.

Nem gosto de beijar, mas desde que ela me beijou, tenho fantasiado sobre morder seus lábios, cravar meus dentes neles e devorá-la através deles.

—Vão para um quarto e parem de incomodar os pacientes, — Jude resmunga, entrando com uma expressão feia.

Dahlia cambaleia para trás, seu rosto empalidece e todos os traços de calor

desaparecem de suas feições delicadas.

O desgraçado do Jude vai levar uma surra no treino hoje.

Observamos enquanto ele coloca uma cesta de frutas na mesa lateral de seu guarda.

Dahlia se levanta e se move lentamente para a outra cama, como se pudesse proteger o paciente. —Você conhece mesmo o Mário?

—O que você tem a ver com isso? — Ele a encara de frente e trocamos um olhar. —Além disso, você não deveria ter saído por volta dessa hora para que eu possa visitá-lo em paz?

Dahlia franze a testa, mas não diz nada.

Levanto-me e ofereço-lhe a mão. —Deixa-me levar você para tomar o café da manhã.

Ela me ignora e beija a irmã na testa. —Te vejo à noite, Vi.

Quando ela se endireita, ela olha para minha mão, faz uma pausa e então a pega como uma boa menina.

Mas não a minha mão.

Dahlia envolve meu pulso com as duas mãos e levanta a manga do meu suéter, revelando as marcas roxas da corrente. Seus olhos se arregalam e xingo internamente.

Estava tão precipitado em vir aqui que esqueci de enfaixar eles.

—O que aconteceu? — Sua voz é suave, mas o olhar alarmado em seu rosto me apunhala mais do que suas palavras.

Não gosto de pena em geral, mas detesto especialmente quando vem da Dahlia.

—Não precisa se preocupar com nada. — Solto a mão sutilmente e abaixo a manga. Ela abre a boca para dizer algo, mas a interrompi: —Vamos sair daqui.

Vejo Jude de relance, que balança a cabeça.

Dahlia não resiste enquanto a guio para fora da sala.

Quando olho para trás, a mão de Violet se contrai no lençol.

Capítulo Vinte

Dahlia

Não consigo parar de olhar para a mão direita de Kane.

As imagens daqueles hematomas e cortes roxos profundos em seu pulso ainda ecoam em minha mente como traços assombrosos e perturbadores.

Principalmente porque já sei que ele tem várias cicatrizes antigas nas costas.

Desde que vi aqueles hematomas no hospital, tenho observado-o atentamente. Percebi que sua pele está mais pálida hoje, seus lábios ligeiramente azuis e seus olhos estão mais frios.

O que aconteceu com ele entre o jogo de ontem à noite e hoje de manhã?

E por que diabos estou tão envolvida se passei dias tentando colocar uma distância saudável entre nós?

As provações de Kane não deveriam ser da minha conta.

Recosto-me no carro de Kane, o metal frio contra minha espinha enquanto o ar gelado penetra em minha pele. Não sei se devo sequer tocar em seu carro de aparência cara. Mas quando tentei me afastar dele, Kane me arrastou de volta para o seu lado.

Abaixo de nós, Graystone Ridge se estende como um mapa, a cidade ainda envolta nos últimos vestígios da noite, telhados e ruas suavizados pela luz fraca do amanhecer. O sol está apenas começando a raiar, lançando uma névoa dourada sobre os prédios, fazendo tudo parecer quase em paz.

Tão pacífico quanto esse covil de víboras poderia ser.

O vento frio agita meus cabelos, trazendo o leve aroma de pinho da floresta atrás de nós. E, por um breve instante, parece que somos as únicas duas pessoas

acordadas no mundo.

—Você está me encarando. — Kane não olha para mim e, em vez disso, olha para seu sanduíche da loja de conveniência como se fosse um produto estragado.

—Desculpe. — Mordo meu sanduíche de queijo e alface e tomo um longo gole de café gelado.

—É melhor você se desculpar por essa comida horrível.

—Bem, nenhum outro lugar estava aberto tão cedo.

—Poderíamos ter ido a um restaurante de verdade.

—E você perder a patinação livre? Pare de ser exigente e coma logo.

Ele cheira o pão antes de dar uma mordida hesitante.

—Como está? — Pergunto.

—Comestível, mas deprimentemente sem sabor e nada fresco.

Rio e bato no ombro dele. —Você é tão esnobe.

—Por querer comida fresca?

—Esse não é um luxo que todos nós podemos pagar.

—Você pode de agora em diante.

Meus ombros se tensionam. —Não preciso da sua caridade.

Engraçado porque não me importava quando Isabella ou Preston me chamavam de caso de caridade. Que droga, estou mantendo minha irmã viva apenas por meio de caridade, na qual a família de Kane definitivamente contribui.

Mas não quero que ele me olhe desse jeito.

Agora não.

É um orgulho bobo? Outra coisa?

Embora eu não saiba exatamente dar um nome a isso, simplesmente não gosto.

Kane deve sentir minha agressividade, porque se move, seu corpo como uma arma se endireitando enquanto seus olhos me prendem no lugar. —Você precisa parar com essa linha de pensamento, Dahlia. Não considero isso caridade. Considero que é cuidar de você. Tudo o que você precisa fazer é aceitar e parar de se proteger.

—Não sei. Preston me disse que sou apenas um caso de caridade que nunca serei um membro pleno da Vencor, porque só pessoas do seu nível são permitidas. Então, desculpe-me se tenho minhas dúvidas.

Ele me encara, com a cabeça inclinada para o lado e a voz perigosamente baixa. —Você acredita mais no Preston do que em mim?

Engulo o café preso na boca, o som ecoando no silêncio e apenas interrompido pelo farfalhar das folhas. —Ele pareceu convincente.

—Responda à pergunta, Dahlia. De quem são as palavras mais importantes para você? As minhas ou as do Preston?

Mordo meu lábio inferior, mas permaneço em silêncio.

—Se eu disser que você não é um caso de caridade e Preston disser que é, em quem você acredita?

—Você.

—Então por que você fica tensa toda vez que faço algo para você?

—Não estou acostumada, — sussurro, e então levanto o queixo. —Trabalhei para ter tudo o que tenho, por menor que seja. Não gosto de ficar devendo nada aos outros.

—Eu não sou *os outros.* — Ele envolve minha garganta com a mão grande, sem me sufocar, mas me segurando no lugar. —Você vai se acostumar com o que eu te dou e aceitar sem objeções.

Meu pulso pulsa sob seu polegar e ele observa, com os olhos escurecendo.

Sinto como se estivesse caindo na armadilha brilhante dele de novo. Depois de tudo que fiz para me convencer de que não sou tão doente quanto ele. Até mesmo tentando acreditar que ele me forçou.

Mas um toque. Um olhar. E estou escorregando de novo.

A sensação da pele dele na minha é eletrizante e meu corpo pulsa de vida, querendo mais.

Estou apreensiva.

Não. Estou apavorada com o quanto mais eu quero de um homem como Kane.

Então, concentro-me no que nos separa, não no que temos em comum. —E o resto do que Preston disse? Estou perdendo meu tempo?

Kane me solta com um suspiro. —Aqueles que se tornam membros plenos são de fato da nossa posição social, e não posso fazer nada a respeito. Eu não faço as regras.

—Então por que você não me contou? — Minha voz treme. —Você gostou de brincar comigo?

—Não achei que você realmente acreditasse que se tornaria membro pleno. Certamente você é inteligente o suficiente para entender quanta triagem acontece nessas organizações.

Um peso cai no meu peito enquanto uma onda de desesperança me invade.

Sim, eu sabia que era difícil, mas não achava impossível.

Dou uma grande mordida no meu sanduíche para não reagir mal.

—Dahlia, seja razoável. Esse não é o lugar onde você quer estar.

Continuo mastigando e olhando para a frente. O céu é um gradiente suave, azul-claro mesclando tons de rosa e dourado, e os primeiros raios de sol cortam o horizonte, iluminando os limites da cidade.

Kane ergue uma sobrancelha. —Isso é o equivalente a me deixar em Visualizado?

Engolindo em seco, encaro-o, com um tom letárgico. —O que mais você está escondendo de mim?

—Talvez tanto quanto você esteja se escondendo de mim.

Levanto o queixo. —Não sei do que você está falando.

—Claro, flor silvestre. Se você diz. Mas, de qualquer forma, o que quer que estejamos escondendo não importa. Só estamos usando o corpo um do outro porque compartilhamos as mesmas fantasias depravadas. — Ele sorri, a voz baixando uma oitava. —Correção. *Estou* usando seu corpo porque você adora ser usada.

—Você... — Me impeço de xingá-lo.

Vai sair pela culatra. E não é como se ele estivesse errado. Eu o ignorei porque estava apavorada com o quanto amei o sexo no labirinto.

Fiquei horrorizada com o quanto eu estava excitada.

Pensei em terapia de verdade e passei dias lendo artigos e mais artigos sobre fantasias de estupro e brincadeiras primais, e só fiquei mais confusa sobre o quanto eu queria isso.

O quanto eu *ainda* quero isso.

E a única pessoa que conhece minhas tendências doentias é o homem

igualmente doente que está ao meu lado.

Ele sorri com uma crueldade descarada, mostrando-me o lado dele que se excitava em me caçar. —Eu sou o quê? Um pervertido? Um babaca que você odeia, mas ainda fantasia com o pau dele?

—Ah, por favor. Não foi tão impressionante assim. Já fodi coisas melhores na minha vida. — *Mentira, mentira e mais mentiras.*

—Dahlia... — O aviso se espalha pela minha pele em um brilho de arrepios. —Não me faça te dobrar sobre o carro e usar essa boceta. Vamos ver se algum dos outros paus que *você já teve* é impressionante quando você pular no meu pau.

Dou um passo para trás.

Jesus. Só estava tentando provocá-lo.

Um sorriso irônico surge no canto dos seus lábios. —Não se preocupe, não vou te foder. Quando eu fizer isso, você nem vai perceber.

Maldito Kane Davenport.

Ele tem um jeito de me manter alerta. E por que diabos estou tomada de excitação e medo ao mesmo tempo?

Ele se recosta no carro, com o olhar fixo na cidade lá embaixo. Há uma calma nele, uma espécie de tranquilidade perigosa, e o ar entre nós parece carregado, o pequeno espaço que nos separa quase inexistente.

Percebo que estou sendo puxada para sua órbita.

Outra estrela que está se aproximando demais do sol.

Mas essa estrela vai cair antes que eu deixe que ela me consuma.

E daí se a filiação do Vencor está proibida? Ainda tenho o time de hóquei que ele insistiu que eu entrasse.

E o mais importante, eu *o tenho*.

Vou usá-lo ao máximo para fazer justiça à minha irmã, mesmo que meu peito comece a apertar só de pensar nisso.



Depois de ser apresentada ao time, preencho a papelada e converso com a equipe médica sobre minha nova vaga de estagiária. O médico da equipe me incumbe de cuidar da papelada e de observar os jogadores e detectar possíveis lesões.

Kane não gosta da última parte.

Honestamente, ele não parece gostar de nenhuma parte em particular.

Não diria que sou aceita de braços abertos. Consigo ver a dúvida e até mesmo a hostilidade de Gavin, Jude e alguns outros jogadores que também fazem parte de Vencor. Os demais, em sua maioria, não se sentem afetados ou nem me notam.

Tenho certeza de que eles são resistentes a um estranho no meio deles. Alguém como eu, que não pertence à sua alta e poderosa posição social.

A única razão pela qual os hostis não me dão a mínima é a presença de Kane. É evidente que ninguém no time o responde. Os jogadores o respeitam imensamente, o que fica evidente pela maneira focada e reverente com que o olham. Até o técnico fala com ele como um igual.

Apesar dos meus motivos, levo meu trabalho a sério.

Então, passo a maior parte do treino aberto conversando com o médico da equipe sobre maneiras de melhorar a agilidade dos jogadores e minimizar lesões. Também converso com o fisioterapeuta chefe sobre as áreas de potencial distensão muscular de cada jogador.

Ele e o resto da equipe os examinam regularmente e frequentemente lhes dão massagens esportivas para ajudar a relaxar os músculos tensos. Estou fascinada com os equipamentos e máquinas incríveis aos quais eles têm acesso. Mas, por outro lado, a equipe está quase no nível profissional e é a atual campeã da liga universitária, então o programa garante que eles alcancem seu potencial máximo.

Não faz mal que muitos jogadores sejam absurdamente ricos, então suas famílias investem quantias infinitas de dinheiro no time.

Quem imaginaria que a área que escolhi, medicina com foco em fisioterapia para ajudar com as dores constantes nas costas e no ombro ruim de Violet, agora seria usada para beneficiar os babacas presunçosos?

Um deles poderia ter tentado matá-la.

Ao final da patinação livre, já tenho uma noção clara das áreas com potencial de melhoria. Então, volto para a área de reserva depois que a equipe técnica vai embora.

Os jogadores vão para os chuveiros, se esbofeteando e falando alto. É um caos de testosterona avassaladora.

Há algumas funcionárias, a mais importante sendo a gerente administrativa da equipe, mas elas ficam principalmente em seus escritórios.

Enquanto a maior parte da equipe se afasta, Kane patina em minha direção e para na barreira, depois tira o capacete e passa a mão pelos cabelos úmidos. Eles caem aleatoriamente na testa, camuflando parcialmente a frieza dos seus olhos. Embora estejam mais claros agora, menos congelados e mais... familiares.

Ele está absolutamente deslumbrante com seu uniforme de hóquei, com o cabelo molhado, recém-saído de uma patinação livre. Tenho certeza de que não deveria achá-lo atraente ou bonito, mas ele é as duas coisas e muito mais.

Culpo seus gostos sexuais depravados.

Porque sempre que o vejo, minha mente continua repetindo imagens daquele labirinto.

Cenas quentes, eletrizantes e eróticas que me deixam louca.

Kane apoia os dois braços no corrimão para que fiquem pendurados bem na minha frente.

—Pareceu divertido. — Limpo minha voz rouca. —O espírito do time voltou, certo?

—Parcialmente.

—Por que apenas parcialmente?

Ele faz uma pausa e encara as luvas em sua mão. —Preston abandonou a patinação livre.

—Ele provavelmente está envergonhado do seu péssimo desempenho de ontem à noite. Ele vai voltar.

—Ele nunca abre mão de uma patinação livre. Além disso, lhe falta a capacidade de sentir vergonha.

Franzo a testa.

Sinceramente, Preston pode me fazer engasgar, mas não gosto que sua ausência cause tensão no time e em Kane. Aquele desgraçado nojento é um dos pilares indispensáveis dos Vipers e sempre esteve em ótima forma.

Exceto ontem.

Mas também parece que subestimei o vínculo entre Kane e Preston.

Possivelmente Jude também.

—Você deu uma olhada nele? — Pergunto.

—Eu vou. — Ele me observa, com o olhar pesado e suplicante. —Chega de

falar do time. Me conta, como foi seu primeiro dia?

—Foi ótimo. Tenho muito trabalho pela frente.

—Não trabalhe muito.

—Estou confusa. Você não me pressionou a aceitar esse cargo para que eu pudesse trabalhar?

—Na verdade não. É para poder ficar de olho em você.

—Então estou aqui para o seu *entretenimento* ?

Seus lábios se abrem num sorriso. —Se você quer chamar assim, fique à vontade.

—Nossa. Você nem vai dar desculpas?

—Acredito que chegamos a um ponto do nosso relacionamento em que não precisamos mais oferecer essas coisas, você não acha?

Solto um suspiro exasperado, tentando não pensar na parte em que ele disse ‘nosso’ relacionamento. *Não existe* relacionamento.

Estamos apenas usando um ao outro.

É isso.

Vou garantir que seja *só isso.*

—Vejo você hoje à noite na minha casa. — A vibração da voz baixa de Kane me tira dos meus pensamentos.

Desenho um círculo no meu polegar. —Por quê?

—Esteja lá, Dahlia.

—E se eu não quiser?

—Eu não estava perguntando.

—Você precisa parar de fazer isso, Kane.

—Vou te enviar o código. Entre. — Ele sorri, afaga meu cabelo como se eu fosse um bichinho de estimação e depois se junta aos seus companheiros de equipe.

Que babaca.

De qualquer forma, finjo limpar tudo com a equipe e discretamente coleto amostras de DNA, principalmente toalhas suadas, principalmente daqueles que sei que são membros do Vencor, ou seja, Jude.

Consegui roubar a luva que ele trocou antes, depois que ela rasgou devido à sua força sobre-humana.

É uma pena que Preston não tenha ido ao treino hoje, mas eventualmente adicionarei o DNA dele ao meu arsenal. Espero encontrar uma pista entre os membros da Vencor da equipe, porque se infiltrar na organização está se mostrando quase impossível.

E espero não me perder neste mundo.

E, mais importante, em Kane.

Só de pensar no que ele está planejando para esta noite me faz tremer.

Medo e excitação se misturam de forma tão homogênea que não consigo distingui-los.

Digo a mim mesma que vou ignorá-lo.

Mesmo quando caio na armadilha dele com meus próprios pés.

Capítulo Vinte e Um

Kane

Espero nas sombras.

Estou *acostumado* com as sombras.

As sombras são minhas amigas desde a destruição sistemática da minha infância.

Foi isso que me fez ser quem sou.

Essa provavelmente também é a razão pela qual tenho gostos desviantes e sede de violência sexual.

É por isso que mantive isso em segredo.

Ser celibatário por meses a fio era mais fácil do que se entregar a uma transa sem graça, entorpecente e devastadora.

Tentar me conter era uma tarefa árdua que preferia não me submeter. O que as meninas queriam dizer com ‘mais forte’ não condizia com a minha compreensão da palavra.

Elas queriam dizer algo mais profundo, de uma forma que aumentava o prazer delas, mas não as machucava.

Enquanto para mim, meu tipo de desvio sexual era controle total com um toque de dor.

Uma pitada de sadismo.

Uma pitada de lágrimas.

Realmente me excita ver a mulher que estou transando aproveitando a dor tanto quanto o prazer.

Dahlia é a única garota que aceita meu domínio sexual cru e depravado. E a melhor parte? Ela se excita com isso.

Ela goza com mais força quando a dor e o prazer se misturam até que ela não consegue respirar.

O único problema é que ela também tem medo disso. Vi isso nos olhos dela hoje mais cedo, quando a convidei para vir aqui.

Havia medo.

Mas também havia um toque de expectativa, estou contando com essa parte para trazê-la até minha porta.

O quarto está imerso em um silêncio denso e silencioso enquanto me encosto na parede. As luzes baixas da cidade cortam a escuridão em linhas irregulares, atingindo a borda do vidro, mas nunca me alcançando.

Meu pulso está firme, mas por baixo dele, há algo mais sombrio, tenso, pronto para estalar. Meu dedo indicador treme e o forço a voltar à imobilidade.

Nunca fui ansioso.

Nunca cobicei algo o suficiente para quebrar minhas regras.

Até apaguei qualquer resquício de emoção.

E ainda assim não consigo controlar a flexão dos meus músculos ou o sangue correndo para minha virilha.

Estou duro só de pensar no que farei com ela.

Como vou prendê-la.

Consumi-la.

Não deixar saída para ela.

No fundo, sei que não deveria me envolver mais com Dahlia Thorne, mas

que se dane se meu pau consegue entender a lógica. Ele está preso há meses a fio, e agora que tropecei no seu sabor favorito, não há como pará-lo.

A porta se abre com um clique.

Fico em pé na minha altura máxima, mas não mudo de posição.

Ela veio.

Uma parte de mim achou que ela me ignoraria e rejeitaria esse acordo nada convencional. Mas eu deveria ter imaginado.

O animal da Dahlia é um espelho do meu.

Consigo sentir o cheiro dela antes mesmo de vê-la. O aroma suave do jasmim paira no ar e penetra nas minhas narinas.

—Olá?

Permaneço unido às sombras, minha respiração abafada e minha presença oculta, mas minha atenção está concentrada no mais leve movimento de sua respiração, na pausa em seus passos e em cada farfalhar de suas roupas.

—Kane? — Sua voz está um pouco assustada, tensa, e há um leve tremor que ela se esforça para disfarçar. —Isso não tem graça.

Sorrio para mim mesmo.

Pronto. Chegue mais perto, minha pequena presa.

—Onde diabos estão as luzes neste lugar? — Ela resmunga, seus sapatos arrastando no chão.

Oculto.

Elas geralmente ligam automaticamente, mas desativei essa opção, então, a menos que as ligue novamente, estaremos imersos no meu habitat natural.

Escuridão.

As luzes da cidade brilham lá fora, mas tudo é estático, sem sentido. A verdadeira tempestade está se intensificando e se formando dentro de mim.

Os pés de Dahlia param a uma curta distância, como se ela pudesse sentir minha presença.

—Kane? — Seu sussurro baixo é intensificado pelo silêncio brutal.

—Vou contar até três e depois vou atrás de você, — falo com uma voz profunda.

—O que aconteceu com o olá? — Ela pergunta em tom de bravata, mas já está recuando. —Você não consegue falar normalmente pelo menos uma vez, seu babaca?

—Você não gosta do normal, flor silvestre. Isso te deixa entediada até a morte. *Um.*

Um engolir ou, mais precisamente, um gole, ecoa no ar enquanto ela busca na escuridão. Quando ela fala, há uma energia tensa em sua voz, dividida entre o medo e a expectativa. —O que você vai fazer quando me pegar?

—Vou te foder com tanta força que você não vai conseguir andar. Vou possuir cada centímetro seu, e sua boceta vai se lembrar do meu pau por dias. Dois.

—Meu Deus. — Mais alguns passos frenéticos. —Espere. Deixe-me me preparar mentalmente. Conte até dez...

—Seu tempo acabou. Três.

Ela grita quando salto do meu esconderijo. Seus olhos se arregalam por um breve segundo, a luz lá fora se rompendo e iluminando aqueles portões castanhos do meu caos de pesadelo.

É só um instante, mas ela é esperta o suficiente para perceber que ficar

imóvel é a maneira mais segura de acabar sob minhas garras. Dahlia corre na direção oposta, batendo distraidamente na beirada do sofá e xingando.

Mas isso não a impede. Ela é uma lutadora, minha flor silvestre, é uma sobrevivente astuta, e logo ganha velocidade.

Meu ritmo é constante e lento enquanto brinco com ela, deleitando-me com cada movimento frenético, cada respiração agitada que sai de seus pulmões.

O cheiro dela me sufoca. O som dos seus suspiros carregados de medo faz meu pau se contorcer e apertar contra as calças.

Ela corre para a área da cozinha, sua sombra grande e ampliada na parede oposta.

Então todos os movimentos desaparecem.

Até sua respiração fica lenta e abafada.

Hmm. Ela deve estar tapando a boca com as mãos.

Sempre adorei como o cérebro dela funciona sob pressão. Ela tem um instinto de sobrevivência nota 10.

Infelizmente para ela, também tenho um sentido predatório inato muito aguçado.

A porta da geladeira se abre e sua luz ilumina o espaço com um tom suave enquanto alguns bancos da cozinha são remexidos.

—Já desistiu? — Dou a volta no balcão da cozinha e vou até a geladeira. — Não achei que você fosse uma desistente.

Sua respiração fica ainda mais lenta e sua presença diminui até se tornar quase inexistente.

Quase.

Paro na ilha. —Sinto seu cheiro, Dahlia.

Em vez de ir até a área da geladeira, onde ela colocou a isca perfeita, inclinei minha cabeça para baixo, onde ela espremeu seu corpo entre os bancos e bem abaixo da ilha.

Ambas as mãos cobrem a boca e o nariz, e ela está tão imóvel que alguém poderia confundi-la com uma estátua.

Deixei meus lábios se curvarem num sorriso sádico. —Encontrei você.

Seu grito reverbera no ar enquanto ela se esforça para sair, derrubando os bancos ao sair.

Mas minha presa já está presa entre minhas garras. Ela só não sabe ainda.

Dahlia não dá nem três passos antes de eu agarrá-la pelo rabo de cavalo e puxá-la para trás com tanta força que seu grito perfura meus ouvidos.

Com um golpe, derrubo o conteúdo do balcão, panelas e copos espalhados e se espatifando no chão, e a empurro contra ele. Com o peito no mármore e a bunda para cima, ela parece minha presa favorita.

Inclino-me para a frente, de modo que minha boca fique perto do ouvido dela. —Pode gritar o quanto quiser. Ninguém vai te ouvir e isso só vai me excitar.

—Foda-se!

—Paciência. Já chego lá. — Com um gemido, giro os quadris e empurro a pélvis contra sua bunda redonda e cheia.

A vontade de possuir esse buraco que ninguém tocou antes de mim espreita em meus ossos e transborda meus nervos.

Um rosnado escapa do fundo da sua garganta e ela se empurra contra mim, tentando se contorcer, então desabotoo sua calça jeans, agarro o cós e a puxo

para baixo de uma só vez.

Ela está prestes a brigar, mas dou um tapa na boceta dela. Aquela boceta nua e molhada.

Porque Dahlia não está usando calcinha.

—Se sou nojento, o que isso faz de você? — Afundo meus dedos em suas dobras convidativas. —Você não só veio preparada para ser fodida, como também está encharcada para mim. Mal pode esperar para ser usada como meu buraco de gozo?

Dou tapas na bunda dela algumas vezes consecutivas, me deliciando com a forma como ela fica vermelha.

Ela grita e fica imóvel, então faço isso de novo e de novo, até que minhas mãos marcam sua pele bronzeada.

Então abro a bunda dela e ela fica rígida.

—O que você está fazendo...

Suas palavras terminam em um suspiro quando enfio dois dedos em sua boca. —Chupe. Deixe-os bem molhados.

A língua quente de Dahlia envolve meus dedos e ela os ensaboa com saliva. Fico em pé com as pernas afastadas na largura dos ombros, meu pau endurecido roçando em sua bunda machucada.

Cada lambida dela faz a tenda na minha calça crescer e engrossar. Os sons das lambidas dela se misturam ao *bip, bip, bip da geladeira.*

Com um grunhido, tiro meus dedos de sua boca e os deslizo entre suas nádegas, sondando seu ânus.

—Kane, não! Não aí.

—Shh. Não estou pedindo permissão.

—Não... porra... — Sua bochecha fica plana na ilha enquanto enfio meu dedo dentro de seu buraco apertado.

—Mmm. Isso vai ser meu em breve. Você vai me deixar usar essa bunda como eu quiser, não vai?

—Não…pare…isso dói …

Aperto sua nuca com mais força e sussurro perto de seu ouvido enquanto me enfio em seu canal apertado: —Você sabe como parar, mas não quer, sabe por quê? Porque você gosta da dor tanto quanto do prazer, como uma putinha safada.

—Foda-se... — As palavras saem dela num acesso de raiva.

—Como quiser. — Me levanto e forço um segundo dedo para dentro, e ela grita, mas suas paredes se esticam ao meu redor, tentando me acomodar. —É isso aí. Você precisa encaixar meus dedos para poder chupar meu pau.

Sua respiração entrecortada ecoa no ar enquanto enfio a mão, apreciando a vista das minhas marcas em sua bunda e a maneira como ela se contorce, tentando me absorver o máximo possível. Sua pélvis bate contra a borda da ilha a cada vai e vem.

Ela está tentando gozar.

Não tão cedo.

Solto seus cabelos e retiro meus dedos de dentro dela.

Dahlia me encara, com as bochechas vermelhas e os lábios trêmulos. Então, essa linda diabinha fodida me encara e me dá um tapa na cara. —Não me toque, seu babaca nojento.

Eu rio, e o som ecoa ao redor de nós como uma melodia sombria.

Ela sabe que vou retribuir o tapa. Ela sabe, e mesmo assim fez.

Levanto a mão e ela enrijece o corpo, pronta para o golpe, mas prendo seu

maxilar, estudando sua expressão sob a luz suave da geladeira.

Ela tenta me empurrar, e esfrego meu pau vestido contra suas coxas, tomando cuidado para não lhe causar nenhum tipo de atrito. —Lute comigo, flor silvestre. Você sabe que isso me deixa duro pra caralho.

Sons guturais escapam de seus pulmões enquanto ela pisa no meu pé e me dá um soco na barriga. Com toda a força que consegue, concentrando toda a sua força, apenas para ser recebida pelos meus músculos tensos.

—Que safada perversa. — Desabotoei minha calça jeans lentamente e soltei meu pau duro. —Você parece brava, mas não sinto isso.

—Vou te matar, porra! — Ela me dá socos, morde e até puxa meu cabelo, concentrando toda a sua energia em tentar me machucar.

Ela afunda suas garras minúsculas sob minha camisa e arranha minha pele.

Dahlia não para, mesmo quando agarro seus quadris e a levanto do chão, com seus pés chutando o ar e seus braços se agitando. Eu a coloco no balcão e arranco sua calça jeans, seus tênis voando no processo.

—É só isso que você tem? — Puxo seus cabelos com força e levanto seu rosto, sorrindo. —Achei que você me odiasse mais do que isso.

Ela abre a boca e cuspo dentro dela.

Dahlia congela, um tom vermelho cobre suas bochechas, mas ela engole.

Seus dedos afundam em meus cabelos enquanto ela morde meu lábio inferior. A pele se estica e se rompe sob seus dentes, mas a ardência mal é sentida quando ela empurra a língua contra a minha.

Uma corda se rompe dentro de mim.

Eu a devoro, mordendo seu lábio, misturando nosso sangue em uma sinfonia de desejo violento.

—Foda-me como se você me odiasse, — ela murmura, ofegando contra minha boca.

—Cuidado, — sussurro de volta. —Você pode não conseguir andar por uma semana.

Minha pequena flor silvestre lambe meu lábio inferior e o suga entre os seus antes de soltá-lo. —Promessas, promessas.

—Vou usar você como uma vadia imunda. — Meus dedos apertam seu quadril enquanto a penetro com tanta força que ela salta do balcão.

Seu gemido ecoa no ar, e ela segura as laterais da minha camisa com força.

Com a cabeça jogada para trás, seu pescoço liso brilha de suor sob a luz fraca. Então, abaixo a cabeça e mordo seu ponto de pulsação.

O gosto dela explode na minha língua como minha comida favorita, e cravo os dentes, chupando fundo, combinando com a força da minha foda.

—Oh Deus, sim... sim... — Ela abre bem as pernas, me dando mais acesso enquanto sua mão desliza por baixo da minha camisa, arranhando minhas costas.

Arranhar é bom.

Consigo lidar com os arranhões que ela faz como os de um gatinho.

Contanto que ela não esteja me acariciando ou fazendo qualquer uma daquelas merdas sentimentais nojentas que ela tentou da outra vez.

—Você gosta de ser fodida como um animal, não é? — Me afasto completamente e empurro de novo. —Você gosta de ser usada para me excitar?

Ela grita, seu corpo tremendo em volta do meu. —Cala a boca... só vai com mais força...

—Que puta gananciosa.

Me levanto até minha altura máxima e a empurro contra o balcão, então puxo sua blusa e deslizo o sutiã para cima, expondo seus seios empinados.

Nesse ângulo, mergulho mais fundo, afundando-me nela com força bruta.

Dahlia tenta corresponder aos meus impulsos, mas não consegue, então ela me arranha em qualquer lugar que consegue alcançar: meus braços, minhas costas, minha barriga.

Seus gemidos são roucos e guturais, sua boceta se estica e engole meu pau como se ela tivesse sido feita para mim.

Dahlia foi feita para *mim.*

O corpo dela é meu.

Os gemidos dela são meus.

Até a violência dela é *minha.*

Aperto sua blusa e ela rasga sob meu aperto, então envolvo minha mão em volta de seu pescoço e sinto sua respiração, a vibração de suas cordas vocais a cada gemido.

—Você adora engasgar. — Aperto meu aperto cada vez mais. —Sua boceta está me estrangulando.

Ela me encara enquanto me arranha, com certeza ferindo minha pele, e rio.

—Você vai gozar, não é?

—Foda-se…— Suas palavras ecoam em um gemido abafado.

—Você age como uma durona, mas é uma verdadeira vadia pelo meu pau, flor silvestre. — Me afasto e penetro batendo em seu ponto sensível.

Seus olhos reviram e todas as palavras parecem fugir dela.

Então faço de novo.

—Goza pra mim. — Solto seu quadril e circulo seu clitóris. —Mostra quem é seu dono.

Os membros de Dahlia se contraem e tenho que lembrar que só a estou usando para sexo.

Preciso me lembrar de que isso não é ir contra minhas regras nem perder o controle, é apenas para satisfazer um desejo básico: sexo.

Mas foda-se se consigo ignorar o quão deslumbrante ela fica quando goza no meu pau.

Seus gemidos são mais roucos, sua pele fica vermelha e escorregadia de suor, e sua boceta sufoca meu pau, me fazendo desejar um orgasmo que estou sempre prestes a ter quando estou perto dela.

E a pior parte?

Agora ela está me acariciando.

Suas garras se retraíram e ela está deslizando os dedos pelas minhas costas, meus lados, acariciando todas as cicatrizes das quais ninguém deveria chegar perto.

Foda-se *isso*.

Foda-se Dahlia Thorne e seu toque perturbador.

Solto seu clitóris e puxo seus braços da minha cintura, segurando seus dois pulsos em uma mão enquanto bombeio dentro dela.

A raiva cresce dentro de mim até que o que resta é uma necessidade bestial e primitiva de dominância.

Os olhos de Dahlia se arregalam e suas mãos se flexionam em meu aperto.

Não sei se ela está excitada, apavorada ou ambos, mas não me importo.

Ela deveria ter continuado me arranhando em vez de me tocar, como se não fôssemos nada além dessa coexistência fodida.

Aperto ainda mais a garganta dela até que sua boceta se contrai.

—Kane..., — ela se esforça. —Goza... dentro... de... mim...

—Porra!

Saio no último segundo e gozo em toda a sua barriga e seios, meu esperma criando um brilho em sua pele.

Puta merda.

Se ela não tivesse dito isso, teria enchido a boceta dela com meu esperma e me banqueteado com ele.

Teria traído minha segunda regra.

A primeira foi não fazer sexo sem camisinha, o que foi por água abaixo na primeira vez que transei com essa mulher irritante.

E desde então, não consigo suportar a ideia de não sentir as paredes dela se esticando e contraindo contra o meu pau. Então, prometi a mim mesmo que não haveria gozo dentro dela.

Nunca.

Mas agora mesmo, quase fiz.

Na verdade, estava ansioso para enchê-la de porra.

Dahlia é um espinho no meu pé e o único buraco na trama da minha vida para o qual não consigo encontrar uma solução.

A solto e dou um passo para trás, respirando com dificuldade.

—Por quê... — Ela engole em seco, parecendo tão fodidamente minha enquanto está deitada nua no balcão com meu esperma cobrindo-a. —Por que

você não goza dentro de mim?

—Cale a boca.

—Por que você não gosta quando toco em você?

—Eu disse para você calar a boca, Dahlia.

—Bem, me desculpe. Não achei que sermos amigos de foda significasse falta de conversa. Dê instruções melhores da próxima vez.

Não posso matá-la.

Rangendo os dentes, levanto minha calça jeans e me arrumo, depois vou até a geladeira que parou de apitar e pego uma garrafa de água, jogando-a perto dela.

Ela não se move, mas seus olhos caídos seguem cada movimento meu.

Pego meu telefone e acendo as luzes, depois vou ao banheiro de hóspedes e preparo um banho quente.

Enquanto o som da água preenche o espaço, verifico meu telefone.

Encontro algumas mensagens não lidas no grupo de bate-papo ‘The Vipers' Den.’ Obviamente, nomeadas por Preston.

Jude: *Que porra você anda fazendo, Pres? Ouvi dizer que você transou com a amiga da sua madrasta?*

Preston: *Ouvi dizer que você começou a perseguir pessoas como um trabalho paralelo.*

Jude*: O que há de errado com você?*

Preston: *Achei que estávamos destacando o que estamos fazendo ultimamente?*

Jude*: Isso é porque você não conseguiu lidar com Osborn ontem?*

Preston*: Diga esse nome na minha presença novamente e vou te esfaquear :)*

Jude*: Sério? Você perdeu a patinação livre e começou uma pequena confusão na casa dos Armstrong só por causa da noite passada? @Kane Davenport. Precisamos conter o filho da puta antes que isso piore.*

Preston*: Eu tenho tudo sob controle. Mas posso te dar uma surra se te vir, grandão. Fique atento.*

Jude*: Eu?*

Preston*: Da próxima vez, não comece a socar só porque fui atingido*.

Jude*: Eu SEMPRE faço isso. Que porra é essa?*

Eu: *É porque Osborn disse que Preston é um príncipe delicado que nem consegue se defender. Fez com que ele parecesse fraco. Provavelmente é por isso que ele perdeu a cabeça e foi em direção à própria garganta.*

Preston*: *Kane adicionado à lista de mortos.**

Jude*: O provocador está sendo provocado?*

Preston saiu do chat em grupo

Balanço a cabeça, guardo o telefone no bolso e coloco um roupão no cabide.

Quando entro no corredor, meus sentidos se enchem com o cheiro de Dahlia, e meu pau volta à vida.

Porra. Isso é um problema.

—Você pode tomar um banho e depois ir embora, — digo do corredor.

Nenhuma resposta.

Volto para a cozinha. —Precisa de ajuda para se levantar...?

Meus movimentos param quando a encontro dormindo. Em cima do balcão.

Exatamente na mesma posição em que a deixei.

Seu peito sobe e desce, e ela emite roncos suaves.

Não consigo evitar tirar alguns fios úmidos da sua testa, revelando um rosto sereno.

Porra.

Ela é linda.

E toda minha.

Enquanto a carrego em meus braços, tenho uma sensação perturbadora de que ela vai atrapalhar minha vida de mais de uma maneira.

Isto é, se isso já não estiver acontecendo.

Capítulo Vinte e Dois

Dahlia

Não estou conseguindo nada.

Apesar das minhas tentativas de investigar os registros médicos dos Vipers e encontrar quaisquer ausências suspeitas perto da data do ataque de Vi, eles são tão limpos e organizados que é impossível encontrar qualquer discrepância.

No período de uma semana desde que comecei este trabalho, consegui reunir evidências de DNA da maioria dos jogadores, incluindo Preston, e todos deram negativo.

Estou de volta à estaca zero novamente.

Pensei que talvez pudesse reunir algumas pistas sobre o ataque de Vi, mas está se mostrando impossível.

Mesmo que eu seja convidada para as festas do Vencor, o que devo fazer sob tanta vigilância?

Me expor e possivelmente ser morta antes de descobrir alguma coisa, é isso.

Sentada em meu pequeno escritório na Vipers Arena, folheio os arquivos pendentes em uma última tentativa de encontrar algo fora do comum.

Minha bunda dói e me remexo na cadeira. Um gemido escapa de mim enquanto meus músculos gritam de dor.

Aquele babaca do Kane falou sério sobre a minha incapacidade de andar. Não consigo nem sentar sem sentir cada centímetro dele dentro de mim.

Desde aquela vez que ele me emboscou em seu apartamento, ele tem me pedido para encontrá-lo todos os dias. Às vezes, na casa dele, outras vezes, em florestas isoladas.

E deixa eu te contar, esse cara é um animal. Não sei de onde ele tira tanta energia ou como ele inventa jeitos novos de me fazer gritar.

É como uma montanha-russa sem fim à vista.

Ele sempre me persegue primeiro e, quando me pega, me fode em todos os tipos de superfícies: no chão, na escada, contra uma árvore, na banheira.

Em todos os lugares.

Toda vez que penso ter descoberto o padrão dele e bolado um plano para escapar ou me esconder, ele sempre me encontra. Sem exceções.

É uma emoção. Uma sensação de euforia da qual acho que nunca vou me recuperar.

Sou uma viciada que não consegue parar.

É impossível sequer pensar em abandonar o golpe que ele injeta em minhas veias a cada encontro.

Sempre que ele marca um encontro, sinto um arrepio na espinha. Uma vontade de mais.

Mais.

Muito mais.

Poxa, acredito que fui condicionada tão profundamente que não considero mais nenhuma outra forma de sexo prazerosa.

Estou surpresa por ter aberto minhas pernas para experiências medíocres no passado.

Kane tem razão. Sexo normal me entediava profundamente. Antes dele, achava que não era esperado que eu gostasse completamente do sexo, e aqueles orgasmos entorpecentes eram coisa de romance.

Nunca pensei que ser odiada até a morte fosse a resposta.

Com um gemido, bati a cabeça na mesa. Estou ficando muito mal.

E ele também.

Mas de alguma forma, funciona.

Adoro sexo de novo. Sonho com ele me fodendo e acordo com a mão na minha boceta molhada.

A violência, a perseguição, a agressão e até mesmo os xingamentos me excitam.

Toda a sua presença me excita.

Tenho certeza de que me tornei uma viciada em sexo, mesmo que meu corpo mal consiga acompanhar nosso sexo brutal, tóxico e causador de hematomas.

A coisa *toda* é tóxica, realmente.

Kane é inflexível quanto à parte de ‘usar um ao outro’ e se recusa a ceder. Aquele homem não tem um pingo de gentileza. Sempre que tento acariciar sua pele ou abraçá-lo, ele se enrijece como se eu tivesse enfiado a mão em seu peito e arrancado seu coração ou algo assim.

Ele também sempre fica bravo e se desliga, então parei de fazer isso.

Odeio a falta de conexão, mas é melhor do que vê-lo surtar ou se esconder completamente atrás de muros altos.

Pelo menos quando finjo estar bem com o relacionamento como está, ele me leva de volta para a casa dele e me oferece banhos. Ele até cozinha para mim e me manda tantas roupas que a Megan começa a desconfiar.

Então tive que dizer a ela que é um relacionamento somente sexual e que os ricos adoram exibir seu dinheiro.

Mas essa coisa com o Kane é altamente disfuncional fora do sexo. Meu terapeuta imaginário diria que até o sexo é disfuncional pra caramba, mas nós dois gostamos disso, então não conta.

Tentei estabelecer uma conexão aos poucos, mas ele me ignora tão rápido que é difícil conversar com ele.

Se eu sequer pergunto sobre sua vida, tento me aproximar ou tocá-lo suavemente, ele me abandona completamente.

A maneira como ele muda de cordial para um completo babaca está começando a mexer com a minha cabeça.

Sei que estou me perdendo nesse ciclo tóxico, mas estou com medo de vê-lo ir embora, *odeio* as costas dele.

Odeio a facilidade com que ele consegue se virar e ir embora como se eu não existisse.

Mas, por outro lado, não estamos em um relacionamento, e ele deixou claro que o que temos gira em torno apenas de sexo, e concordei, então não deveria me sentir assim.

Além disso, Megan estava certa. Não deveria esperar mais nada de um Davenport. Ele está me usando? Bem, eu também o estou usando para ter acesso ao mundo secreto de onde ele vem.

Se ele não for de grande ajuda, não importa. Porque a mãe dele me convidou para um chá há três dias, quando deixou uns doces no apartamento dele, e ele se recusou a aceitar, então vou me certificar de ir.

Meus dedos param em um registro manuscrito mantido por um antigo assistente médico que costumava observar a dieta dos jogadores.

Não é por causa das notas em si, mas pela data. 20 de setembro.

Foi quando Violet foi atacada.

Li as notas, mas são normais, sobre as dietas dos jogadores, as lesões e os suplementos prescritos.

Então meus olhos se arregalam quando encontro uma pequena nota no final da página.

Nota: Hunter Maddox, Gavin Drayton e Ryder Price perderam o treino devido a lesões desconhecidas.

Lesões desconhecidas.

Minha mente dispara enquanto me concentro nos dias seguintes. Os três jogadores só são mencionados novamente em 23 de setembro, quando retornam aos treinos. Nenhuma lesão é registrada, e eles retornam aos treinos sem programas de reabilitação ou mudanças alimentares.

Isso não é uma coincidência, certo?

O DNA de Gavin e Ryder deu negativo. O de Hunter é o único que não tive a oportunidade de coletar. Provavelmente porque ele é um maníaco por limpeza e sempre limpa todos os seus equipamentos antes e depois de usá-los. Ele também guarda todos os seus pertences no armário e é muito criterioso com quem toca em suas coisas.

Gavin é o goleiro. Ryder e Hunter são defensores. Eles costumam sair juntos, e seus pais são influentes na cidade.

Minha mente reconstrói os detalhes do evento na casa de Preston. Os três membros mascarados da Vencor que ouvi naquela noite eram Gavin e Ryder. O terceiro era definitivamente Hunter.

Talvez eu esteja no caminho certo.

Minha pele formiga de expectativa. Finalmente, um avanço.

Embora não seja tão bom quanto encontrar o cérebro por trás do ataque à minha irmã, isso é um começo.

Minha prioridade é tentar acessar os arquivos do médico da equipe de 20 de setembro.

Reunir uma amostra do DNA de Hunter.

Talvez me aproximar dos três? O Gavin meio que me odeia depois do fiasco na casa dele daquela vez. E se os boatos sobre o banimento e suicídio social da irmã dele forem verdadeiros, acho que ele nunca vai se aproximar de mim. Acho que não vejo a Isabella no campus desde o dia em que ela mandou alguém me drogar.

Os outros dois fingem que não existo.

Na verdade, a maioria dos jogadores faz o mesmo, exceto o Preston, que adora me assediar toda vez que me vê, e o Jude, que me encara sem motivo. Estou começando a achar que esse é o humor padrão dele.

Girando minha caneta, estou pensando em maneiras de obter uma amostra de DNA de Hunter quando meu telefone vibra.

Me assusto, chuto minhas coxas contra a mesa e deixo minha caneta cair.

Kane*: Vejo vocês hoje à noite na minha casa.*

Estreito os olhos. Talvez seja porque estou farta da sua presunção, mas digito:

Eu*: Não, obrigado.*

Kane*: ?*

Eu*: ???*

Kane*: Você está sendo sarcástica?*

Eu: *Não sei, você vai tentar se comunicar melhor?*

Kane*: O que significa 'Não, obrigado,' Dahlia?*

Eu: *Significa não e obrigada. Você perdeu a capacidade de ler?*

Kane*: Que porra você está fazendo agora?*

Eu: *Não estou brincando. Só preciso de um tempo de folga. Sabe, para poder me recuperar direito e me preparar mentalmente para o seu comportamento babaca depois que você gozar.*

Kane*: Desde quando você se importa com a forma como eu te trato depois?*

Eu: *Desde agora. Uma coisa é me degradar e humilhar durante o sexo, mas depois é diferente. Não gosto de olhares frios e de comunicação curta. Não sou sua garota de programa.*

Kane*: É exatamente isso que você é. E não vou te ignorar quando você souber o seu lugar e parar de ser intrometida.*

Mordo o lábio inferior. Ele tem razão. Kane nunca me prometeu nada além de sexo. Nem sei por que estou tão chateada com isso.

Ele não significa nada.

Na verdade, o odeio e sei de onde diabos ele veio.

Eu: *Você é só mais um babaca que é bem decente na arte de foder, então estou feliz que estejamos na mesma sintonia.*

Kane*: Decente? É assim que se chama quando você goza no meu pau várias vezes por noite?*

Eu: *Eu disse o que disse. Enfim, ainda não quero ver sua cara por uns três dias. É cansativo.*

Kane*: Não me faça agir de forma incivilizada.*

Eu: *Essa não é sua configuração padrão?*

Kane*: Esteja lá esta noite*.

Eu: *Só se você não quiser me comer e assistirmos a um filme ou algo assim como pessoas normais.*

Kane*: Nós não somos pessoas normais.*

Deixo-o em Visualizado.

Kane*: Não ouse me deixar no visualizado.*

Visualizado.

Kane*: Dahlia*…

Visualizado.

Ele não é o único que sabe jogar o jogo do distanciamento. Eu nem gosto do babaca.

Nem um pouco.

Quando estou saindo do escritório, os jogadores estão saindo do vestiário.

Hunter e Gavin estão vestidos com moletons dos Vipers, com mochilas penduradas no corpo e falando em voz baixa. Tento me aproximar para ouvir o que eles estão falando.

Um corpo enorme bloqueia meu caminho. —Olha quem temos aqui. Daisy.

Preston sorri para mim, seus olhos são de um verde brilhante.

Ótimo.

Juro que ele só faz isso por puro entretenimento.

—É Dahlia. Sério, quantos nomes *com D* você vai dizer, além do meu?

—Quantos forem necessários. — Ele se aproxima, me prendendo contra a

parede.

—Quantos forem necessários para quê?

—Não se preocupe com isso. Me conta, o que você disse para o Kane que provocou o momento adolescente dele, que terminou com o armário batendo? Enquanto todo mundo estava se divertindo e brincando? Destruidora de humor instantâneo. Você é um saco. Alguém já te disse isso?

Estreito os olhos.

Preston é realmente difícil de ler.

Às vezes, ele ameaça e xinga, e outras vezes, faz piadas. Não sei se ele foi diagnosticado ou não, mas ele exala fortes vibrações de TPAS. Ele se diverte humilhando os outros, e muitas vezes o faz de forma muito indireta.

Ele é mestre em irritar os oponentes e sempre sai ileso. Exceto com o Marcus. Agora, esse desgraçado já está definitivamente diagnosticado.

Uma coisa que aprendi é que ser fraco ou se render e aceitar ou pior, evitar conflitos, alimenta sua energia sádica.

E também estou com vontade de começar uma briga.

—*Você* não é o fraco? Sabe, porque a sua inutilidade fez os Vipers perderem pela primeira vez nesta temporada.

Seu sorriso permanece o mesmo, mas o brilho se apaga lentamente. —É mesmo?

—Aham. Todo mundo ficou olhando enquanto Marcus te enrolava no dedo mindinho e te arrastava pelo rinque como um peso morto. — Sorrio igual a ele. —Como eu disse, *inútil.*

Percebo que exagerei quando é tarde demais.

Preston estende a mão aberta e envolve meu rosto completamente, seus

dedos cravando-se em meu crânio como se ele fosse quebrá-lo.

O medo bloqueia meus membros e não ouso respirar.

—Você precisa aprender a calar a boca. — Sua voz é assustadoramente fria, completamente diferente de sua atitude despreocupada de sempre. —Você e aquele canalha do Osborn não passam de insetos. Vocês podem zumbir um pouco, podem até picar e incomodar a todos, mas não se enganem, eu posso *esmagá*-los quando quiser. *Acabarei* com suas vidas miseráveis e irritantes como eu achar melhor.

A pressão cresce na minha cabeça e acho que ele cumprirá sua promessa.

Ele vai me matar.

Sinto isso nos meus ossos: ele vai quebrar meu pescoço e ir embora como se nada tivesse acontecido.

Então ele vai se safar porque nasceu na família certa e não sou ninguém.

Sua mão desaparece.

Meus lábios se abrem e pisco para afastar a umidade acumulada em meus olhos quando Kane aparece na minha frente.

Ele é alto. Mais alto do que o normal. Enquanto ele obstrui parcialmente minha visão, só vejo suas costas, largas e duras, bloqueando o rosto de Preston.

E pela primeira vez, não detesto ver suas costas.

—Vá embora, — ele diz calmamente.

—Eu estava no meio de uma coisa, Davenport. Que tal *você* ir embora?

Afundo os dedos na lateral do moletom do Kane. Não sei o que aconteceu, mas eu tinha certeza de que o Preston ia me matar.

É sede de sangue, percebi. Senti a névoa vermelha em seu toque e em cada

uma de suas palavras.

Esse é um homem que provavelmente já matou antes e faria isso de novo num piscar de olhos.

—Essa coisa acabou, — diz Kane, sem prestar atenção na minha mão. —Vai.

—Eu não recebo ordens suas. Afaste-se.

Minha mão treme. E se o Kane deixar ele fazer o que quiser para me ensinar uma lição?

Em que diabos me meti?

—Toque nela de novo e você perde essa mão, Armstrong.

Preston solta uma gargalhada alta. —Isso é uma ameaça?

—Um aviso. A Dahlia é minha e deixei claro que não gosto que outros toquem no que é meu.

Há um silêncio longo e insuportável antes de Preston bater o ombro no de Kane. Com força. Então ele vai embora.

Não olho para ele, concentrando-me na minha respiração trêmula e entrecortada.

Que sensação é essa? Uma descarga de adrenalina? A sensação de escapar por pouco da morte?

—Você vai ficar comigo para sempre?

Solto o capuz dele e me encolho ao ver a bagunça amassada que deixo para trás. —Desculpe.

Kane me encara, com a expressão fechada e os olhos escuros. —É só isso que você tem a dizer?

—Obrigada.

—Em vez de me agradecer, aprenda a ler o ambiente e a escolher suas malditas batalhas. — Seu tom é mordaz, suas palavras raivosas me cortando como facas.

Nunca vi o Kane tão furioso. Nossa, não achei que ele fosse capaz desse tipo de fúria.

E a parte que me dá um frio na barriga? É a sensação de que ele está louco *por* mim.

Para *minha* segurança.

Engulo em seco. —Eu... não sabia.

—Mas você deve ter sentido. — Ele solta um longo suspiro. —Fique longe do Preston e do Jude. Você não tem a mínima ideia do que eles são capazes.

—E você? — Sussurro. —Eu também não sei do que você é capaz.

Ele acaricia minha bochecha, com a voz baixa e rouca. —É tarde demais para ficar longe de mim. Você deveria ter aproveitado a chance quando ofereci.

Capítulo Vinte e Três

Dahlia

Não vou à casa do Kane há três dias.

Isso não me impede de visitar a mãe dele. Ela mandou uma mensagem e me convidou para um chá da tarde, e não consegui recusar.

Um membro da equipe me deixou entrar na extravagante mansão, que apenas fez uma reverência e me disse para segui-lo.

Minha mão aperta com mais força as flores que comprei no caminho para cá.

A mansão Davenport rivaliza com a dos Armstrong em grandiosidade e opulência. Ambas são enormes, brilhantes e cheiram a dinheiro antigo.

Ambas também cheiram a morte.

Meu peito está apertado desde o momento em que entrei.

Os passos do mordomo ecoam no piso de mármore xadrez, um ritmo suave, mas constante, que corta o silêncio avassalador. Ele se move com precisão, a postura ereta e a calva refletindo a luz fraca enquanto passamos por imponentes paredes de madeira escura e obras de arte cujas criaturas parecem prestes a saltar para fora e me devorar.

O ar está pesado, impregnado de algo antigo que pressiona minha pele como um aviso.

Então... foi aqui que Kane cresceu.

Como ele poderia respirar em meio a essa energia repressiva?

Meu pulso pulsa na garganta enquanto observo os arredores, as paredes parecendo se fechar mais à medida que caminhamos. Cada canto desta mansão

parece intocado, congelado no tempo, como se existisse fora da realidade.

E ainda assim…

Cada centímetro é Kane. As bordas controladas, a perfeição fria, tudo entrelaçado com algo mais sombrio por baixo da superfície.

Não é de se espantar que ele tenha se transformado numa fortaleza sem acesso. Ele nasceu em uma.

—Kane vem visitar com frequência? — Pergunto ao mordomo.

Ele não diz nada, apenas desliza à frente com sua postura rígida, me levando mais para dentro da casa, passando por pesadas portas e janelas cobertas de veludo.

De repente, ele para e gesticula para a porta de vidro emoldurada em madeira escura à frente. Além dela, consigo ver o contorno tênue do jardim.

Ele abre a porta sem dizer uma palavra, e os aromas frescos e penetrantes da terra e da água me atingem.

O jardim tem vida de uma forma que a mansão não tem: suaves camélias balançando ao vento, o tranquilo gotejar de um riacho em algum lugar distante.

As pedras sob meus pés parecem sólidas, mas cada passo que dou me puxa para imagens ainda mais profundas de como deve ter sido a sensação.

Kane cresceu aqui. Ele nasceu em algum lugar entre as paredes frias da casa e a tranquilidade deste jardim.

Vejo a silhueta de Helena parada perto de um grande lago.

Ela está usando um vestido bege suave com um xale sobre os ombros enquanto alimenta carpas gordas.

Fiquei hipnotizada pela visão dos peixes deslizando sem esforço pela água e abrindo a boca.

—Dahlia. — Ela faz uma pausa ao me ver, com um leve sorriso nos lábios.

—Oi. — Ofereço a ela o buquê de flores que gastei uma fortuna para comprar. —Espero que goste deste presentinho.

—Ah, que gentileza, obrigada. — Ela abraça as flores contra o peito e acaricia as pétalas coloridas. —Não me lembro da última vez que recebi flores.

Ela gesticula na direção da porta de vidro, e um funcionário sai decidido e pega o buquê.

—Coloque no meu quarto, — diz Helena, e então me encara. —Preciso alimentar esses pequenos antes de poder me sentar. Espero que não se importe.

—De jeito nenhum. São tão lindos.

—São sim. — Um brilho cobre seus olhos enquanto ela observa o lago. —O que a maioria das pessoas não sabe é que por trás dessa beleza reside a mais formidável resiliência e força. Elas conseguem sobreviver em condições climáticas adversas e nadar contra as correntes. Elas me dão esperança.

Observo seu perfil. Ela parece meio viva, e sua voz soa um pouco cansada. Sem vida, até.

Meu coração dói por ela.

Helena deve ter sido muito bonita na juventude, mas agora suas bochechas estão afundadas e ela é só pele e osso.

Tento animá-la. —Você tem algum favorito?

—Sora. — Ela gesticula para a maior carpa vermelha, que continua a chegar à comida antes dos outros. —Eu o peguei quando descobri que estava grávida do Kane. Todos os irmãos dele faleceram, mas ele está firme e forte, chegando aos 23 anos.

—O que Sora quer dizer?

—Céu em japonês. O céu amplo, irrestrito e abrangente. — Seus olhos se suavizam como se ela estivesse olhando para Kane.

Agora, ela está partindo meu coração.

E realmente não gosto do Kane. Será que faria mal a ele demonstrar um pouco de carinho pela mãe solitária?

Alguns de nós mataríamos para ter uma mãe.

—Você gostaria de alimentá-los? — Ela me oferece a tigela de cerâmica.

—Posso?

—Absolutamente.

Pego a tigela e começo a jogar um pouco de comida. O idiota do Sora come tudo, deixando o resto com a boca aberta e sem comida.

Ele certamente compartilha a personalidade tudo ou nada de Kane.

Ou é do jeito dele ou é só seguir em frente.

Depois daquele encontro em que quase fui assassinada pelo amigo *dele*, aquele babaca do Kane me deu um bolo por três dias.

Sério. Não recebi nenhuma mensagem, e ele não falou comigo na arena.

Só porque eu disse que não queria ver a cara dele por três dias... Na verdade, eu estava sendo vingativa, porque ele se recusava a ficar juntos se não houvesse sexo envolvido, mas não achei que ele levaria isso ao pé da letra.

Então enviei uma mensagem para ele esta manhã.

Eu: *Uau. Que mesquinharia.*

Ele me deixou em Visualizado.

Não vou mentir, não gosto quando minhas táticas são usadas contra mim.

Mas, afinal, Kane quem?

O cara por quem não consigo parar de ficar curiosa e, por isso, apareci na casa dos pais dele, é ele.

Com um gemido interno, volto a me concentrar em Helena. —O Sora é sempre tão ganancioso?

Ela ri, o som é leve. —Suponho que sim. Ele é o mais velho e acredita em hierarquia.

—Assim como Kane.

O sorriso dela desapareceu. —Não. Kane acredita em controle. Assim como o pai.

Meus dedos param e Helena joga um pouco de comida, seu olhar perdido nas profundezas do lago escuro.

—Não quero ser intrometida, e você não precisa me dizer se não se sentir à vontade, mas eu estava curiosa... — Engulo em seco. —Por que seu relacionamento com Kane está tão tenso?

—Você viu as cicatrizes nas costas dele? — Ela pergunta, sem olhar para mim.

—Sim, e também notei hematomas em seus pulsos há pouco tempo.

Ela se enrijece, o rosto ficando tão pálido que acho que está passando mal. Mas, quando fala, sua voz sai tensa, como se ela mal conseguisse se conter. — Ele foi treinado, ou, mais precisamente, *torturado* pelo pai, desde os seis anos de idade. Ele teve que passar por treinamento físico, mental e até mesmo com veneno desde criança. E, embora esteja mais independente agora, se não atender às expectativas de Grant, é punido severamente. Eu não o protegi e ele me odeia. Com razão.

Meus lábios se abrem e a tigela quase cai da minha mão. —Quer dizer que essas cicatrizes horríveis foram causadas pelo *pai dele*? Que tipo de pai machuca tanto o filho?

—O tipo que está criando um herdeiro, e esse herdeiro precisa ser uma máquina. — Um brilho surge em seus olhos fundos. —Antes de tudo isso, Kane era o menino mais doce. Ele era gentil e feliz. Sentia pena dos outros e os ajudava. Brincava com as crianças da equipe e dava a elas seus brinquedos favoritos. Ele costumava ler histórias para mim antes de dormir, e não o contrário, e adorava colher flores do jardim e me dar.

Enquanto ela fala, seu sorriso se alarga, mas depois desaparece quando o vento agita seus cabelos.

—Mas aqueles belos traços de personalidade eram vistos como fraquezas aos olhos de Grant. Ele me disse que seu filho não se tornaria um filantropo inútil, e que não havia nada que eu pudesse fazer para impedir. Se eu quisesse ir embora, que fosse. Mas eu não queria, e tive que ficar impotente enquanto Grant se preparava para destruir a alma de Kane e purgar todas aquelas emoções puras até que ele ficasse tão sombrio e sem alma quanto ele mesmo. E ele conseguiu. Com louvor.

Uma onda feroz de raiva me invade. Nem sei de quem estou com raiva. Do pai do Kane ou do mundo em que ele nasceu. Estou com raiva até da Helena por não ter parado com o abuso. Mas, ao mesmo tempo, quero abraçá-la.

Sinto que ela também é uma vítima em outro sentido. Embora ela não tenha ido embora, ela também não ajudou.

—Peço desculpas por compartilhar demais. — Helena pega a tigela de comida e a coloca em uma prateleira sob o gazebo. —Não sei por que me sinto à vontade para conversar com você. Talvez seja porque perdi meu filho, então estou tentando me aproximar da namorada dele. Se você não se importar em

fazer companhia a uma senhora idosa, claro.

Não sou namorada dele. Pelo menos não nesse sentido.

—Você não é velha, — digo em vez disso. —E eu adoraria. Você tem uma casa linda.

—Não é minha. É do Grant. Tudo é do Grant. Sou apenas um acessório no seu império reluzente.

Ela me guia até uma mesa sob um gazebo aquecido e coberto, onde alguns funcionários servem chá. Há uma enorme variedade de canapés e doces.

—Eu não sabia do que você gosta, então pedi ao chef para preparar um pouco de tudo.

Um pouco é pouco. Ela basicamente trouxe a cozinha inteira para a mesa; é um puro chá da tarde ao estilo europeu.

Que só vi em filmes extravagantes.

—Parece incrível, obrigada. — Sento-me e tento não devorar tudo o que vejo.

Boas maneiras, Dahlia. Boas maneiras. Não fique mostrando seu lado rude na frente de gente rica.

Tenho dificuldade com os inúmeros garfos e facas, mas Helena diz para não me preocupar com isso e comer como eu quiser.

Ela me conta sobre os anos mais felizes de sua vida, desde que Kane nasceu e os mais tristes, depois que ele foi condicionado pelo pai.

Helena também conta como a casa parece sem vida desde que Kane se mudou definitivamente há alguns anos. Mesmo que ele a ignorasse ou a tratasse com frieza antes, ele ainda voltava para casa e ela o via todos os dias. Agora que ele se foi e se recusa a manter contato, a depressão dela piorou.

Percebo que ela mal come e o mordomo traz o remédio. Ele esconde o rótulo, mas ela não parece se importar muito.

Prozac.

Se ela está tomando antidepressivos e ainda parece tão triste, é sério. Parece que estou usando-a para sondar, mas seu filho é uma tela em branco que não me diz nada, não importa o que eu faça.

Depois de engolir os muffins mais deliciosos que já provei, digo: —Posso te perguntar uma coisa?

—Claro. Qualquer coisa.

—Naquele dia em que nos conhecemos, você disse que eu deveria fugir enquanto pudesse. O que quis dizer com isso?

Ela leva a xícara de chá colorida à boca e faz uma pausa. —Acho que não queria que você acabasse como eu. Não tenho saída, e mesmo que conseguisse escapar da esfera de influência de Grant, teria que abandonar meu filho e viver escondida pelo resto da vida. Mas percebo que estava errada em sugerir isso.

—Por que isso?

—Kane não olha para você do mesmo jeito que Grant olha para mim. Sempre fui um peão para ele. A filha de um juiz da Suprema Corte de quem ele precisava para promover seus projetos, e ele era o homem com quem eu queria me casar por status. Grant nunca me amou e nunca o amei. Nossa união foi política por completo. É diferente para você e Kane. Ele se importa.

Quase engasgo com o chá e disfarço com uma risada. — *Se importa?* Tenho certeza de que ele não sabe o significado dessa palavra.

—Talvez não conscientemente, mas ele faz. — Ela inclina o queixo para o lado. —Senão, ele não teria corrido para cá.

Quando sigo seu campo de visão, meus lábios se abrem.

Kane caminha em direção às portas de vidro, sua silhueta engolindo o horizonte. Ele está deslumbrante de jeans, camisa branca e jaqueta de couro.

—Você contou a ele? — Pergunto.

—Samuel provavelmente fez isso. É o mordomo que te trouxe aqui mais cedo. Se Kane não se importasse, ele viria, preocupado com a possibilidade de você conhecer Grant? — Ela pergunta em voz baixa. —Embora ele saiba que Grant só volta tarde para casa durante a semana, Kane é sempre cauteloso.

Alguns momentos depois, ele para perto da mesa e diz como um soldado robótico: —Mãe.

—Oi, querido. — Ela sorri e acena para uma cadeira vazia. —Quer tomar chá conosco?

—Estamos indo embora. — Ele agarra meu cotovelo.

Me solto e puxo sua manga, esboçando um sorriso. —Claro que não. O Kane adoraria participar, certo?

Ele me encara.

Eu o encaro de volta.

—Não precisa se forçar, querido, — diz ela, sem jeito. —Se você tem coisas para fazer...

—Ele não tem. — Me levanto e sussurro em seu ouvido: —Se você não se sentar e se juntar a nós, não haverá sexo por uma semana inteira.

—Então vou encontrar uma substituta, — ele murmura em tom sombrio. —Alguém com menos drama.

—Nesse caso, pode esquecer de me comer de vez. Ah, também te mando fotos do último pau que vou montar.

— *Cuidado,* — ele rosna em meu ouvido.

—Você sabe que sou teimosa pra caramba, então ou você cede a um chá da tarde inofensivo ou arrisca uma guerra total.

Suas sobrancelhas se juntam e acho que ele vai me arrastar para fora, a julgar pela forma como sua mão se flexiona, mas então ele relutantemente se senta.

Helena nos observa e um sorriso genuíno e suave surge em seus lábios. Ela se entrega e pede aos funcionários que preparem alguns pratos e tragam mais disto e daquilo.

—Não precisa, — diz Kane no mesmo tom desapaixonado. —Não vamos ficar muito tempo.

—Vamos. — Passo meu braço pelo dele e o acaricio enquanto sorrio inocentemente. —A tarde *inteira.*

Seus olhos gelados me encaram, cheios de desdém, mas ele não diz nada.

Ele também não joga meu braço fora, provavelmente porque estamos na frente da mãe dele, então aproveito a situação e continuo acariciando-o.

Talvez eu esteja meio obcecada com o quão musculoso é o bíceps dele, ou talvez eu tenha sentido falta dele.

Embora ele nunca me ouvisse dizer isso.

Helena sorri enquanto lhe serve um chá que ele mal toca. Percebo que ele está tenso, a julgar pelos músculos tensos. Ele também não fala muito.

Então preencho a lacuna, tentando não deixar a mãe dele na mão, algo que ele não tem problema em fazer.

Incluí-lo na conversa é uma batalha difícil, mas pelo menos Helena parece menos triste e seus sorrisos são mais naturais.

Ela pergunta sobre a escola e o treinamento, ao que Kane responde

mecanicamente, mas adiciono mais força às minhas respostas.

—Ah, eu não sabia que você tinha uma bolsa de estudos, — diz ela, admirada. —Impressionante, Dahlia. Deve ter dado muito trabalho. E aqui estou eu, roubando seu precioso tempo e pedindo para você me entreter.

—Se você sabe disso, não a convide novamente, — diz Kane sem rodeios.

Dou-lhe uma cotovelada forte e sorrio para a mãe. —O prazer é meu. Este jardim tranquilo é uma boa mudança em relação à agitação da cidade. Sou muito grata. Não dê ouvidos ao Kane. A entrega dele é péssima noventa por cento das vezes.

—É mesmo? — Ele sorri enquanto envolve a palma da mão em volta da minha nuca, apertando-a com mais força.

—Dããã. Você consegue ser tão chato. — Afasto a mão dele. —De qualquer forma, podemos nos encontrar quando você quiser.

Helena sorri e balança a cabeça.

Logo depois, Kane se cansa de brincar de casinha e insiste em ir embora. Sua mãe o abraça, mas ele lhe dá um tapinha nas costas, de forma indiferente. Então, quando chega a minha vez, dou-lhe o abraço mais caloroso, prometendo que nos encontraremos em breve. E nem sou muito fã de abraços.

Enquanto Kane me acompanha para fora do jardim e para dentro de casa com a mão na minha lombar, eu o encaro. —Talvez você devesse ser mais gentil com a sua mãe.

—Talvez você precise ser menos intrometida. — Ele para no meio do longo corredor e me encara, com os ombros tensos. —Por que diabos você não para de complicar as coisas por um dia sequer?

—Se você quer algo fácil, vá em busca do que é fácil.

—Dahlia... — Ele envolve meu pescoço com a mão, sua voz ecoando num timbre baixo e sombrio. —Você precisa aprender a ficar longe da minha vida.

Afundo meus dedos em seus cabelos e puxo, então fico na ponta dos pés e sussurro contra sua boca: —Que tal não?

Sua respiração quente e pesada roça meus lábios. Meu Deus. Por que eu quero beijá-lo? Nem estamos transando, então não deveria precisar de uma conexão. Isso é confuso e ilógico.

A expiração de Kane fica mais forte, seu aperto fica mais forte e suas narinas se dilatam.

Ele está se contendo. Enfiando-se atrás daquela parede que eu tanto odeio.

—Eu posso lidar com você, Kane, — digo num sussurro, acariciando seus cabelos em vez de puxá-los.

—Você *acha que* pode.

—Eu *sei* que posso. — Molhei meus lábios, e seus olhos escuros se fixaram no movimento, ficando derretidos.

—Você não sabe *de nada*, — ele diz, rosnando, enquanto observa minha boca. —Você é uma foda, Dahlia. Fique onde você pertence.

—E mesmo assim você quer me beijar. — Lambo seu lábio inferior, deixando um rastro brilhante da minha saliva em sua pele macia.

Ele aperta meu pescoço com mais força. —Pare com *isso*.

—Mostra como eu sou só uma foda. — Rolo meu corpo contra os músculos tensos dele. —Me beija, Kane.

—Você é um maldito incômodo.

—Me beija.

—Te odeio.

—Eu também te odeio. Me beija.

—Vou acabar com você.

— Prove. Beije-me.

Minhas palavras são roubadas quando ele mata a distância e sela seus lábios nos meus com um gemido.

Há algo diferente nesse beijo.

É profundo e descontrolado como o resto dele, mas também é mais lento, não tão frenético, não acompanhado por sua foda brutal ou sua necessidade constante de me reivindicar e possuir.

Sua mão aperta os lados da minha garganta, seu dedo indicador inclina meu queixo para o lado enquanto ele devora minha boca, sugando minha língua sensualmente.

Há raiva também, mas ela empalidece em comparação à maneira como ele me possui.

Eu o beijo de volta, me deleitando com a forma como ele perde o controle.

Como ele me mostra seu verdadeiro eu.

Só *eu.*

Puxo seus cabelos e depois os acaricio.

Gemo em sua boca e deixo que ele me maltrate do jeito que quiser.

Cheguei à conclusão de que posso deixar esse homem fazer o que quiser comigo, contanto que o tenha só para mim.

É egoísmo, eu percebo. Pela primeira vez na vida, estou cobiçando algo que não posso ter.

É assustador, mas não consigo parar.

—Quem é?

Kane fica imóvel, mas se afasta calmamente.

Vejo isso então, numa fração de segundo, quando seus olhos encontram os meus.

Raiva.

Não…medo?

Ele se levanta em toda sua altura, bloqueando-me ligeiramente atrás dele, mas ainda vejo o homem que acabou de falar.

Uma versão mais velha de Kane, com uma expressão dura e um terno feito sob medida.

Grant Davenport.

Deve ser ele.

O homem que quebrou Kane e deixou cicatrizes por todo o seu corpo.

Ele sorri, mas o sorriso não alcança seus olhos. —Eu não sabia que você ia trazer convidados, filho. Apresente-nos.

—Ela não é ninguém importante, — diz Kane em um tom distante, mas agora ele está meio que me escondendo.

—Ah? Se ela não é ninguém importante, por que ela está na minha casa?

—Não vai acontecer de novo.

—Apresente-nos, filho, — Grant repete no mesmo tom de voz monótono.

Posso sentir as costas inteiras de Kane ficando rígidas, e não gosto disso.

Uma ânsia de proteção que só sentia por Violet me invade, e saio da sombra

de Kane e forço um sorriso enquanto ofereço minha mão a Grant. —Dahlia Thorne. Prazer em conhecê-lo, senhor.

Ele aperta minha mão. Com força. E faço o mesmo, na esperança de quebrar a porra da mão que ele colocou em Kane.

Finalmente nos libertamos.

—Nunca ouvi falar da família Thorne.

—Isso porque eles não são importantes.

—Não são importantes, — ele repete em tom impassível, depois olha para Kane. —Se você já terminou aqui, siga-me.

Grant caminha pelo corredor sem olhar mais na minha direção.

Ao desaparecer na esquina, Kane me encara, com os ombros ainda tensos, mas a expressão neutra. Toda a paixão e o brilho de antes desapareceram.

Suas paredes estão de volta no lugar, e ele parece uma casca de si mesmo. —Você vai primeiro. Samuel vai te levar para o seu dormitório.

Agarro seu pulso, e uma premonição terrível me aperta o estômago. —Por que você não me leva? Eu vou até a sua casa.

—Hoje não. — Ele calmamente começa a remover minha mão.

Cravo as unhas com mais força. —Não o siga. Ele vai te machucar como naquela noite contra os Wolves. Eu sei que ele é o motivo desses hematomas.

Kane cerra o maxilar, mas logo solta um suspiro. —Vejo que minha mãe anda contando coisas que não deveria.

—Ela está preocupada com você. — E também estou preocupada com ele. *Que diabos?*

—Vou ficar bem. Não é nada.

—Abuso *não é* nada, — sussurro-grito.

—Vai pra casa, Dahlia. — Ele acaricia meus cabelos e depois dá um tapinha na minha bochecha, o movimento frio e sem o calor de antes. —Se você tiver pena de mim de novo, te tiro da minha vida.

E então ele caminha pelo corredor e entra na cova dos leões.

Meu coração aperta tanto que tenho certeza de que vou vomitar.

Capítulo Vinte e Quatro

Kane

Depois do encontro com meu pai, estou sedento por um desabafo.

Grant disse explicitamente que se Dahlia, o membro não importante da igualmente não importante família Thorne, provar ser uma fraqueza, ele a eliminará pessoalmente.

Já sou um acidente bizarro dos genes fracos da minha mãe, que se esforçou tanto para me moldar em um verdadeiro Davenport, e ele não vai permitir que nenhum ‘lixo de trailer interesseiro’ atrapalhe seu progresso.

Progresso.

Imagino que essa também possa ser outra palavra para seus métodos fodidos.

Apesar das ameaças e métodos desagradáveis de Grant, isso só solidificou a ideia que eu estava guardando no fundo da minha mente há algum tempo.

Preciso ficar bem longe da Dahlia.

Ela já está se mostrando um incômodo, cravando suas garras minúsculas onde não são chamadas e enterrando tanto o nariz na minha vida que é difícil manter a máscara que usei quase a vida toda.

Ela sabe as palavras certas para me irritar e sempre me aperta como se tivesse todo o direito. Como se minhas rejeições claras não significassem nada.

Essa é minha chance de cortá-la categoricamente.

Pelo bem dela.

E o meu.

Ela me mandou várias mensagens desde que o Samuel teve que arrastá-la

para fora de casa mais cedo esta noite. E houve arrastamento, porque vi as imagens de segurança daquela garota tentando me seguir. Quando o Samuel a impediu, ela gritou: —Ou me solta ou você vai ver como ele está! Não fique aí parado sem fazer nada. Por que ninguém faz nada?

Como Samuel compartilha as mesmas emoções que uma parede, ele a carregou para fora e conseguiu deixá-la no dormitório. Mais tarde, ele me contou que ela chamou ele e Grant de todos os nomes em todo o trajeto.

Depois disso, ela começou a bombardear meu telefone.

Dahlia: *Você está bem?*

Dahlia: *Por favor, me diga que você não está ferido.*

Dahlia: *Você está errado sobre o que disse antes. Não tenho pena de você. Estou com medo, tudo bem?*

Dahlia: *Eu sei que você acha que não é nada, e não consigo nem imaginar como era ter sido exposto a esse tipo de abuso desde criança. Mas alguns dos meus pais adotivos me batiam e, embora não fosse sistemático e geralmente acontecesse porque me rebelava, sei que essas coisas mexem com a sua cabeça, Kane. Traumas de infância mudam o tecido da sua alma. Eles sugam a energia positiva e a substituem por fragmentos de escuridão. Sei porque me afetaram. Perder meus pais e saber que foi minha culpa me fez pensar que eu merecia cada coisa infernal que passei depois. Só quando Violet apareceu e me disse que o acidente não foi minha culpa e que me culpar e entrar em uma espiral não deixaria meus pais nem um pouco felizes é que percebi que estava errada. Ainda tenho meus problemas e não estou de forma alguma dizendo que sou perfeita, mas não varro meu trauma para debaixo do tapete. Você também não deveria.*

Dahlia: *Espero que não tenha soado condescendente ou que não tenha sido muita informação. Não estou acostumada a me abrir com as pessoas, então sou meio nova nisso. Eu só... quero ajudar, eu acho.*

Dahlia: *Fala comigo, Kane. Podemos nos ouvir mesmo vindo de mundos diferentes.*

Como eu disse, vou interrompê-la.

Ela está se aproximando demais para que me sinta confortável, e isso está reorganizando minhas prioridades, atrapalhando meus objetivos e obscurecendo meu julgamento.

Mentiroso. Ela vem atrapalhando seu julgamento desde a primeira vez que você a viu.

—Pronto para se divertir? — A voz de Preston ecoa ao meu redor, me tirando dos meus pensamentos profundos.

Ele está parado à minha esquerda, vestido de preto da cabeça aos pés, incluindo as luvas. Até seu cabelo loiro assume um tom sombrio à noite enquanto ele puxa o suéter de gola alta até o queixo e brinca com uma faca.

—Você pode se divertir o quanto quiser, mas a vida dele é minha, — diz Jude à minha direita enquanto gira seu taco de hóquei.

Assim como Preston e eu, ele está vestido de preto, mas também usa uma capa de chuva. Como ele adora se aproximar das vítimas, ou seja, esmagar seus crânios, é uma boa ideia se proteger dos respingos de sangue.

Quando Jude enviou a mensagem para nos convidar para sua última ‘caçada,’ eu concordei.

Normalmente, não vou junto, deixando ele e Preston por conta própria.

Não me deleito com sede de sangue. Não considero assassinato e violência um método de expurgo viável como Jude considera.

Quando me mandam matar alguém, faço isso com uma arma e um silenciador. Outras vezes, pago pessoas para colocar veneno em suas bebidas.

Porque é assim que lido com as coisas: de forma clara e com total controle.

Não gosto de bagunça.

E certamente detesto a limpeza.

Preston não é violento no gelo ou em público, mas no escuro ou quando estamos só nós três, ele libera seu lado desequilibrado. A verdade é que ele é um filho da puta sanguinário que se deleita em ver a vida se esvaindo dos olhos das pessoas.

—Sem arma? — Preston me pergunta.

Coloco meu telefone no bolso e empurro minha jaqueta para o lado para revelar a arma.

—Cara, você é tão chato. — Jude balança a cabeça. —Aposto que vem com silenciador também.

—Naturalmente. Não posso deixar evidências para trás.

—Esta é literalmente a floresta da minha família e temos a equipe de limpeza de prontidão. — Preston se aproxima de Jude e o abraça. —Basta dizer que você odeia a vida, ao contrário de mim e do grandalhão.

Jude bate com o bastão no ombro de Preston. —Não o mate. Ele é todo meu.

—Quem acha fica com ele, — Preston canta em tom maníaco, e então pula da varanda.

—Filho da puta. — Jude corre atrás dele, e logo ambos desaparecem entre as árvores altas em um borrão de movimentos.

Fico parado por alguns segundos e então desço as escadas, um degrau de cada vez.

Jude lançou seu alvo para a noite há cerca de quinze minutos, e todos nós assistimos ao homem de meia idade ir para o norte.

Não há necessidade de pressa.

Árvores altas se erguem acima de mim, seus galhos se estendendo como mãos esqueléticas contra o céu escuro. A lua entra e sai de vista, sua luz pálida tremulando através das nuvens espessas, lançando traços prateados no chão da floresta.

Enquanto caminho, a terra sob meus sapatos faz barulho, e o som é imediatamente engolido pelo peso da noite.

Paro, minha respiração fica firme enquanto observo o chão e ligo minha lanterna.

Lá estão eles.

Passos pesados e agitados de inconformistas na lama.

Ignoro os outros passos que mal deixam rastros. São os do Preston. Os do Jude são mais pesados, mas não tão irregulares, e certamente não cheiram a terror.

O ar tem um cheiro forte e fresco de terra úmida e pinho, mas também exala um cheiro de decomposição. Folhas velhas apodrecem no mato, e o aroma se mistura com o frio cortante do vento que serpenteia por entre as árvores. Embora, em meio a ele, haja o cheiro tangível de suor, medo e um fim sem esperança.

Mas mal me toca ou rompe a superfície.

Ah.

Estou entediado.

Não encontro prazer algum nesse tipo de perseguição.

Nenhuma emoção.

Nenhuma emoção, porra.

Prefiro ficar perseguindo minha flor silvestre enquanto ela inventa todos os seus jeitos espertos de se esconder. Só de pensar em estar no seu encalço me deixa excitado.

Poxa, meu pau treme só de lembrar da última vez que a cacei na minha casa e a fodi na escada como um homem das cavernas.

Pare de pensar nela.

Tudo isso serve para me ajudar a me distanciar dela.

Em algum lugar distante, uma coruja pia, seu som ecoando pelas árvores. Pequenas criaturas farfalham nas sombras antes de desaparecerem na vegetação rasteira.

Uma sombra maior passa por mim. Jude.

Ele é um borrão, correndo a toda velocidade entre as árvores altas e inclinadas.

E percebo o porquê.

Do outro lado, Preston também está correndo, seu peso mais leve lhe dá vantagem enquanto ele encurta a distância.

A presa corre, seus movimentos são frenéticos.

Sigo em frente sem acelerar o passo, observando os galhos se entrelaçando lá em cima como uma gaiola. De certa forma, este mundo tem sido nossa gaiola desde o nascimento. Costumava me perguntar onde nós três teríamos ido parar se tivéssemos nascido em famílias normais.

Jude não precisaria ser tão violento.

Preston não teria perdido a cabeça.

Eu não precisaria ser assim. Seja lá *o que* for.

Mas aprendi a simplesmente aceitar. Aproveitar ao máximo, eu acho.

Meus passos são firmes no chão irregular, escorregadio de musgo e folhas úmidas, tornando cada movimento um perigo potencial, mas conheço esta floresta como a palma da minha mão. O homem que estamos caçando, não.

A lua cintila novamente, escondendo-se atrás de uma espessa parede de nuvens, mergulhando a floresta em uma escuridão quase total. Um baque soa ao longe, seguido por um ruído abafado.

Eu paro.

O ar muda, mais frio agora, roçando meu rosto à medida que avanço mais para dentro da floresta. Meu pulso está firme e calmo, cada músculo do meu corpo tenso.

Um estranho está aqui.

Além do alvo do dia, agora somos quatro na propriedade.

Quem diabos ousa invadir *nossa* propriedade privada? Os Armstrongs são donos desta floresta, e nós somos os únicos autorizados a entrar nela. Tivemos nossos primeiros testes de coragem aqui. Fomos abandonados naquela casa ‘mal-assombrada’ por dois dias quando éramos crianças e fomos forçados a nos separar, cada um por si.

Nem mesmo os membros regulares do Vencor têm acesso a esta floresta.

Coloco a mão na cintura e pego minha arma.

As árvores se fecham mais, os galhos raspam uns nos outros, e a coruja chama novamente, mas dessa vez mais perto.

O vento aumenta, trazendo um leve aroma familiar.

Um grito ecoa no silêncio, seguido por um *baque, baque, baque.*

O grito desaparece lentamente até que só resta o som alto dos baques.

O bastão de Jude.

Ele e Preston devem ter pegado o homem e o matado.

Mas isso não importa agora. Há um intruso com quem precisamos lidar.

Empurro os galhos baixos para fora do meu caminho com a arma, enquanto minha outra mão segura a lanterna em cima da minha arma.

Ouvi um farfalhar atrás de mim e me viro, com o dedo apoiado no gatilho.

Um rato sai correndo, cego pela luz.

O som de corrida me alcança, e corro em disparada, então paro.

Embora não encontre o estranho, vejo Jude parado ao lado do cadáver ensanguentado de sua última vítima.

O rosto do homem está irreconhecível. Metade dele se transformou em mingau enquanto ele se apoia em uma árvore, com a cabeça pendendo sobre a barriga.

O bastão de Jude está pingando sangue, e sua capa de chuva está manchada de manchas escuras.

Ele inclina a cabeça na minha direção, o rosto salpicado, os olhos vazios. — Não o suficiente. Ele morreu cedo demais. Me dê outro nome, Kane.

É uma euforia.

Uma obsessão.

A sensação de nunca ter o suficiente de algo, não importa o quanto você consuma.

É por isso que evito qualquer coisa que possa confundir minha lógica.

Não faço fixações nem anexos.

Obsessões ou vícios. Até a porra da Dahlia Thorne.

Ela é o vício do qual não consigo me livrar.

Mesmo durante a caçada que só entrei para esquecê-la.

Com a mão direita ainda segurando a arma, aperto o ombro de Jude com a outra. —Não entre em parafuso.

—Foda-se. — Ele tira minha mão e dá um passo para trás, apontando seu taco ensanguentado para mim. —O que eu preciso fazer para você me dar a lista inteira?

—Não é possível.

—E se eu sequestrar seu novo brinquedinho?

—Isso seria tolo e improdutivo. Se você colocar as mãos nela, eu queimo essa lista.

Ele rosna.

Eu encaro de volta.

Porra.

Não acredito que estou ameaçando meus amigos e jogando fora minhas fichas de barganha por aquela mulher maldita.

Ela não é nada.

Correção. Ela *não deveria* ser nada.

—Preston tem razão. — Ele me dá um tapa na cara com o bastão ensanguentado. —Você perdeu a cabeça por uma boceta. Aquela garota te trairia para conseguir o que quer. Ela te abandonaria sem olhar para trás.

—Vou abandoná-la primeiro, mas isso não significa que nenhum de vocês pode tocá-la. — Empurro o bastão dele, que voa para o chão. —Onde está o

Armstrong?

—Que se dane se eu soubesse. Ele esfaqueou o desgraçado algumas vezes, não o suficiente para matá-lo, mas depois desapareceu de vez.

—Logo antes de você encontrar o alvo?

—Sim.

Preston jamais, e eu digo *jamais mesmo*, perderia uma ‘cerimônia da morte,’ como ele gosta de chamar. Essa é a sua parte favorita da caçada, seja matando a presa ele mesmo ou assistindo Jude fazer isso.

Ele detesta meus métodos rápidos de matar e raramente fica por perto para isso, mas ele sabia que Jude pegaria essa e mesmo assim desapareceu.

Jude pega seu bastão. —Você acha que o hóspede indesejado está por trás do desaparecimento dele?

—Você também sentiu?

—Sim. Temos um forasteiro.

Nós trocamos um olhar, e a carranca de Jude refletiu a minha.

Um forasteiro. E Preston desapareceu. Isso não é bom.

Faço um gesto para o norte. —Eu te protejo.

Ele corre e corro atrás dele, percorrendo os caminhos que aprendemos na infância. Conhecemos esta floresta de cabo a rabo.

Preston também.

Geralmente me preocupo com esse lunático, mas isso é ainda pior.

Baque.

Baque.

Baque.

O som fica mais forte à medida que nos aproximamos. Jude e eu paramos em uma pequena abertura com galhos entrelaçados.

Uma figura grande está em cima de Preston, socando-o até deixá-lo em pedaços.

E Preston está rindo como um louco.

Ao sentir nossa presença, o homem empurra Preston contra o tronco de uma árvore e sai correndo. Vislumbro uma máscara branca sólida enquanto ele veste o capuz e corre.

Aponto minha arma para ele, mas Preston, que estava feliz por ter sido espancado até a morte há menos de dois segundos, pula e fica no meu caminho.

—Que porra você está fazendo? — Eu o desvio, mas o intruso já desapareceu por entre as árvores.

—Eu vou atrás. — Jude começa a andar na direção em que desapareceu.

Preston coloca a mão no peito dele e o empurra. —Ele é minha presa. Afaste-se.

Sua boca está machucada, com sangue escorrendo pelos cantos dos lábios e escorrendo para o pescoço. Sua camisa está rasgada no colarinho e há um corte de faca em seu braço, com sangue encharcando sua camisa e grudando-a em sua pele.

Levanto uma sobrancelha. —Faz tempo que não te vejo tão machucado. Tem certeza de que ele é a presa?

—Claro que sim, — ele diz maniacamente e ri alto, jogando a cabeça para trás.

—Ele perdeu o juízo de novo, — suspira Jude.

—Quem é ele, Preston?

Ele sorri, mostrando todos os dentes de um jeito assustador. —Ele ousou me caçar na minha própria casa. Adorei!

—Você deveria ter deixado a gente pegar ele, seu idiota. — Jude dá um tapa na cabeça dele.

Preston nem revida, ainda rindo, ainda imerso em euforia. —Não, eu vou caçá-lo também, antes de cortá-lo em pedacinhos. Nossa, estou ficando duro só de pensar nisso. Estou duro pra caralho.

—Concentre-se, cara, — diz Jude.

—Vão se foder, vocês dois. Vou providenciar a limpeza e assistir a algumas imagens de segurança.

—Descubra como ele conseguiu invadir este lugar, Pres, — digo.

—Não tem importância. — Ele ri enquanto se afasta. —Não tem importância nenhuma.

—Tenha o pau chupado, — grita Jude. —Não enlouqueça.

Preston apenas ri novamente enquanto cambaleia entre as árvores, os sons ecoando como uma sinfonia de caos.

Ninguém consegue lidar com ele nesse estado. Ele raramente enlouquece, mas quando enlouquece, é uma merda.

—Ele vai fazer alguma besteira e provavelmente vai acabar morto, — diz Jude. —Deveríamos detê-lo.

Corro até Preston e bato na sua nuca com a arma.

Ele cai de joelhos e o som irritante de sua risada desaparece.

—Bom, isso com certeza o deteve, — diz Jude. —Ele vai te foder quando

acordar. Você sabe que ele odeia ser nocauteado.

—Então ele deveria ter controlado melhor o seu lado animal. Eu não vou limpar a bagunça dele.

—Você tem razão. — Jude observa a floresta com um olhar crítico. —Quem você acha que era?

—Não sei, mas precisamos encontrá-lo e eliminá-lo. — Embainho minha arma e agarro o braço de Preston. —Ajude-me a carregá-lo de volta.

—Que chato, — Jude resmunga. —Sempre um maldito bebê.

Enquanto diz isso, ele rasga a camisa e a enrola ao redor do ferimento de Preston, então cuidadosamente coloca o braço ferido sobre seu ombro.

Quando éramos crianças, Preston era magro e ossudo, com feições de bebê, e frequentemente sofria bullying por parecer uma menina. E embora ele tenha tornado a vida deles um inferno depois, principalmente por meio de alguma forma de manipulação, ele era fisicamente fraco e incapaz de se defender. De alguma forma, Jude se tornou seu escudo e começou a arrancar os dentes daqueles garotos do internato.

Infelizmente, isso não parou no bullying.

Certa vez, Preston desapareceu durante uma atividade noturna no dormitório, e Jude e eu abandonamos a coisa e fomos procurá-lo.

Nós o encontramos em um porão com um professor, que estava abrindo as pernas nuas de Preston e prestes a agredi-lo sexualmente.

Jude pegou um candelabro e bateu na cabeça dele várias vezes enquanto eu o imobilizava.

O rosto de Preston estava machucado, seu corpo ossudo coberto de sêmen e ele tinha um olhar morto nos olhos.

Até que Jude lhe deu uma faca e mandou acabar com ele.

Ele apenas sorriu quando os olhos daquele professor vulgar reviraram para trás de sua cabeça e ele cuspiu seu último suspiro nojento.

Esse foi o nosso primeiro assassinato. Aos dez anos de idade.

Naturalmente, nossos pais encobriram o incidente como um acidente bizarro. Mas não nos tiraram da escola.

Na verdade, Jude e eu fomos punidos pela bagunça. Preston foi encaminhado a um terapeuta que, em vez de ajudá-lo, diagnosticou-o com sinais precoces de transtorno de personalidade antissocial.

Preston nunca fala sobre isso, mas Jude e eu suspeitamos que não foi a primeira vez que algo assim aconteceu com ele.

Até a adolescência, as pessoas diziam que ele ficava lindo com traços femininos, principalmente quando usava cabelo comprido. Isso, somado ao fato de ser um provocador que adora insultar todo mundo, atraiu o público errado para uma escola só para meninos, cheia de aberrações doentias.

É por isso que Jude e eu sempre fomos cautelosos com qualquer sujeito esquisito que se aproximasse dele. É também por isso que Jude esmurra qualquer um que ouse bater em Preston durante os jogos.

Jude é uma espécie de mamãe urso protetora, embora Preston tenha se tornado totalmente capaz de se defender há muito tempo.

No entanto, a cena agora é preocupante. Ele simplesmente se deitou e levou uma surra, o que nunca acontece. Imagino se ele foi provocado de alguma forma.

—Você acha que é um desses filhos da puta? — Jude pergunta em voz baixa enquanto equilibramos Preston entre nós e caminhamos pela floresta densa.

—Não. Eles não ousariam tocá-lo do jeito que ele está agora.

—Ele enlouqueceu, Kane. — Há um tom cortante em suas palavras. —Ele raramente se deixa levar tanto agora que se controla há tanto tempo. E se estiverem de olho nele de novo?

—Simples. Vamos mutilar cada um deles e deixá-lo se banhar no sangue deles.

—Cada um deles, — Jude dá um sorriso irônico. —Talvez precisemos de uma lista. O seu favorito.

Eu sorrio.

Pelo menos há algo para me manter distraído do caos em minha mente.

Mesmo que temporariamente.



—Você não respondeu minhas mensagens.

Essa é a primeira coisa que ouço na manhã seguinte, vinda de uma mulher pequena e de temperamento explosivo.

Dahlia bloqueia a entrada da arena com a mão no quadril. Seu cabelo castanho está preso em um rabo de cavalo bagunçado, seus olhos estão vermelhos e ela tem olheiras que podem ser vistas a quilômetros de distância.

Tanto faz manter distância.

—Essa deveria ter sido sua pista, — digo em um tom frio e começo a ignorá-la.

Ela abre bem os braços, me parando. —Tudo o que eu queria era uma confirmação se você está bem ou não.

—Desde quando isso é da sua conta? Você não é nada para mim, Dahlia.

—Mentiroso. — Ela levanta o queixo. —Você se importa comigo.

Dei uma risada irônica que preencheu o espaço. —Você caiu nessa? Você é muito mais ingênua do que eu pensava, mas, por outro lado, você sempre foi um pouco lenta para entender as coisas.

Seus lábios tremem.

Um brilho aparece em seus olhos.

Nunca vi a Dahlia chorar fora do sexo. E embora sinta muita vontade de chorar quando estou transando com ela, agora, eu quero me empalar.

Mas continuo em silêncio. Ela precisa sumir da minha vida.

Preciso da paz e do sossego que tinha antes de ela chegar, e não desse estado constante de estar à beira de algo. O quê? Nem sei.

—Você está me afastando? — Ela finalmente diz, com a voz baixa, quase fraca.

A Dahlia não se deixa levar pela fraqueza. Nem quando a fodo como um monstro desumano.

Minha voz fria está completamente desligada dos meus pensamentos. —Viu? Você é lenta, mas sempre chega lá.

—Por que você está fazendo isso? Porque me importo? Porque quero ter certeza de que você está bem?

—Porque você está começando a se envolver emocionalmente. Eu disse que isso está fora de questão. Você não deveria ter me deixado te esmagar com esses sentimentos idealistas e crédulos.

Ela cerra os punhos, mesmo com o queixo tremendo. —Então é isso?

—É isso. Você está oficialmente banida do Vencor. Terminei com você agora.

—Terminou comigo? Mentiroso. Você é um mentiroso de merda, Kane. Você

não terminou comigo. Você está *fugindo* porque é um covarde que não consegue lidar com suas emoções por mim. Você não consegue lidar com a forma como se entrega quando está perto de mim. — Ela esfaqueia meu peito com um dedo. — Você não consegue *lidar comigo, porra*!

O local que ela toca queima como se ela estivesse injetando veneno em minhas veias.

Deixo a máscara no lugar e falo em tom calmo: —Você pode continuar no time se parar de me incomodar.

E então a ignoro.

—Você vai se arrepender! — Ela grita atrás de mim. —Vou garantir que você se arrependa, seu babaca.

Já estou me arrependendo.

Mas é melhor deixá-la ir por vontade própria antes que ela seja violentamente arrancada de mim.

Dahlia Thorne é um erro que nunca deveria ter acontecido.

Fiquei ganancioso pela primeira vez na vida, e se tem uma coisa que sei sobre ganância, é que você sempre paga.

Em sangue.

Capítulo Vinte e Cinco

Dahlia

Kane cumpriu sua promessa.

Ele não olhou para mim desde que terminou tudo há pouco mais de uma semana.

Nem uma vez.

Nem mesmo quando me certifiquei de estar em seu campo de visão durante os treinos e os exames e instruções do médico-chefe.

Então correspondi à energia dele.

Kane *quem*? Eu nem *gosto* desse babaca.

Se ele vai me ignorar e me apagar como se eu nunca tivesse existido, ele receberá o mesmo tratamento.

Mas ultimamente tenho me sentido irracionalmente irritada, principalmente desde que Isabella voltou à cena.

Achei que ela passaria o resto do ano se escondendo depois que Kane, de alguma forma, a fez desaparecer, mas, aparentemente, estava errada.

Ela não só começou a aparecer na arena usando o irmão como pretexto, como também se esfrega em Kane sempre que pode.

E ele deixa.

Então sabe de uma coisa? Vou fazer com que ele se arrependa, como prometi.

Não se trata mais de ele ser a minha porta de entrada. Trata-se do meu orgulho. Não vou permitir que esse babaca me domine e saia impune.

Não sou alguém que ele pode simplesmente usar e depois descartar como se eu não tivesse nenhuma emoção humana.

Além disso, tenho seguido a pista de Gavin, Ryder e Hunter. E embora ainda não tenha conseguido o DNA de Hunter, me aproximei de Ryder. Principalmente porque o ajudei com uma distensão no ombro.

Agora ele para com frequência para me dar bom dia, muitas vezes acompanhado por um Hunter silencioso. Gavin é menos receptivo e não fala comigo, mas também não me encara o tempo todo. Provavelmente porque todos souberam do meu banimento oficial da organização idiota deles.

De qualquer forma, tenho certeza de que serei convidada para a próxima festa que será dada na casa de Hunter, se não por Hunter, então por Ryder, e essa será minha chance de coletar a amostra de DNA.

Enquanto isso, fingi que precisava ter acesso aos registros médicos do time para a papelada e procurei pelo de 20 de setembro, mas não havia nenhuma menção sobre a ‘lesão desconhecida.’

Então, tentei falar com o médico, mas tenho quase certeza de que ele é parente do Vencor, ou, pelo menos, bem próximo, porque quando perguntei sobre a ‘lesão desconhecida,’ ele disse: —É o que colocamos às vezes quando os jogadores faltam aos treinos por causa de ressaca. Não pense muito nisso.

Sim, claro.

Mas não insisti, porque isso só o deixaria desconfiado.

Mas ainda tenho esperanças quanto ao DNA do Hunter. Se for compatível, finalmente poderei descobrir quem fez mal à Violet.

Enquanto isso, estou me concentrando em construir uma amizade com Ryder.

Uma das vantagens de brincar com Ryder é ele me contar sobre os cafés e

bares que os membros da equipe frequentam. Ele também me convidou uma vez, mas desistiu.

Depois de uma conversa com Kane.

Que se foda esse babaca. Não é como se eu estivesse morrendo de vontade de estar no mesmo espaço que ele.

Enfim, descobri que o Ryder também estava se aproximando de mim por um motivo: a Megan. Ele queria o número da minha amiga ‘fofa’ desde que nos viu juntas numa cafeteria.

Quando estou saindo do campus, ligo para Megan e conto a ela sobre as novidades.

Ela grita no meu ouvido por, tipo, um minuto antes de dizer: —Obrigada, Jesus, por finalmente me dar o que os outros têm. Eu prefiro o Jude, mas montaria no Ryder qualquer dia. Ou, tipo, ele monta em mim? Sabe, tipo o nome dele?

—Então é um sim? — Pergunto.

—Claro que sim, querida.

—Você não deveria pensar bem nisso? Acho que ele está ligado às pessoas que controlam a cidade.

—Não importa. É só sexo.

—Tudo bem, mas tenha cuidado, sim?

—Vou sim! Faça um favor a uma garota e não me faça parecer desesperada.

—Pode deixar. Vou dizer que você não sabe, e estou fazendo um favor a ele. Finja surpresa quando ele mandar mensagem.

—Eu serei a rainha do drama. Nossa, o que estou vestindo? Quero pegar emprestado aquele seu vestido verde incrível, mas minha bunda não cabe. Que

tal aquele rosa de elástico? Posso pegar emprestado?

—Não. Eu disse que vou mandá-los de volta com os outros.

—Você já fez isso e eles foram devolvidos a você.

—Então vou doá-los para a caridade.

—Eu! — Ela diz, ofendida. —Doe para mim.

—Não quero vê-los, Megan. Se eu te der, ele vai pensar que os guardei por valor sentimental.

—D, querida, essa merda pode te render pelo menos cem mil se você vender. Você pode ficar com o dinheiro para a fisioterapia quando sua irmã acordar. Pare com essa ideia idiota. Já que aquele garoto partiu seu coração, você pode ficar com toda a merda que ele te deu. Essa é a regra.

—Ele *não* partiu meu coração.

— *Totalmente* crível pela maneira como você tem agido esta semana.

—Estou agindo muito bem.

—Você anda muito mal-humorada e xinga o Kane do nada, como se estivesse possuída. Isso sim é um coração partido.

—Não. Só estou planejando minha vingança.

—Outro sinal de um coração partido. Eu te avisei para ficar longe dos Vipers.

—E ainda assim você está animada com Ryder.

—Não tenho sentimentos por pau. Estou animada para transar com ele, não para namorar. Enfim, quer que eu ajude a vender as roupas e os sapatos?

—Faça o que quiser.

—Inclusive pegar emprestado o vestido rosa?

—Você pode ficar com ele.

—Meu Deus. Te amo. Vou considerar isso minha comissão. Preciso ir. — Ouço um barulho de passos arrastados do outro lado da linha. —Me faça parecer a garota mais gostosa do mundo quando falar de mim para o Ryder.

—Ele já está afim. Você não precisa disso.

—A gente sempre precisa de um empurrãozinho na moral. Até mais!

Balanço a cabeça enquanto desligo.

Um corpo bate no meu e paro quando sapatos cor-de-rosa param na minha frente.

—Olhe por onde anda, Charity.

Inspiro fundo, levanto a cabeça e sorrio docemente para Isabella. —Eu? Parece que é você que não tem noção de direção.

Uma de suas lacaias está prestes a dizer algo, mas ela levanta a mão. —Não perca seu tempo com uma zé-ninguém que foi derrubada tão rápido que ninguém lembra o nome dela.

Minha mão fecha em punho em volta do meu telefone, mas permaneço em silêncio, com o sorriso ainda no rosto.

Me recuso a dar a ela a satisfação de me ver cair.

—Se você parar de me fazer perder tempo. — Começo a passar por ela.

—Não leve para o lado pessoal, — ela fala perto do meu rosto. —Pessoas como você vêm e vão o tempo todo. Você nunca poderia competir comigo. Kane sempre foi meu.

—Engraçado porque juro que você desapareceu do lado dele por semanas

depois de tentar me drogar, e ele fez com que você fosse expulsa da organização. Ele te ameaçou ou te machucou, não sei bem, mas o que tenho certeza é que seus sentimentos não são recíprocos.

—E os seus são?

—Provavelmente não. Mas não estou delirando.

—Talvez, mas você com certeza está com ciúmes. Você está sempre me encarando, isso me dá arrepios. — Ela sorri. —Tenho que ir me arrumar para encontrar *meu* Kane mais tarde. Tente não encomendar um boneco de vodu e me amaldiçoar, *Charity*.

Não vou dar um soco na cara dela.

Não vou me rebaixar tanto por causa de um babaca.

No entanto, enquanto ela se afasta balançando os quadris e rindo ironicamente, pego meu telefone.

Isabella e Kane podem ir para o inferno, pelo que me importa, e depois ter bebês pequenos abençoados pelo próprio Satanás.

Mas quis dizer que ele iria se arrepender disso.

Dois podem jogar seu jogo doentio.

E, sim, sou mesquinha.

Eu: *Oi.*

Ryder: *Thorne! Você vai me dar o número?*

Eu: *Talvez. Se você me disser onde vocês vão sair hoje à noite.*

Ryder: *Cara. O Capitão vai me matar por isso. Ele deixou claro que você não pode ser convidada para lugar nenhum onde ele esteja.*

Desenho um círculo no polegar e tento não me afetar. Pensar é uma coisa,

mas saber a verdade é como se tivesse sido esfaqueada.

É suposto doer tanto assim?

Não, isso não é dor. É raiva.

Tem *que* ser raiva.

Eu*: Não estou pedindo que me convide. Só me diga o lugar. Ninguém vai saber.*

Ryder: *Você tem muita sorte de ter uma amiga gostosa. Aqui está o endereço.*

Ele me envia uma localização e respondo com o número de Megan.

Ryder: *Doce!*

Ryder: *Aliás, não deixe o Capitão saber que enviei o endereço. Ele já está um pé no saco ultimamente. Não quero irritá-lo.*

Eu: *Não se preocupe.*

Saio do chat com Ryder e abro um novo com o contato intitulado ‘Erro de duas semanas.’

Eu*: Você está com vontade de um pouco de drama?*

Erro de Duas Semanas: *Sempre.*



Mais tarde naquela noite, cheguei ao clube com meu braço em volta do de Marcus.

Foi escolha dele vir para cá, sabendo que o lugar está cheio de Vipers, mas se tem uma coisa que tenho certeza quando se trata de Marcus, é que ele não dá a mínima para ninguém.

Eu inclusa.

Ele está aqui apenas para causar caos, como faz por onde passa.

A boate pulsa com vida, um zumbido baixo de música vibrando através das paredes e sob minha pele. O ar está denso com uma mistura avassaladora de álcool e perfume.

Luzes de neon piscam acima, cortando a fumaça que paira no ar e lançando tons de verde e vermelho no ambiente. Está lotado, com pessoas balançando ao som da batida grave que sai dos alto-falantes, alta o suficiente para fazer as garrafas de vidro enfileiradas atrás do balcão chacoalharem.

Entro pela porta, o barulho dos meus saltos é abafado pela música, e posso sentir os olhos comendo minha pele.

Megan conseguiu me transformar em um cisne novamente. Delineador grosso, sombra esfumada e lábios vermelhos. Ela também insistiu que eu usasse o vestido verde em que ela não cabia. Ele se ajusta ao meu corpo, o tecido sedoso deslizando sobre minha pele a cada passo. É ousado, com um decote profundo, costas abertas e uma fenda que provoca mais do que revela.

É para ser notado.

Também deve ser uma mensagem: estou usando o vestido que ele comprou para mim enquanto estou com outro homem.

E não qualquer homem.

Marcus Osborn é o arqui-inimigo de todo o time dos Vipers e um lembrete de sua recente humilhação.

Sua presença é sólida ao meu lado, mas é só fachada. Sua mão repousa possessivamente na minha cintura, e deixo. O calor do seu corpo pressiona o meu enquanto ele se inclina para sussurrar: —Sou só eu ou você agora se esforça mais para ficar tão gostosa?

—Deveria ter me mantido quando você me tinha, em vez de tentar me dividir com seus amigos.

Ele ri, o som abafado pela música vibrante enquanto paramos no bar. Está escuro, iluminado principalmente por um neon roxo, e animado pelos gritos das pessoas por cima da música.

—Você ainda está brava por causa disso, Dahlia? Eu te disse que não tenho relacionamentos. Eles são uma porcaria, e te deixei ir, não foi? Mas talvez eu tente te seduzir de novo hoje à noite.

—Aquele trem já partiu da estação.

—Eu entendo. Mas Davenport é uma escolha tão chata. Você poderia ter escolhido alguém mais interessante.

—Qual é a sua ideia de interessante?

—O príncipe. — Ele sorri enquanto ergue o copo para o segundo andar. — Pensando bem, *qualquer um*, menos o príncipe.

Minhas orelhas formigam e sinto olhos pesados me despindo e arranhando minha pele.

Ao seguir o campo de visão de Marcus, vejo quase toda a equipe dos Vipers na área VIP acima. Alguns estão dançando, mas muitos estão parados perto da barreira de vidro, todos olhando feio para Marcus.

Todos, exceto Preston, que parece entediado enquanto toma um gole de sua bebida. E Ryder, que faz uma careta para mim.

Mas quem está olhando mais fixamente? Quem parece estar à beira de uma explosão?

Kane.

Ele parece tão implacável e dominador de calça preta e camisa polo branca,

com o cabelo penteado para trás. Ele me observa com uma intensidade fria, os dedos apertando o copo.

E Isabella está parada ao lado dele, passando suas garras por toda a gola dele.

Mas toda a sua atenção está em mim.

Olhos ardendo.

Lábios levemente rosnados.

Quase consigo sentir sua mão envolvendo meu pescoço, apertando enquanto ele sussurra palavras quentes e raivosas em meu ouvido.

E sorrio.

Sou eu fazendo com que ele se arrependa do que disse. Do que fez.

Se ele não se importa comigo como disse naquele dia, por que ele pareceria prestes a decapitar meu par no estilo medieval?

—Nossa, — Marcus ri. —Consigo sentir a hostilidade. Nossa. Eles me odeiam tanto assim, não é?

—Em defesa deles, você é do tipo que induz ódio. — Olho para ele e finjo sorrir com o que ele está dizendo.

—Sou, certo? — Ele sorri. —Então por que *ele não está* odiando?

—Quem é ele?

Deixando de lado a bebida, Marcus agarra meu braço. —Vamos dar a eles o espetáculo que viemos fazer.

Ele me arrasta para a pista de dança, envolve seus braços em volta da minha cintura e me aperta contra seu peito enquanto balançamos ao som da música.

O empurro um pouco para trás. —Isso é só uma encenação. Não se empolgue.

—Shh... — Ele levanta minha mão e a coloca em seu peito. —Achei que você queria vingança, então mostre a ele o quanto ele está perdendo.

Sabe de uma coisa? Ele tem razão. O objetivo desse plano é mexer com o Kane tanto quanto ele mexeu comigo.

Balanço ao som da música da moda, então me viro e esfrego minha bunda em Marcus.

A música vibra, uma linha de baixo profunda que ressoa no meu peito enquanto deslizo meus dedos no meu cabelo e dou tudo de mim.

As mãos de Marcus envolvem meus quadris, fluindo em sincronia comigo.

Quando olho para trás, ele está sorrindo com um ar maníaco. —Um.

—O que você está contando?

Ele me gira e dá uma palmada na minha bochecha. —Dois.

—O que você está fazendo?

—Três.

Ele se inclina.

Dou um passo para trás e sussurro-grito: —Não me beije.

Sua respiração dança na minha pele. —Quatro.

—Marcus!

—Cinco...

Ele mal termina de dizer a palavra quando um braço corta o ar, envolve sua garganta e o puxa para trás com força bruta.

Preston foi quem fez isso, imobilizando-o. Mas quem agarrou o braço dele e o torceu no ar foi Kane.

Linhas frias se espalham por seu rosto e suas narinas se dilatam.

—Nossa, nossa! — Marcus ri e não tenta lutar. —Estou honrado com a recepção calorosa.

Kane gira com mais força.

—Não, — digo assim que me recupero. —Deixe-o ir.

—Defenda-o de novo e quebro o braço dele. — Kane não olha para mim. — Só diga mais uma palavra, Dahlia, e juro que ele nunca mais vai jogar na vida.

Franzo os lábios.

—Estou com *tanto* medo. — Marcus olha para Preston, sorrindo. —Me salve?

—É melhor você calar a boca se sabe o que é melhor para você, — diz Preston com a voz inexpressiva.

—Meu coração está batendo forte... de tédio absoluto. Ei, querida. — Marcus lambe os lábios. —Acho que a gente devia sair daqui. Você disse que mal podia esperar para cavalgar no meu pau.

Preston o estrangula com mais força ao mesmo tempo em que Kane torce seu braço.

Droga. Aquele babaca do Marcus parece não se importar com a vida dele.

Não tenho certeza se Preston vai estrangulá-lo até a morte ou se Kane vai quebrar seu braço primeiro.

Certamente não quero ser a razão pela qual Marcus perderá sua carreira, especialmente porque fui eu quem o convidou para o covil das víboras.

Não há nada que possa fazer sobre Preston, mas Kane...

Solto um suspiro dramático. —Isso é um saco. Vou procurar outra pessoa.

E com isso, saio enquanto a risada de Marcus ecoa ao meu redor. Não sei se Kane me segue, mas mantenho a cabeça erguida enquanto abro caminho pela multidão.

Alguns segundos depois, uma mão forte agarra meu pulso, e Kane me gira em um movimento rápido.

Seu rosto paira tão perto do meu enquanto ele rosna: —Você realmente fodeu com tudo, Dahlia.

Grito quando ele me joga por cima do ombro e sai do clube.

Capítulo Vinte e Seis

Dahlia

Calor floresce em meu rosto.

Tanto por causa do sangue subindo à cabeça quanto pelo constrangimento de ser carregada para fora do clube como um saco de batatas.

As pessoas nos observam, seus sussurros penetrando meus ouvidos e abafando a música, mas se afastam para Kane sem serem solicitadas. Ninguém ousa atrapalhar enquanto ele caminha com uma facilidade determinada.

Minha barriga está sobre seu ombro largo e tenso, e seu braço grande está firmemente enrolado em minha bunda, restringindo meus movimentos.

—Me solta! — Grito por cima da música alta.

Ou ele não me ouve ou não se importa.

Me mexo e levanto a cabeça, mas não adianta.

Acho que vejo Preston arrastando Marcus, que ri, para as sombras, enquanto ele ainda está com uma chave de braço, mas a cena desaparece quando Kane sai do clube.

O ar gelado me envolve e arrepios percorrem minha pele, misturados à raiva borbulhante que me percorre. Cerro os punhos e bato em suas costas musculosas, em sua cintura, em qualquer lugar que eu possa alcançar.

—Ponha-me no chão ...

Minhas palavras terminam em um suspiro quando ele bate na minha bunda. Com força. Tão forte que minha boceta lateja.

Com tanta força que tenho medo de passar vergonha se eu encostar nele mais

uma vez.

Aparentemente, meu corpo não captou o lembrete de que estamos fechados para negócios.

Dou outro soco nas costas dele, precisando escapar daquela humilhação. — Eu disse para me colocar no chão!

Batida.

Me sacudi contra seu ombro e meus mamilos endureceram contra suas costas devido a algo completamente diferente do frio.

—Fale mais uma vez e vou te foder aqui e agora, Dahlia.

—Me solta, seu babaca!

Meu mundo sai do eixo enquanto ele manobra e me joga contra o capô de um carro.

O carro dele.

—Se você quisesse ser fodida, tudo o que tinha que fazer era implorar.

Minhas costas estão coladas ao metal frio, minhas mãos pressionadas ao lado do corpo, e estou de braços e pernas abertos, com meu vestido subindo para expor a calcinha de renda que Megan disse que eu precisava com esse tipo de vestido.

As luzes do estacionamento piscam, formando sombras no rosto estoico de Kane. Seu peito, normalmente tão calmo e controlado, agora sobe e desce em um ritmo sem precedentes. Quanto mais seu olhar sombrio me percorre, mais difícil fica respirar.

Ele se inclina, bloqueando o horizonte, e enfia o joelho entre minhas pernas abertas. Um tremor percorre meu corpo enquanto sua mão desliza pela minha pele antes de agarrar a alça caída do vestido e torcê-la entre seus dedos magros.

—Você teve a audácia de vir ao meu território, usando o vestido que eu comprei para você, enquanto estava toda envolta em outro homem.

Há uma calma enganosa em suas palavras, mas sua voz é áspera, grosseira, marcada por uma fúria mal contida. Ele também está xingando, então não está tão no controle quanto finge estar.

Apoio-me nos cotovelos e levanto o queixo, agindo como se a presença dele não tivesse importância e não estivesse, de fato, me perturbando. —Por que você se importaria? Já terminamos, não é? Eu não sou *nada,* não é?

—Você não *é* nada. Você está tão abaixo do nada que nem existe no mapa.

A raiva me invade profundamente, mas forço um sorriso. —E, no entanto, aqui está você. Agindo diferente de si mesmo por *nada.*

Seus ombros se contraem, tensos, e seu tom autoritário permeia cada palavra. —Só estou avisando que, enquanto estiver trabalhando para a equipe, você não pode se exibir com o nosso rival.

—O que eu faço no meu tempo livre não é da sua conta. Se me exibi para o seu rival, se deixo ele me foder ou se cavalgar o pau dele a noite toda, não é algo com que você deva se preocupar. — Empurro seu peito. —Agora, se me dá licença, tenho um encontro para terminar com o Marcus.

Num minuto, estou sentada, no outro, a mão de Kane envolve meu pescoço e ele me empurra de volta para o carro, seu aperto não é sufocante, mas forte o suficiente para me deixar imóvel.

Uma brisa sopra em seus cabelos enquanto ele paira sobre mim como um monstro, e suas palavras saem entrecortadas. —Você parece ter se iludido pensando que pode permitir que outro pau te reivindique, Dahlia. A questão é que você não tem essa liberdade. Você não pode pertencer a mais ninguém quando está transando com o meu.

Ele abaixa a cabeça, seus lábios pairando sobre a minha boca, tão perto que consigo sentir o gosto da paixão violenta. Tão perto que sua respiração quente se mistura à minha.

E por um momento, eu quero ceder. Deixar que ele me consuma novamente.

Seja dono de mim.

Mostrar-me que o que compartilhamos é somente nosso.

Não sei de que tecido as pessoas são feitas, mas o dele e o meu são idênticos. Nos deleitamos com o ódio e a violência, e estaria mentindo se dissesse que não senti falta do toque dele.

Ou a liberdade que vem ao entregar meu controle a ele.

Mas não passei por toda essa merda só para tê-lo de volta.

As coisas têm que acontecer nos meus termos.

No último segundo, viro o rosto e olho para o carro prateado estacionado ao lado do dele.

Kane faz uma pausa, seu aperto afrouxando um pouco em volta do meu pescoço, como se ele tivesse sido pego de surpresa.

Olho para ele novamente e, de fato, um olhar perplexo se esconde em seus olhos gelados e suas sobrancelhas se franzem. Ele não consegue me imaginar recusando um beijo, especialmente porque sempre fui eu quem os iniciava.

Desejava-os.

Exigiu-os.

Agora não.

Meus dedos envolvem a mão dele que está na minha garganta. —Diga que você se importa comigo primeiro.

—O que?

—Você me ouviu.

—Eu sei que sim, mas não tenho certeza se você está brincando ou não.

—Não estou. Quero ouvir você dizer que se importa e que, de agora em diante, vai me deixar chegar perto. Quero um relacionamento de verdade, não uma situação de parceiros sexuais. Você vai me levar para encontros e me contar sobre você. Vai assistir a filmes comigo e me deixar relaxar na sua casa, mesmo que não haja sexo envolvido.

Ele faz uma pausa.

Eu também paro.

Não era isso que tinha planejado. Só queria que ele parasse de me afastar, mas talvez, no fundo, fosse exatamente isso que eu queria esse tempo todo.

Realmente odeio quando ele me abandona emocionalmente assim que o sexo acaba.

No começo não me incomodou, mas depois começou a me deixar ansiosa.

—Você está louca, — ele diz em tom perplexo.

Mas ele ainda está com a mão na minha garganta. Ele ainda não foi embora, seus dedos queimando buracos metafóricos na minha pele.

—Por querer o normal? — Pergunto.

—Nós não somos *normais*, Dahlia.

—Eu sei, mas sexo também não é tudo o que temos, não importa o quanto você tente se convencer disso.

Seus dedos apertam meu pescoço. Consigo ver o conflito em seus olhos, aquela parte dele que combina perfeitamente com os meus, oscilando, piscando,

mas também há sua parte irritante e controladora, aquela que sempre o arrasta de volta para trás de suas defesas.

A parte que nunca consegui vencer.

—A resposta é não. — Ele solta meu pescoço com um empurrão.

Meu coração dispara e uma dor lancinante atravessa minha caixa torácica.

—Eu posso te foder se você precisar, mas não haverá relacionamento.

Aperto meus lábios trêmulos. —Um relacionamento ou nada de sexo.

Ele dá de ombros.

—Tudo bem. — Forço um sorriso. —Saia da frente. Tenho um encontro marcado.

Um músculo salta em sua bochecha. —Não me faça voltar lá e estrangulá-lo até a morte.

—Fique à vontade. Encontrarei outros.

—Vou cortar a garganta de cada um deles. Vá em frente. Me teste, porra.

—Você provavelmente não conhece todos eles.

— *Experimente*.

—Vai ser um incômodo limpar.

—Tenho dinheiro suficiente para resolver o problema. — Ele aperta meu queixo com os dedos. —Se você deixar outro homem colocar as mãos em você, será a última vez que ele tocará em alguma coisa.

—Você prefere passar por toda essa porcaria de problema do que ter um relacionamento comigo? — Grito, empurrando seu peito. —O que diabos há de errado com você?

—Você! — Ele grita de volta, com as veias do pescoço quase saltando. — Você é tudo o que há de errado comigo. Você está acabando com a minha vida.

—Você está destruindo a minha!

—Então vá embora, Dahlia.

—Então me deixe ir!

—Eu já fiz!

—Não, você não fez isso. Não é considerado desistir se você ameaça matar meus possíveis parceiros, Kane.

—Você não tem outras perspectivas além *de mim.* — Ele puxa meu vestido até a cintura, expondo minha calcinha.

Um arrepio me percorre. Estou encharcada desde que ele me carregou para fora, mas piorou com o toque dele e o vai e vem.

Estou ardendo por ele de uma forma que nunca senti por ninguém.

De maneiras que realmente não posso controlar.

Vai ser bom quando ele me tocar. Eu sei que vai, mas simplesmente não consigo mais tolerar o que acontece depois.

Dou um tapa na mão dele. —Não me toque a menos que esteja pronto para se comprometer totalmente. E isso não é um 'não me toque, isso significa que você pode me usar.' Isso é um 'vermelho,' Kane.

Ele congela, o dedo indicador tremendo, depois dá um passo para trás e passa a mão no cabelo. —Porra!

Nunca usei a palavra de segurança, nem mesmo quando achei que poderia ser demais. Adorava quando doía, quando ele me fodia com tanta força que eu não conseguia andar por um tempo.

Mas estou usando agora. Essa é a linha vermelha que não sabia que tinha.

E me recuso a ter seu corpo sem seu coração e alma, se necessário.

Recuso-me a ser mais uma parada em sua jornada. E mesmo que eu acabe sendo isso, quero ser a parada inesquecível que ele não consegue apagar da cabeça.

O único episódio do passado em que ele não consegue parar de pensar.

—Porra! — Ele ruge mais alto, mas desta vez aperta meu queixo novamente. —Você não sabe o que está pedindo, Dahlia.

—Eu não ligo.

—Você vai se arrepender disso.

—Eu não vou.

—Se isso acontecer, você nunca poderá recuar.

—Tudo bem. — Acaricio seu rosto, refletindo sua crueldade com meu toque gentil. —Me beija...

A última palavra nem saiu da minha boca e ele já colou seus lábios nos meus, me beijando com tanto fervor que minha cabeça gira.

Talvez seja porque não o toco há muito tempo, mas tudo é eletrizante. O roçar dos seus lábios nos meus, as pontas dos seus dedos puxando meu queixo para trás para que ele possa aprofundar o beijo, a sua mão agarrando meu cabelo, a sua calça jeans roçando nas minhas coxas.

Tudo.

Esse beijo é de reivindicação, mas também de rendição.

Ele me *quer.* Tanto que não consegue se conter.

Gostaria de pensar que ele precisa de mim o suficiente para não querer me

deixar ir.

E também preciso dele. Ele é o único homem que sempre desejei com cada fibra do meu ser.

Minha mão desliza por sua cintura fina, suas costas, tocando, acariciando. Fiquei tão privada dele que experimentei sintomas de abstinência.

Esse beijo é o meu sucesso tão esperado.

Ainda me beijando, ele solta meu queixo e paro, pensando que ele afastaria minhas mãos como sempre, mas ele coloca a mão entre nós e o som de uma fivela ecoa no ar.

—Kane..., — sussurro, meio animada, meio horrorizada. —Estamos em um lugar público.

—Você devia ter pensado nisso antes de me provocar. A aposta está encerrada, flor selvagem.

Gemo enquanto ele esfrega seu pau duro contra minha calcinha, sobre meu clitóris. O prazer se acumula na base da minha barriga enquanto ele repete o movimento dolorosamente devagar.

—Você está tão molhada. — Ele desliza o tecido fino para o lado e desliza o comprimento do seu pau contra a minha fenda. —Você estava morrendo de vontade do meu pau, hein?

—Oh Deus. — Envolvo meus braços em volta do seu pescoço.

—Ou é porque você planejou transar com o Osborn, hein? — Ele alinha a coroa com a minha abertura.

Me contraio, pronta para chupá-lo para dentro de mim, mas ele apenas empurra a ponta em movimentos lentos e superficiais.

—Kane…— Gemo de frustração.

—Diga-me, Dahlia. Você se arrumou e virou uma deusa para o Osborn hoje à noite?

—Era para você, seu babaca. — Me contorço contra o carro.

—Para mim, hein?

—É. — Ofego como se tivesse acabado de terminar uma maratona. —Sabia que você ia ficar com ciúmes.

—Hmm, então era para me deixar com ciúmes? — Ele enfia todo o seu pau enorme de uma só vez.

Jesus.

Esse homem é um monstro. Já faz um tempo, então dói, mas é uma dor boa.

A dor que estava sentindo falta.

Kane não se move por alguns segundos, seu pau pulsando dentro de mim enquanto me acostumo com o tamanho.

Seus dois braços batem em ambos os lados do meu rosto enquanto seu olhar derretido mergulha no meu, um brilho escuro crescendo em seus olhos claros.

—O que mais você queria realizar esta noite, Dahlia?

—Provar que você não pode me deixar ir. — Coço seu pescoço e sorrio. — Eu estava certa.

Ele recua e então empurra novamente. Gemo, arqueando minhas costas contra o metal.

Puta merda. Quase me esqueci de como ele pode ser brutal. E do quanto adoro isso.

Um sorriso surge em meus lábios. —Você é louco.

—Por sua causa. — Ele me penetra novamente, acelerando o ritmo.

—Eu também sou louca, sabia? — Mordo o lóbulo da orelha dele e sussurro: —Se eu vir as garras de outra mulher em você de novo, vou te convidar para assistir minha próxima orgia.

Ele agarra meu cabelo e me empurra para trás, me encarando de cima a baixo. —Você precisa parar de falar de outros homens quando estiver sendo fodida pelo meu pau.

—Isso significa que posso mencioná-los em outro momento? — Gemo quando ele empurra contra aquele ponto de prazer, meus lábios formando um *O*.

—O que foi isso? — Sua boca se abre num sorriso maligno.

Por que esse homem é tão gostoso?

—Eu disse que posso trazê-los… oh, merda! — Ele me penetra em rápida sucessão, então não tenho escolha a não ser me agarrar a ele, minhas palavras se transformando em gemidos inteligíveis.

Ele me fode fundo e com força, do jeito que gosto.

Ele me fode como se me odiasse.

Mas ele não faz isso. Nem um pouco.

Ele me deixa segurá-lo e abraça minhas costas.

—Você precisa calar essa boca, Dahlia. Essa boceta é minha. *Você* é minha, porra. — Ele dá um tapa na minha bunda. —Você entendeu?

Lágrimas jorram dos meus olhos, mas são lágrimas de prazer. Lágrimas que só este homem pode provocar.

Minhas unhas cravam em seu pescoço, mordo o lóbulo de sua orelha e gemo. —Não tenho certeza se gosto.

—Cuidado. — Ele crava os dentes no meu lábio inferior e puxa. —Você está me provocando.

—Está funcionando? — Gemo quando ele atinge aquele ponto novamente.

—Jesus Cristo. — Ele me empurra contra o carro e levanta minhas pernas para que fiquem apoiadas em seus ombros.

O novo ângulo lhe dá um acesso mais profundo, e Kane usa isso a seu favor. Ele me penetra com mais força, mais rápido, e o carro balança sob o nosso peso.

—Quer que eu te arruíne, Dahlia? Quer que eu te reivindique para que, se alguém sair e nos vir, saiba a quem você pertence?

Meus ouvidos zumbem e mal consigo ouvir enquanto a onda se aproxima.

—É isso aí. — Ele circula meu clitóris. —Goza pra mim.

Eu faço.

Profundamente.

Ferozmente.

Incontrolavelmente.

Kane reivindica meus lábios machucados, engolindo meu grito.

Reviro meus quadris, surfando na onda, beijando-o de volta, ficando tão perdida que esqueço onde estamos.

À medida que seus movimentos se tornam mais frenéticos, mais urgentes, agarro seu rosto com as duas mãos e me afasto. Um rastro de saliva nos conecta enquanto sussurro: —Goza comigo, por favor.

—Minha, — ele rosna, sua boca devorando a minha, e então sinto.

O calor.

O calor profundo que preenche meu interior.

Ele goza por um longo tempo, seu esperma me enchendo e jorrando, no

carro, no vestido, em todos os lugares.

—Que bagunça, — ele resmunga contra meus lábios.

—Sua bagunça. — Beijo a ponta do seu nariz, me sentindo tão leve e feliz.

Achava que felicidade era me aconchegar com a Vi no final de um longo dia e assistir a um documentário sobre crimes reais ou programas de TV ruins enquanto comia pipoca.

A felicidade costumava ser ter um teto sobre nossas cabeças e resolver as contas do mês.

A felicidade era uma bolsa de estudos, uma pequena porta de oportunidade ou um estranho nos entregando suas roupas usadas.

Mas agora, enquanto Kane murmura uma maldição e me carrega em seus braços, percebo que existe um tipo diferente.

Felicidade que eu não sabia que precisava.

Uma felicidade que me dá um medo danado, mas mesmo assim eu a quero.

Capítulo Vinte e Sete

Kane

Cometi um erro de cálculo.

Para ser franco, eu estraguei tudo. Estraguei tudo.

Sento na beira da cama, onde Dahlia dorme profundamente, com o rosto relaxado e em paz, exceto pelas manchas de rímel ao redor dos olhos.

Resmungos suaves saem de sua boca entreaberta, e não consigo resistir a acariciar seus lábios, seu maxilar e sua bochecha. Não importa o quanto a toque, mal consigo arranhar a superfície da minha fixação desviante.

Poderia engoli-la completamente e ainda assim seria longe de ser o suficiente.

Dahlia se inclina ao meu toque, acariciando sua bochecha contra minha palma enquanto um gemido sai de seus lábios e se aloja profundamente em meu peito.

Tem alguma coisa errada com essa porra, meu peito,— porque ele está *se mexendo*. Provavelmente preciso consultar meu médico e pedir para ele verificar o que diabos está errado com a minha cabeça enquanto ele está nisso.

Porque eu realmente e inegavelmente estraguei tudo.

Já faz algumas horas que a levei de volta para casa. Ela adormeceu no carro e não se mexeu quando a carreguei no colo e a coloquei na cama.

Normalmente, Dahlia dorme em posição fetal, encolhendo-se o máximo possível, mas, neste momento, seus braços estão estendidos para os lados, ocupando a maior parte da cama. Quase como uma criança exausta depois de um dia agitado fora de casa.

É porque ela se sente segura?

Porque ela está cansada?

Seja qual for o motivo, aprecio a vista. E gosto dela aqui. Na minha cama. No meu espaço. Na minha vida, até.

Gostei mais do que imaginava que seria possível.

O que também é parte do motivo *pelo qual* estraguei tudo.

Na semana passada, pensei que poderia cortar algumas coisas sem olhar para trás.

Pensei que se cortasse os galhos, tudo estaria acabado, mas não percebi que ela deixou suas raízes em algum lugar que nem sabia que existia.

Pensei em ameaçar meus colegas de equipe para ficarem longe dela, *mas* a ignorei. Todos sabem que não se deve tocar, flertar ou mesmo *falar* com ela, exceto em questões relacionadas ao trabalho.

Só porque a deixei ir não significa que ela era um passe livre para eles.

No entanto, Dahlia tinha outros planos e me forçou a fazer isso.

Ela sabia onde atacar com toda a força: minha possessividade ilógica em relação a ela. E ela não escolheu qualquer cara para exibir na minha cara.

Não.

Ela foi direto na jugular e trouxe o único cara que já *sabia* que ela tinha namorado. O único cara com quem a vi flertando no meu jogo.

E ela fez isso enquanto estava deslumbrante em um vestido que comprei para ela, com a intenção de arrancá-lo do seu corpo.

Quando Osborn inclinou a cabeça para frente, com os lábios a poucos centímetros dos dela, esqueci todos os motivos pelos quais deveria ficar longe

dela.

Esqueci que meu pai a mataria só para me ensinar uma lição.

Esqueci todos os mantras que eu repetia para mim mesmo sobre um propósito maior e objetivos ainda mais altos.

Naquele momento, tudo que queria era reivindicá-la e matar Osborn, o que eu teria feito se Preston não tivesse interferido.

Mal podia esperar para levá-la para algum lugar longe da vista. Eu tinha que possuí-la ali mesmo.

Fazê-la ser minha novamente.

Só minha.

Mas agora que o lado possessivo diminuiu, a realidade me atinge e não posso mais ignorá-la.

Dahlia Thorne se tornou uma fraqueza.

Uma que meu pai pode usar para me desmantelar.

Aquela que é capaz de destruir todos os meus planos.

Mas deixá-la ir e permitir que outros idiotas a toquem está fora de questão, então preciso bolar um plano para protegê-la.

Levanto e pego meu celular. Depois de fechar a porta do quarto o mais suavemente possível, vou até a sala e disco um número que pensei que não precisaria tão cedo.

As luzes brilhantes da cidade preenchem a distância enquanto paro na janela do chão ao teto, ouvindo-a tocar.

Ele finalmente atende, um som de passos ecoando do seu lado enquanto ele solta um gemido e fala em um tom rouco: —Já ouviu falar de uma coisa

chamada hora de dormir?

—Que bom ter notícias suas também, tio. Que bom que sentiu minha falta.

—Sentiria mais sua falta em horários razoáveis. — Ele solta um suspiro. —O que você quer?

—Sua ajuda.

O som de passos no chão cessa, e um longo silêncio se estende entre nós.

—Desde quando você pede ajuda? — Ele pergunta lentamente, sem nenhum sinal de sono em sua voz.

—Porque cometi um erro de cálculo.

—Explique-se.

Conto a ele sobre a história da Dahlia e como o simples fato de ela existir está arruinando todas as estratégias que criei para derrubar Grant.

Então, agora que decidi ficar com ela, não tenho certeza se posso ou não prosseguir com minha agenda. O tio Kayden sabe que já conquistei mais da metade dos membros do conselho e que estou trabalhando na outra metade.

Era para ser uma questão de meses até que eu tomasse as rédeas do poder e trouxesse de volta o tio Kayden e todos os outros membros da família, a maioria mulheres , que meu pai expulsou.

Depois de me formar e me tornar membro fundador, eu viraria o jogo contra Grant, facilitaria sua saída por votação de seu próprio povo e, então, assumiria. Aos poucos, pretendo desfazer todas as suas decisões e reconstruir o nome Davenport da maneira que achar melhor.

Sério, a culpa é do Grant por me deixar tão envolvido na empresa. Ele queria me treinar direito, mas eu tenho usado essa chance para encurralá-lo.

Meu tio escuta sem interromper. Embora Kayden seja o irmão mais novo de

Grant, eles não poderiam ser mais diferentes. Além disso, nunca gostaram um do outro.

Como o tio Kayden causou um rebuliço no ano passado e foi banido da organização e do estado, ele tem sorte de estar vivo.

Mas, por outro lado, seu namorado muito mais jovem, Gareth, não permitiu e lhe deu a proteção da máfia russa.

Além disso, mesmo que Kayden tenha sido banido de Vencor, ele ainda possui metade do império Davenport. Ele tem influência considerável sobre os diretores e ficaria do meu lado quando chegasse a hora de derrubar Grant.

—Você sabe a solução exata para essa confusão, — ele diz depois que termino de falar.

—Eu não vou deixá-la ir.

—Eu ia sugerir neutralizá-la.

Meus dedos apertam o telefone, desejando poder alcançar o outro lado e dar um soco nele. —Isso não vai acontecer.

—Ela é uma fraqueza que causará sua queda.

—Assim como Gareth era.

—Isso é diferente. Gareth é autossuficiente e vem de uma família forte que começaria uma guerra para protegê-lo. Ela é ninguém. Grant sabe disso e vai eliminá-la ou usá-la para te manter ainda mais sob seu domínio.

—Você está subestimando ela. — Dahlia pode não ter ligações com a máfia russa e vir de um império como Gareth Carson, mas ela é a pessoa mais forte que eu conheço.

Ela passou por muita coisa ruim, mas sempre se reergue, pronta para outra luta.

—Você está *superestimando* ela. — A voz grave de Kayden ecoa no silêncio como uma faca. —Você também está apresentando sua fraqueza para Grant em uma bandeja de prata. Siga meu conselho e elimine-a antes que o tiro saia pela culatra. Se não consegue matá-la, mande-a para outra costa ou, melhor ainda, para outro país. Se você se importa com ela, certamente sabe que ela não sobreviverá naquele mundo. Deseja criar outra versão da sua mãe? Um fantasma sem rumo que sobrevive à base de pílulas e fala com peixes?

—Ela não é Helena.

—Agora, ela não é. Você acha que a Helena sempre foi assim? Ela costumava ser alegre e não tomava antidepressivos. Ela costumava ter uma alma, mas ela foi esmagada pela poeira do tempo. Assim como a de todo mundo.

—Isso não vai acontecer com a Dahlia, — insisto em voz clara, mesmo que suas palavras me apunhalem no peito. —Se você parou de ser pessimista, tenho um plano e preciso da sua ajuda.

—Qual é?

—Vou dar uma chance ao Grant, abrir mão de alguma influência no próximo negócio que venho planejando em segredo em troca de ele ficar longe da Dahlia. Quero que você aprove.

—Idiota de merda. — Sua voz vibra com desaprovação. —Se Grant sabe que você tem uma carta na manga e está disposto a entregá-la por ela, você vai provar que ela não é apenas uma fraqueza, mas também alguém que ele pode usar para te manipular.

—Nesse momento, estarei fora de controle.

—Altamente improvável. Na verdade, assim que você revelar uma carta, ele ficará extremamente cauteloso com você.

—Não importa. Eu sei como lidar com ele. Só me diz, você me ajuda?

—Como quiser. — Há um movimento do outro lado da linha.

Uma voz masculina baixa vem do lado do meu tio, e presumo que seja Gareth. —Com quem você está falando tão cedo?

—Sobrinho, — Kayden diz com uma voz mais suave, e quase consigo ver seu sorriso.

Meu tio não sorri, pelo menos não muito, mas ele parece estar sempre de bom humor se Gareth está por perto.

—Volte a dormir, querido, — ele diz em um tom baixo e gentil.

—Mmm. Não sozinho. — A voz rouca e sonolenta de Gareth soa mais próxima. —E aí, Kane. Como você está? Ainda arrasando no hóquei?

—É, como sempre, Gaz, — respondo com um sorriso. Gosto dele, principalmente porque ele faz meu tio feliz, apesar de toda a merda que eles passaram.

—O nome dele é Gareth, — resmunga meu tio no meu ouvido.

Levei um susto quando os encontrei para jantar uma vez. Meu tio, que as pessoas comparam a um robô estoico e sem emoções, quase me expulsou porque o homem dele estava falando comigo por mais tempo do que ele gostaria.

O que durou no máximo cinco minutos.

Ouço um farfalhar vindo do lado dele e um pequeno zumbido antes de ele dizer: —Conversaremos novamente em um horário razoável. Enquanto isso, pense bem na confusão em que você está se metendo por causa de uma garota que acabou de conhecer. Ela vale a pena?

Depois que meu tio desliga, fico olhando para a cidade pelo que parecem horas, pensando em sua última pergunta.

Logicamente, a Dahlia não vale a pena. Ela é um incômodo e não acrescenta

nada.

Ela nem faz parte da elite de Graystone, como Isabella ou qualquer uma das outras garotas que disputam minha atenção e que eu poderia usar em meu jogo de poder.

Mas que se dane se consigo usar a lógica quando se trata dela. Já tentei isso antes e só deu errado.

Meu telefone acende com notificações do bate-papo em grupo.

Jude*: Pres? O que você fez com o Osborn?*

Jude:*@Kane Davenport, por que diabos você o deixou sozinho? Me ausento por duas horas e o inferno se instala?*

Por que o deixei de novo? Certo. Perdi o acesso à minha lógica e esqueci o simples fato de que Preston tem estado muito instável ultimamente, especialmente desde a caçada na floresta.

Preston*: Reportagem ao vivo da última cena de crime, suas vadias.*

Jude*: JFC, o que diabos você fez agora?*

Preston*: Eu só faço coisas geniais.*

Jude*: Pres, não me faça ir aí e estrangular você.*

Preston*: Calma. Não é nada sério. Infelizmente*.

Jude*: Você não fez nada estúpido com Osborn?*

Preston*: Estúpido é seu nome do meio, não meu*.

Jude*: Juro que vou te dar uma surra*.

Preston*: Estou morrendo de medo. Já volto, vou ligar para a minha mãe agora mesmo. Espera aí. Eu não tenho uma.*

Jude*: Fique sério por três segundos. Você sabe que não podemos machucar o Osborn. Pelo menos, ainda não.*

Preston*: Nossa. Devo ter perdido o memorando.*

Jude*: Não me diga que você o matou?*

Preston*: Ele continua poluindo a Terra com sua existência. Por enquanto. Mais importante, você tem uma caçada chegando, grandalhão? Uma limpeza seria bem-vinda.*

Jude*: @Kane Davenport?*

Preston*: Provavelmente perdido demais na boceta para enxergar direito.*

Eu*: Ainda não. Guarde essa energia para o próximo jogo.*

Preston*: Boo, juntem-se a mim todos chamando o Kane de chato do caralho.*

Os dois estão digitando quando braços esguios envolvem minha cintura e o aroma de jasmim enche minhas narinas.

Os seios de Dahlia pressionam minhas costas enquanto ela descansa sua bochecha em meu ombro.

Deixei o telefone pendurado na minha mão enquanto a presença dela invadia meus sentidos até que ela se tornou a única coisa ao meu redor.

Sua respiração suave, seu calor e suas curvas suaves se moldam a mim tão naturalmente, como se ela sempre tivesse pertencido a este lugar.

Comigo.

—Não conseguiu dormir? — Ela pergunta com a voz grogue.

—Vou ficar bem. Volte para a cama.

Quando a encaro, ela tropeça, seus movimentos são lentos, e a agarro pela

cintura.

Ela envolve os braços em volta do meu pescoço, e então essa mulher que mal conseguia ficar de pé pula e envolve minha cintura com as pernas, e tenho que apoiar as costas dela para que ela não caia.

Dahlia sorri, parecendo uma deusa, mesmo com o rímel bagunçado e a maquiagem arruinada. —Vem pra cama comigo.

Levanto uma sobrancelha. —Isso é um convite?

—Podemos transar mais tarde. Agora, só quero te abraçar.

Puta merda.

O que é que eu posso dizer sobre uma merda dessas?

Em vez de falar, levo-a até o quarto e começo a colocá-la na cama, mas ela não me solta.

Então me deito de lado e Dahlia enterra o rosto no meu pescoço.

—Você está muito carente hoje, — digo contra seu cabelo.

—Não, essa é a quantidade certa para um relacionamento. — Seus lábios roçam minha garganta a cada palavra. —Eu acho.

—Então você não tem certeza?

—Sou iniciante, mas acho que você também é?

—Sim, eu não tenho relacionamentos.

—Ótimo. Assim, você vai considerar isso o padrão. Só para você saber, vou te irritar pra caramba.

Eu rio. —Mais do que você já está fazendo?

Ela levanta a cabeça e estuda meu rosto com os olhos arregalados, o verde

matando todas as outras cores.

—O que houve? — Pergunto.

—Nada. É muito raro ver você rir de verdade. — Ela sorri. —Isso me deixa feliz.

—Meu riso te faz feliz?

—Mmm. Porque sou a razão. — Ela acaricia minha nuca. —Que bom que você não me deixou ir.

—Você me forçou a entrar em um relacionamento. É isso mesmo que você quer?

—É sim. — Uma delicada carranca se forma em sua testa. —Se você me descartar de novo, vou embora. Para sempre. Se outra mulher te tocar, eu também estou fora.

—Foi você quem colocou o braço em volta do Osborn, Dahlia.

—E a Isabella estava com as garras em você. — Ela estreita os olhos. — Você transou com ela?

—Você acha que tem outra mulher que pode lidar comigo?

Um olhar presunçoso cobre suas feições. —Bem, é melhor você se lembrar disso.

Agarro seus cabelos e a puxo para trás. —E é melhor você lembrar que você é minha pra caralho.

—Tudo bem, homem das cavernas.

—E se isso for uma tentativa de se infiltrar em Vencor novamente, isso está fora de questão.

Sua garganta sobe e desce e solto seu cabelo.

—Eu entendo.

O silêncio pulsa como uma presença enquanto ela se move. —Kane?

—Hum?

—Por que você não me pergunta qual é o meu verdadeiro motivo para querer entrar? Você deve ter percebido que não é por algum motivo vão, como status ou poder.

—Se eu perguntar, você me contará?

—Talvez um dia.

Aceno.

Ela não precisa me contar. Na verdade, não.

Porque não importa. Agora que ela é minha, nada nem ninguém vai mudar isso.

—Só quero que você saiba que eu não quis te usar. — Ela engole em seco. —Talvez isso fosse verdade no começo, mas só quero fazer essa coisa entre nós dar certo agora.

—Eu também, Dahlia. — Acaricio suas costas. —Eu também.

Ela sorri, seus olhos tão brilhantes que quero gravá-los em mim. —Me conta algo que eu não saiba sobre você.

—O que está acontecendo assim de repente?

—Quero te conhecer melhor. Eu vou primeiro. Quando eu era mais jovem, queria ser uma advogada rica que usasse meu dinheiro para fazer o máximo de casos pro bono possível. Eu queria me concentrar naqueles que foram prejudicados pelo sistema.

—Mas você escolheu medicina. Por quê?

—Porque a Violet sempre teve problemas de saúde. Eu queria cuidar dela. — Um brilho de tristeza cintila em seus olhos, transformando-os em um amarelo turbulento. —Não que isso importe muito agora.

—Como você passou a se importar tanto com uma pessoa que não tem nenhum parentesco com você?

—Vi é o meu mundo. Você não precisa de sangue para se importar. Na verdade, alguns parentes de sangue são como uma maldição.

—Tocado.

—Eu não queria ...

—Tudo bem. Você queria saber algo sobre mim? Meu pai me considera uma máquina em vez de um filho. — As palavras ecoam no silêncio, altas e pesadas. —Não tenho permissão para perder, estragar ou humilhar o nome Davenport. Se eu fizer isso, ele vai garantir que me lembre dele, de preferência com uma cicatriz física ou psicológica.

Dahlia se mexe até seu rosto ficar perto do meu. —Você não pode terminar seu relacionamento com ele?

—Não.

—Por quê? Poder e dinheiro são mais importantes que o seu bem-estar?

—Não se trata de poder e dinheiro. O que tenho em mente é mais valioso.

Ela apalpa minha bochecha. —Não há nada mais valioso do que você, Kane. Por que não consegue ver isso?

Pego a mão dela e a abaixo lentamente. Em parte porque não estou totalmente acostumado com o toque dela e está queimando minha pele.

—Eu tenho tudo sob controle.

Ela faz uma careta. —Odeio essa palavra. Também odeio que você seja tão

fechado às vezes.

—Você odeia tantas coisas em mim e ainda assim quer um relacionamento comigo?

—Eu sei, certo? Estou pensando em mudar de ideia.

—Tarde demais. Você não vai a lugar nenhum. — Levanto seu queixo e a beijo. Devagar. Demoro, sem pressa, sem sentir a vontade iminente de transar com ela só porque estou tocando nela.

Estou apenas reivindicando algo.

Provando que essa garota é minha.

Respondendo à pergunta do tio, ela, sem sombra de dúvida, vale a pena.

Mesmo que isso me destrua.

Capítulo Vinte e Oito

Dahlia

— Querida?

—Acorde. É hora de ir, Dahl.

Mãe…?

Vi?

Ambas estão paradas em uma distância branca e ofuscante, suas sombras se espalhando pelo chão, mas sem tocar meus pés.

O sangue jorra da testa da mãe, desliza pelo braço dela e atinge a mão que segura a de Vi.

Meu pai aparece à direita de Vi e pega a outra mão dela na sua mão desfigurada e ensanguentada.

Dou um passo à frente, mas sou jogada no lugar por correntes invisíveis, incapaz de me mover.

Eles caminham à distância, suas sombras altas e distorcidas recuando até que eu só consigo ver suas costas e os rastros de sangue deixados para trás.

Pingar.

Pingar.

Pingar.

—Aonde você vai? Grito, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto. —Volte. Não me deixe sozinha. Você prometeu, Vi!

Eles param e Vi olha para trás, com o rosto pálido, os olhos fundos e o cabelo sem brilho. Ela parece um fantasma de si mesma, com sangue carmesim

escorrendo dos dedos delicados.

Uma versão da Vi que não reconheço.

Quebrada.

Dizimada.

—Adeus, Dahlia.

—Não…não…

—Acorde agora, Dahl.

—Vi, não, não vá.

—Está tudo bem. Você vai ficar bem.

—Nãão!

—Dahlia!

—*Dahlia.*

—Dahlia, acorde!

Meus olhos se abrem de repente, minha respiração sai ofegante enquanto lágrimas quentes grudam em meus cílios.

—Está tudo bem. Você está bem. Foi só um pesadelo.

Olho para cima enquanto Kane está sentado na cama, deslizando meu cabelo úmido para trás, seus dedos acariciando meu rosto suavemente.

Ele vai até a mesa de cabeceira e me oferece uma garrafa de água.

Sento-me e engulo a maior parte, ainda ofegante. Imagens da Vi saindo com meus pais passam tão vividamente pela minha cabeça que um gosto de náusea sobe pela minha garganta e sinto vontade de vomitar.

—Você se sente melhor? — A voz grave de Kane soa reconfortante.

Consoladora, até.

Que é uma versão rara dele.

Ele tira a água dos meus dedos e me observa atentamente, como se pudesse espiar meu cérebro.

Envolvo os joelhos com os braços e balanço para a frente e para trás. —Tive um pesadelo em que a Vi foi embora com meus pais. Que ela... ela morreu e me deixou sozinha. Ela disse que eu ficaria bem. Ela se despediu.

—Aquilo foi apenas um pesadelo.

—E se virar realidade? — *Para frente. Para trás.* —Eu... eu mal superei a morte dos meus pais e só porque tenho a Vi. Se ela... se ela... também for embora, não sei como vou continuar.

Uma mão grande envolve a minha e a puxa delicadamente, interrompendo o balanço. Olho para Kane e seu rosto bonito e sereno acalma minha respiração.

Há uma autoridade firme, porém tranquilizadora, em sua expressão, como se eu pudesse cair e ele me segurasse. Sem perguntas.

—Violet ainda está viva, mas o mais importante é que você também está viva. Além disso, você não está sozinha. Você me tem. — Sua boca se contorce em um pequeno sorriso. —Você não prometeu me irritar pra caramba? Vamos ver se você consegue ou não.

Meus lábios se abrem.

Uma sensação calorosa que nunca experimentei se espalha dentro de mim como um abraço.

Você me tem.

Kane disse que *o tenho.*

Meu Deus. Quem imaginaria que o cara que procurei para vingar minha irmã

seria o único a me consolar sobre ela?

Uma parte de mim se sente culpada por tê-lo usado para sempre. Por tê-lo colocado no mesmo patamar dos outros psicopatas insensíveis.

Kane é diferente.

Totalmente diferente.

Ele não é a bandeira verde que eu imaginava, mas também não é totalmente vermelho. Ele é uma mistura de cores, e estou me apegando a todas elas.

O vermelho, o verde, o preto. Todos.

Abro meus braços e o envolvo em um abraço, enterrando meu rosto em seu peito, bem no ritmo de seu batimento cardíaco constante.

Ele se sente aquecido.

Tão quente.

Kane dá um tapinha desajeitado nas minhas costas, seu corpo um pouco rígido, provavelmente não acostumado a tanta afeição, mas não importa.

Eu também não estou acostumada, mas para Kane tudo bem.

Sinto que posso deixar isso para lá e ele não usará isso contra mim.

Pelo menos espero que não.

Ter sentimentos profundos por alguém que está fora do meu nível social é assustador, mas estou disposta a arriscar.

Mas, ao mesmo tempo, sinto que estou perdendo o foco do motivo pelo qual me envolvi neste mundo, em primeiro lugar, e não consigo encontrar o caminho de volta.

Lentamente, minha respiração se acalma e acho que adormeço em seus braços, porque a próxima coisa que sei é que estou sendo deitada na cama.

Pisco para afastar o sono dos meus olhos enquanto Kane se levanta e tira a camisa.

Meu coração queima ao ver as cicatrizes, visíveis até mesmo sob a luz do amanhecer que entra pela janela.

Mas também não consigo deixar de admirar a força bruta de sua constituição física, cada músculo duro e definido como se tivesse sido esculpido em mármore. Cada crista, cada linha é nítida e precisa, assim como o próprio Kane, disciplinado, formidável, quase impossivelmente definido.

A maneira como ele se move com confiança sem esforço é uma força natural e espontânea, tão magnética quanto perturbadora. Há algo na maneira como ele se comporta, como se ele possuísse o espaço ao seu redor sem precisar declarar isso. É essa presença silenciosa e imponente que faz com que desviar o olhar pareça impossível.

Ele entra no armário e sai alguns minutos depois vestindo calça de moletom e um moletom dos Vipers.

Seus olhos encontram os meus e eles escurecem um pouco.

Puxo o lençol até o queixo. —Bom dia.

—Volte a dormir. Ainda são quatro e meia.

—Aonde você vai? Não é cedo para o treino?

—Jude e Pres estão aqui. Na porta da frente, quero dizer. Eles não vão sair a menos que os deixe entrar.

—Há algo errado?

—Eles costumam fazer isso quando estão bêbados.

—Então, se não tivéssemos voltado, você teria ficado bêbado com eles?

—Provavelmente não.

—Por que não?

—Digamos que Jude e Pres se alimentam da energia destrutiva um do outro. Eu coloco uma coleira na minha. — Ele bagunça meu cabelo e sorri. —Cabelo de cama adorável.

—Ei! — Empurro a mão dele. —Não piore as coisas.

—Não acho que isso seja possível. — Ele sai do quarto, o clique suave ecoando no espaço.

Por alguma razão, parece enorme sem ele aqui.

Tento voltar a dormir, ou fingir que estou dormindo. Estou mais curiosa sobre o estado de embriaguez de Jude e Preston e se eles podem me dar alguma pista...

Eu realmente deveria parar de pensar em usar o Kane ou seus amigos próximos. Isso não condiz com o novo começo que estabelecemos, então é melhor focar no Hunter e nos testes de DNA.

Depois de me virar e me virar inutilmente, levanto-me e vou ao banheiro para me refrescar. A primeira coisa que noto é meu vestido meio rasgado e meu rosto horrível.

Meu Deus. Rímel e maquiagem escorreram pelo meu rosto e me transformaram em figurante de filme de zumbi.

Nossa.

Não é à toa que o Kane disse que não podia piorar. Como é que ele olhou para mim?

A terra pode se abrir e me engolir?

Tomo um banho rápido e estremeço a cada movimento. Kane definitivamente me fodeu até a morte ontem à noite. Consigo senti-lo dentro de

mim a cada passo.

Levo mais tempo do que o necessário para tomar banho, mas pelo menos consigo lavar o rosto. Visto um dos moletons dele que me engole e quase chega aos meus joelhos, e tenho que arregaçar as mangas para liberar as mãos. O tempo todo, estou cercada pelo cheiro de Kane, e parece um abraço.

Ou talvez eu precise parar seriamente de ficar tão a fim desse homem.

Meus pés pisam suavemente na madeira enquanto vou para a sala de estar.

—Faça isso com cuidado, seu bruto! — Grita Preston.

Inclino-me para o lado, agarrando a parede com as duas mãos.

Kane está perto do fogão, cozinhando algo com um cheiro divino.

Preston senta-se no banco da cozinha em frente a ele, enquanto Jude fica de pé ao seu lado e segura uma bolsa de gelo em sua bochecha.

—Muito gentil? — Jude pergunta enquanto pressiona com mais força.

—Ai, me dá. Eu mesmo faço. — Preston pega a bolsa de gelo.

Jude vasculha os armários de Kane como se estivesse em sua própria casa, pega alguns comprimidos e os joga na cabeça de Preston. —Tome esses.

Preston geme. —Você está usando isso para me torturar.

Jude dá de ombros. —Não deveria ter brigado quando eu não estava lá.

—Cai fora. Sei lidar com minhas brigas.

—Desde quando você briga? — Kane olha para ele de soslaio.

—Já que alguém precisava ser colocado em seu devido lugar. — Preston sorri daquele jeito maníaco.

—Tem certeza de que não foi o contrário?

—Você devia ver o rosto dele, — Preston ri. —Transformei-o numa pintura impressionista.

—Não sei sobre isso. — Jude lhe dá um tapa na nuca.

—Puta merda! — Preston dá um chute nele, mas Jude desvia e o chute mal roça sua perna.

—Chega. — Kane desliza uma tigela do que parece ser sopa para Preston e outra para Jude. —Eu disse para falarem baixo ou vou expulsar vocês.

—É, é, Sr. Dominado por uma Buceta, — Preston zomba enquanto pega uma colher.

O Kane está cozinhando para eles? Tão cedo assim?

—Cara, essa merda é incrível. — Preston desiste da colher e bebe direto da tigela.

—Está quente, calma. — Jude afasta a tigela e lhe entrega um guardanapo. —Limpe a boca.

—Fiz muita coisa e a pizza está a caminho. — Kane serve outra tigela para Preston e coloca uma garrafa de água ao lado dos comprimidos. —Não coma rápido.

Franzo a testa.

Por que eles estão… tratando Preston daquele jeito?

Nunca tinha reparado nisso antes, nem mesmo no treino. Na verdade, eu achava que Jude e Preston mal se davam bem e sempre brigavam, mas agora, quando são só os três e Preston tem um hematoma do tamanho do Texas, eles estão... *bajulando* ele?

Não sei se essa é a palavra certa, mas eles definitivamente o estão tratando de forma diferente.

Especialmente Jude.

Ele continua observando Preston como se procurasse alguma coisa. O quê, eu não sei.

—Você pelo menos dormiu antes ou depois das suas atividades noturnas? — Jude pergunta.

—Não, — Preston sorri. —Encontrei algo melhor do que dormir.

—Tire algumas horas no quarto de hóspedes, — diz Kane.

—Não. Vou dormir depois do treino.

—Você consegue sobreviver aos treinos no seu estado? — Pergunta Jude.

—Saberemos quando eu chutar sua bunda hoje, grandalhão.

Jude sorri, mas é ameaçador. —Bons sonhos para se ter.

A cena parece estranhamente íntima. Sinto como se estivesse violando o vínculo deles ou algo assim.

Embora ache que Kane tenha uma personalidade muito melhor do que Jude e especialmente Preston, estou começando a achar que os três compartilham algo muito mais profundo do que Vencor ou mesmo hóquei.

Ficar aqui parece que sou intrusa, então pigarreio e entro.

Três pares de olhos se viram para mim, mas apenas Kane me observa com aquela intensidade. Aquela que sinto que me consumiria na hora se tivesse a chance.

Seus olhos me avaliam, parando e estreitando-se onde seu moletom para nas minhas coxas.

—Olha quem temos aqui, — Preston assobia. —Deborah. A espiã dos Wolves.

—É Dahlia, e não sou uma espiã.

—Parecia que sim quando você estava se esfregando no capitão deles algumas horas atrás.

Mordo o lábio inferior. —Fiz isso para deixar o Kane com ciúmes. Não houve espionagem nenhuma.

—Eu voto em uma espiã. — Preston levanta a mão. —À guilhotina.

Kane bate a mão no balcão. —Comporte-se, seu babaca.

—Pfft, você simplesmente não quer uma guilhotina. Jude, vamos vaiar ele de novo.

Jude não diz nada e se concentra em comer.

Estranho. Eu juraria que ele adoraria a ideia de me arrastar pela lama com o Preston.

Na verdade, Jude não tem se mostrado hostil comigo ultimamente e até puxa Preston para longe quando começa.

Kane contorna a ilha e vem até mim, passando um braço possessivo em volta da minha cintura, então sussurra em meu ouvido: —O que você está vestindo?

—Seu moletom, — sussurro de volta.

—Ele mal cobre *alguma coisa.*

—Você está brincando? Cobre *tudo.*

—Não gosto da ideia de outros homens imaginando você nua, Dahlia.

—Você está sendo ridículo. Tenho certeza de que o Preston preferiria cortar a minha cabeça.

—Touché, Dakota! — Preston bate palmas e aponta o dedo para mim. —Você tem interesse em testar meu novo dispositivo experimental de execução?

—Não, obrigada?

—Ah, e eu que pensei que a gente podia ser amigo. — Ele passa o braço em volta dos ombros de Jude. —E você, grandão?

Jude tira a mão dele. —Passe difícil.

—Aí, você me furou bem onde não dou a mínima.

Kane me arrasta até os bancos e me ajuda a subir em um. —Vou te servir uma sopa. Também pedi pizza para os bêbados comerem antes do treino, mas você também pode comer.

—Eca. — Preston faz uma careta. —Estou ficando diabético.

—Então vai se foder. — Kane vai para o outro lado e me serve uma tigela.

—E perder de ver você ser um cachorro domesticado? — Preston sorri. — Aqui, cachorrinho. Quem é um bom menino? É aqui que a gente te dá um petisco?

Kane lhe dá uma pancada com um pano de prato. —Cala a boca.

—Juuude! — Choraminga Preston. —Você viu isso?

Jude lhe dá um tapa na cabeça. —Tome seu remédio.

—Seu filho da puta... — Ele respira fundo e sorri para mim. —Viu como eles não conseguem viver sem mim?

—Não sei. Parece que você é um encrenqueiro. — Tomo um gole da sopa e o gosto é melhor do que o cheiro. Como esperado do Kane.

—Eu? Ha. Você viu o Jude no rinque? Ele é o encrenqueiro cuja bunda a gente tem que limpar.

Dou de ombros. —Não parece o mesmo fora do rinque.

—Até ela percebe, — diz Kane. —Você é como um mau investimento que

continua assombrando o resto da carteira.

—Vadia, por favor. Suas vidas seriam chatas sem mim.

—Eu arriscaria, — diz Jude.

—A traição está me enviando. — Preston sorri novamente para mim, mas é falso na melhor das hipóteses e ameaçador na pior. —Deixa pra lá. Me diz, Daniella. Você não está, por acaso, transando com o Kane e o cachorro dos Wolves ao mesmo tempo, está?

—Preston…— Kane avisa.

—Cala a boca. Estou fazendo isso por você.

—Não que eu tenha que me explicar para você, mas não estou.

—Ótimo. Porque se você trair meu homem, eu posso realmente cortar sua cabeça.

Engulo em seco quando aquela nuvem de sede de sangue me atinge novamente. Preston permanece imóvel, mas seus olhos estão frios, e o hematoma roxo o faz parecer monstruoso.

Por um momento, pensei que ele iria estender a mão e esmagar meu rosto como da outra vez, mas Kane o agarrou pelos cabelos e jogou sua cabeça para trás.

Ele encara Preston. —Ameace-a de novo e teremos problemas sérios. Nem pense em machucá-la.

—Ah, eu vou, mas só se ela te trair. Agora, me solta. Isso dói.

Kane o solta com um empurrão e vem se sentar ao meu lado. —Ignore-o.

Eu tento.

Mas, enquanto engulo, a sopa fica presa na minha garganta.

Não estou traindo Kane no sentido sexual ou romântico, mas usá-lo anteriormente ou tentar usá-lo, é considerado traição?

Enquanto Preston é assustador, é Kane quem me assusta.

Ele pode ser calmo e controlado, mas eu sei, simplesmente sei, que se eu errar, ele vai me expulsar da vida dele como se eu nunca tivesse existido.

E isso me deixa tremendo de ansiedade.

É realmente um novo começo se eu tiver muitos esqueletos escondidos no armário?

Capítulo Vinte e Nove

Dahlia

As coisas… mudaram.

Desde a primeira vez que dormi nos braços de Kane, há mais de três semanas, ele tem sido diferente.

Passamos o Natal e o Ano Novo juntos, principalmente com Preston e Jude. Eu não gosto muito da época de festas, mas esta foi diferente. Porque eu tinha o Kane, mas também senti a necessidade de comemorar pela Vi.

Ela sempre os levava a sério, insistindo celebrar como uma família ‘normal’ e montar uma pequena árvore de Natal que ela exagerava na decoração. Parecia vazio este ano sem ela, mas pelo menos eu tinha o Kane.

Ele vem mudando nas últimas semanas.

Tem sido sutil e gradual, mas é perceptível de uma forma emocionante. Ele ainda não gosta quando o toco por muito tempo, mas não tira minhas mãos tão rápido.

Passamos noites inteiras conversando sobre tudo e nada. Contei a ele sobre toda a minha infância e todas as coisas ruins que passei para que Vi e eu pudéssemos sobreviver, mas também contei a ele sobre as coisas boas.

Parte da razão pela qual me abri foi na esperança de que ele também falasse sobre sua infância com mais profundidade, mas ele raramente o faz e, quando acontece, geralmente não demonstra nenhuma emoção.

Kane pode ter me deixado entrar, mas suas muralhas continuam de pé. Completa e totalmente indestrutíveis.

Mas não estou reclamando.

Durante todo esse tempo, só senti Kane perder o controle, momentaneamente, durante o sexo. Mas, ultimamente, consigo vê-lo fazendo isso mesmo quando não está me comendo.

Ele é um sujeito meticuloso e odeia quando deixo as coisas espalhadas. Ele também tem essas peculiaridades estranhas, como cozinhar em silêncio e não ouvir música. Ele também faz o mesmo na academia em casa quando se exercita, sem caixas de som ou fones de ouvido. Quando perguntei sobre isso, ele disse que usa esse tempo para pensar e que não ouve música nem nada audível, porque isso interfere nos seus pensamentos.

Kane também acorda cedo e é sempre o primeiro jogador a chegar ao treino.

Mas ele não me arrasta e sempre me diz para dormir mais um pouco, principalmente se visitei Vi na noite anterior.

Estou começando a me sentir culpada por não poder mais passar a noite inteira ao lado da cama dela. Tento ficar algumas horas e dar atualizações, principalmente sobre Kane, mas sinto que não é o suficiente.

Meus dias são ocupados com trabalho e escola, e as noites... bem, se eu não estiver sendo perseguida e fodida pelo Kane das formas mais doentias e perversas, ou estamos saindo com seus companheiros de time ou nos aconchegando para um filme ou cozinhando as coisas mais aleatórias que encontro na internet.

Ou ele cozinha e fico por perto como a ajudante mais inútil.

E nos fins de semana, insisto que passemos um tempo com a mãe dele, algo que ele não gosta, então ele resmunga e age como um babaca. No entanto, quando fomos à casa dos pais dele ontem, ele ficou em silêncio, observando com uma expressão enigmática enquanto Helena e eu alimentamos e conversamos com as carpas.

Então ele nos deixou para uma reunião com o pai. Não sei bem o que foi dito, mas depois disso, Kane deu um sorriso derrotado, mas aliviado. Grant apenas estreitou os olhos para mim enquanto saía furioso de casa.

Desde ontem à noite, o Kane está mais relaxado. Ele me fodeu com tanta força que gritei, e acordei hoje de manhã com a cabeça dele entre as minhas pernas. A melhor manhã de todas.

Ele também disse que eu deveria levar minhas coisas para o apartamento dele, o que me deixou sem palavras.

Para ser sincera, só passei no dormitório ultimamente para ver como está a Megan e pegar algumas roupas. Basicamente, já moramos juntos, mas oficializar é diferente.

Não tenho certeza se estou pronta para isso.

E se as coisas não derem certo e ele me expulsar? Esse é o meu pior pesadelo.

—Vai Price!!

Minha atenção se volta para o presente quando Megan grita o sobrenome de Ryder e explode em aplausos quando ele controla um adversário, rouba o disco e marca um gol. Então, ele levanta o taco em nossa direção.

—Meu Deus! — Ela me dá um tapa nos ombros e depois me abraça. —Você viu aquilo?

—Todo mundo fez isso. — Sorrio enquanto a abraço de volta.

—Ele é incrível! — Ela abaixa a voz. —Além de transar como uma estrela pornô.

Bati no ombro dela de brincadeira. Digamos que a Megan também não tem ido muito ao dormitório e agora está assistindo a um jogo de hóquei por vontade

própria.

Temos os melhores lugares na Vipers Arena, graças ao Kane e ao Ryder, e desde que chegamos aqui, minha amiga vem animando a plateia inteira. Quem diz isso é a Megan, que costumava dizer que os Stanton Wolves eram o time mais forte da liga.

—Quem deixou o lixo entrar? — Pergunta Isabella alto o suficiente para ouvirmos.

A pior parte de ter os melhores assentos, que geralmente são reservados para familiares e amigos, é ser forçada a dividir o espaço com Isabella e suas capangas.

Ela está sentada atrás de nós com as amigas e ficou falando merda durante o jogo todo.

Megan a ignora, às vezes até fica em silêncio, até Ryder tocar no disco novamente.

Ia ignorá-la também, mas preciso colocar as babacas no devido lugar. Então me viro e sorrio para ela. Ela me encara.

—Você se importa de ficar quieta? — Grito por cima dos aplausos. — Consigo ouvir sua amargura.

Seu rosto se contorce, e lhe jogo um beijo, sorrindo largamente.

Quando estou prestes a me concentrar novamente no jogo, vejo um homem mais velho, provavelmente na faixa dos vinte e nove a trinta e poucos anos. Ele está parado na parte mais alta e distante da área de assentos, com as duas mãos nos bolsos, como se quisesse ter uma visão completa do rinque.

Seu terno cinza-escuro se destaca entre o vestuário normal de torcedor e as camisas de hóquei que a maioria das pessoas usa. E ele está olhando fixo. Não, encarando?

Que diabos?

Há uma impassibilidade nele. Uma presença inquietante que me gela o sangue.

Parece que já o vi antes. Mas onde?

Percorro seu rosto gelado e então paro. São os olhos. Eles me parecem distintamente familiares.

—Por que você está encarando? — Megan puxa minha blusa. —Não vá procurar encrenca, D.

—Quem é esse? — Pergunto. —Ele é parente do Jude?

—É. Esse é o Julian. O irmão mais velho dele.

Ah. Então esse é o Julian que Serena Osborn estava procurando naquele evento da Vencor. Ele é definitivamente um dos figurões da organização.

Mas por que ele estava me encarando?

Talvez eu já o tenha visto em algum lugar antes?

—Como você o conhece? — Pergunto a Megan.

—Todo mundo faz isso. Ele é o rosto do monopólio multibilionário do setor farmacêutico dos Callahan. — Ela observa o ambiente e sussurra no meu ouvido: —Algumas pessoas estão dizendo que ele está forçando o pai a se aposentar precocemente e que há uma disputa interna de poder entre os Callahan.

Olho de relance para trás e vejo Julian saindo com ninguém menos que Grant.

Meu coração aperta e desenvolvo um ódio irracional por Julian. Qualquer um que seja amigo do maldito Grant Davenport está na minha lista negra.

Os aplausos da torcida me trazem de volta ao jogo. Megan pega minha mão e pula enquanto Preston marca um gol após uma atuação impressionante em equipe.

Toda a minha atenção está voltada para Kane. Ele está no seu melhor quando está na pista, livre, de certa forma. Ele ainda joga com controle impecável, mas se solta no gelo e desliza entre as linhas da defesa com infinita destreza técnica.

Adoro vê-lo em seu elemento.

Adoro como ele dirige a equipe de forma sutil, mas firme.

Com que rapidez ele percebe quando um dos seus companheiros de equipe está fora e oferece apoio silencioso.

Kane nunca culpa os outros por uma derrota, mesmo durante os treinos, mesmo quando Preston teve aquele jogo horrível contra os Wolves. Quando perguntei por que ele não deixou claro para Preston que tinha errado, ele simplesmente disse: —Nosso vínculo é mais forte do que um simples jogo.

Então, tentei não falar muita merda sobre o Preston online. O quê? Ele continua sendo um filho da mãe antagonista e faço parte do clube do ódio dele.

Mas ele é definitivamente um príncipe do hóquei. Não posso negar isso, principalmente depois que comecei a trabalhar para o time.

Qualquer um pode dizer que Kane, Jude e Preston são um trio imparável. Eles trocam passes entre si sem esforço e sem comunicação prévia, a ponto de os outros jogadores terem dificuldade para acompanhá-los.

Helena disse que os três cresceram juntos, então faz sentido que eles tenham tanta consciência um do outro.

No entanto, ainda me encolho com a natureza agressiva de Jude. Às vezes, até Kane tem dificuldade em controlá-lo.

Ele também é o que mais vai para a área de penalidades. Como agora. Ele parece um animal enjaulado que vai receber a penalidade novamente se tiver a chance.

Os Vipers resistem durante a penalidade do outro time, principalmente por causa de Kane e Preston. Logo após o retorno de Jude, um sinal sonoro indica o fim do jogo.

Megan e eu pulamos e gritamos enquanto a multidão irrompe em aplausos enlouquecedores.

Enquanto a equipe comemora a vitória, os olhos de Kane encontram os meus.

Dou-lhe dois polegares para cima e depois me viro para mostrar a camisa que estou vestindo. Davenport. 19.

Quando olho para trás novamente, ele está sorrindo.

Deus. Amo o sorriso dele.

Adoro que isso tenha saído com mais frequência ultimamente.

Ele gesticula em direção ao banco e diz sem som: ‘Desça.’

Megan grita. —Meu Deus, meu Deus. Ele está com o disco do jogo! Vai!

Minhas pernas tremem enquanto passo rapidamente pela multidão animada e desço, então faço um desvio e corro para a área dos bancos dos jogadores. Quase caio quando corro em direção a Kane, mas ele desliza bem a tempo e me segura.

Envolvo meus braços em volta do seu pescoço e minhas pernas em volta da sua cintura. Ele me carrega com uma facilidade infinita, e me surpreende a facilidade com que estou me acostumando a isso.

Estou me acostumando a ser vulnerável com ele. A deixá-lo ver partes de mim que ninguém mais consegue.

E isso me assusta. Muito.

Mas não consigo ficar longe. Mesmo que eu não possa usá-lo para me vingar. Quero acreditar que posso ter os dois.

Ele.

E vingança.

Ele tirou o capacete, com os fios castanhos grudados no rosto. Acaricio seus cabelos para trás, esquecendo completamente que estamos cercados pelo mundo inteiro.

—Você foi incrível! — Digo.

—Isso significa que você vai me elogiar online, ColdAsKane?

—Meu Deus. Como você sabe sobre o meu alter ego?

—Coincidência?

—Agora, eu tenho que te matar.

Ele ri, e o som atravessa minhas costelas e perfura meu coração. Eu o abraço com mais força, me afogando em seu cheiro e sentindo cada ímpeto de sua respiração.

São momentos como esses que acho que consigo *sentir* o verdadeiro Kane. Não a imagem que ele carrega tão bem ou o controle que ele permite que governe sua vida.

Não me entenda mal. Ele é definitivamente um sádico que se excita me machucando durante o sexo. Mas, por outro lado, adoro isso. Somos compatíveis nesse sentido.

Simplesmente não gosto do sadismo emocional e, ultimamente, sinto que estamos progredindo. Ele não me machuca, pelo menos, não intencionalmente e me escuta quando digo que não gosto de algo.

Outro dia eu disse que não gostava quando ele me fodia vestida e ele nunca mais fez isso.

Kane mostra o disco na luva e o oferece para mim. —Para você.

—Sério? Posso ficar com ele?

—O capitão disse que você pode.

—Obrigada! — Beijo sua bochecha, deixando uma mancha de batom vermelho. Seu favorito.

—Você pode fazer melhor que isso. — Kane agarra meu cabelo e devora meus lábios.

Na frente de todo o campus, da liga e da multidão.

Um rubor percorre meu pescoço, mesmo enquanto o deixo me beijar. Sempre acreditei que não me importava com a opinião dos outros, mas, enquanto Kane reivindica seu lugar em público, me sinto exposta.

Mas também perdida em um mundo surreal.

Consigo ouvir os jogadores gritando e assobiando. Consigo ouvir os aplausos e sussurros da torcida, mas só consigo me concentrar em Kane.

Ele é tão deslumbrante, tão divino, tão irresistível, não consigo evitar.

Não me importa que venhamos de mundos diferentes. Que eu esteja buscando algo que não deveria tocar.

Vi costumava dizer que uma estrela sem rumo nunca deveria chegar perto do sol ou ela iria cair e queimar.

Mas agora, nenhum desses fatos importa.

Ele está me consumindo.

E vou deixar.

Mesmo que acabe me arrependendo.



Finalmente consegui obter o DNA do Hunter.

Principalmente porque roubei a garrafa de água dele enquanto ele não estava prestando atenção depois do jogo e a troquei por uma parecida que eu tinha esvaziado até o mesmo nível.

E só consegui escapar por causa do frenesi e do caos depois da vitória.

Como a equipe está dando uma festa em um dos bares da cidade, digo a Kane que preciso terminar um teste de última hora no laboratório e depois ir embora.

A julgar pela expressão dele, ele não gostou, mas consegui escapar quando ele estava cercado pelos outros.

Passo algumas horas na extração, depois salvo a amostra e faço uma anotação para que ninguém a toque, para que eu possa prosseguir com a próxima etapa.

É possível continuar agora, mas já é quase meia-noite, e Kane me ligou duas vezes nos últimos quinze minutos.

Ele virá me buscar em breve e não posso deixar que ele perceba o que estou fazendo.

Amanhã, terminarei a amplificação e tentarei passar para ...

Um som de rangido ecoa no silêncio.

Fico parada.

O laboratório branco e esterilizado parece maior e mais opressivo. Quem chegaria tão tarde?

—Kane? — Pergunto enquanto me dirijo à porta.

Ela se abre automaticamente quando dois homens entram, vestidos de terno.

Os mesmos ternos de mais cedo esta noite.

Grant Davenport e Julian Callahan.

Meu sangue congela e a sala parece ficar menor com a presença deles.

De perto, Julian é mais inquietante. Ele está imóvel, em um terno cinza sob medida, cujas linhas marcantes contrastam com sua estrutura esguia. Há uma tensão implacável em seu maxilar, temperada por uma sofisticação polida, quase natural. Seus olhos castanho-escuros, da mesma cor dos de Jude, mantêm o mesmo foco predatório, examinando-me com uma intensidade silenciosa e calculista que parece uma lâmina fria pressionada contra minha pele.

—Olá, Dahlia, — diz Grant com sua voz serena e insensível. É assim que Kane soa quando está sem emoção. Quando não consigo alcançá-lo. Mas com Grant, é mais perturbador.

Limpo a mão no jaleco e mantenho a calma. —O que posso fazer por você? Mas não sei bem o que você precisa em um laboratório a esta hora.

—Você já faz o suficiente espionando nossa equipe, — Julian fala em tom cortante.

—Espionar? — Pergunto, estupefata.

Julian gesticula para o laboratório. —Não é para isso que servem todos os testes de DNA? Existe alguma empresa farmacêutica que lhe pagou o suficiente para extrair o DNA dos nossos jogadores para que pudessem investigar a genética deles e possivelmente usar essa informação para produzir suplementos esportivos? Ou talvez para atacá-los? Para a sua própria segurança, é melhor que não seja a última opção.

Minha boca fica aberta.

Como diabos eles sabiam dos testes de DNA? Já sabiam há algum tempo, mas mantiveram em segredo para... o quê? Por que estão me confrontando sobre isso agora?

—Agora Julian, — Grant aperta seu ombro. —A Dahlia não é *tão* sofisticada assim. Os testes de DNA dela foram apenas forenses, então ela está só agindo como um pouco Sherlock, só isso.

Engulo.

As paredes parecem estar me prendendo, sua cor branca lembra uma venda.

Eles vão me machucar.

Sinto isso. Lá no fundo.

Isso é o que acontece quando chego muito perto do sol.

—Nesse caso, — diz Julian. —O que você está investigando?

—Não sei do que você está falando. — Falo com uma voz tão firme que não a reconheço.

—Senhorita Thorne. — Julian caminha em minha direção com um passo tranquilo, então para a algum espaço de distância, sua voz e olhar me cravando no lugar. —Minha família domina as indústrias farmacêutica e médica, administrando grandes complexos médicos e laboratórios de pesquisa de ponta. Somos peças-chave no desenvolvimento de medicamentos, inovação em saúde e tecnologia médica. Detemos patentes que afetam o tratamento e a saúde de inúmeras pessoas. Eu sei de cada pesquisa, teste e até mesmo descobertas acidentais que acontecem em nossos laboratórios. Incluindo esta. Principalmente quando o DNA do meu irmão está envolvido. Então você sabe exatamente do que estou falando e me dirá o motivo se quiser ir embora inteira.

Sinto arrepios na pele e o único pensamento em minha mente é correr.

Ir o mais longe possível daqui.

Meu Deus. Que genes malucos!

Julian pode não ser fisicamente agressivo como seu irmão, mas é igualmente hostil.

Sinto como se ele fosse sacar uma arma e atirar entre meus olhos.

—Diga a ele, Dahlia, — diz Grant, encostado na parede. —É forense, não é? Talvez relacionado ao caso recente da sua irmã adotiva? Violet Winters, se bem me lembro. O que o detetive Collins disse? Certo, encontraram vestígios de pele humana sob as unhas dela, mas não conseguiram identificá-la. Com isso, a única evidência que poderia ser usada para localizar o agressor é inútil. Você está apenas tentando fazer o que a polícia não conseguiu.

A sala gira.

Minha cabeça dói.

E sinto como se o teto fosse quebrar e me esmagar.

Ele sabe. *Tudo.*

Ele está em contato direto com o detetive. Não me surpreenderia se ele estivesse na cola do Grant.

—Por quê? — A palavra sai num sussurro.

—Por quê o quê? — Pergunta Grant.

—Por que você esperou até agora? Você... obviamente sabia o que eu estava fazendo.

—Julian queria você morta depois do primeiro teste de DNA que você fez, mas como você não se comunicou com nenhuma empresa concorrente e parecia

estar apenas comparando-as com outra amostra de DNA, pedi a ele que esperasse para ver onde isso ia dar. Principalmente porque você parecia interessante o suficiente para meu filho insistir em protegê-la. — Grant caminha em minha direção e fica ao lado de Julian. —Pensando bem, eu deveria ter te eliminado antes que você se tornasse um problema chato.

—Deixo isso com você, — Julian diz a Grant. —Quero que ela seja banida de todas as propriedades dos Callahan. Inclusive do hospital.

—Minha irmã está no hospital!

—Não mais, — ele diz e vai embora.

—Como assim? — Grito, toda a minha calma desaparecendo. —O que você fez com a minha irmã?

—Nada, — diz Grant. —Por enquanto.

—Se você machucar minha irmã, eu vou ...

—Foder tudo, — Grant me interrompe com um sorriso. —Eu poderia matar sua irmã mil vezes e você não conseguiria encostar um dedo em mim. Pessoas como você nem deveriam *olhar* para pessoas como eu, muito menos tentar nos tocar.

Mordo a parte interna da bochecha com tanta força que um gosto metálico explode na minha língua. Se tem uma coisa que aprendi lidando com Kane, é que emoções e birras não o perturbam.

Então respiro fundo. —Você quer alguma coisa, certo?

—Eu quero.

—O que é?

—Quero que você termine com o Kane e o faça acreditar que é real. Vou contar a ele como você fez o teste de DNA nele e nos companheiros dele.

Também direi que você só se aproximou dele para usar o poder e a influência dele na sua pequena investigação. Quando ele te confrontar, não dê desculpas. Você precisa dizer que nunca se importou com ele. Que o único valor dele era o poder que o sobrenome dele proporciona. Quero que você rompa qualquer vínculo ou sentimento idealista que ele tenha por você. Quero que você quebre as emoções dele para que ele odeie relacionamentos e amores tolos.

Um tremor percorre meu corpo inteiro, e lágrimas de raiva se acumulam em meus olhos. —Por que você está fazendo isso com ele? Você já não o machucou o suficiente?

—Machucá-lo? — Ele inclina a cabeça para o lado. —Eu nunca o *machuquei.* Eu o construí das cinzas de suas emoções fracas. Meu filho costumava ser o herdeiro perfeito para o império Davenport. Ele até está planejando um golpe de estado contra mim. Por dois anos, ele tem sido paciente e metódico, convertendo os diretores e expandindo sua esfera de influência na empresa. Ele tem sido tão sutil e inteligente que nem eu percebi. Kane está esperando o fim do ano, quando se torna um membro fundador, para colocar seu plano em prática, mas você sabe o que aquele idiota fez? Ele se ofereceu para abandonar sua ambição se eu te deixasse em paz.

Dou um passo para trás, com os ouvidos zumbindo. Kane... desistiu de assumir o império do pai por mim?

Não, isso não pode ser verdade. Kane não é o tipo de pessoa que faria isso...

Meus pensamentos se perdem ao lembrar das recentes mudanças sutis.

O olhar em seus olhos.

A maneira como ele parecia depois de encontrar seu pai pela última vez.

O alívio.

Meu Deus.

—Você transformou meu filho perfeito num fracote de merda. — A voz de Grant endurece. —Você arruinou todos os meus anos de trabalho duro só por existir.

—Trabalho duro? Você abusou dele, seu monstro doente!

—Você tem um dia para fazer o que eu instruí, — diz ele calmamente. —Se ele descobrir meu envolvimento, sua irmã morre. Você completa a missão com sucesso, e eu providenciarei seu desaparecimento da Costa Leste e um reencontro com sua irmã. Posso até lhe contar o que realmente aconteceu com ela. Seja inteligente.

Quando ele sai do laboratório, um soluço escapa dos meus lábios.

O mundo se estilhaça em pedaços ao meu redor.

Vi.

Kane.

Ambos estão escorregando entre meus dedos como areia.

Tudo com que sempre me importei está desaparecendo, e não consigo impedir.

Caio no chão e grito.

Capítulo Trinta

Kane

Estou nervoso desde que Dahlia desapareceu do meu lado.

Um desconforto persistente se enroscou em minha garganta como um nó, apertando ainda mais à medida que ela não atende minhas ligações.

Ou textos.

Dirijo até o laboratório, quebrando todos os limites de velocidade.

O lugar parece abandonado quando chego. O vento gelado sopra os galhos nus da árvore mais próxima.

Meus passos são cuidadosos enquanto estudo os arredores como se esperasse um ataque furtivo.

Faz tempo que não tenho essa sensação, a realidade inquietante se aproximando de mim. Os olhos invisíveis à espreita, observando, planejando me incendiar.

Estou parado no meio do estacionamento vazio, mas consigo ver as sombras se espalhando, espreitando e se multiplicando.

Nos últimos anos, parei de ter essa sensação de medo. Do desconhecido. Da próxima missão. De se encontraremos ou não Preston morto em alguma vala.

Porque assumi o controle da minha vida. Eu tinha um plano para derrubar Grant, assumir o controle e moldar Vencor de acordo com as minhas preferências. Do *meu* jeito.

Eu estava perto. Tão *perto*.

Mais um ano.

Não, apenas meses neste momento, nem mesmo um ano inteiro.

A ideia de uma contagem regressiva me fez perder todo o medo. Não importava o que Grant fizesse, porque eu tinha meu plano B. Ele podia me torturar o quanto quisesse, mas estava insensível aos seus métodos. Não importava o que ele fizesse, sabia que terminaria com a sua queda.

Sabia que tinha uma vantagem na forma de um plano infalível.

O futuro era meu.

Até que não era mais.

Meu tio tinha razão. Voltei a ser apenas uma engrenagem na máquina.

Reduzi meu papel de mestre de xadrez a um mero peão no tabuleiro de Grant.

Sim, posso e vou me reerguer, mas isso vai exigir mais tempo e esforço. Agora que Grant sabe do que sou capaz, ele estará me esperando a cada passo.

Na semana passada, fiquei pensando no que poderia ter feito de diferente para evitar essa queda sem cerimônia.

Mas continuo chegando à mesma conclusão. Se não tivesse conhecido a Dahlia, nada poderia ter mudado.

E se aquela parte imprudente de mim que meu tio chamava de tola pudesse voltar no tempo, ele ainda insistiria em conhecê-la.

Entro no laboratório com passos pesados, mas não é pelo que perdi ou pelo que posso me tornar no final da temporada.

Não de verdade.

É essa inquietação que está espreitando atrás das minhas costelas desde que ela anunciou repentinamente o projeto que precisava terminar.

Depois que a reivindiquei para o mundo ver após o jogo desta noite, senti sua ânsia de levar o que temos um passo adiante.

Ir mais fundo.

Enterrar o passado.

Esquecer o passado.

Esmagar o passado em pedaços para que ela nunca mais veja seus fragmentos encharcados de sangue.

Mas agora, algo está errado.

As luzes brancas brilhantes piscam enquanto entro na área de trabalho. O cheiro forte de antisséptico e produtos químicos paira no ar frio e estéril.

Luzes fluorescentes zumbem levemente acima, lançando um brilho intenso sobre tudo. Muitas vezes, cheguei cedo para buscar Dahlia aqui e fiquei nas sombras por algum tempo, apenas apreciando a vista e vendo-a em seu elemento.

Ela disse que escolheu estudar medicina apenas por causa da irmã, mas Dahlia é um gênio no que faz. Uma pessoa dedicada e meio nerd. Ela se empolga com as pesquisas científicas mais específicas, desconhecidas e completamente inéditas, e consegue falar sobre a importância delas por horas.

No momento, porém, não há nenhum sinal dela se movimentando enquanto cantarola alguma música de uma banda desconhecida.

Estou prestes a ligar para ela pela milésima vez, mas meus dedos param no telefone.

Dahlia está encolhida em um canto, pequena e frágil em contraste com as superfícies grandes e ásperas ao seu redor.

Seus braços estão firmemente em volta dos joelhos, seu rosto enterrado, escondendo-se do mundo.

Um leve tremor a percorre, quase imperceptível. Corta o silêncio da sala, o som de sua respiração trêmula mais alto que o zumbido silencioso das máquinas.

O cabelo dela cai para a frente, uma confusão emaranhada escondendo seu rosto, mas reconheço esse estado.

É como ela se protege quando está angustiada ou tendo um pesadelo.

Me movo cuidadosamente em direção a ela, o eco agudo dos meus passos ecoando nas paredes estéreis.

Odeio como a tensão em seu corpo aumenta com o som, mas ela não olha para cima, como se estivesse esperando a escuridão engoli-la por inteiro.

—Dahlia…?

Nenhuma resposta.

Agachei-me diante dela e agarrei seu pulso, soltando-o lentamente. Ela não resistiu, como se a luta tivesse desaparecido dentro dela.

Meus dedos ficam tensos quando levanto seu rosto.

Seus olhos estão cheios de lágrimas, e toda a malícia desapareceu. São de um castanho opaco, incolor.

Não. Sem vida.

Lágrimas escorrem por suas bochechas vermelhas, grudando em seu queixo e depois escorregando para sua camisa por baixo do jaleco, umedecendo o azul até uma cor mais escura.

Enquanto suas lágrimas durante o sexo me excitam, estas me deixam com vontade de matar.

Não gosto quando ela chora. Principalmente porque ela raramente chora.

—O que aconteceu? — Acaricio sua bochecha, enxugando a umidade. —

Quem fez isso?

Seus lábios tremem e novas lágrimas jorram, encharcando meus dedos.

Agarro o rosto dela com as duas mãos. —Me diz quem diabos fez isso para eu acabar com eles.

—Kane…— Sua voz é baixa, fraca, quase inaudível.

Ela *não* é assim. Quem diabos conseguiu mexer com ela?

Enxugo suas lágrimas novamente. —Estou aqui. Fale comigo.

—Eu…— Sua voz falha com um fungar.

—O que é?

Ela sorri em meio às lágrimas e balança a cabeça. Dahlia sempre disse que eu tenho muros altos, mas os dela são igualmente altos. Só recentemente ela começou a agir sem se proteger perto de mim.

Mas agora, sinto essas paredes se formando, ficando mais grossas e me empurrando para fora.

Ela se levanta e me obriga a abaixar as mãos.

Dahlia enxuga o rosto com as mangas. —É bobagem, sério. Acabei de pensar na Vi.

Também me levanto e a observo atentamente, mas seu rosto permanece impassível, mantendo seus pensamentos bloqueados.

Ela sai para onde guarda suas coisas, com os ombros curvados e as costas cheias de tensão.

Sigo em frente, mal conseguindo conter a raiva. —Do nada?

—Não foi exatamente do nada. — Ela abre o armário e começa a jogar coisas em uma sacola. —Eu sabia disso há muito tempo, mas me recusei a

encarar. Já se passaram mais de três meses desde o ataque. Cada dia que ela passa em coma diminui suas chances de acordar novamente. Sua atividade mental está diminuindo, e o médico basicamente me disse para perder as esperanças e parar de me animar sempre que seus dedos se contraem. É involuntário. É reflexo. Não significa nada. Eu deveria diminuir minhas expectativas. Agora mesmo, tive o pensamento assustador, mas realista, de que talvez eu nunca mais... tenha uma conversa com minha irmã.

Me inclino contra a parede, meu dedo indicador treme enquanto lágrimas se acumulam em seus olhos e ela as enxuga com as costas da mão.

Esta é a única vez na minha vida em que me arrependo de não ter tido a capacidade de consolar os outros.

Duvido que o método meu e do Jude de chutar e bater em Preston enquanto lhe oferecemos comida e remédios seja considerado consolo para pessoas normais.

—Desculpe por ter ficado toda triste na sua noite de vitória. — Ela sorri enquanto me encara. —Vou te compensar sendo uma líder de torcida online.

—Isso não importa. Você quer ir ver sua irmã?

Ela balança a cabeça.

—Que tal comida? Posso preparar alguma coisa para você. Talvez sua massa favorita?

Outra sacudida.

Porra. Comida é a única coisa suave que sei fazer direito.

—Então o que você quer, Dahlia? A menos que você me diga, eu não sei.

Ela agarra meus quadris por baixo da jaqueta, cravando as unhas na minha camiseta. Quando ela olha para mim, suas feições se suavizam e um brilho

surge. —Eu quero peixe.

—Peixe?

—Uh-huh.

—Não creio que encontraremos nenhum a esta hora.

—Aqui não. No Maine.

—Maine?

—Sim.

—O Maine fica a mais de seis horas de carro.

Ela faz beicinho. —Isso é um não?

—É um porquê Maine de repente?

—Quero rever minha cidade natal. Você pode vir comigo?

Só há uma resposta para essa pergunta.

Principalmente quando ela me olha com uma doçura que nunca vi antes. Talvez haja também uma pitada de medo, mas eu entendo.

Ela provavelmente pensou que nunca mais pisaria no Maine.

Vi as imagens da morte dos pais dela. Enquanto ela assistia, ouvi-a murmurar que nunca queria que isso acontecesse.

Sei no fundo que ela se culpa pelas mortes deles, e é provavelmente por isso que ela nunca voltou para o Maine.

Mas agora, ela quer se curar, e farei parte dessa viagem.



A compreensão que eu e Dahlia temos sobre viagens de carro é

completamente diferente.

Para mim, é simplesmente dirigir e chegar ao destino.

Mas para Dahlia?

É uma experiência bizarra, para dizer o mínimo.

Ela encheu o carro de salgadinhos, colocou música muito alta e ficou cantando com toda a força, desafinada.

Ah, e aparentemente, nós dois precisamos desligar nossos celulares para não haver distrações. Ela fez isso e trancou os celulares no porta-luvas para que não tivéssemos que, nos preocupar com nada que esquecemos.

—Isso foi incrível! Ufa. — Ela sorri quando a música termina. —Talvez o rádio repita.

—Espero que não. Foi doloroso ouvir isso da primeira vez.

—Rude! — Ela bate no meu ombro. —Qual é a sua música favorita? Vamos ver como você soa, Sr. Capitão.

—Eu não tenho nenhuma. — Concentro-me na estrada, a luz do amanhecer pintando o céu de um magenta profundo.

—De jeito nenhum. — Ela abaixa o volume enquanto o DJ fala ao fundo. — Sei que você disse que não ouve muita música, mas precisa ouvir alguma coisa. Instrumental, talvez? Clássica ou jazz ou, tipo, uma música tema legal?

—Na verdade não. É uma distração.

Ela se senta de lado, de frente para mim, enquanto enche a boca de balas de goma. —Você parece um alienígena. Calma aí. Que tal um filme favorito?

—Talvez *o Vidas em Jogo*?

—Eu nem sei o que é isso. O meu é *Pânico.*

Eu rio. —Que clichê.

—Pelo menos você sabe que filme é esse, ao contrário da sua escolha pretensiosa.

—Pretensiosa?

—É. — Ela enfia algumas balas de goma na minha boca. —Você nem come doce. Que menino pretensioso e chique.

Mastigo aquelas coisas nojentas, e sua doçura intensa inunda minhas papilas gustativas. —Sou atleta. Devíamos cuidar da alimentação, Sra. Medicina.

—Tudo bem de vez em quando. Aposto que você não come nada doce desde criança.

—Não sou fã do sabor.

—Então, do que você é fã?

—Foder, perseguir, sufocar, bater, morder. Sexo violento em geral.

Um rubor cobre o rosto de Dahlia e ela engasga com o pedaço de doce em sua boca.

Contenho um sorriso. —Você está bem?

—Você fez isso de propósito, seu idiota.

—Só estava respondendo à sua pergunta de forma muito inocente.

—Não há nada de inocente em você. — Ela me cutuca com o pé e o coloca no meu colo. —Você sempre gostou de sexo violento?

—Eu suponho.

—Então…quantas vítimas você teve antes de mim.

—Vítimas?

—Mulheres que você perseguiu.

—Não persegui nenhuma mulher antes de você.

—Você… não fez?

—Encontrar alguém compatível com uma tara tão forte é mais difícil do que você imagina. Além disso, eu não sentia a verdadeira vontade até você invadir a minha vida.

—Nossa. Então a culpa é minha?

—É. — Envolvo a perna dela no meu colo com a mão. —Você vai assumir a responsabilidade pelo monstro que provocou.

Alguns diriam que o monstro sempre esteve lá. Por alguns, quero dizer eu.

—Talvez, mas foi você quem quebrou o feitiço.

—Quer dizer, você quebrou o feitiço para mim também, então acho que estamos quites.

—Eu?

—É. — Ela acaricia minha bochecha. —Eu não sabia que gostava desse tipo de sexo até você. Isso meio que me fez desconfiar da minha moral e pensar em terapia, mas agora me aceito.

Aperto sua perna com mais força. —Como deve ser.

—Meu Deus, amo essa música! — Ela aumenta o volume e começa a cantar de novo, descaradamente alto, e tenta me dar as coisas açucaradas do saco que está segurando.

Seu bom humor, no entanto, esmorece lentamente quando chegamos ao Maine. Transforma-se num silêncio terrível quando paro em frente ao seu endereço anterior, numa pequena cidade costeira.

A casa fica tranquilamente à beira d'água, sua silhueta emoldurada pela luz do amanhecer. É pequena, nada parecida com as propriedades extensas com as quais estou acostumada, mas é bem cuidada. A cerca branca que margeia o jardim da frente é recém-pintada, reta e resistente, embora um pouco desgastada pela maresia e coberta por algumas camadas de neve.

O oceano zumbe ao fundo, com o som suave das ondas quebrando na praia logo atrás. O ar é fresco, trazendo o aroma da água salgada e do orvalho da manhã.

Um casal sai de casa, e suas risadas suaves ecoam no silêncio enquanto o filho salta à frente deles, chutando a neve com os pés. As risadas do menino cortam o ar enquanto os pais riem e o repreendem.

A cena parece deslocada, como algo de outro mundo. Um mundo onde tudo é simples.

O mundo de Dahlia.

Essa deve ter sido a vida dela antes de tudo acabar.

Eu a observo enquanto ela os observa, com os olhos marejados e as mãos tremendo ao redor de um saco de batatas fritas.

Desta vez, não hesito em segurar a mão dela. Ela estremece, e acho que a sinto enrijecer antes de ficar imóvel.

—Isso te deixa triste? — Pergunto.

—Pelo contrário. Estou aliviada que a casa esteja tão bem cuidada e amada. Mamãe e papai ficariam tão felizes se vissem isso. — Ela sorri. —E aí, Kane?

—Hum?

—Vamos pelo oceano.

—Quando está tão frio?

—É o máximo! Eu sei que dizem que cidades litorâneas são deprimentes no inverno, mas é como um conto de fadas. Acredite.

—Tenho minhas dúvidas.

Ela apenas ri e me arrasta para fora do carro. Caminhamos por uma trilha rochosa da qual ela disse se lembrar, mas, na verdade, suas memórias falharam.

O clima é ridiculamente gelado para se perder, mas Dahlia apenas ri e diz que é perfeito para exploração.

Terminamos caminhando até o pico de uma grande rocha coberta de neve com vista para o oceano azul profundo. As cores aqui são frias, branco, azul-marinho e cinza implacável.

Dahlia encara as ondas violentas lá embaixo, abre bem os braços e grita a plenos pulmões: —Mãe! Pai! Cheguei!

O eco de sua voz é engolido pelo vento enquanto seus longos cabelos castanhos esvoaçam atrás dela. Ela parece uma deusa.

—Desculpe por não ter voltado antes! Estou fazendo coisas incríveis. Você ficaria tão orgulhosa de mim! Agora tenho uma irmã. O nome dela é Violet e ela é a pessoa mais doce do mundo. Você a teria amado muito.

Sua voz falha, mas ela se vira, pega minha mão e me puxa para perto dela.

—Eu trouxe alguém. Você também teria adorado. Provavelmente!

—Provavelmente?

—Shh, a chance é de cinquenta por cento, — ela sussurra, e então grita para o oceano novamente: —Ele é podre de rico, me compra roupas absurdamente caras e até cozinha para mim. Às vezes, ele não é tão ruim assim.

—Às vezes?

—Fique em silêncio. Isso não tem nada a ver com você. — Ela lança um

olhar furioso e depois sorri para o oceano novamente. —Você não precisa mais se preocupar comigo. Sua filhinha já é adulta. Obrigada por tudo!

A mão dela treme na minha e a aperto com força.

—Você acha que eles me ouviram?

Envolvo meus braços em volta da cintura dela. —Espero que não seja a parte em que você disse que não sou ruim às vezes.

Ela ri baixinho. —Você é tão mesquinho.

—Só *às vezes*.

Ela ri, o som é tão leve e cativante. —Obrigada.

—Para quê?

—Me acompanhando nessa viagem bizarra.

Puxo-a contra o meu peito, levanto seu queixo com o dedo indicador e beijo seus lábios congelados. Um calor se espalha entre nós e ela me abraça enquanto retribui o beijo.

O corpo dela se torna um com o meu, suas unhas cravadas na minha jaqueta, e parece que ela não quer me soltar desesperadamente.

Meus lábios se separam dos dela e ela sorri. —Quer um passeio pela cidade dos pobres? Te dou um desconto.

—De jeito nenhum.

Dahlia obviamente esqueceu a maior parte da cidade, e muitos lugares mudaram. Mas ela ainda se anima sempre que vê uma loja ou casa conhecida.

Nós temos o peixe que ela veio buscar.

Também compramos muitos peixes dos pescadores, e Dahlia os doa para os restaurantes locais. Acho que essa é a maneira dela homenagear as pessoas que

têm a profissão do pai dela.

Ela não fica parada o dia todo, indo de um lugar para outro como uma abelha atarefada. É quase como se ela não quisesse parar e respirar.

Ao pôr do sol, estávamos caminhando de volta para o carro, com a mão dela na minha, quando ela parou hesitante em uma pequena ponte.

—O quê? Tem algum outro lugar que você queira visitar?

Seus lábios se abrem num pequeno sorriso. —Acho que vi o amigo do meu pai. Vou lá dar um oi.

—Tudo bem, vamos lá.

—Vá buscar o carro. Não vai demorar muito. Eu já estarei aqui.

—Tudo bem.

Estou prestes a sair, mas ela não solta minha mão, seus dedos cravados nas costas dela.

—Kane?

—Sim?

—Você sabe que eu sempre digo que te odeio?

—O que tem?

—Não. Não de verdade. Eu gosto mesmo de você. — Ela sorri. —Tipo, muito.

Uma gota de calor se expande atrás das minhas costelas, derretendo todos os anos que meu pai passou tentando me transformar em gelo.

Algumas palavras de Dahlia e sou tocado pelo calor.

Algumas palavras e é como se me transformasse em uma nova pessoa.

—Eu também gosto muito de você. Quando não quero te estrangular.

—Que romântico! — Ela sorri, mas é triste. —Estarei esperando. Pode ir.

Ela me solta hesitantemente, e levo cerca de cinco minutos para chegar ao carro.

Depois de entrar, abro o porta-luvas. Sei que prometi não usar celulares para Dahlia, mas já faz um dia inteiro sem verificar o estado de deterioração de Preston.

Faço uma pausa quando não vejo o telefone de Dahlia.

Quando ela pegou isso?

Com uma careta, ligo meu telefone e paro diante do bombardeio de chamadas perdidas de Jude.

Porra.

O que aconteceu com Preston agora?

Estou prestes a ligar para Jude, mas então vejo as mensagens.

Jude*:* *Onde diabos você está, cara? É uma emergência.*

Jude: *Violet foi sequestrada do hospital sob o pretexto de uma transferência médica.*

Jude: *Meu irmão e seu pai estão por trás disso. Não sei o que eles querem, mas o motorista do meu irmão mencionou uma visita ao laboratório. Imagino que estejam usando a Violet contra a Dahlia. Vou ver o que posso fazer da minha parte.*

Jude: *Atualização: ainda não consigo localizá-la.*

Meu punho aperta o volante com força e aperto o botão Iniciar. Meu corpo se achata contra o couro enquanto acelero para onde deixei Dahlia na ponte.

A viagem.

O comportamento estranho.

O jeito como ela ficou me segurando o dia todo.

Agora entendo por que tudo parecia tão estranho.

No momento em que chego à ponte e a encontro vazia, a compreensão me atinge em cheio.

Dahlia passou o dia todo se despedindo.

Capítulo Trinta e Um

Dahlia

Deveria tê-lo beijado uma última vez.

Poxa, deveria ter transado com ele.

Deveria ter levado algo dele comigo. Talvez, se tivesse, não doesse tanto.

Talvez não parecesse que eu tinha arrancado meu coração e o deixado na palma da mão de Kane.

Mas eu não conseguia pensar em nada durante toda a viagem. Queria mais tempo com ele, mesmo que fossem apenas algumas horas.

Minutos.

Segundos.

Foi por isso que tive essa ideia idiota de visitar minha antiga cidade natal.

Só queria adiar o inevitável, mas acabei tendo a melhor viagem de memórias da minha vida. Ter o Kane ao meu lado, com a mão possessivamente em volta da minha cintura, tornou tudo mais agradável e menos comovente.

Até agora, pelo menos.

Sento-me em uma catedral velha e vazia, escondida num canto, olhando entorpecida para o grande crucifixo no altar e esperando que meu coração não se parta em pedaços e me deixe vazia.

Espere. É tarde demais para isso.

Meus dedos tremem e minha visão fica turva.

—Ei, — falo com o crucifixo, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto. — Você consegue fazer isso parar? Não? Por que não? Você levou meus pais e a Vi

também. Agora, Kane? Minha vida é uma piada para você? Não me é permitido nenhum tipo de felicidade? Não importa o que eu tivesse feito diferente, teria terminado assim, não é? Por quê? Só me diga por quê!

—Porque você ansiava por algo que não deveria ter olhado em primeiro lugar. — Passos autoritários ecoam no ar enquanto Grant caminha até o altar e fica em pé diante dele, de costas para as relíquias.

Ele parece um demônio recém-saído do inferno. O terno sob medida e a aparência impecável não escondem a pura maldade que se esconde na alma daquele homem.

—Você ficou gananciosa, Dahlia, e gente como você não pode ser gananciosa. Se você olhasse para cima por tempo suficiente, esse pescoço estaria quebrado.

Enxugo as lágrimas com as costas da mão. —Você estava nos seguindo?

—Seu dia está quase acabando e você não fez o que eu pedi.

—Não vou machucar Kane com minhas palavras. Ele já sofreu o suficiente com você. Se você... contar a ele sobre meus motivos, ele vai parar de me procurar e até me desprezar. Então você consegue o que quer de qualquer maneira. — Levanto o queixo, apesar do som de algo quebrando que reverbera em meu peito. —Deixe minha irmã e eu irmos, e nos mudaremos para um estado diferente e ficaremos o mais longe possível.

Ele estala a língua, o som alto no silêncio. —Não era esse o acordo. Eu pedi especificamente para você ser a pessoa que o machucaria. Se for eu, isso só vai fazer com que ele me odeie e acabe te idolatrando ainda mais. Ele pode ser teimoso com os próprios sentimentos. Levei muito tempo para impedi-lo de procurar a mãe como um fracote. Mas se eu tiver que quebrá-lo de novo para que ele te apague e volte a ser normal, que assim seja.

—Normal? Isso não é normal, é um robô! — A vontade de estrangular esse homem pulsa sob minha pele como uma necessidade.

Uma vontade louca.

Talvez eu possa matá-lo e livrar Kane de sua maldade. Talvez Kane e sua mãe possam finalmente se reconciliar. Eu suspeitava disso antes, mas agora tenho certeza. Grant é a razão pela qual Kane mantém distância de Helena.

Sim, Kane provavelmente ainda a responsabiliza pelo que aconteceu com ele, mas também reconhece o quão abusivo seu pai é. Ele sabe que quanto mais procurar sua mãe ou passar tempo com ela, mais Grant o punirá e provavelmente descontará sua ira na esposa.

Certamente, se eu matar Grant, o mundo será um lugar melhor?

Coloco a mão na minha bolsa e procuro o bisturi que costumo guardar para autodefesa.

—O que eu faço com a minha família não é da sua conta. — A voz condescendente e irritante de Grant ecoa no ar.

Meus dedos agarram o estojo do bisturi e o abro enquanto falo. —Você já sentiu pena da merda que fez com ele desde criança? Já se perguntou se talvez você tenha roubado a infância dele e o moldado em uma versão mais sombria do que ele poderia ter sido?

—Pena? — Ele diz a palavra como se fosse um insulto. —Por que eu sentiria pena se o *salvei?* Eu o transformei no homem perfeito que pode herdar meu império por direito. Ele tinha que ser um lobo, ou teria sido devorado por um.

Zombo enquanto agarro o cabo do bisturi com a mão trêmula. —Então você o torturou, deixou cicatrizes permanentes em seu corpo e quebrou sua alma por *ele*?

—Não seja ridícula. É pelo bem do império. Ele só existe para cumprir um

papel. *Todos nós* temos. O seu é ficar na sua.

—Então é narcisismo. Você só o trouxe ao mundo para poder usá-lo. — A dor estagnada dentro de mim gira e transcende a situação em que me coloquei presa.

—Ele é um Davenport. Essa é a sua função.

—Ele não é apenas um Davenport, ele é apenas Kane, — murmuro em voz baixa que ele provavelmente não consegue ouvir enquanto me levanto e enfio a mão com o bisturi no bolso.

Não sinto minhas pernas, como se estivesse flutuando no ar.

Meus sentidos se aguçam e uma névoa vermelha cobre meus olhos.

Este homem precisa morrer.

Para Vi.

Para Kane.

Para Helena.

Para *mim.*

Minhas pernas me carregam com facilidade.

É engraçado como me envolvi em toda essa confusão em busca de vingança, mas agora, só quero esfaqueá-lo até a morte.

—O que você estava murmurando para si mesma? — Ele pergunta quando paro na frente dele.

Deste ângulo, o Jesus crucificado parece ameaçador, alto, o sangue ao redor dos buracos em seus pulsos combinando com minha névoa vermelha.

—Eu disse que o Kane é só o Kane. Ele não é seu brinquedo! — Grito enquanto pego o bisturi e miro em sua garganta.

Grant recua no último segundo e o bisturi apenas roça seu maxilar. Ele agarra minha mão e a torce tão repentinamente que um grito de dor irrompe de mim.

Minha pegada no bisturi afrouxa e ele atinge o chão com um tilintar enquanto Grant me dá um chute no estômago.

Caio no chão áspero, tossindo. Um gosto metálico invade minha boca e o sangue jorra dos meus pulmões.

Mas ainda assim rastejo até o bisturi.

Eu vou matá-lo.

Eu vou matá-lo…

Eu vou matá-lo…

Quando estou prestes a agarrá-lo, um sapato pisa na minha mão estendida e eu gemo e depois grito quando ele aplica pressão.

Grant fica em pé acima de mim e faz um gesto para algum lugar atrás de mim. Ele limpa o sangue que jorra do maxilar enquanto balança a cabeça.

—Parece que seu tempo acabou, Dahlia.

Meu grito cessa abruptamente quando algo afiado pica minha nuca.

O bisturi fica embaçado e uma lágrima escorre pela minha bochecha.

Enquanto a escuridão me engole, meus pensamentos são de profundo fracasso.

Sinto muito, Vi.

Sinto muito, Kane.



Meus sentidos retornam em pedaços, desconexos, nebulosos, mas aguçados o suficiente para que eu acorde sobressaltada.

Não importa o quanto arregalo e pisco os olhos, só vejo escuridão.

O ar está denso, sufocante, cheirando a mofo e algo mais, madeira úmida e podre, talvez. Um pingo ecoa ao longe, lento e metódico. Planta uma semente de medo no fundo do meu estômago.

Tento me mexer, mas a dor corta meus ombros. A dor queima tanto que tudo volta ao normal.

Meus pulsos estão amarrados acima de mim, as correntes ásperas cravando-se na minha pele, puxando com força cada vez que me mexo. Meus pés descalços mal tocam o chão, apenas o suficiente para sentir o piso escorregadio e molhado sob eles, mas não o suficiente para me firmar.

Onde estou?

O pânico inunda meu peito, abafando todo pensamento coerente.

A escuridão espessa me pressiona por todos os lados, como se o próprio quarto estivesse me engolindo por inteira. Pisco rapidamente, tentando ajustar minha visão, tentando ver alguma coisa, *qualquer coisa*...

Mas não há nada.

Apenas o ar frio grudado na minha pele e o som da minha respiração irregular preenchendo o espaço.

Minha mente se agita, percorrendo imagens fragmentadas. A última coisa de que me lembro é de ter sido injetada com algo e perdido a consciência. Depois disso... nada.

Meus pensamentos gaguejam e congelam como estática cortando meu cérebro. Meus pulsos queimam de tensão, meus músculos gritam, mas é o medo

que revira minhas entranhas confusas.

E se Grant estiver me usando para se vingar de Kane?

E se eu for a ruína dele?

Preciso sair daqui. Seja *lá onde* for.

Meus dedos se curvam instintivamente, agarrando a corrente e me puxando para cima, mas caio de volta. O som da minha respiração está mais alto agora, ecoando no pequeno espaço, preenchendo o silêncio com meu pânico crescente.

O gotejamento à distância desaparece, substituído por um som metálico baixo e rangente.

Meu coração dispara, o pânico aumenta enquanto me esforço para descobrir a origem do barulho.

Algo se move acima de mim e, antes que eu possa me preparar, uma torrente de água gelada desaba, me encharcando.

Está frio.

Gelado.

Chocantemente frio.

Paro de respirar enquanto a água corta minha pele como mil agulhas minúsculas.

Não para.

Continua caindo, encharcando minhas roupas, grudando no meu corpo como uma segunda pele.

Ofego, engasgando com o ar. A dor nos meus ombros aumenta, e o peso da água me puxa para baixo com mais força.

Meus pés escorregam no chão molhado, quase roçando, enquanto tento

encontrar algum apoio.

Meu Deus. Vou morrer congelada?

A água para, mas continuo tremendo no mesmo lugar.

Então me ocorre.

Este é um dos métodos de tortura de Grant. Ele provavelmente usou no Kane inúmeras vezes.

Uma nova onda de terror me invade. A ideia de que uma criança pudesse ter passado por isso, de que Grant tenha submetido o filho a esse tipo de punição, me embrulha o estômago.

O frio, as correntes, a dor, como Kane pôde esconder tudo isso atrás daquela máscara calma e sem emoção?

Água pinga no chão, cada gota gelada como um lembrete, uma peça do quebra-cabeça que Kane nunca me deixou ver.

Como... como ele sobreviveu a todos esses anos quando sinto que vou morrer?

Meu corpo treme, tremendo contra o peso congelante da água. Deve ser por isso que ele tinha hematomas naquela vez e sua pele estava pálida.

Mas ele ainda sobreviveu.

O pensamento me atinge como um golpe, mas não traz conforto. Só faz a escuridão ao meu redor parecer mais sufocante.

Sem esperança.

Não sei há quanto tempo estou aqui, mas é tempo suficiente para que meus ombros fiquem dormentes e ainda grite de dor.

Uma porta se abre com um rangido e fecho meus olhos enquanto uma luz

forte pisca acima da minha cabeça e banha a sala em um branco brilhante.

Grant entra com dois homens vestidos de preto. Um deles é careca e tem tatuagens por toda a cabeça, e o outro tem uma cicatriz logo abaixo do olho.

Estou tremendo incontrolavelmente enquanto Grant caminha até uma mesa coberta de caixas pretas ao lado. Ele abre uma e pega um chicote.

—Agora, — ele sorri. —Tenho certeza de que Kane não vai olhar para você de novo depois que desfigurarmos seu rosto e seu corpo.

Meu queixo treme quando digo: —Ele *nunca vai* te perdoar.

—Ainda bem que não me importo. — Ele sorri, os lábios se curvando levemente. —Vamos começar?

Capítulo Trinta e Dois

Kane

—Alguma novidade sobre Violet?

Desvio o carro para dentro e para fora do trânsito, dirigindo o mais rápido que posso sem bater naquela porcaria.

Estou assim há algumas horas, desde que recebi a ligação de Samuel que fez meu pior pesadelo se tornar realidade.

—Ela está na masmorra.

Na masmorra.

Dahlia.

Na porra da masmorra do Grant.

Um lugar onde ninguém deveria estar, especialmente Dahlia.

Não depois de tudo que eu desisti para mantê-la longe das garras de Grant.

É aí que a percepção terrível me atinge.

O tio Kayden estava certo. Revelar minhas cartas pode ter dado imunidade a Dahlia por algum tempo, mas Grant nunca a deixará sobreviver.

Não depois que ela provou ser meu calcanhar de Aquiles.

Ele vai eliminá-la só para manter o controle sobre mim.

Ele a machucou só para me ensinar uma lição.

Pensei em pedir a Jude e Preston que a guardassem para mim, que reunissem o máximo de guardas possível e simplesmente marchassem, mas eles e seus guardas não se comparam ao pequeno exército que meu pai tem na propriedade.

Além disso, Grant chamaria os pais deles e ponto final.

A respiração pesada do outro lado da linha preenche meu carro, e o arrastar de passos se segue antes que a voz áspera de Jude se infiltre. —Não consegui localizar Violet em nenhum dos nossos hospitais ou casas seguras. Cansei de procurar às cegas, então vou até o escritório do meu irmão e não vou embora até que ele me dê as informações que preciso.

Minha mão aperta o volante. —Julian não pode ser ameaçado e você sabe disso.

—Ele não, não. Mas a esposa dele? Essa é outra história.

—Ele não dá a mínima para a esposa.

—Se não o fizesse, não a teria feito viver numa maldita gaiola dourada.

—Ele fez com que ela fosse expulsa da sociedade, Jude.

—Essa é a ideia dele de proteção. Eu sei porque estou tendo os mesmos pensamentos. Acho que vou ter que testar a teoria.

—Não. É arriscado.

—Tenho que arriscar.— Segue-se um murmúrio de vozes, Jude ignorando o assistente do irmão e gritando: —Todos para fora!

O arrastar de pés, murmúrios e, em seguida, a voz clara de Julian. —Você precisa parar com esse hábito de socar primeiro e perguntar depois. É uma vergonha para o nome Callahan.

—Vou te mostrar a verdadeira desgraça, mano.

—Jude, não, — digo com a voz tensa. —Não quis dizer que é arriscado, no sentido de que pode não funcionar. É arriscado porque *pode* funcionar. Ameaçar o Julian só vai torná-lo mais antagônico.

—Eu não dou a mínima, — ele responde.

—Deixe-me falar com ele.

—Eu posso lidar com isso.

—Não, não pode. Passa o telefone para o Julian. Faz um favor para nós dois e deixa que eu falo.

Há um xingamento baixo antes que sua voz soe distante. —É o Kane. Ele quer falar com você.

Bato o dedo no volante enquanto a voz clara de Julian ecoa no meu carro. —O que posso fazer por você, Davenport?

—A verdadeira questão é: o que mais você pode fazer para desenvolver o império Callahan?

—Estamos tendo uma conversa de negócios?

—Nada muito diferente do que você teve com Grant.

—Você está muito atrasado, garoto. Além disso, estou decepcionado com você.

—Decepcionado?

—Você trouxe uma responsabilidade para o nosso meio. Uma garotinha com vários truques na manga e motivações duvidosas que poderiam sabotar nossos costumes. Ou você permitiu que ela realizasse testes de DNA em você e seus companheiros de equipe, ou não sabia, o que é ainda pior.

Meus dedos apertam até ter certeza de que vou quebrar o volante. Eu sabia que Julian sabia de tudo o que acontece nas instalações de Callahan, mas não achei que ele se importaria com um laboratório sem nome no campus.

—Grant está certo, — continua Julian. —Eu tinha expectativas altíssimas em você, principalmente depois de ver seu modus operandi metódico nos bastidores. No entanto, você permitiu que uma mera garota derrubasse tudo.

—Nem todos.

—Oh?

—Você acha que eu entregaria tudo o que tenho no meu arsenal para o Grant? Que eu ficaria indefeso? Eu, logo eu?

—Bom para você. No entanto, ainda não tenho interesse em conflitos internos. Tenho os meus para cuidar.

—Então fique de fora, completamente, e eu prometo que, seja qual for o resultado, você não será um perdedor. — Faço uma pausa. —Você conhece o temperamento do Grant. Você está bem ciente das decisões empresariais fracassadas dele ultimamente, o que o levou a cortar o financiamento do seu novo medicamento experimental.

—As decisões empresariais fracassadas dele não se comparam à sua enorme perda de discernimento.

—Não é uma perda de discernimento. Faz parte de um plano.

—Que plano?

—Deixe a Violet ir. E podemos discutir isso mais a fundo.

—Bom. Infelizmente, porém, Violet é um problema de família agora, pois afeta meu irmão.

—Vamos lá fora, — diz Jude do outro lado. —Vamos lutar.

—Não tenho intenção de trocar socos. Que filho da mãe sem cultura. É uma vergonha te chamar de irmão. — Julian suspira e me diz: —Se eu vir uma manifestação do seu plano, posso considerar recuar. Mas é tudo o que posso oferecer. Agora, se me dá licença, o Jude vai me dar um soco e preciso quebrar o braço dele.

Bip. Bip. Bip.

—Porra! — Bato no volante, mas respiro fundo.

De qualquer forma, é inútil tentar convencer Julian com palavras. Se ele quer ação, que assim seja.

Uma hora de direção imprudente depois, chego à casa dos meus pais e quase bato na entrada.

O ar da madrugada é sufocante. Pensar que me diverti muito há menos de 24 horas e agora estou de volta a este buraco é revoltante.

Assim que saio, avisto uma silhueta esguia andando de um lado para o outro em frente à enorme porta da frente. Ao me ver, Helena corre em minha direção.

Seu robe noturno gruda em seu corpo frágil e seus olhos estão fundos, cercados por olheiras como poços sem fundo.

—Kane, querido, não entre.

Paro e olho para sua mão ossuda segurando meu braço. —Me solta, mãe.

Ela acrescenta outra mão, cravando as unhas nuas na minha jaqueta preta e balançando a cabeça. —Ouvi o Samuel te chamar. Você não deveria ter voltado. Você... não deveria estar aqui.

—Eu não deveria estar aqui? Então, onde eu deveria estar? Me escondendo? Enterrando a cabeça na areia? Sendo você?

—Você não entende. Se você entrar aí, ele vai te torturar.

—Algo com o qual estou extremamente familiarizado, mas ela não, mãe!

Ela se encolhe, suas bochechas perdendo toda a cor.

Esta é a primeira vez que levanto a voz para ela. Posso ter mantido distância da minha mãe, mas a tratei cordialmente, com respeito, como era esperado de mim.

Mas e agora? Me viro, agarro-a pelos ombros e a sacudo. Com força.

—Ela te defendeu, Helena! Mesmo depois de saber que você ficou parada assistindo enquanto o homem com quem você escolheu ter um filho *torturava* aquela criança. Ela disse que você devia estar *indefesa.* Você devia ter tentado impedir, mas não conseguiu. Ela disse que você é mentalmente frágil e não consegue lidar com esse tipo de vida, então você se retraiu como um mecanismo de defesa. Ela *te deu* o benefício da dúvida. Ela me implorou para ser mais gentil com você, para não te esquecer e te apagar. Ela perguntou se você e eu poderíamos virar uma nova página. Comecei a te ver da perspectiva *dela. Através dos olhos dela.* Como ela perdeu a mãe jovem, ela tem esses conceitos otimistas sobre mães e afeto, então eu não deveria ter dado ouvidos à sua lógica distorcida. Mas eu ainda apareci, não é? Eu ainda me conformei com o benefício da dúvida que ela te deu. E agora você está me pedindo para deixá-la ser torturada e assistir? Eu *não sou* você, mãe. Você entende?

Lágrimas escorrem pelo seu rosto enquanto ela treme incontrolavelmente. —Eu só... eu só quero que você esteja seguro. Eu também odeio que qualquer coisa aconteça com a Dahlia. Ela tem sido a única cor na minha vida ultimamente, e eu implorei para o Grant deixá-la ir, mas você sabe que ele nunca me ouve. Eu não quero que ela se machuque, mas odiaria perder você ainda mais.

—Você já me perdeu há quinze anos, *mãe*.

Eu a deixo ir e a empurro enquanto caminho pela mansão, pelos corredores escuros com o papel de parede verde-escuro feio.

Ao longo dos anos em que caminhei por estes corredores, só senti dormência e, ultimamente, o consolo de que isso logo acabará.

Mas agora, meus músculos estão tensos, meus passos largos.

Nunca me rebelei contra meu pai, e não foi por não conseguir. Depois que cheguei à puberdade, fiquei tão grande quanto ele e ainda mais musculoso. Se eu

quisesse bater nele, teria batido.

Mas violência não é meu estilo, e me recusei a ser moldado como uma cópia dele.

Então, conspirei a portas fechadas. Reuni todas as informações sobre seus executivos de confiança e as usei para virar aqueles porcos contra ele. Sabotei ativamente cada um de seus novos empreendimentos, iniciando negociações dentro da empresa e até mesmo na Vencor.

Eu não queria machucar o Grant fisicamente. Isso não teria adiantado nada.

Mas ver seu império ruir diante dos seus olhos? Testemunhar o filho que ele rotulava de fraco assumir o poder?

Isso o destruiria.

Dois homens do meu pai estão de guarda em frente à porta de metal da masmorra, fortes, musculosos e com olhares maldosos.

Eles fazem parte da equipe que meu pai usa para fazer o trabalho sujo. Uns bandidos especializados em intimidação e quebra de ossos.

O careca estende o braço. —Ninguém pode entrar.

—Afaste-se. Não vou me repetir.

—O chefe disse que ninguém… — Eu pego minha arma com silenciador e atiro entre os olhos dele.

O amigo dele pega a arma, mas atiro no rosto dele antes que ele possa agir.

Sangue espirra no meu rosto, deixando meu olhar vermelho.

Os dois caem no chão com um baque, e passo por cima deles enquanto embainho minha arma.

No momento em que abro a porta, tudo para. O lugar cheira a umidade e

podridão, e o cheiro familiar de pedra fria e sangue invade minhas narinas.

Mas não é isso que faz o mundo parar.

É a Dahlia.

A luz branca projeta uma sombra forte em seu rosto enquanto ela está pendurada no teto, seu corpo flácido, roupas molhadas grudadas em sua pele descolorida.

A água se acumula sob seus pés, refletindo a luz como cacos de vidro. Suas feições estão sem vida, desprovidas da energia alegre e desafiadora que ela ostenta como um distintivo de honra.

Seus cabelos encharcados estão grudados à pele. Sangue jorra dos pontos onde as correntes cravam sua carne, rios vermelho-escuros escorrendo por seus braços, misturando-se à água que escorre de suas roupas.

Seus olhos estão fechados e ela está tremendo.

Cada respiração que ela dá é uma fina nuvem de névoa que mal escapa de seus lábios antes de se dissolver.

O cheiro azedo de suor e sangue aguça e preenche meus sentidos quando avisto Grant parado diante dela, alto, ereto, com aquele brilho sádico nos olhos enquanto se aproxima de Dahlia com um chicote na mão. Ela se encolhe quando ele se aproxima, um tremor percorrendo todo o seu corpo.

Algo dentro de mim estala.

Todas as torturas que vivi são insignificantes comparadas a isso. Não importa o quão brutais tenham sido, o quão dolorosas tenham sido, eu nasci para isso. Era o que esperavam de mim.

Dahlia é muito diferente.

O terceiro lacaio de Grant se aproxima de mim. —Você não deveria estar

aqui.

Atiro na cabeça dele e desvio dele.

Meu pai finalmente se vira na minha direção. Ele tem um curativo no queixo que, segundo Samuel, é devido a um corte que ele teve quando voltou, e ele estava xingando Dahlia por isso.

Isso me deixou muito orgulhoso.

Ele pode tê-la sequestrado, mas minha flor silvestre não foi embora sem lutar.

Meu pai olha para o seu morto e estreita os olhos para mim. —Que porra você pensa que está fazendo, Kane?

Deixei a arma ao meu lado. —Você me deu sua palavra. Disse que não tocaria nela.

—Isso foi antes de eu descobrir o quanto você realmente abriu mão por essa vadia sem nome. Ela é um fardo que precisa ser resolvido.

Tremendo incontrolavelmente, Dahlia abre os olhos. A cor deles oscila entre marrom e amarelo enquanto ela balança a cabeça e murmura: —Vai, Kane. Por favor.

Aquela garota acha que pode me proteger, mesmo estando pendurada no teto.

Que porra é essa?

Comecei a rir, segurando a arma contra minha têmpora.

Então me dou conta. Parece que, além das correntes que meu pai colocou nos meus pulsos, eu também me algemei inconscientemente.

Acreditei no discurso hipócrita dele sobre ‘o vínculo Davenport.’ De alguma forma, mesmo tendo crescido mais alto e muito mais forte do que ele, nunca pensei em machucá-lo fisicamente como ele me machucou.

Porque, em algum momento, acreditei nas palavras dele de que eu era um defeito que ele estava corrigindo, e não considerei o castigo dele errado. Quando eu era mais jovem, cheguei a me culpar por ter nascido fraco e não corresponder às expectativas dele.

Jude e Preston não precisavam estar trancados nos porões dos pais para serem frios; por que eu não era igual?

Por que eu não estava… *errado*?

A resposta é: não sou eu quem tem o corpo errado. É ele.

Foi ele quem me distorceu pra caramba só para me encaixar no molde que se adequa à visão dele.

E eu ainda achava que não poderia machucá-lo, porque ele me gerou.

Mas agora a neblina se dissipou.

As correntes enferrujadas metafóricas que eu prendia em meus pulsos desde criança se quebram, e rio ainda mais.

—Você perdeu a cabeça? — Pergunta Grant.

—Pelo contrário. Nunca vi as coisas com tanta clareza. — Soltei um suspiro. —Sabe, descobri que me tornar como você é o objetivo final. Eu tinha que ser tão implacável, tão distante e frio, que nada me abalaria. Nem relacionamentos pessoais, nem pessoas com quem passei a vida inteira. Nem mesmo minha própria mãe. Conexões só se formam para ganho mútuo. Ser impassível era a verdadeira resposta para qualquer problema. Tratar todos como peões me levaria ao topo mais rápido e com mais eficiência.

—Está correto.

—Sim. Mas veja, Pai, você está no meu caminho.

Ele me encara, com os ombros encolhidos. —Eu?

—Sim. Eu quero o trono dos Davenport, para poder fazer as coisas do jeito que eu achar melhor e consertar seus erros. Você é um empecilho, impedindo meu progresso.

—O trono dos Davenport? — Ele zomba. —Não me faça rir. Você abriu mão dele por essa zé-ninguém. Acha que algum dia vou deixar você ascender nele no seu estado?

—Deixar? — Levanto a mão, a arma firme, o dedo relaxado. —Não preciso que você *deixe*.

—Você vai me matar? — Ele rosna. —Por *ela*?

—Por *mim*... Mexer com ela foi só a gota d'água.

Ele xinga e balança a mão na direção de Dahlia, para bater nela ou matá-la, não sei.

De qualquer forma, ela não percebe, porque aperto o gatilho.

A bala atinge a parte de trás da cabeça dele.

Não vejo seu rosto enquanto ele cai, seu corpo batendo no chão.

Imóvel.

Finalmente…silêncio.

Espero pelos sentimentos de culpa. Pelo conflito. Pelo menor sinal de remorso.

Nada.

Huh.

Acho que ele realmente me criou bem.

—Kane…— uma pequena voz sussurra no meio do silêncio encharcado de sangue.

Tão pequena e calma.

Tão pequena e… triste.

Olho para cima e congelo. Dahlia me encara com lágrimas escorrendo pelo rosto, pingando até a clavícula.

Certo. Ela me viu fazer aquela coisa feia.

Ela deve pensar que sou um verdadeiro monstro agora.

Seu queixo treme e ela sussurra: —Sinto muito.

E então sua cabeça cai para frente e ela desmaia.

Capítulo Trinta e Três

Dahlia

Uma voz profunda gira em minha cabeça.

Uma voz áspera e muito familiar que só fica mais suave para mim.

Meus olhos se abrem, ajustando-se à luz fraca que ilumina o quarto. Meu corpo está pesado, e tudo dói contra os lençóis macios sob mim. Eles são frios contra a minha pele, com um leve cheiro de cedro e detergente fresco.

Onde fica esse lugar…?

Memórias recentes mexem com minha mente.

A tortura. O pai de Kane.

Palavras de Kane.

Kane.

Me assusto e sento.

Estou no antigo quarto dele? É surpreendentemente simples, exceto pelo luxuoso papel de parede creme. Os móveis são elegantes e minimalistas, tudo com arestas vivas e linhas retas. Sem bagunça, sem toques pessoais, exceto pelo aroma desbotado dele pairando no ar, uma mistura de algo escuro e amadeirado.

É quando o vejo.

Kane está parado perto da janela, observando a noite que toma conta do jardim japonês enquanto fala ao telefone em tom baixo e sussurrado.

Um suspiro sai dos meus pulmões.

E eu respiro.

Pela primeira vez desde que fui encurralada por seu pai, inspiro e exalo uma grande quantidade de ar, encho meus pulmões com ele e me afundo completamente nele.

Ele está bem.

Ele se parece consigo mesmo: um caos cruel contido em um fio de calma.

—Você preparou o barco? — Ele pergunta, e então escuta, com o dedo indicador tremendo na coxa. —Sem tripulantes, correto? — Mais escuta, mais olhar para o horizonte. —Chego logo.

Puxo o lençol preto e macio até meu queixo.

O tremor retorna.

A realização.

A sensação do juízo final.

Kane matou o pai. Atirou nele na cabeça de forma cruel e implacável. Não hesitou, não pensou duas vezes, e matou o próprio pai.

Por mim.

Não.

Por minha causa.

O que eu fiz?

Ele inclina a cabeça na minha direção, com o olhar penetrante e a expressão fria.

Minhas entranhas tremem, e me sinto tão pequena naquela cama enorme, minhas emoções pulando por todo lugar, explodindo e queimando como uma caixa de fósforos.

—Você está acordada. — Ele fala devagar, sem emoção.

Ele é como aquele demônio da iniciação. O monstro insensível que eu não conseguia alcançar, não importa o que eu fizesse.

Meu coração acelera enquanto ele caminha em minha direção num ritmo deliberadamente lento, o som de seus passos ecoando em meu peito.

—Você se sente melhor? — Suas palavras são monótonas. Robóticas, até.

Nem presto atenção nos meus pulsos enfaixados ou no roupão quente que me cobre. A dor não importa mais. Não quando ele me olha como se eu fosse uma estranha.

—Kane…

—Sim?

—Sinto muito pelo seu pai.

—Eu não sinto. Teria me livrado dele eventualmente, mas isso aconteceu antes do previsto. — Ele para aos pés da cama, com as mãos nos bolsos.

Ele está mais alto que eu.

Intimidador.

Isso me faz tremer, apesar das minhas tentativas de contê-lo, de empurrá-lo para baixo. Vestir a fachada que uso tão bem.

Mas agora não posso.

—Acredito que você deveria se desculpar por algo diferente, Dahlia.

Estremeço, meus dedos afundando nos lençóis.

Ele sabe.

Certo. Grant prometeu contar tudo a ele.

—Eu... — Não há palavras. O que deveria dizer?

Posso mesmo dizer alguma coisa?

—Você é o quê? — Ele parece maior, mais alto e nada parecido com o Kane que segurou minha mão enquanto eu brincava na minha cidade natal.

Não há energia despreocupada, nem olhares suaves e certamente nenhum sorriso raro.

Mas há apenas um pensamento que me ocorre.

Não quero que ele me odeie.

Não quero perdê-lo.

—Me ouça? — Minha voz sai baixa no silêncio, quebrada.

Relâmpagos iluminam o céu e se espalham pelo quarto, lançando uma sombra ameaçadora no rosto de Kane. A chuva cai, seus filetes escorrendo pela janela.

—Estou ouvindo.

Não há incentivo, nem suavidade. Apenas uma voz deprimente e sem emoção. Mas pelo menos ele está disposto a me dar uma chance de me explicar.

—Por mais de oito anos, Vi foi a única pessoa que me prendeu à vida. Ela é o meu mundo e a razão pela qual sobrevivi até agora. — Minha voz ainda é baixa e retraída. —Então, quando ela foi atacada, vi meu mundo se despedaçar diante dos meus olhos. Jurei vingança. Prometi que faria o responsável pagar, não importa o que acontecesse. E como minha única conexão com a vida foi tirada, me senti invencível. Como se não tivesse nada a perder.

—Nada a perder, — ele repete lentamente.

—Sim. Então, quando li o diário dela e encontrei uma entrada onde ela descrevia ser seguida por homens suspeitos, e ela desenhava anéis com símbolos ininteligíveis que usavam e mencionava os Vipers, investiguei mais a fundo e

descobri sobre Vencor. Lembrei-me de quando saía com Marcus, que sempre havia rumores de que ele vinha de uma família muito influente que pertence a uma sociedade secreta, mas eu também sabia que ele nunca fez parte da família, então não me aproximei mais dele, sem mencionar que ele até tentou me compartilhar com os amigos dele.

—Ele *compartilhou* você? — Seu maxilar treme, seus dedos se contraem.

—Não, ele não teve a chance. Fui embora e terminei com ele. Também não dormi com ele. Ele não é nada no grande esquema das coisas, para ser sincera. Mas ele mencionou que a maioria dos Vipers é podre até a medula e ouvi rumores de que muitos estão no Vencor.

—Então você se aproximou de mim para realizar sua vingança.

—Não, — digo abruptamente, e então me encolho. —Quer dizer, sim. Esse era o objetivo no início, mas logo percebi que você não poderia ter deixado algo como o ataque da Vi acontecer. Admito que queria que você me levasse para Vencor para que eu pudesse investigar e encontrar pistas, mas você não permitiu isso de qualquer maneira. Mas, na verdade, eu não suspeitava de você. Na verdade, quanto mais tempo eu passava com você, mais os limites se tornavam tênues, e eu não conseguia controlar minhas emoções.

—Você parou de suspeitar de mim antes ou depois de extrair meu DNA e o da equipe?

Engulo em seco. Ele sabe.

Claro que ele sabe.

—Eu só estava procurando pelo assassino da Vi. Eu... não queria machucar ninguém.

—Mas você fez, Dahlia. — Um músculo salta em seu maxilar. —Por que diabos você me deixou naquela cidade? Por que diabos você não me avisou que

Grant e Julian te ameaçaram? Que sua irmã foi sequestrada? Por que diabos você guardou tudo isso para si?

—Porque eu não queria que você se machucasse! — Grito, com a visão embaçada. —Porque seu pai disse que nunca mais me deixaria ver minha irmã. Vi... Onde ela está?

—Ela está em algum lugar seguro, mas isso não é sobre ela. — Ele dá a volta na cama e agarra meu queixo. Sua pele é quente e fria ao mesmo tempo. Gentil, mas autoritária. —Isso é sobre suas ações imprudentes que quase te mataram. Você tem um desejo de morte?

—Claro que não. Você acha que eu não estava com medo? Porque eu estava. Eu estava com tanto medo que mal conseguia respirar, mas sabe o que me apavorou mais? O medo de perder a Vi ou você.

—Então você nunca deveria ter saído do meu lado. — Sua calma está se esvaindo, rompendo as costuras, revelando seu caos puro por trás da calma.

—Eu não tive escolha.

—Você sempre tem uma escolha, porra. — Seus dedos cravam em meu maxilar, as pontas provavelmente machucando a pele, mas não importa.

Porque eu vejo. No fundo dos seus olhos.

Azul turbulento.

Uma cor que nunca vi neles antes.

Preocupação misturada com medo.

Agarro seu braço nu, minha pele se arrepia ao toque, mas ainda mantenho minha coragem enquanto deixo o cobertor cair e então me ajoelho.

Ele afrouxa o aperto em volta do meu queixo, o suficiente para me permitir algum movimento, e roço meus lábios nos dele, suavemente, timidamente.

Eles se contraem. Seu maxilar se contrai, mas ele permanece imóvel, tão imóvel que acho que é uma estátua. —Que porra você está fazendo?

Agarro-me a essa coragem, minha respiração escapando em um ritmo fragmentado.

É a primeira vez que quero algo com todas as minhas peças quebradas. É a primeira vez que estou disposta a fazer concessões.

Para ao menos abrir mão da única coisa que me manteve firme desde o ataque de Vi.

Meu orgulho.

—Quando nos separamos na ponte, me arrependi de não te beijar. — Minhas palavras são interrompidas apenas por um relâmpago e o tamborilar da chuva. — Me arrependi de não ter te abraçado uma última vez. Sei que você provavelmente não vai me perdoar, e tudo bem. Você está com raiva, então desconte em mim. Se quiser que eu fuja, eu fujo.

—Cale a boca, Dahlia.

—Vou dificultar que me peguem, prometo. Só mais uma vez

—Eu disse. — Ele me empurra de volta para a cama, o colchão rangendo sob seu peso enquanto ele me monta, sua mão agarrando o cinto do meu roupão. — Cala a boca, porra.

Meu coração treme. E meu corpo inteiro também.

Arqueio as costas e meus dedos alcançam a camisa dele, mas ele já a tirou. Está em algum lugar no chão agora, e tudo em que consigo me concentrar são as linhas firmes dos seus músculos.

Os cortes proporcionais do seu peito e estômago, a tinta escura que escorre dos lados do corpo para o abdômen, a cabeça de cobra na clavícula, as cicatrizes

cruzando seu peito.

Ele é um espetáculo para ser visto. Um enigma dividido entre a crueldade mórbida e a compostura autoritária.

Coloco uma mão trêmula sobre uma cicatriz como se pudesse apagá-la, como se pudesse lançar um feitiço e fazer toda a dor desaparecer.

Uma inspiração profunda expande seu peito, inflando-o contra minha mão. Mas ele não a retira. Não me repreende por ousar tocar o sol.

Ainda arde, mas tudo bem. Consigo lidar com ele.

Kane desfaz o cinto do meu robe com um movimento implacável, e ele se abre, expondo minha nudez. Meus mamilos estão duros e empinados; meus seios parecem inchados.

Tudo por causa do seu olhar.

—Descontar em você, — ele repete, com a voz tensa e o peito arfando enquanto abre o zíper da calça jeans, levanta-se, tira e joga junto com a cueca boxer no chão, junto com a camisa.

—Sim. — Levo a outra mão ao rosto dele, mas, dessa vez, ele a agarra e a joga sobre minha cabeça, no travesseiro.

Mas ele não segura meu pulso machucado e, em vez disso, achata sua palma contra a minha.

Quando ele se inclina, seu peito roça meus mamilos, e solto um pequeno gemido de necessidade.

De algo muito mais profundo do que a necessidade.

—Tem muita coisa pra descontar em você, flor silvestre, então por onde devemos começar? — Ele envolve meu pescoço com a mão, inclina minha cabeça para o lado e morde o lóbulo da minha orelha. —Suas mentiras?

Meu coração dispara, uma onda de medo e prazer percorre meu corpo. Kane crava os dentes no meu maxilar, na curva do meu pescoço, no meu ombro, na minha clavícula. Nos meus mamilos.

Em todos os lugares.

Gemo, tentando agarrá-lo.

—Sua traição?

Ele passa a língua no meu mamilo torturado e me mexo, acolhendo a sensação prazerosa, mas então ele morde novamente.

—Sua falta de confiança em mim?

Arqueio as costas, minha barriga esfregando contra seu pau duro.

Uma viscosidade escorre entre minhas coxas, e as aperto em busca de alguma fricção. Mas ele solta minha mão e dá um tapa nas minhas coxas, colocando seu peso enorme entre elas enquanto continua a chupar e morder meu mamilo.

Cada lambida da sua língua é uma descarga de prazer na minha boceta pulsante, e cada mordida é um lembrete de que isso não é só prazer. Nem faz parte dos nossos joguinhos pervertidos.

É um castigo.

Um que estou disposta a aceitar.

Ele deixa uma trilha de mordidas até minha barriga, mordiscando e chupando a pele macia até chegar à minha boceta.

Jogo minha cabeça para trás enquanto seus lábios envolvem meu clitóris, sua língua rolando e se contorcendo, seus dentes mordiscando levemente.

Suor pegajoso cobre meu corpo enquanto me contorço e, embora o roupão seja macio, ele é áspero em minha pele.

Meus dedos afundam em seus cabelos, empurrando, apertando. Seu aperto em minha garganta aumenta com o ritmo, me fazendo ficar mais tensa e escorregadia.

Mais excitada do que eu imaginava que seria possível.

Vou gozar.

Vou gozar na boca dele.

Justo quando a onda está prestes a me alcançar, Kane levanta a cabeça, seus lábios ainda impregnados com minha excitação enquanto ele libera minha garganta. —Então me diga, Dahlia. Por onde devo começar?

Mordo meu lábio inferior para não gemer em protesto.

Isto não é sobre mim.

Eu não deveria estar brava.

E ainda assim…

Estou ofegante, tentando ignorar a pulsação na minha boceta. A necessidade primitiva de me esfregar no rosto dele e gozar.

—Devíamos começar por aqui, não acha? — Ele se agacha e suas grandes palmas cobrem meus quadris enquanto me desliza bruscamente para frente e manobra minhas pernas sobre seu ombro direito até que seu pau esteja cutucando minha boceta.

Concordo com a cabeça, agarrando-me aos lençóis. Uma pontada de prazer me percorre enquanto ele me penetra superficialmente. A cada empurrão, relaxo, esperando que ele me penetre como sempre, mas ele não o faz.

Minha boceta está tão molhada que, na terceira vez que ele me penetra superficialmente, aperto mais e meus olhos reviram com um gemido.

O orgasmo é intenso e poderoso, fazendo minhas pernas tremerem em seu

ombro. Adoro o contraste da minha pele bronzeada com seu tom mais claro, a maneira como seu ombro se flexiona, dando apoio aos meus dedos dos pés curvados.

—Você já está gozando? — Ele estala a língua, batendo o pau no meu clitóris sensível. —Sua boceta está com tanta fome do meu pau, não é?

Gemo enquanto os resquícios do orgasmo me percorrem, ou talvez seja um novo orgasmo sangrando no anterior.

—Sabe o que acho? — Ele enfia o pau na minha fenda molhada, provocando arrepios na base da minha barriga. —Acho que deveria foder sua bunda virgem, Dahlia. Eu deveria enfiar meu pau nesse cuzinho apertado e te reivindicar como minha de uma vez por todas.

Ele desliza minha umidade para o meu ânus, cospe na mão dele, depois a desliza entre as minhas nádegas e enfia o dedo médio no meu canal apertado.

Gemo, arqueando minhas costas enquanto ele acrescenta outro dedo, empurrando e me soltando.

O Kane costuma brincar com a minha bunda quando me fode. Da última vez que fez isso, alguns dias atrás, ele me fodeu com três dedos.

Foi estranho e doloroso no começo, mas sempre me fez gozar. Mas, por outro lado, adoro o jeito como o Kane me domina, não importa o que ele faça.

Tenho um pouco de receio de sexo anal. O pau dele é bem maior que os três dedos, mas consigo lidar com ele.

Sou a *única* que pode lidar com ele.

Ele me posiciona para cima, de modo que apenas minha cabeça e a parte superior dos ombros fiquem no colchão, cospe no meu ânus novamente e então enfia um terceiro dedo lá dentro.

Meu suspiro ecoa no ar, minha respiração entrecortada sincronizada com o tamborilar da chuva.

—Você continua tão apertada, não importa o quanto eu brinque com você. — Ele dá um tapa na minha bunda. —Como você vai encaixar meu pau aqui, Dahlia?

Esfreguei seu pau duro, já coberto com meus sucos. O pré-sêmen cobriu minhas mãos, e o usei para lubrificá-lo ainda mais.

—Mmm. É isso aí. — Ele empurra na minha mão enquanto enfia os dedos dentro de mim. —Deixa meu pau bem molhadinho pra eu poder foder sua bunda.

Minha boceta lateja e o guio para meu buraco traseiro.

—Tão impaciente. — Ele tira os dedos. —Quer que eu te foda quando você mal estiver pronta? Vai doer.

—Gosto quando dói.

—Você está tremendo.

—Está tudo bem. É você.

—Sou eu, — ele rosna as palavras. —Se for eu, você vai me deixar fazer o que eu quiser com você, flor selvagem? Você gosta quando faço o que eu quiser, não é? Sua boceta fica tão molhada e dócil, e você vira barro nas minhas mãos. Porque ninguém pode te dar o que eu posso. Ninguém além de mim pode te possuir.

Meu coração está batendo rápido porque ele está respirando com dificuldade. O suor brilha em seus músculos tonificados, e seus olhos estão tão azuis, suas pupilas tão dilatadas, que consigo ver meu reflexo nelas.

—Você tem razão. — Sorrio enquanto as lágrimas se acumulam nos meus

olhos. —Ninguém além de você pode me possuir.

Porque nunca amei ninguém além dele.

E acho que nunca conseguirei.

O motivo pelo qual o desejo tanto não é só por causa do sexo. É porque sinto a conexão mais forte quando o corpo dele se funde com o meu.

É como se eu pudesse tocar sua alma.

E acho que sim, porque ele solta um suspiro alto e fala num tom áspero: —Fala de novo.

—Você tem razão?

—Não, a parte que ninguém além de mim pode possuir você.

—Ninguém. Sou sua. Só sua.

—Só minha. — Suas mãos grandes envolvem minha cintura.

Percebo que ele quer me virar de bruços.

Não. Não, agora não.

Agarro seu braço, minhas palmas tremendo em sua pele, e balanço a cabeça, com os olhos arregalados e as bochechas coradas. —Não.

—Não?

—Quero ver seu rosto.— Ele não me solta e começo a entrar em pânico, mas sussurro: —Por favor.

—Jesus Cristo, — ele murmura, então mantém um braço em volta da minha cintura e separa minhas nádegas com a outra mão, empurrando seu pau contra meu buraco.

E então ele entra.

É lento. Terrivelmente lento, e parece cheio.

Tão cheio que acho que vou explodir.

Puta merda. Sinto minha bunda se esticando, acomodando-se, sugando-o avidamente.

—Relaxa, — ele se esforça, com o tom áspero e os músculos tensos. —Mal consegui enfiar a ponta e você já está ficando tensa. Quer arrebentar meu pau?

Ah porra.

Ah merda.

Isso foi só a ponta?

Estou suando muito, meus dedos agarrando sua cintura fina em busca de apoio, mas acho que não consigo.

—Relaxa a bunda pra mim. — Ele massageia a bochecha e dá um tapa. —Você já pegou meu pau na sua boceta; pode pegar aqui também.

Minha boceta se contrai e gemo, depois fico imóvel.

—Você gosta quando bato na sua bundinha? — *Tapa.* —É isso aí. Você está indo tão bem. Boa menina.

Minha garganta se fecha e meu coração se enche com suas palavras.

Estou tão excitada que mal sinto ele se empurrando um pouco mais. Dói. Sim, há pressão, alongamento e uma pontada de dor, mas eu gosto.

O melhor sexo sempre foi uma mistura de dor e prazer para mim. Uma combinação que só o Kane faz tão bem. Sempre há o suficiente dos dois para me manter alerta. O suficiente para me deixar molhada e ansiosa.

Entusiasmada.

Apaixonada.

Então relaxo para ele, mexendo meus quadris e deixando-o deslizar mais para dentro.

—Porra. — Seus bíceps se projetam, seus dedos afundando na minha barriga, me mantendo firme no lugar. —Você está aceitando meu pau tão bem, flor selvagem. Você está se esticando para me engolir cada vez mais fundo.

Gemo, acariciando seus lados, olhando para ele através da minha visão turva.

Kane não desvia o olhar enquanto começa a se movimentar dentro de mim, seu pau deslizando suavemente em meu canal apertado. Não há nada da sua brutalidade habitual. Sem forçar. Sem trepar como se me odiasse.

E isso me deixa mais molhada, meus movimentos mais frenéticos, meu coração tão acelerado que acho que nunca mais vou descer. Então, giro os quadris e acolho cada impulso dele com frenesi renovado.

—Devagar. — Ele dá outro tapa na minha bunda, a ardência me deixando toda molhada. —Você vai se machucar no meu pau.

—Me fode como sempre, — eu ofego com um gemido, ainda me mexendo contra ele.

—Não vou foder sua bunda como fodi sua boceta da primeira vez. — *Tapa.* —Pare de se mexer.

Meus membros ficam imóveis ao comando, e então eu vejo.

O olhar em suas pupilas dilatadas e cheias de luxúria.

Ele não quer me machucar. Ele não se importou na primeira vez naquele túnel, mas agora se importa.

Agora, ele se move lentamente, indo mais fundo, mas sem pressa.

Ele se mantém sob controle, as veias do pescoço pulsando de tensão, o cabelo úmido. Uma gota de suor cai no meu nariz e ele grunhe.

Mas ele não bate em mim.

Não bate com mais força.

Em vez disso, ele observa os sinais do meu corpo e, somente quando eu relaxo, somente quando eu o acomodo, ele acelera o ritmo.

Gradualmente.

Devagar.

Tratando-me como uma flor preciosa em vez da flor silvestre que ele sempre me chamou.

Caramba.

Acho que estou me apaixonando por ele mais do que jamais imaginei ser possível.

Uma onda de prazer me percorre, e minha cabeça fica confusa.

Meus quadris rolam, acompanhando seu ritmo, suavemente, muito suavemente, e lágrimas escorrem pelo meu rosto.

Kane se inclina para frente, coloca a língua para fora e lambe as lágrimas, engolindo-as, deixando uma sensação quente e pegajosa em minhas bochechas.

—Por que você está chorando? — Ele resmunga. —Está doendo?

—Não. É tão bom. São as lágrimas que te excitam.

Ele ri baixinho contra minha boca, seus dentes roçando o canto dos meus lábios antes de sugá-los para dentro da boca.

Kane me beija tão profundamente quanto me fode, mas é num ritmo lento, demorando-se para mordiscar meus lábios e brincar com minha língua.

E quando a mão dele, que está na minha cintura, desce até o meu clitóris, eu já era. Não vou aguentar muito tempo.

Não quando ele me fode como se o corpo dele estivesse me dizendo coisas. Coisas que eu não entendo, mas pelas quais ainda me apaixono.

Talvez seja também sua forma de despedida.

Ou talvez, só talvez, ele esteja me arruinando para outros homens.

Porque ninguém pode me tocar como ele.

Me beijar como ele faz.

Me fazer sentir segura como ele.

Gemo em sua boca enquanto o orgasmo me invade, me incendiando.

Meus braços envolvem seu pescoço, minhas unhas arranham suas costas, aquelas cicatrizes, querendo que elas sumam, mas também o amando mais por causa delas.

Porque ele *sobreviveu* a elas.

Este homem matou dois homens diante dos meus olhos há pouco tempo. Um deles era o pai dele.

E ainda me desfaço em seus braços como nunca fiz com ninguém.

O ritmo de Kane acelera, investindo em um ritmo imponente. Talvez seja porque ainda estou tonta do orgasmo, mas não dói.

Sim, me sinto satisfeita.

Tão cheia que acho que ele vai gozar no meu estômago, mas é um tipo bom de plenitude.

Eu o abraço com mais força, enquanto ele enterra a cabeça na curva do meu pescoço, e então o calor preenche minha bunda.

O mundo fica parado por um momento.

Nossas respirações ásperas ecoando no ar, seu corpo envolto no meu, seu pau pulsando dentro de mim.

Meus dedos acariciam seus ricos fios castanhos, meus olhos entreabertos, meu coração completamente cheio.

Eu te amo, quero dizer.

Mas as palavras ficam presas na minha garganta.

Embora ele tenha dito que sou só dele, o medo de que ele nunca supere minha traição me paralisa.

Então prefiro não fazer papel de boba.

Minha mão cai ao meu lado e fecho meus olhos para gravá-lo na memória.

Seu calor, sua respiração, seu coração batendo forte, seu cheiro. Seu tudo.

—Não durma ainda. — Sua voz rouca ecoa no ar. —Ainda não terminei com você.

Meus olhos se abrem e Kane se retira, seu esperma escorrendo de mim para a cama. Quero conversar mais com ele. Quero fazer muitas perguntas, mas quero aproveitar este momento por mais um tempo.

Quero apenas viver este momento.

Ele me levanta com um movimento suave, e grito enquanto envolvo meus braços e pernas em volta do seu pescoço e cintura. Ele me leva até o chuveiro com passos firmes enquanto estou toda sobre ele.

—Kane? — Respiro, meio exausta, meio emocionada.

—Vou foder a minha boceta. Dessa vez, vai ser duro.

E então ele faz exatamente como prometeu.

E eu queria que esse momento nunca acabasse.

Gostaria que a realidade nunca chegasse.

Capítulo Trinta e Quatro

Dahlia

Devo ter adormecido.

Porque na próxima vez que abro os olhos, Kane não está na cama.

É grande, intensa e tem o cheiro dele, mas ele não está aqui.

A luz da manhã entra pela grande janela, mas o quarto está vazio e desolado.

Minha garganta se fecha e a bile sobe, sufocando minha respiração.

Acho que vou vomitar.

O silêncio soa violento, cruel. Não há nem a chuva para distorcê-lo.

Olho na direção do banheiro. —Kane?

Mesmo quando chamo seu nome, sei que ele não está mais lá. Sua presença se foi, assim como seus beijos, seus sussurros sensuais e suaves.

—*Vá dormir agora, Dahlia.*

Essas foram as últimas palavras que ele me disse, depois de secar meu cabelo e me abraçar. Depois que perguntei sobre suas tatuagens e ele disse que o corvo representava a liberdade e a serpente representava o controle.

Depois que ele me deixou acariciar seu peito e murmurar palavras incoerentes contra ele. Depois que ele beijou minha testa, me senti como uma garotinha exausta demais e precisando dormir.

Porque seus braços eram seguros.

Sua voz era segura.

Então pensei que se fechasse meus olhos um pouco, ele estaria aqui quando os abrisse novamente.

Pensei que, como ele ensaboou meu corpo, me carregou nos braços e me secou, ele poderia me perdoar.

Pensei que, como vi a preocupação e as emoções enigmáticas em seus olhos, ele poderia ficar comigo.

Mas talvez eu tenha pensado errado.

Porque ele se foi e sou a única nesta cama enorme.

Talvez ele não consiga superar minha traição, afinal.

Minha respiração fica lenta e entrecortada, e acho que estou tendo um ataque de pânico.

Respire.

Apenas respire.

Quem diabos você pensa que é, Dahlia? Manter você? Uma vadia de rua que nem deveria olhar para ele, quanto mais tocá-lo?

O pai dele estava certo.

Megan estava certa.

Preston e Jude estavam *tão* certos.

Ele é um Davenport.

Não importa o quanto eu tente apagar esse sobrenome, ele o define.

E agora que seu pai está morto, é *ele.*

Puxo os joelhos até o peito e um cheiro da colônia dele invade minhas narinas. Me dá vontade de chorar.

Por que ele me tratou daquele jeito se ia me descartar?

Se ele fosse mais cruel, provavelmente não teria doído tanto.

Um telefone conectado a um carregador acende no criado-mudo.

É meu, percebo.

Meus dedos tremem enquanto o pego. Recebo algumas mensagens preocupadas da Megan, pois ela não tem notícias minhas há algum tempo. Respondo dizendo que estou bem e que é uma longa história.

Deveria me levantar, localizar minha irmã e...

Meu coração quase para quando encontro mensagens de Kane.

Algumas delas são de quando desapareci na vila, mas as que me fazem tremer toda são as mais recentes, de uma hora atrás.

Kane*: Preciso cuidar das consequências da morte do Grant. Não se mexa. Ligue para a cozinha pelo interfone do quarto e eles prepararão a comida que você quiser. Conversamos quando eu voltar*.

Kane*: PS: Vou levar você para visitar sua irmã quando terminar.*

Meus dedos tremem ao redor do telefone. As únicas palavras que vejo entram e saem de foco.

Conversamos quando eu voltar.

Nós *conversaremos.*

Nós. Vamos. Conversar. Terei que pagar um preço pelo que fiz? Não me arrependo de nada, mas sei como Kane vai interpretar minhas ações.

Traição.

Ou talvez seja outra coisa?

Contra a minha vontade, uma centelha de esperança surge nos cantos escuros do meu peito.

Uma batida ecoa no silêncio, e acho que é a sensação do juízo final na minha

cabeça, mas ela volta. Mais forte dessa vez.

—Dahlia?

Levanto-me com dificuldade ao som da voz suave de Helena e rapidamente visto a camisa de Kane, que ele deixou no chão. Ela só chega às minhas coxas, mas é melhor que nada.

—Só um segundo, — grito enquanto corro para a porta dourada ornamentada. Sinto-me constrangida só de tocá-la.

Quando abro, encontro Helena parada do lado de fora, mal preenchendo seu vestido branco e reto, sua pele pálida em contraste com a cor, mas há um brilho de vida em seus olhos fundos.

—Oi, — digo sem jeito, puxando a camisa para baixo.

—Obrigada por me receber.

—Sempre que quiser. Hum, desculpe pela minha aparência. Não sei onde estão minhas roupas.

—Elas estão sendo limpas. A equipe as trará o mais rápido possível.

—Obrigada.

Ela segura minhas mãos. —Sou eu quem deveria te agradecer. E te pedir desculpas. Eu não queria que o Kane viesse e se machucasse, mas ele me lembrou de tudo o que você fez por nós. Ele me lembrou que é uma pessoa muito melhor do que jamais serei, e quero me desculpar por ter pedido para ele te dar as costas.

—Você só estava com medo pela vida dele, — digo em voz baixa. —Eu é que deveria me desculpar. Foi por minha causa que... uh... seu marido... morreu.

—Pelo contrário, sou grata.

—Mesmo que… Kane se tornasse um assassino?

—Não é o primeiro assassinato dele e não será o último. Mas, pelo menos desta vez, ele fez por si mesmo. Ele finalmente se livrou, e a mim também, por coincidência, das correntes do Grant. Então, obrigada, Dahlia. — Ela aperta minha mão. —Que bom que você está na vida do Kane.

Não. Estou feliz que ele esteja na minha.

Um homem alto, vestido de mordomo, caminha em nossa direção carregando uma cesta. Samuel.

Helena me solta enquanto enxuga os olhos. —Pronto. Samuel trouxe suas roupas.

—Julian Callahan está aqui, — ele anuncia assim que pego a cesta.

Minha mão se aperta ao ouvir o nome. Helena apenas franze a testa. —Se ele está aqui por Kane, então diga a ele que ele não está.

—Ele quer falar com a Senhorita Thorne. Está no escritório do falecido Senhor. Davenport.

Meu coração dispara e acho que estou tremendo, porque Helena envolve um braço em volta dos meus ombros e acaricia meu braço.

—Diga a ele para voltar quando Kane estiver aqui, — ela diz a Samuel.

—Muito bem, senhora.

—Não, está tudo bem. — Soltei um suspiro. —Vou me trocar e já volto.

—Você não precisa fazer isso. — Helena franze a testa ainda mais. —Julian é uma cobra de quem ninguém gosta por um motivo. É melhor você esperar pelo Kane.

—Eu vou ficar bem.

Se Julian pretende prestar queixa pelos testes de DNA e pelo uso ilegal de seu laboratório, não quero que ninguém, muito menos Kane, esteja lá.

Depois de vestir minha calça jeans e camiseta limpas e cheirosas, Helena ainda tenta me persuadir a não ir, mas garanto a ela que ficarei bem e seguirei Samuel.

Quando ele abre a porta e fica do lado de fora, percebo que estou mentindo descaradamente.

Julian me dá arrepios. Juro que ele é mais assustador que o irmão. Pelo menos Jude é mais direto e não tem aquela aura macabra que me atinge assim que entro em um lugar.

A porta se fecha e me arrependo de não ter levado Helena junto.

O escritório de Grant é tão escuro quanto sua alma. As prateleiras e a escrivaninha são de um marrom escuro, os sofás são pretos e o papel de parede é de um verde deprimente.

Julian está parado junto às prateleiras, folheando calmamente as páginas de um livro de capa dura. Leio *Diógenes de Sínope* na lombada antes que ele o incline e me encare, com o olhar penetrante e o corpo ereto sem esforço.

—Você queria me ver? — Pergunto, mantendo uma distância segura dele e perto da porta.

—Sim, imaginei que agora seria o melhor momento antes que Kane termine de fazer o assassinato do pai parecer um acidente de barco. — Ele sorri. —Eu não pratico canibalismo, então pode relaxar. Não vou te comer.

Ele vira outra página, mesmo olhando para mim, com um gesto meticuloso e um tanto ameaçador. Talvez não seja o ato em si, mas o olhar morto em seus olhos.

Então é assim que um Fundador da Vencor se parece em todos os momentos.

É sufocante.

—Veja bem, Grant cometeu um erro. — Ele vira uma página, faz uma pausa e vira outra. —Ele subestimou as emoções de Kane. Ele nunca imaginou que o filho que ele moldou como uma cópia de si mesmo tiraria uma página do seu livro e simplesmente o removeria de cena para atingir seus objetivos. Ele também subestimou você e sua capacidade de ser o catalisador que levou Kane a dar aquele último passo. Ele realmente perdeu o jeito no final, especialmente depois de ser meio que forçado a abandonar o irmão e parte do seu poder. Triste, não acha?

—Só estou triste porque Kane teve que viver como filho daquele idiota por vinte e um anos.

—Nossa, você já está virando o cão de guarda dele. — Ele sorri, o gesto assombroso. —Isso vai ser divertido.

—Isso?

—Senhorita Thorne, suponho que Grant nunca teve a chance de lhe dizer quem tentou matar sua irmã, certo?

Meus músculos ficam tensos e meus punhos cerram.

—Vou interpretar isso como um não, principalmente porque você ainda está aqui. — Ele vira uma página. —Outros cães mordem seus inimigos. Eu mordo meus amigos para salvá-los.

—O que?

—Diógenes disse isso.

—Estamos aqui para discutir filósofos?

—Kane é um cínico tirado da carne de Diógenes. Ele machucaria Jude e Preston se isso os mantivesse seguros. Ele é melhor que Grant nesse aspecto e um verdadeiro pragmático que pondera todas as opções antes de agir.

—E?

—E você acredita que sairá ilesa do modo como a mente dele funciona?

—Isso não é da sua conta.

—Viu, é aí que você se engana. Hora da história. Talvez você queira se sentar para ouvir isso.

—Estou bem.

Ele levanta um ombro enquanto folheia as páginas como se fosse ali que a história estivesse. —Há alguns anos, uma mulher foi esfaqueada até a morte, em plena luz do dia, vinte vezes. Sabe o que significa ser esfaqueada vinte vezes, Senhorita. Thorne? Significa que ela deve ter sentido mais dor da primeira facada, no rim. Deve ter sido aguda e doído muito, e provavelmente foi mais doloroso do que quando ela deu à luz. Ela gritou, alertando todos na rua sobre o que estava acontecendo. A segunda facada foi ainda pior. Atravessou seu estômago. Assim como a terceira e a quarta. Ela desmaiou depois. Rastejando, sangrando, a boca borbulhando com o gosto metálico, e implorando por ajuda. Alguém. Qualquer um. Eles não vieram. Mas a quinta facada veio. Esta atingiu seu coração. Ela morreu então. Ela estava sangrando na calçada, seus olhos vazios encarando o Deus em que acreditava, mas ele a deixou morrer como um cachorro. Mas não terminou aí. Seu cadáver foi esfaqueado repetidamente, no peito, nos genitais, no estômago, até que os intestinos dela estavam pendurados; seu rosto foi jogado no pavimento até que seus olhos saltassem para fora ...

—Aonde você quer chegar com isso? — Pergunto bruscamente, sentindo um enjoo. Mas, acima de tudo, não gosto de onde isso está me levando.

—Só uma descrição da história por trás. É fascinante como você não aguenta ouvir, mas as pessoas presentes assistiram e não fizeram nada.

—O que isso tem a ver comigo?

—Veja bem, uma das pessoas que estava presente e que virou as costas enquanto aquela mulher era assassinada a sangue frio não é ninguém menos que sua querida e inocente irmã, Violet Winters.

Dou um passo para trás e levo a mão à boca para cobrir meu suspiro.

—Surpresa que sua irmã carinhosa e de rosto angelical, que não faria mal a uma mosca, ficou parada assistindo uma mulher ser morta?

Balanço a cabeça. —Ela nunca faria isso...

Um choque estala na minha cabeça.

Lembranças de Vi chegando em casa e vomitando, com o rosto pálido e o corpo inteiro tremendo. Ela disse que comeu algo estragado e estava com dor de estômago. Ela foi dormir cedo e saiu cedo no dia seguinte. Ela ficou afastada por mais de duas semanas, retraída e completamente fora de si.

Sempre que eu perguntava, ela dizia que era estresse do trabalho, da escola e das contas, e eu acreditava nela.

Porque Vi nunca mentiu para mim.

—Ela fez. Há imagens de segurança para provar. Ou havia. Fiz questão de apagar e me livrar de tudo.

—Você é parente da morta? É por isso que…?

—Ela era minha madrasta. Mãe do Jude.

Meu Deus.

Meu Deus.

—Veja bem, Jude amava muito, *muito mesmo* a mãe dele. Eu também gostava dela. Ela era diferente da minha. Era doce e se esforçava ao máximo comigo. Ela até tentou me proteger do meu próprio pai. Uma mulher boba. E o mais importante: ela tratava Jude como se fosse seu tesouro. Então você pode

imaginar a raiva e a sede de vingança dele. Mas apaguei aquela filmagem dos registros para acabar com a sede de sangue dele. No entanto, você sabe quem conseguiu algumas das filmagens antes que eu pudesse apagar tudo? Aquele que morde os amigos para ajudá-los?

Estou balançando a cabeça, para um lado e para outro. Para um lado e para outro.

—Isso mesmo, Kane. Para satisfazer a necessidade de Jude por matar e se vingar, ele cortou a filmagem em pequenos clipes e reuniu uma lista com os nomes de todos os presentes naquele dia. Ele também criou arquivos cheios de informações sobre eles, suas famílias, suas fraquezas, o que os motivava. Até seus hábitos estão lá. Guardados com cuidado em seu arquivo. De vez em quando, ele dá um nome a Jude e o ajuda a tornar suas vidas um inferno completo. É poético, na verdade. Jude quer que cada testemunha chegue ao fundo do poço, para que tenham que pedir ajuda e não a encontrem, assim como sua mãe. Então, depois que se divertem, Preston, Jude e Kane os sequestram, os soltam na floresta e se entregam a uma caçada à moda antiga.

Minhas pernas falham e agarro uma cadeira próxima para permanecer de pé.

Isso não pode ser real.

Julian está mentindo. Ele está mentindo.

—Nem preciso dizer que Kane sabia da sua existência muito antes de você vir para cá. Ele deve ter te visto também, durante uma das sessões de perseguição dele e de Jude. Não sei se ele mexeu os pauzinhos para te trazer aqui, mas, conhecendo o Kane, provavelmente mexeu. Talvez ele quisesse brincar com você também. Talvez você tenha chamado a atenção dele, não sei. Ele com certeza se deu muito trabalho para arranjar uma iniciação falsa.

—Falsa? — Meus lábios tremem ao ouvir a palavra.

—Você não achou que fosse real, achou? Nossa, achou mesmo. Veja bem, é por isso que os forasteiros devem permanecer do lado de fora. Eles são inconstantes e incapazes de discernir os sonhos da realidade. Nossas iniciações alteram a própria estrutura da sua alma. Se você tivesse passado pela experiência real, não teria sobrevivido. Kane tem uma quedinha por você, e é por isso que ele planejou toda aquela farsa diluída e até convidou os amigos para participar. Se fosse real, você não teria sido aceita no processo de seleção inicial. Somente aqueles que nasceram em Vencor podem iniciar, e ocasionalmente convidamos aqueles que consideramos dignos para estarem entre nós.

Não era real.

Toda aquela tortura psicológica e sexo brutal era uma farsa?

Não. Como isso pode ser verdade? O Julian deve estar tentando me irritar.

—Não foi ele, — digo tão baixo que mal consigo ouvir.

—O que é que foi isso?

—Kane não machucou a Violet. Ele não poderia ter feito isso! — Grito, ofegante. —Ele não faria... ele não faria isso. Ele... não era compatível naquele teste de DNA.

—Ah, isso. O DNA encontrado sob as unhas da sua irmã foi, na verdade, trocado com o de uma pessoa morta. É claro que não haverá correspondência. — Seus lábios se abrem num sorriso irônico. —Quem você acha que trocou?

—Não…não…

—Kane.

—Não!

—Não me importa se você não acredita em mim. Você pode ficar aqui e matá-lo, por mim. Ou esperar o tempo suficiente para que ele se canse dos

joguinhos e te mate. Não faz diferença. Mas tem outra coisa que você precisa saber primeiro.

O encaro através da minha visão turva.

—Sua irmã. Ela está acordada.

—O-O quê?

—Tecnicamente, o coma dela é induzido.

—Do que diabos você está falando? Os médicos disseram que ela estava em coma.

—Meus médicos. *Meu* hospital. *Meu sistema. Estou prestes a lhe dar muitas informações e quero que* fique quieta e ouça. Posso garantir que sua irmã está acordada e se recuperando bem, e você poderá descobrir mais sobre o paradeiro dela se fizer a escolha certa. Violet acordou no mesmo dia em que foi internada e queria fugir de Jude a qualquer custo, mas sabia que ele a encontraria, não importava para onde fosse, então fechamos um acordo. Ela se voluntaria para testar meu medicamento experimental que a faria parecer em coma e, em troca, eu providencio sua realocação e a dela para que Jude não possa encontrá-la quando ela acordar. Assim, ela poderá escapar das notórias caçadas do meu irmão. Mas ela acordou mais cedo do que o previsto porque não podíamos continuar administrando o medicamento quando ele a sequestrou depois que a tirei do hospital e, quando a peguei de volta, ela estava começando a acordar. Acontece que meu irmão já estava ficando desconfiado porque ela não estava apresentando os mesmos sinais que o seu... Guarda-costas em coma. Chegamos ao fim do teste mesmo assim, e estou satisfeito com os resultados.

Jude a sequestrou? Mas se Julian a encontrou novamente, isso significa que ela está bem, certo?

Minha mente gira enquanto as peças começam a se encaixar.

As contas da Vi estão sendo pagas integralmente, sem nenhuma condição.

O médico de Vi, que se recusou a permitir que qualquer outro médico se aproximasse dela.

O guarda em coma de Jude, Mario, bem ao lado de Violet.

Agora que penso nisso, o cara encapuzado que estava sobre a cama de Vi tinha uma constituição muito parecida com a de Jude.

Oh meu Deus.

—Você tem duas opções. — Ele levanta um dedo. —Uma, você fica aqui, espera por Kane e perde sua irmã. — Ele levanta outro dedo. —Segunda. Você desaparece com sua irmã em algum lugar seguro que eu arranjo. Para sempre.

Meus lábios tremem. —Por que... você está fazendo isso?

—Eu não gosto de você nem da sua irmã. Forasteiros devem ficar do lado de fora. Assim, Jude e Kane vão cair na real logo. Limpar a sujeira deles é um saco.

Baixo a cabeça enquanto lágrimas se acumulam em meus olhos e pingam em meus tênis brancos surrados.

Poderia Kane ser o responsável por tudo?

Ele poderia ter me manipulado como uma marionete?

Ele não teria me feito sentir mal por mentir quando ele já sabia de tudo.

Certo?

Ou finalmente fui queimada viva pelo sol?

Capítulo Trinta e Cinco

Kane

Depois que voltei de alimentar os tubarões com meu pai, Dahlia desapareceu.

De novo.

Ela desapareceu do meu alcance.

Porra *de novo.*

Voltei para lhe contar a verdade. Para lhe garantir que tudo está perdoado. Na verdade, não há nada a perdoar.

Depois da noite passada, depois do jeito como ela dormiu pacificamente em meus braços, decidi que era hora de começar do zero. Não posso forçar Jude a gostar dela, e ele provavelmente nunca gostará, mas posso protegê-la dele.

De qualquer forma, ela não tem nada a ver com a obsessão dele.

A irmã dela tem, mas a irmã dela está praticamente morta.

Pode doer, mas ela acabará aceitando essa realidade.

Ela aceitará que eu sou tudo o que ela tem.

O *único* que ela pode ter.

Mas ela não está aqui.

Ela até deixou o telefone para trás.

O maldito Julian Callahan veio e falou com ela, e ela foi embora com ele. Foi o que minha mãe e Samuel disseram.

É isso que assisto nas imagens de segurança da casa repetidamente, em um

looping. Não consigo parar de olhar para o jeito como ela caminha pesadamente atrás dele, seus movimentos letárgicos, seus olhos sem alma.

Seu fogo foi completamente extinto.

Ela nem tinha aquele olhar quando Grant a acorrentou em sua maldita masmorra.

Uma masmorra que passei a última hora destruindo com um facão, como se isso fosse extinguir as memórias torturantes ou a imagem de Dahlia pendurada nas correntes enquanto sangrava.

E agora, Julian a levou embora.

Julian está interferindo na minha vida.

Ele definitivamente não aprendeu nenhuma lição com o assassinato de Grant. Se eu consegui matar meu próprio pai, nada nem ninguém vai me impedir.

Não Julian, não as regras.

Nem mesmo o Vencor.

Meus passos são largos enquanto caminho em direção ao anexo secundário, onde residem os lacaios do meu pai, seguido por Samuel. Ele já os informou sobre o novo dono, e este tem sua primeira missão para eles.

Enquanto caminhamos, pego meu telefone e mando uma mensagem no chat do grupo.

Eu: *@Jude Callahan, estou informando que seu irmão está no meu caminho e eu posso ou não matá-lo.*

Jude: *Não antes de mim. Ele sequestrou a Violet. De novo.*

Eu: *Porra. Deve ser por isso que a Dahlia foi com ele.*

Preston*: Uau. Vamos brincar com o Julian, é? Não conte comigo. Vou ficar*

aqui chapado.

Eu: *Julian está na casa principal?*

Jude: *Na casa da esposa.*

Eu: *Melhor ainda. Lembra quando eu disse que ameaçá-lo era arriscado? Esquece. Vou levar nossos homens.*

Preston: *Ei... vamos respirar fundo. Inspirar. Expirar*.

Jude: *Trarei os homens aos quais tenho acesso.*

Preston: *Jesus Cristo. Calma. Você quer morrer?*

Eu: *Agora sou o chefe da família Davenport, e Julian invadiu a propriedade Davenport e tomou o que é meu. Ele precisa pagar.*

Jude*: Já passou da hora. Ele precisa parar de se intrometer.*

Preston: *Parece perigoso. Estou dentro.*



Algumas horas depois, estávamos todos reunidos em frente à casa da esposa de Julian, nos arredores da cidade, longe de Ravenswood Hill, na fronteira com a região onde vivem os pobres da cidade vizinha.

Depois que Jude e eu ordenamos aos nossos homens que cercassem a casa, desarmamos os seguranças da frente e seguimos para o segundo andar, onde ficam os quartos. É quase meia-noite, então o filho da mãe deveria estar dormindo.

Apesar da falta de luz, Jude, Preston e eu nos movemos com facilidade. Passamos a vida inteira mergulhados na escuridão. Isso é brincadeira de criança.

—Então... — Preston anda de costas na nossa frente, de frente para nós. —

Estamos arriscando minha preciosa vida por uma boceta?

—Cale a boca, Armstrong, — diz Jude sem nem olhar para ele.

—Só estou esclarecendo as coisas. Jamais faria isso por uma boceta. É tão ridículo que estou pensando em te expulsar do Clube Privilegiado de Sexo do Preston.

—Considerem-me expulso, — digo, com os músculos inchados de tensão.

—Nunca quis estar nisso, para começo de conversa, — acrescenta Jude.

—Mentirosos. Vocês me amam e não conseguem sobreviver sem mim. Se eu fosse mulher, vocês estariam brigando pela minha beleza.

—Brigando para ver quem vai cortar sua cabeça primeiro, — digo. —O que já estamos fazendo.

—Estaria me fazendo de difícil, Dallas não teria nada contra mim. — Ele sorri, ignorando minhas palavras, e então dá uma chave de braço em Jude. — Acho que ainda vou escolher o grandalhão. O pau dele é maior.

Jude lhe dá uma cotovelada. —Vou esfaquear seu pau se você não levar isso a sério.

—Não, meu precioso pau. Como é que vou relaxar? — Preston solta a mão com um beicinho e continua andando para trás. —Além disso, essa coisa toda é idiota, e o Julian provavelmente vai botar fogo na gente. Você nem deveria estar tão envolvido, Jude. Seu irmão estaria te fazendo um favor se matasse aquela zé-ninguém.

Jude o encara, seus olhos quase atirando punhais. —Ninguém além de mim pode matar meus alvos.

—Shh. — Levo a mão à boca e saco minha arma ao som da voz fria de Julian.

Jude faz um gesto em direção à porta atrás dele, e então nós três nos aproximamos.

Chuto a porta para abri-la, com a arma na mão, mas ficamos paralisados ao ver Julian sentado em uma cadeira, lendo um livro em voz alta, enquanto sua esposa, Annalise, está deitada na cama, dormindo.

Ela se assusta com o chute forte e se senta, com os olhos desfocados e o rosto pálido.

Annalise Callahan é o maior mistério desta cidade. Ela mal é vista, menos que minha mãe, e correm boatos de que Julian a está usando como cobaia para seus mais recentes testes experimentais de drogas.

Mas ninguém realmente se importa.

—Julian…? — Ela pergunta, com a voz baixa, quase áspera.

Ele acaricia os cabelos dela e sorri. Não sabia que o filho da puta era capaz disso.

—Volte a dormir. Já volto.

Ela agarra a camisa dele e balança a cabeça, mas ele a solta e olha para nós, seu sorriso desaparecendo num piscar de olhos.

—Vamos conversar lá fora.

Preston salta primeiro. —Fui arrastado para cá contra a minha vontade. Eles fizeram isso!

Todos nós saímos. Jude não quer realmente machucar a cunhada e deixou claro que ameaçar Julian com a vida dela é aceitável, mas ela não deve ser tocada.

—Annalise não deve ser machucada, — foram suas palavras exatas assim que chegamos aqui.

O líder de fato do clã Callahan lança um último olhar para a esposa, fecha a porta e passa a mão pelos cabelos. —Agora, preciso mutilar você.

—Eu não. — Preston levanta a mão. —Contra a minha vontade, lembra?

Encosto a arma na têmpora de Julian. —Cadê a Dahlia?

Ele nem pestaneja. —Em algum lugar bem longe de você.

—Estamos com a casa cercada, Julian. Se você não me disser onde ela está agora, eu estouro seus miolos.

—Fique à vontade. Caso eu morra, meu pessoal explodirá Dahlia e Violet.

Eu congelo.

Claro que ele teria um plano B. Não seria Julian se não tivesse.

Jude agarra o irmão pela gola da camisa. —Que porra você está fazendo?

—Colocando a cabeça de volta no lugar certo. No jogo, nos seus papéis. Sem distrações.

Preston bate palmas. —Obrigado! É isso que eu venho dizendo.

—Acha que não vou encontrá-la? — Respiro perto do rosto dele. —Tenho todos os recursos para isso, e aquelas promessas de investimento que te fiz? Considere-as canceladas e divididas entre Serena e Atlas.

—Não importa se você a encontra ou não. Ela sabe tudo sobre o seu envolvimento no ataque à irmã dela e como ela foi parar em Graystone Ridge. A pobre garota ficou abalada com a realidade de que você é o mentor. Ela realmente tentou te defender também. Até que não conseguiu mais negar a verdade.

—Você… contou a ela?

—Sim. De que outra forma eu a faria ir embora?

Levanto a mão e dou um soco na cara dele. —Você não tinha o direito de contar a ela. Essa não era uma conversa sua.

—Depende de mim como usar as informações à minha disposição. — Ele limpa o nariz sangrando. —Quanto a questões comerciais, você vai voltar ao seu bom senso. Nem Serena nem Atlas podem ajudá-lo a manter a base instável dos Davenports como eu.

—Não preciso de você para isso. Tenho meu tio.

—Kayden não pode voltar tão cedo, mesmo que Grant esteja morto, e você sabe disso. Você precisa ficar mais forte e impor suas próprias regras primeiro.

—Julian, — rosna o irmão. —Não me faça te machucar.

—Você pode tentar. — Julian me encara. —O acordo é o seguinte, Kane. Se você conseguir trazer a Dahlia de volta por vontade própria, não vou mais tocar nela, e você não vai ter birra por causa de negócios.

Meu maxilar se contrai.

—Agora, saia da minha propriedade. Se invadir minha casa de novo, eu te mato.

Então ele se vira e volta para o quarto, fechando a porta atrás de si.

—Boa noite, Julian! — Diz Preston em tom cantado. —Desculpe pela visita tardia! Mandarei flores amanhã de manhã!

Jude caminha em direção à porta, mas Preston o segura. —Não vou me livrar dos seus corpos esta noite.

—Esqueça, Jude. — Deixei minha arma cair ao meu lado. —Eu mesmo vou encontrá-las. Mesmo que seja a última coisa que eu faça.

Preston estala os dedos na minha direção. —Esse é o espírito. Ainda odeio o rumo que isso está tomando, mas enfim. Vamos cair fora.

Ele começa a nos arrastar para fora, brincando sobre como escapamos ilesos enquanto Jude bate em sua cabeça.

Quando estamos na garagem, meu telefone vibra e o pego, esperando Samuel.

Número desconhecido.

Atendo e, assim que ouço respirações ásperas e entrecortadas do outro lado da linha, fico imóvel, meus dedos apertando o telefone.

—Dahlia?

—É verdade? — Sua voz está fraca, rouca, como se ela tivesse passado horas chorando.

—O que quer que Julian tenha lhe contado é um absurdo. Onde você está? Eu vou te buscar …

—Só me diga. Você sabia o tempo todo sobre a Violet? Sobre a ligação com a mãe do Jude? Sobre *mim*?

—Não é o que parece …

—Sim ou não. — Ela me interrompe. De novo.

Meu maxilar se contrai. —Sim.

Ela ri então, o som perfurando meus ouvidos enquanto soluços ecoam por ele.

Não consigo deixar de lembrar da primeira vez que a vi rir.

Naquele dia, do alto do telhado.

—Meu Deus, você deveria estar orgulhoso de si mesmo. Você me enganou tão bem, Kane. Espero ter te entretido o suficiente.

—Você nunca foi o assunto do meu entretenimento, — retruco, depois me

contenho e respiro calmamente. —Vamos nos encontrar. Precisamos conversar.

—Então você pode terminar o trabalho com a Violet?

—Eu não vou machucá-la.

—Mas Jude vai. Como fez alguns meses atrás.

—Ele não ...

—Pare de mentir para mim!

Porra. Se ela falar mais uma vez, vou agarrar a garganta dela pelo maldito telefone.

Por que diabos ela não me deixa falar?

—Só para você saber, se o Jude chegar perto dela, eu mato ele. — Todos os seus fungados desaparecem e ela soa fria como pedra, distante. —Não me deixe ver seu rosto de novo ou mato você também.

O telefone fica mudo.

Capítulo Trinta e Seis

Kane

Seis Meses Atrás

— É este o lugar?

A voz de Jude é carregada pelo vento, sem fazer nada para interromper o caos lá embaixo.

—Infelizmente, sim, — digo.

A maioria das lâmpadas da rua está queimada, apenas três funcionam em toda a rua. Mas, enquanto seus olhos escuros examinam a área abaixo, observando atentamente o bairro suspeito pra caramba, ele parece um ceifador com sede de sangue.

O lugar tem um cheiro tão forte de pobreza que tivemos que deixar a moto do Jude e meu carro no posto de gasolina para não chamar a atenção e alugamos um Hyundai para chegar a essa porcaria de sociedade humana.

O fedor de mijo, vômito e lixo podre enche o ar, engrossando e rodopiando na umidade da noite.

Daqui de cima, temos uma vista perfeita das ruas sujas, das sombras que se movem como fantasmas sob os postes de luz bruxuleantes.

Pequenos traficantes encostam-se nas paredes, mal se escondendo na escuridão, entregando sacos de pó ou pílulas em mãos gananciosas, com os olhos percorrendo tudo, o hálito rançoso poluindo o ar. O leve murmúrio das trocas é pontuado por gritos ou tosses ocasionais vindos dos becos ou das paredes finas como papel. De vez em quando, ouve-se o barulho abafado de uma garrafa rolando no pavimento rachado.

Um casal de moradores de rua se amontoa num canto, exaustos demais para se importarem com as brigas que se formam ao redor. Seus trapos pendem como pele morta, seus rostos encovados perdidos na sombra de um mundo que não dá a mínima para eles.

Há o som de garrafas de vidro quebrando e uma discussão murmurada entre dois pequenos gângsters sob o brilho de uma placa de neon quebrada, suas vozes baixas, mas ameaçadoras, a tensão vibrando no ar.

—Que merda, — Jude sorri. —Combinam, sério. Afinal, ratos vivem em esgotos.

—Quais são seus planos para esta?

—Grande. Como sempre. — Ele inclina a cabeça na minha direção. —Mas será um desafio tornar a vida dela ainda mais miserável do que o inferno em que ela vive.

—Duvido que exista um inferno pior que o seu.

—Não vou discutir sobre isso ...

Ele franze os lábios quando uma garota caminha penosamente pela rua, com os ombros curvados. Seus cabelos claros estão escondidos por um moletom enquanto ela acelera os passos, escapando por pouco das duas brigando e atirando cacos de vidro uma na outra.

Demoro um segundo para perceber que ela é nosso alvo.

Violet Winters.

—É ela, — digo. —De volta do seu turno da noite em algum outro inferno.

Jude não diz nada.

Seus olhos se estreitam, e acho que vejo uma faísca iluminando o marrom escuro antes que ele volte à sua letalidade habitual.

—Mais um filho da puta que vai embora, — ele murmura, e mesmo que seja baixo, sua voz é mais profunda.

Sua postura está mais ereta, seu olhar mais calculista do que o normal.

Violet para perto dos moradores de rua dormindo, sem que ninguém perceba, então ela enfia a mão na sacola plástica, tira dois sanduíches e os coloca nos pratos deles.

Ela se levanta, começa a andar, então para, tira algumas notas do bolso, suspira e as coloca embaixo dos sanduíches, escondendo-as cuidadosamente.

Jude ri, o som baixo e sinistro. —Temos uma santa nas mãos, Kane. Que ironia.

—Não é bem ironia. Naquele dia, ela foi a única a ligar para o 911. Ela também é a mais limpa do grupo. Não importa o quanto eu cavei, não consegui encontrar nenhuma sujeira nela. — Eu o encaro. —Sinceramente, se você a deixar apodrecer, a vida dela fará as honras.

—A inocência repugnante dela vai matá-la, hein?

—Possivelmente.

—Pena que eu não acredito em inocência. Ninguém daquele dia é inocente.

Enquanto ela corre em direção à casa onde o senhorio aluga o sótão para ela e sua irmã, Violet é puxada de volta pelo cotovelo.

Por um dos bêbados cambaleantes. Cabelo oleoso e desgrenhado, barriga de cerveja e fala arrastada.

—Oi, lindaaa. Quer uma carona?

Seu rosto fica vermelho e ela tenta puxar o braço. —Por favor, me solta, Dave.

Muito mole.

Muito suplicante.

Que cordeiro.

Estou surpreso que ela tenha durado tanto tempo neste tipo de bairro.

—D-Dave, você está me machucando... por favor... — Ela se solta, mas não dá um passo antes que ele a segure por trás, suas mãos tateando por toda parte.

Jude dá um passo à frente.

—Que porra você está fazendo? — Sussurro. —Só estamos aqui para assistir.

Ele dá mais um passo quando a porta da casa dela se abre com violência.

Uma menina baixinha, de camiseta larga, corre para fora, de chinelos, o cabelo escuro preso em uma bandana. E ela segura uma arma na mão direita.

—Solte-a, Dave! — Ela grita.

Ele se afasta imediatamente, levantando as duas mãos no ar. —Uau. Puta merda, sua vadia.

—Vai se foder, seu babaca! — Ainda apontando a arma para ele, ela puxa Violet para o seu lado.

Estou de pé agora.

Mesmo daqui, consigo ver a postura dela: desafiadora, firme, ombros eretos, apesar da imundície que a cerca.

Dahlia Thorne. Irmã adotiva de Violet e única forma de família.

As fotos dela não lhe fazem justiça.

Ela é muito mais fogosa na vida real.

Seus olhos, que eu sei que são castanhos, estão brilhando com fogo, e ela

segura a arma com firmeza.

Ela está espantando o bêbado, apesar dos seus xingamentos arrastados. Sua irmã está logo atrás dela, com os olhos arregalados e frágil, mas Dahlia está empurrando o bêbado com firmeza.

Ela já passou por isso antes.

Hmm. Então ela é a razão pela qual Violet não acabou numa vala em algum lugar.

O bêbado avança em sua direção novamente, mas ela o empurra com mais força, a voz clara e gutural. —Cai fora, Dave! Larga essa bebida.

Desta vez, ele tropeça na noite, perdido na sarjeta.

Ela continua apontando a arma até que ele saia de vista.

Uma lutadora.

Meu dedo indicador treme e giro o anel. Uma vontade repentina, que nunca senti antes, toma conta da minha cabeça.

Quero quebrá-la, ver além da sua pele e descobrir o que a faz funcionar.

Dahlia envolve o braço em volta da irmã enquanto a guia até a casa. O contraste é nítido mesmo na escuridão. Violet é mais clara, mais recatada e tímida. Dahlia é mais bronzeada, mais vibrante e tem uma energia que pode ser sentida a quilômetros de distância.

—Eu estava esperando por você, Vi. — Ela a abraça de lado enquanto caminham.

—Onde você conseguiu a arma? — Sua irmã repreende.

—O Sr. Song me pagou para limpar. Ele queria me dar dez pratas, mas negociei e consegui vinte. Não é incrível?

—É perigoso. Devolva para ele.

—Está vazia, mas Dave é um idiota, então... — Ela para e ri sem jeito.

—Era a sua barriga? Você não comeu o dia todo, não é? — Pergunta Violet, e começa a empurrá-la, mas Dahlia a abraça com mais força.

—Você sabe que eu odeio cozinhar. Eu estava tão ocupada com a escola que esqueci.

—Que criança! — Violet suspira e lhe entrega o saco plástico. —Aqui, comprei um sanduíche para você. Vou preparar algo para amanhã.

—Urgh, eu te amo, Vi. Também comprei uma coisa para você. Adivinha?

—O que?

—Os adesivos mágicos para dor nas costas! Também aprendi essa nova técnica de massagem com a Sra. Liu, minha vizinha. Ela jura que vai aliviar o desconforto.

Sua irmã acaricia seu cabelo, e suas vozes se misturam e terminam em uma conversa indistinguível enquanto elas entram no barraco que chamam de lar.

Me vejo inclinado para frente, tentando dar uma última olhada nela antes que ela desapareça completamente.

Dahlia, não Violet.

Viemos aqui por Violet, mas é o sorriso de Dahlia que está gravado em minha mente.

Em um segundo, vários cenários passam pela minha cabeça.

Todos eles terminando com ela sob minhas garras.

Encaro Jude, que ainda observa a casa, com o olhar morto e a postura rígida. —Conte-me seu plano em relação à Violet.

Ele agarra meu ombro e me empurra para o lado. —Fique fora disso.

—Farei isso. Com uma condição.

—Que porra é essa?

—Não toque nem implique a irmã.

As sobrancelhas de Jude se erguem, mas ele tem compreensão suficiente para não me irritar quando tenho controle sobre sua fraqueza.

Tudo bem então.

Dahlia Thorne acabou de despertar meu interesse, e esse pode ser o pior erro da vida dela.

Capítulo Trinta e Sete

Dahlia

Chorei tanto que minha cabeça dói.

Chorei até achar que nunca mais iria parar de chorar.

Chorei por tanto tempo que acho que não tenho mais lágrimas.

E agora estou simplesmente entorpecida.

Meus olhos acompanham as árvores imponentes do banco de trás do carro enquanto ele me leva até minha irmã.

Em algum lugar em Rhode Island.

Puxo os joelhos até o peito e deito a cabeça na janela, deixando a tristeza me invadir.

Quando Julian me contou tudo, uma parte de mim optou por não acreditar nele. Aquela parte estúpida e apaixonada que tremia ao menor sinal de afeição de Kane se impôs e me disse para não julgá-lo.

Julian não é o mocinho aqui. Ele me ameaçou com o Grant outro dia. Por que ele estaria me contando isso agora?

Então pedi ao motorista para ir ao banheiro e usei um daqueles telefones públicos antigos.

Não me importava com o que o Julian dizia. Eu basicamente seguia as ordens dele só para ver a Vi.

Então tive que falar com Kane.

Tive que ouvi-lo dizer que era tudo mentira.

Mas não era. Foi tudo uma mentira, quero dizer.

Estava longe de ser mentira e era a coisa mais próxima da verdade que eu estava procurando todos esses meses.

A verdade que ele claramente sabia que eu estava procurando e, ainda assim, ele escolheu brincar comigo.

Fazer de mim seu entretenimento.

Tudo o que ele disse e fez, desde aquela primeira vez na arena até a noite passada, foi para me manter sob controle para que eu não machucasse seu amigo.

Para ver até onde eu iria antes que ele me esmagasse.

Uma nova onda de lágrimas embaça minha visão.

E não é só porque me sinto vitimizada ou usada. É uma raiva profunda.

A necessidade de machucá-lo tanto quanto ele me machucou.

Quero dar um soco na cara dele e xingá-lo. Quero que ele sinta um pouco da dor que está me dilacerando por dentro.

Mas eu teria que abrir mão da segurança da minha irmã se quisesse vê-lo novamente.

A irmã que ele planejou matar.

Kane e Jude.

Eram aqueles com anéis pretos sobre os quais minha irmã falou em seu diário.

Os homens que a perseguiram e fizeram da vida dela um inferno até que ela entrou em coma.

Preciso comprar uma arma. Se os vir de novo, vou atirar no meio dos olhos deles.

Meus pensamentos sombrios se dispersam quando o carro para em frente a uma casa de aparência antiga no final de uma rua suburbana vazia.

A cerca branca está suja e precisa ser pintada novamente, e a grama está alta e mal cuidada, como se ninguém tivesse estado naquele lugar há meses.

A barreira entre mim e o motorista se abre num movimento mecânico e silencioso antes que sua voz ecoe no ar. —Chegamos, senhorita.

Ouço o clique da porta destrancando e olho para a casa, depois para o motorista bem-vestido, que presumo também ser da equipe de segurança, pois o vi armado antes. —Minha irmã está aqui?

—Sim. — Ele me olha pelo retrovisor. —A chave está no apoio de braço.

Abro o compartimento ao meu lado e, de fato, há uma chave marcada com o número 121.

Meus dedos úmidos envolvem o metal frio e saio do carro.

Assim que faço isso, ele vai embora.

Meu coração está na garganta enquanto caminho em direção à porta branca arranhada.

A chave não entra na primeira tentativa por causa do suor da minha mão.

Na segunda tentativa, a porta range ao abrir e vislumbro um taco de beisebol, então ouço um grito de guerra furioso.

Minha mão congela na maçaneta.

O taco para no ar.

O grito se transforma em um suspiro.

Violet…?

Por um momento, penso que estou sonhando. A luz projeta uma sombra

sobre suas feições angelicais.

É realmente Violet.

Ela está ali, acordada, viva e tão *real,* que me tira o fôlego.

Seu cabelo loiro-avermelhado parece mais grosso e brilhante do que me lembrava, caindo em ondas suaves, emoldurando um rosto que não é mais pálido e encovado.

Sua pele brilha com saúde, corada, viva, e seus olhos, aqueles olhos azuis profundos e familiares, estão arregalados e cheios de uma centelha que pensei que nunca mais veria.

Ela parece... diferente. Ainda suave e recatada, mas há um vazio em seu olhar. Como se sua alma estivesse quebrada e ela não tivesse juntado todos os cacos.

Ainda assim, vejo minha irmã naqueles olhos.

Aqui.

Acordada.

Há graça na maneira como ela se comporta, no jeito como ela fica deslumbrante mesmo usando uma simples camisa de dormir cinza.

O bastão cai de sua mão e bate no velho piso de madeira enquanto ela sussurra: —Dahlia.

—Viiiiii! — Pulo em um abraço, envolvendo meus braços em volta dela com tanta força que fico surpresa por não esmagá-la.

Minhas lágrimas fluem novamente de alegria e angústia.

Dor e alívio.

Vi está de volta.

Vi está aqui.

Ela funga e me abraça com mais força, acariciando meus cabelos com os dedos. —Não chore.

—Não estou.

—Você está mesmo.

—Você também está chorando.

—Não estou!

Nós duas rimos enquanto nos encaramos, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Pego as mãos dela e a observo atentamente. —Você está bem? Sente alguma dor em algum lugar?

Ela sorri em meio às lágrimas. —Estou bem.

—É verdade...? Que você acordou há muito tempo e fez um acordo com Julian para testar a droga dele e ficar em coma?

Ela abaixa a cabeça. —É, me desculpe.

—Por que você não me contou?

—Eu estava com medo. Ainda estou. — Suas mãos tremem, seu rosto fica pálido. —Eu... não queria te arrastar para isso, mas acho que já te arrastei. Sinto muito, Dahl. Sinto mesmo. Vou te pagar por tudo.

—Ei, — acaricio as lágrimas em seu rosto. —Nada que eu fizer vai compensar o que você fez por mim todos esses anos. Não precisa se desculpar. Você é a vítima aqui.

Seu queixo treme e novas lágrimas se formam em seus olhos, deixando-os com um tom azul-escuro. —Não sou eu. A verdadeira vítima é Susie Callahan,

que foi esfaqueada até a morte na minha frente sem que eu fizesse nada.

—Isso… não foi culpa sua.

—É! Era! Eu poderia ter impedido, mas fui covarde. Eu... ainda consigo ouvi-la pedindo socorro nos meus pesadelos. O tempo todo. — Vi cai no chão, parecendo pequena e magoada.

Ajoelho-me diante dela e seguro suas mãos novamente. —Você não poderia ter impedido. O cara tinha uma faca. A tragédia dela não justifica o que Jude fez com você.

Ela fica imóvel. Seus fungados, seus tremores.

É como se ela tivesse se transformado em uma estátua.

Os dedos dela se contraem nos meus, seu rosto está tão pálido que acho que ela está tendo um derrame.

—Vi?

—Ele não fez nada. — Sua voz é quase inaudível.

—O quê? Claro que sim. Ele perseguiu e tentou te matar.

—Ele não estava por trás do que aconteceu comigo.

Franzo a testa. —Então quem era?

Meu coração bate tão forte que acho que vai parar. Não pode ser...?

—Foi o K-Kane? — Pergunto, mal conseguindo ouvir minha voz por causa do zumbido nos ouvidos.

Ela balança a cabeça.

Odeio a sensação de alívio que sinto no peito.

—Então quem?

—Não precisa se preocupar com isso. — Ela agarra meus ombros. —Eu sou um alvo em movimento, Dahl. Você não é. Você deveria ir. Talvez para algum lugar ensolarado na Costa Oeste. Você é inteligente e tão durona, tenho certeza de que vai ficar bem, não importa aonde vá.

—Não! Não vou a lugar nenhum sem você.

—Me escute ...

—Não, me *escute.* Você nunca me abandonou, por mais difícil que tenha sido. Se acha que algum dia vou te dar as costas, tenho uma novidade para te dar. Não vai acontecer.

—Essas pessoas não se comparam aos nossos senhorios corruptos ou aos nossos pais adotivos melindrosos, Dahl. — Seu tom se torna assustado. —Eles matam pessoas e saem impunes.

—Eu sei. Eu vi com meus próprios olhos.

—Você... fez? Ah, Dahl.

—Está tudo bem, não aconteceu nada comigo. O Kane fez isso para me proteger.

Mordo meu lábio inferior.

Preciso gargarejar um pouco de água sanitária para poder parar de pensar nele e de dizer seu nome.

—O cara que você beijou na TV no final do último jogo?

—Você estava acordada naquela hora?

—Sim, me recuperando.

—Eu não sabia naquela época. Desculpa, Vi.

—Por que você está se desculpando?

—Ir para a cama com o inimigo. — *E se apaixonar por ele.*

—Inimigo de quem?

—Seu.

—Kane não é meu inimigo.

—Foi ele quem deu seu nome e informações para Jude!

Ela empalidece novamente. Percebi que sempre que digo o nome de Jude, ela se encolhe.

—Ele teria me encontrado de qualquer jeito. — Sua vozinha quase não se ouve. —Fui eu quem fugiu quando a mãe dele estava sendo morta.

—Isso ainda não desculpa o que Kane fez.

—Você o ama, Dahl. Consigo ver através da dor nos seus olhos. Vi quando você o abraçou e o beijou como se não pudesse viver sem ele. Se ele te tratar bem, você deveria voltar para ele.

—De jeito nenhum. Ele mentiu para mim. Ele sabia de tudo e não me contou. Ele jogou comigo como uma peça de xadrez. Se o vir de novo, eu o mato. — AS abraço mais uma vez. —Além disso, nunca vou te deixar. Nunca.

A única resposta de Violet é um sorriso triste.



Vi e eu passamos os últimos dias colocando o papo em dia. Caminhamos no parque ali perto, depois compramos todos os lanchinhos e nos empanturramos. Embora agora estejam sem gosto depois daquela viagem com o Kane.

Vi é Vi com sua voz suave e pequenos sorrisos, mas ela também não é a mesma pessoa de três meses atrás.

Ela ainda se recusa a me dizer quem estava por trás do ataque e muitas vezes se fecha em si mesma.

Às vezes, a pego olhando as janelas com olhos arregalados e assustados, como se estivesse esperando o próprio Satanás entrar.

Ela acorda gritando todas as noites. A situação piorou tanto que ela mal consegue dormir e tem olheiras ao redor dos olhos pela manhã.

Fico parada na porta da cozinha enquanto ela prepara o almoço e ouve rádio. Se eu a convido para sair, ela se recusa e insiste que eu deveria ir sozinha ou voltar para a faculdade e não sacrificar minha bolsa de estudos por ela.

Ela sempre pensa em todos, menos em si mesma.

Odeio isso porque não sei como melhorar.

Ou como impedi-la de sentir que está esperando seu fim neste lugar miserável e sem graça.

Observo seus movimentos, letárgicos, sem alma e totalmente diferentes dos passos decididos de Kane quando está cozinhando.

Caramba.

Por que tudo me faz pensar nele?

Vi percebe que estou emburrada e força um sorriso. —Não fique aí parada. Entre.

—Quer que eu ajude?

—Você não pode cozinhar nem para salvar sua vida.

—Nossa, que grosseria! — Faço beicinho. —Encontrei uma pá de neve na garagem. Vou limpar a entrada.

—Tudo bem. Tenha cuidado.

—Sim, senhora. — Saúdo-a e volto para a garagem munida de um casaco grosso.

Está cheio de coisas de bricolage, ferramentas, um velho cortador de grama e um machado de aparência afiada.

Coloco luvas, arrasto-a para fora e me abaixo para amarrar meus sapatos.

Quando vou me levantar da posição ajoelhada, o sol foi bloqueado por uma grande nuvem.

Espere. Não está completamente bloqueado.

Protejo meus olhos enquanto olho para cima.

Definitivamente não é uma nuvem.

Vê-lo é como um choque elétrico no meu coração.

—Gostei da posição, flor silvestre.

Capítulo Trinta e Oito

Dahlia

Passei os últimos dias odiando, xingando e metaforicamente esfaqueando um boneco de vodu com o rosto de Kane Davenport estampado nele.

A situação ficou tão ruim que pensei momentaneamente em voltar e dar um soco no rosto dele ou fazer algo mais drástico, como quebrar o braço ou a perna dele para que ele pudesse dar adeus à sua amada carreira no hóquei.

Essa vontade aumentou quando entrei em contato com Megan pelo meu novo telefone e ela me enviou fotos da última vitória dos Vipers e disse que eu perdi um jogo ‘incrível.’

Ele ainda consegue fazer jogos incríveis, então talvez eu devesse estragar sua última temporada na faculdade.

Talvez eu o tenha deixado escapar com muita facilidade e devesse tê-lo machucado tanto quanto ele me destruiu.

Deveria ter me aprofundado tanto em sua pele que ele ficaria se revirando na cama, sem conseguir dormir, com a cabeça cheia apenas de pensamentos sobre mim. Eu deveria tê-lo apegado tanto a mim que a vida sem a minha presença pareceria insossa e sem graça.

Porque é assim que me sinto ultimamente, não importa o quanto eu tente agir duro.

Mas agora, não terei a chance de cumprir minhas promessas, porque ele veio aqui por vontade própria.

Pedindo por isso.

Pulo do chão, volto correndo para a garagem e pego o machado, minha mão

tremendo em volta do cabo de madeira lascado enquanto corro de volta para fora.

—Você vai me esfaquear com isso? — Ele pergunta despreocupadamente.

Isso me irrita.

Como ele ainda poderia estar absolutamente deslumbrante com um casaco de lã marrom, calça jeans escura e um cardigã bege? Seu cabelo está penteado para trás, seu rosto está coberto por uma barba rala e aqueles olhos... gelados, frios e absolutamente provocantes.

Ele não é uma bagunça?

Como ele pode ser *tão* organizado?

—Eu disse que te mataria se te visse de novo. — Aponto o machado para ele. —Não me culpe pelo seu braço decepado.

Ele tira as mãos dos bolsos e as abre bem. —Faça isso.

Minha mão congela no cabo frio.

—Qual? — Ele estende a mão direita. —Meu braço dominante para dano máximo? Eu te dou.

—Como se você fosse me deixar machucar seu precioso braço.

—Eu poderia.

—E o hóquei?

—Irrelevante.

—Você está blefando.

—Tente, então. Se você me atacar, não vou me mexer. — Não há nenhum traço de zombaria em sua voz. É firme e pé no chão, e eu sei, eu simplesmente sei, que se eu atacar, ele vai me deixar machucá-lo.

Deixei o machado cair no chão, seu estrondo ecoando no silêncio. —Você... perdeu o juízo.

—Normalmente não. Na verdade, sou a pessoa mais calma que conheço e a voz da razão no meio de uma tempestade. Mas todas essas qualidades parecem desaparecer quando você está por perto.

Sua voz não é tão autoritária quanto o normal. Há um tom cansado nela, o que a torna um pouco mais rouca. Agora que olho mais de perto, vejo leves olheiras ao redor de seus olhos.

—Então a culpa é minha? — As emoções me dilaceram o peito e minhas palavras saíram guturais demais. Duras demais.

—Sim. Você arruinou a minha vida, e preciso que você assuma a responsabilidade.

Corro em sua direção e o soco no peito. —Foi você quem arruinou *a minha* vida! — *Soco.* —Você *mentiu* para mim. — *Soco.* — Me *usou.* — *Soco.* —Me fez confiar em você e depois me *traiu*!

Kane não se move, não tenta me parar ou mesmo me consolar. Ele me deixa bater nele, repetidamente, até que minhas forças se esvaem e meus olhos ardem.

Não vou chorar. *Não vou* deixar esse babaca me ver chorar.

Estou muito brava comigo mesma por não conseguir esfaqueá-lo.

Machucá-lo tanto quanto ele me machucou.

Mas só de pensar na dor dele só *me traz* dor.

Quando diabos essas emoções vão desaparecer?

Preciso superá-lo e voltar à vida que eu conhecia antes dele, mesmo que eu não me lembre claramente dela.

—Terminou? — Suas palavras são suaves como seda. —Você vai me ouvir

agora?

—Não há nada que você possa dizer que eu queira ouvir. — Me afasto, ombros curvados, toda a minha resistência perdida. —Vá embora e não me mostre mais a sua cara.

—Não vai acontecer. Então, ou você me escuta, ou eu fico aqui até você ouvir.

Esse filho da puta.

Olho para trás, para a casa e para Vi, que provavelmente terá um ataque de pânico se o vir.

Pior, e se Jude também estiver aqui?

Ela fica tão estranha quando ele é mencionado. Não quero nem pensar na reação dela se realmente o visse.

—Faça isso rápido e vá embora, — digo.

—Nunca te usei nem te traí. Tecnicamente, também não menti para você.

Suas palavras se chocam com o vento e me dão um tapa no rosto.

Acho que vou realmente esfaqueá-lo dessa vez.

—Então você saber sobre a Violet, sobre o motivo pelo qual me aproximei de você, não é mentira? Brincar comigo enquanto sabia de tudo *não era* me usar?

—Não é. — Ele solta um suspiro áspero, o peito pressionando contra o cardigã. —Eu nunca brinquei com você. Você acredita que eu estaria com alguém tão difícil quanto você se estivesse *brincando* com você? Você acha que eu gostava quando você tentava me entender? Quando você metia o nariz na minha vida e tentava de tudo para me fazer perder o controle? Eu *odiava.* Eu odiava tanto que mexia com a minha cabeça. Tentei manter distância e te

descartar, mas não estaríamos aqui se eu tivesse conseguido. Então, não, Dahlia. Não houve abuso ou traição envolvida. Decidi ficar com você depois daquela vez em que te fodi no capô do meu carro. Nada nem ninguém vai mudar isso. Nem mesmo você.

Fogo sobe pela minha espinha e uma bomba-relógio inicia uma contagem regressiva na minha cabeça.

Marcação.

Marcação.

Cada tique me empurra para mais perto do limite.

—Você se arrepende das suas mentiras? Da sua omissão da verdade? — Bato a mão no peito. —Eu *confiei* em você. Eu confiei em você, porra, e você pisou em tudo.

—Eu não escolhi que Violet fosse o alvo de Jude.

—Mas você escolheu entregar o arquivo dela para ele! Você escolheu trocar os resultados do DNA encontrado sob as unhas dela.

—Eu não conhecia você nem ela na época. Além disso, ele a teria encontrado, independentemente de eu estar envolvido ou não.

Essas foram exatamente as palavras que a Vi disse e eu odeio isso. Odeio que os dois estejam me encurralando.

Odeio o fato de que tudo o que fiz nos últimos meses não foi em vão.

Mas o que mais odeio é entregar meu coração pela primeira vez, e para esse desgraçado de todas as pessoas.

—Você a perseguiu, então? Você foi uma das pessoas que tornaram a vida dela um inferno antes do ataque à sua preciosa amiga?

—Não, de jeito nenhum. Não me envolvi com Violet desde a vez em que

levei Jude ao seu antigo bairro em Stantonville, e não tenho conhecimento do que aconteceu entre eles antes do que aconteceu com ela.

—E *o que* exatamente aconteceu com ela?

—Presumo que ela mesma não te contou. Nesse caso, eu também não vou contar. Não é minha história para contar.

Cerro os dentes. O fato de ele saber o que aconteceu e eu não está me deixando louca. Não importa o quanto eu implore para a Vi me contar, ela simplesmente se cala.

Inspiro fundo, meu peito se enchendo de tantas emoções reprimidas. —Digamos que você não me conhecia quando tudo isso começou. E depois? Hmm? Por que você falou comigo naquela primeira vez na arena e me deu esperança de que eu poderia me juntar à Vencor? E depois?

Ele passa a mão pelos cabelos, tenso, diferente de sua compostura habitual. —Você capturou meu interesse.

—O que?

—Naquele dia, a primeira vez que te vi naquele bairro feio, eu queria te ver de novo. Me convenci de que queria te proteger do Jude, e foi por isso que providenciei uma bolsa de estudos para você na GU. Foi por isso que eu dei aquele show todo sobre a iniciação.

—Um show onde você me mostrou meu pior pesadelo e me fodeu como uma fera no chão?

—Não vou dar desculpas por isso. Eu não te conhecia de verdade na época e precisava ser convincente, e embora eu nunca te torturasse psicologicamente se pudesse repetir, eu ainda curti o sexo, como sei que você curtiu. Sinto muito por ter desenterrado seu trauma de infância, não quero te machucar e me sinto mal por isso, principalmente depois de ver o quanto te afetou. A verdade é que eu

queria te possuir desde a primeira vez que te vi, e tolamente pensei que te foder uma vez seria o suficiente. Não foi. Tudo o que aquela primeira vez conseguiu fazer foi liberar o animal que espreitava dentro de mim. Na verdade, eu queria você no meu espaço. Egoisticamente. Mesmo que eu tivesse que te fazer pensar que você possivelmente entraria em Vencor. Não importava, contanto que você não se aproximasse de ninguém além de mim.

Meus lábios tremem.

Meu corpo inteiro faz isso.

O suor cobre minhas palmas, e as enxugo na calça jeans, esperando que tudo isso passe.

Sua confissão ainda ressoa em meus ouvidos e revira meu estômago.

Kane dá um passo à frente e dou um para trás.

Ele para, hesitante.

Kane Davenport realmente abre a boca e depois a fecha novamente.

Algo que nunca pensei que ele seria capaz de fazer.

Seu peito se expande antes que ele fale novamente. —Não vou negar meu envolvimento no que aconteceu com Violet, nem que escondi a verdade de você. Pode parecer desculpa, mas eu só queria você, Dahlia. Não importa o método. Eu sei que isso foi errado. Sei que você me odeia por isso, e tudo bem. Vou continuar voltando e pedindo seu perdão até que você o ofereça.

—Você estará perdendo seu tempo, — digo, em meio às lágrimas idiotas que tentam escapar. —Eu *nunca vou* te perdoar. Não quando você está ajudando o homem que colocou a minha irmã como alvo.

—Jude não vai machucá-la. Você tem minha palavra.

Zombo. —Só se eu concordar em ficar com você. É isso?

—Não. Não vou usá-la contra você. Não quando sei o quanto ela significa para você. É por isso que Jude não sabe e nem saberá da minha visita. Usei tudo o que estava à minha disposição para localizá-la, mas ele não tem o mesmo acesso aos recursos que eu, especialmente porque Julian escolheu um dos esconderijos não mapeados. Vocês estão seguras.

Meus lábios se abrem, mas os fecho novamente. —Ainda não vou te perdoar.

Kane estende a mão e, antes que eu possa impedi-lo, ele a envolve em volta da minha cintura, me puxando para perto dele.

Seus dedos queimam minhas roupas, e meu coração dá um pulo como se tivesse sido trazido de volta à vida.

Meu Deus. Quase me esqueci do cheiro delicioso dele.

Calmante também.

Uma semana atrás, tudo que eu queria era enterrar meu rosto em seu peito e adormecer.

Agora estou tão brava com ele que quero *machucá-lo.*

—Eu esperarei por você até que você faça isso.

Levanto o queixo. —Você vai esperar muito tempo.

Ele me dá um beijo no nariz. —O tempo que for preciso para recuperar o que é meu. E você *é* minha, flor silvestre. Não se esqueça disso.



—Urgh!

Meu gemido é alto enquanto me jogo no banco de frente para Vi.

Ela me serve uma xícara de café e coloca um prato de ovos mexidos na

minha frente.

Mas estou focada na vista pela janela da cozinha. Kane está parado ao lado do carro, com a mão esquerda no bolso e a direita mexendo no celular.

Como se sentisse minha presença, ele levanta a cabeça, me lança um sorriso e acena.

Eu o encaro de volta.

Ele está lá o tempo todo.

Tirando neve quando tento.

Fazendo compras de supermercado e comprando mais coisas do que precisamos.

Seguindo-me se eu sair à noite para caminhar.

Sempre.

Lá.

Como um maldito parasita.

—Seu babaca, — murmuro e então inclino a cadeira para não ficar de frente para ele. —Por que ele simplesmente não vai embora?

—Ele está lá há duas semanas, Dahl, perdendo três jogos sem pestanejar. Ele disse que fingiu uma lesão sem cerimônia, mas você sabe que isso é sério, sem falar na escola e nos treinos. — Vi sorri enquanto se senta à minha frente, com um café na mão. —Acho que ele não vai embora tão cedo.

—Bem, eu não o forcei a perder os jogos. — Espeto os ovos com o garfo. — Não é minha culpa que ele esteja sabotando a si mesmo e ao time.

—Em vez desse ciclo vicioso, talvez você possa simplesmente virar a página?

—Nem que ele fique aí a vida toda. — Estreito os olhos. —Por que você está do lado dele?

—Estou do *seu* lado. Você claramente tem sofrido desde que chegou aqui. Você tem estado inquieta ultimamente, desmontando o rádio, o mixer e outros aparelhos eletrônicos e remontando-os, muitas vezes quebrando-os no processo.

Tomo um gole do café amargo. —Eu disse que vou comprar uma batedeira nova.

—Não é isso. — Seus olhos suavizam. —Você é meio destrutiva sem propósito, e odeia *mesmo* não estar na faculdade ou no laboratório fazendo malabarismos com um milhão de projetos ao mesmo tempo, não é? E a bolsa pela qual você se esforçou tanto? Vai perder tudo assim, sem mais nem menos?

Meu peito aperta, mas digo: —Não importa.

—Para mim, sim. — Ela dá um tapinha na minha mão na mesa. —Escuta, eu sei que é difícil, até impossível, para você confiar nas pessoas, e você nunca teve amigos.

—Não é verdade. Eu tenho você. E a Megan! Ela é muito fofa. Você vai adorá-la... — Me encolho. —Não que você vá conhecê-la, já que ela mora naquela *cidade.*

—Tudo bem, mas meu ponto permanece. Confiar nas pessoas é um território desconhecido para você, então quando Kane quebrou essa confiança, você se machucou profundamente. Você não quer sentir dor de novo, e é por isso que está se afastando dele. Mas pergunte a si mesma, Dahlia. O que dói mais? Perdê-lo ou estar com ele?

Meus dedos se soltam do garfo e olho para o lado.

Estremeço quando percebo que Kane ainda está me encarando.

Nossa.

Esfaqueio o ovo novamente e encaro Vi.

—O quê? — Ela pergunta.

—O que ele te disse daquela vez que voltei da biblioteca e encontrei você dando comida para ele na cozinha? Por que você está tão... *tranquila* com tudo isso?

A única vantagem da presença de Kane é que Vi meio que relaxou, e ela não fica sempre olhando pelas janelas como se fosse ser sequestrada pelo bicho-papão.

Ela ainda olha pela janela, mas agora é mais um hábito.

—Ele disse que não era necessário te contar, mas eu discordo. Na verdade...

—Sério? — Me inclino para mais perto.

—Kane forçou Jude a apagar meu nome da lista dele. Ele ofereceu a lista inteira em troca.

—De jeito nenhum. Julian insinuou que essa é a única maneira de Kane manter Jude sob controle.

—Bem, ele abriu mão disso por você. — Ela dá de ombros. —Eu queria que ele impedisse o amigo em vez de ajudá-lo, mas acho que não há nada que possamos fazer a respeito. A questão é que ele leva você a sério, Dahl. Cabe a você decidir se leva ele a sério ou não.

Meu aperto na xícara se intensifica. —E daí se eu estiver? E se eu o amar? Esses sentimentos acabarão morrendo, e ficarei presa em um mundo onde serei sempre uma estranha. Kane e eu não deveríamos ter nos cruzado, para começo de conversa.

—E você está bem com isso? Sem brigar? Isso não é nada típico de você.

—Não há nada pelo que lutar.

—Uma pena. Adoraria ter visto você ter alguém que você realmente quisesse.

—Não vai acontecer, — sussurro e engulo um grande pedaço de comida, quase engasgando.

Isso simplesmente... não está acontecendo.

Nunca o perdoarei.

Capítulo Trinta e Nove

Dahlia

Na manhã seguinte, Kane desapareceu.

Isso aconteceu depois que não consegui dormir naquela noite.

Revirando-me na cama, continuei pensando no que Vi disse. Não ajudou em nada o fato de ela ter me oferecido um copo de leite antes de dormir, quando me trouxe um copo de leite, para me acompanhar até Graystone Ridge, se eu quisesse voltar.

Ela disse isso enquanto tremia.

Enquanto parecia que ela estava à beira de um ataque de pânico.

Mas ela ainda insistia em enfrentar seus demônios e esperava que isso me inspirasse a enfrentar os meus.

Minha irmã gentil, totalmente inocente e um pouco medrosa tem sido mais corajosa do que eu jamais serei.

Ela também perdoou Kane. Ela sempre levava lanches para ele e lhe dava bom dia. Ela conversava com ele mesmo quando eu tentava afastá-la.

Embora eu não tenha certeza se ela estava fazendo isso de verdade ou forçando por minha causa. Tem muita coisa estranha acontecendo com a Vi ultimamente, e o pior é que ela mal me conta alguma coisa.

Enfim, quando acordei hoje com dor de cabeça e profunda apreensão, ainda tomei banho, arrumei o cabelo e vesti um vestido branco de tricô que comprei na Target local. Até passei batom vermelho.

Me mata.

Isso é tentar demais.

Mas quando entro na cozinha e olho pela janela, não há ninguém.

Não o carro esportivo chamativo com o qual as crianças da vizinhança imploravam para tirar fotos, e não Kane parado na frente dele.

Simplesmente nada.

Meus ombros se curvam enquanto me inclino para o lado para ver se ele estacionou na rua. Embora nunca tenha feito isso antes.

Ele só sai por algumas horas para tomar banho e trocar de roupa em um hotel local e depois volta, geralmente com compras de supermercado.

Ele também dorme apenas algumas horas por noite no hotel e está sempre lá quando acordo. E, por algum motivo, me senti segura em saber que ele estava lá.

Mas agora, ele não está mais.

—Ele saiu cedo ontem à noite. — Vi desliza uma xícara de café na minha frente.

Pigarreio. —Não me importo.

—Tem certeza disso? Parece que você vai chorar.

Enxugo os olhos com as costas da mão, só por precaução. —Estou bem.

Enquanto digo essas palavras, minha caixa torácica se fecha em volta do meu coração, apertando até que eu tenha dificuldade para respirar.

Idiota.

Mentirosa.

Ele disse que esperaria o tempo que fosse necessário, mas aparentemente foram apenas duas semanas.

Embora ele perdesse os jogos de hóquei.

Mas eles não têm jogo hoje.

—Tenho certeza de que ele vai voltar. — Vi dá a volta na ilha e me abraça. —Você está tão bonita, quem vai perder se não voltar é ele.

Pego meu telefone e paro quando vejo algumas mensagens dele e de Megan.

Abro a mensagem de Kane tão rápido que fico surpresa por não deixar o telefone cair.

Kane*: Surgiu um imprevisto. Preciso voltar. Volto amanhã, se puder.*

Continuo olhando para as palavras com meus dedos pairando sobre o teclado.

Nas últimas semanas, ele tem me mandado mensagens com frequência. Às vezes, sobre compras de supermercado ou o que eu quero comer. Outras vezes, é para saber como estou.

Sua última mensagem antes disso foi —*Sinto sua falta, flor silvestre.* — O que pode ter contribuído para minha noite sem dormir.

E como eu planejava realmente falar com ele hoje, eu digito:

Eu*: Está tudo bem?*

Fico olhando para a tela por tanto tempo que esqueço de piscar. Mas não há resposta. Ele nem lê.

Volto para as mensagens que Megan me enviou esta manhã e fico paralisada.

Megan: *Meu Deus, meu Deus, meu Deus!!! Você não vai acreditar no que aconteceu ontem à noite!*

Megan: *O carro de Preston foi jogado de um penhasco E explodiu. Kane e Jude também estavam lá.*

Megan: *Menina!!! Onde você está!!!*

O telefone cai no balcão com um barulho, e o pego com dedos trêmulos.

Meu rosto esquenta e uma onda de pânico aperta minha garganta, minha respiração fica baixa e entrecortada.

Um sentimento mórbido que só senti quando soube do ataque de Vi explode em meu peito.

Medo.

Só consigo pensar na última vez que o vi. Ontem de manhã.

Quando ele sorriu e acenou.

E eu olhei feio para ele, depois o ignorei.

Até o ignorei pelo resto do dia, ficando confinada no meu quarto e lendo um livro de medicina chato porque não conseguia parar de pensar.

Porque estava muito absorta na minha mente para encará-lo.

E agora isso?

Sei que não tenho sorte, mas não tanto. Simplesmente não pode ser.

Não sei como digitar a mensagem para Megan.

Eu*: Eles estão bem?*

Megan: *Oh Meu Deus FINALMENTE. Sei lá. Tenho certeza de que o trio estava junto antes (ou seria depois?) do carro ser jogado do penhasco e explodir. A equipe inteira está pirando, como era de se esperar, porque não têm mais informações, e o Ryder não atende minhas ligações.*

Eu: *Não há notícias de ninguém?*

Megan: *Não, provavelmente porque as famílias deles estão bloqueando.*

Mas corre o boato de que o capitão dos Wolves estava em um mirante, assistindo com pipoca. Aquele safado do Marcus vai levar uma porrada um dia desses.

Marcus.

Claro que é o Marcus.

É fato conhecido que seu pai nunca o reconheceu, e a única razão pela qual ele tem o sobrenome da família é porque o avô queria alguma forma de garantia para o futuro.

Perguntei-lhe uma vez: —Você os odeia?

Marcus apenas deu um sorriso irônico enquanto olhava para o céu. —Ódio? Não. Eles não valem tais emoções. Ainda vou arruinar cada um deles até que todos os seus preciosos herdeiros sejam esmagados sob meus pés. Só porque eu posso.

Achei que ele estava falando merda.

Como ele, um ninguém como eu, poderia chegar perto dos deuses, muito menos esmagá-los?

Mas está acontecendo.

É ele.

Ele ficou escondido nas sombras por muito tempo, mas finalmente está agindo.

Levanto a cabeça e encaro minha irmã. —Vi, eu... eu...

—Você precisa voltar. Eu sei. — Ela sorri gentilmente, mesmo com o rosto pálido. —Eu vou com você.



Algumas horas depois, estou de volta à cidade onde pensei que nunca mais

colocaria os pés.

Desta vez com Vi.

Ela fica com Megan, que a cobre de amor e faz mil perguntas.

Mas, para minha consternação, minha colega de quarto ainda não sabe muito sobre o que está acontecendo, exceto pelos rumores, cada um pior que o anterior.

Fala-se em recuperação de corpos.

Nenhum ferimento, apenas cadáveres.

Recuso-me a pensar nisso e pego um táxi para a casa dos Davenport. O motorista não pode passar pelos portões de segurança de Ravenswood Hill, mas eu posso, já que fui incluída na lista de permissões de Helena. Espero ainda ser.

Então saio do carro e corro o resto do caminho.

Minhas pernas queimam e meu coração está na garganta, mas continuo ligando para Kane e recebendo uma resposta fora de serviço.

A cada chamada falhada, meu cérebro fica embaçado e resisto à vontade de chorar.

Estou ofegante quando chego ao portão principal. Meu vestido gruda nas costas e meu novo par de tênis brancos, um dos doze pares que Kane me deu de presente de Natal, começa a me dar bolhas.

Bato no metal duro, com as mãos ardendo. —Tem alguém aí? Abra a porta!

Um carrinho de golfe aparece à distância, e o portão se abre lentamente com um rangido.

Samuel.

Ele para o carrinho na minha frente. —Se a senhorita tivesse ligado antes, teríamos providenciado uma coleta mais tranquila. Entre, por favor, Senhorita

Thorne.

Assim que me sento ao lado dele, pergunto abruptamente: —Onde está Kane?

—Indisponível.

—Indisponível como?

—Não tenho liberdade para dizer.

Samuel não diz mais nada, não importa quantas vezes eu pergunte sobre Kane.

Ele simplesmente me leva para uma entrada diferente do jardim e para. — Você pode esperar aqui.

—Onde está Helena? — Pergunto enquanto saio.

—Lá fora, — ele diz, e vai embora sem dizer uma única palavra.

Caminho pesadamente pelo caminho de paralelepípedos, meu peito tão pesado que mal consigo ficar de pé.

Pego a tigela cheia de comida para peixes, agacho-me perto do lago e jogo um pouco dentro.

Sora não se aproxima nem luta com os outros, basicamente nadando sozinho na borda.

—Ei, você também está bravo comigo? — Meus olhos ardem e jogo alguns petiscos na direção dele. —Desculpa ter te chamado de gordo e babaca. Retiro o que disse, tudo bem? Vem cá.

Os outros peixes koi comem a comida, mas ele mal abre a boca.

—Sora…por favor…

Uma brisa joga meus cabelos para trás e joga folhas das camélias no lago.

Me abaixo para remover o incômodo, sem saber se elas poderiam fazer mal aos peixes.

Escorreguei e a tigela caiu.

Os peixes e Sora ficam loucos com tanta comida, e fecho os olhos, resignando-me ao fato de que vou cair na água.

Uma mão grande envolve minha cintura e me levanta no último segundo.

Meu grito termina em um suspiro quando sou girada e minha frente é achatada contra um peito duro e musculoso.

—Devo dizer que não gosto de ouvir você implorando para outra pessoa.

Sua voz profunda e levemente áspera invade meus ouvidos e incendeia minha pele, e a terra se move sob meus pés.

O vento bagunça seus cabelos e ele parece um pouco exausto.

Mas ele está bem aqui. Sua figura alta e imponente é uma silhueta escura contra o brilho suave das lanternas e o balanço suave das árvores.

Seu maxilar está cerrado, uma leve tensão vincando sua testa, mas seu braço em volta da minha cintura é firme, quente, me apoiando enquanto o mundo gira em descrença.

O cheiro de terra úmida preenche o ar, flocos de neve caem ao nosso redor como confetes frágeis, mas tudo em que consigo me concentrar é na superfície dura do seu peito contra o meu.

O calor do seu corpo envolvendo o meu.

Todo ele. Aqui. Vivo.

Mas ainda parece irreal.

Talvez isso seja fruto da minha imaginação.

—K-Kane? Você está aqui.

—Sou eu quem deveria dizer isso. — Ele acaricia minha cintura, seus dedos gentis e possessivos ao mesmo tempo. —Não que eu esteja reclamando.

—Megan disse que houve um acidente com Preston, e você estava lá e… e…

—E você estava preocupada comigo? — Há uma pequena luz em seus olhos, um lampejo de esperança cautelosa, talvez.

—Claro que sim! — Bati no peito dele, com lágrimas escorrendo pelo rosto. —Achei que você tivesse pulado do penhasco para salvar o Preston ou algo assim. Eu nunca teria te perdoado se tivesse feito isso.

—Ainda bem que não fiz isso, então. — Um leve sorriso irônico surge em seus lábios. —Odiaria se você não me perdoasse. Meu pior pesadelo.

—Você está brincando agora?

—Estou falando sério. Odeio quando você me ignora. Odeio quando não posso te tocar. Mas acima de tudo... — Sua mão direita acaricia minha bochecha, enxugando as lágrimas. —... odeio quando você chora por minha causa.

—Diz o homem que fica duro ao ver minhas lágrimas.

—Lágrimas diferentes. Aquelas que você solta porque adora quando eu te fodo. Estas, porém, eu detesto.

—Então você não deveria se meter em situações perigosas. Pelo Preston ou por qualquer outra pessoa.

—Vou tentar não fazer isso. Por causa desses olhos lindos.

Minhas unhas afundam na camisa dele. —Então você não vai abandonar tudo?

—Não posso. Preston e Jude são minha família. Eles são a única família que já tive. Você não pode me pedir para abandonar a minha família, assim como eu

não posso pedir para você abandonar a Violet.

—Foi por isso que você tirou o Jude do caso? Mesmo que isso significasse sacrificar sua influência sobre ele?

—Sim.

—Por quê? Para que ela ficasse do seu lado?

—Para *você* ficar do meu lado. Tudo o que fiz, fiz por você, Dahlia. Por mais ninguém. Só *por você*. — Ele encosta a testa na minha, sua respiração quente roçando minha pele enquanto ele fecha os olhos. —Não consigo viver sem você. Não *quero* viver sem você, nem sem o seu calor, sem a sua curiosidade, nem sem o seu espírito que transborda para o meu. Os poucos dias em que não consegui te encontrar foram um inferno na Terra. Você estava em todo lugar, mas eu não conseguia te ver. Isso me transformou em um louco.

—Kane…— O nó na minha garganta é tão grande que não consigo formar nenhuma palavra corretamente.

—Tudo bem se você não consegue me perdoar agora. Vou esperar meses ou anos, se for preciso. Só me deixe ficar por perto. Deixe-me te ver. Deixe-me te proteger. Deixe-me te inspirar. — Sua mão envolve meu queixo e ele me inala. —Minha obsessão por você pode ter começado como uma forma de limerência[7], uma necessidade de possuir e dominar. Uma vontade de provar que você é uma fase e não significa nada no grande esquema das coisas. Mas você se esgueirou entre meu coração e minha caixa torácica e sou incapaz de respirar sem você. Você me conquistou, de coração e alma, Dahlia. Eu não sei o que é o amor e se ele é real ou não, mas se ele existe, você é a definição dele para mim.

Ele abre os olhos novamente e eles estão mais escuros e mais claros que eu já vi.

—Por que você está chorando de novo?

—Porque você não deveria dizer uma merda dessas quando estou tão cansada. — Afundo meus dedos em seus cabelos. —Idiota.

—Sinto muito, — ele sussurra, dando um beijo no meu nariz.

—Você não sente! Você não se arrepende de ser o primeiro homem que amei. O *único* homem que já amei e provavelmente o único que amarei. Você me tinha na palma da sua mão e se recusou a me deixar ir. Não importa o quanto eu pense nisso, eu também não consigo deixar você ir. Não importa o quanto eu tente negar, estou miserável sem você.

—É mesmo? — Suas feições se iluminam com uma miríade de cores.

— Cale a boca. Juro que se você me machucar de novo...

Seus lábios cobrem os meus, e minhas palavras terminam em um gemido, mas ele se afasta rapidamente.

—Não vai acontecer. Você tem a minha palavra.

—É melhor cumprir a sua palavra. Você sabe que eu posso te dar um gelo.

—Eu sei muito bem. Você será minha rainha. Na verdade, você já é.

—Mesmo que estejamos em mundos separados?

—Você é o meu mundo. Se alguém ousar tocar em você, eu acabarei com a vida miserável dessa pessoa.

—Você é horrível.

—Você adora, flor silvestre.

Sorrio e ele me beija novamente.

Desta vez, mais profundamente, mais devagar e pela primeira vez na minha vida, respiro corretamente.

Kane quebrou a corrente do azar.

Ele é meu cavaleiro de armadura brilhante da maneira mais nada convencional.

Sempre vivi na correria, mas agora estou pronta para parar.

E apenas estar com ele.

Epílogo 1

Dahlia

Duas Semanas Depois

A multidão está vibrando com energia contagiante, gritando o nome dos Vipers e se deixando levar pela jogada perfeita do time.

Liderado por Kane.

Hoje, ele é uma estrela absoluta. Ele marcou mais gols, mais do que qualquer jogador ofensivo, e também foi o melhor defensor, cortando facilmente as jogadas ofensivas do time adversário e forçando seus jogadores a cometerem penalidades e serem mandados para a área penal.

Ele está dando o seu melhor.

Absolutamente arrasador.

Levando sua equipe a novos patamares.

Deixando a multidão enlouquecida sempre que ele toca no disco.

Até Megan, que está aqui principalmente por causa de Ryder, fica gritando sem parar sempre que Kane desliza no gelo como um gladiador imparável.

Eu também gritei. Levei minha energia online para a vida real e fiquei torcendo por ele do começo ao fim.

Mas ainda sofro de um pequeno ataque cardíaco sempre que ele aponta para mim, geralmente depois de marcar um gol.

Entre os períodos, enquanto os outros vão para a área dos bancos, ele patina em minha direção e bate no plexiglass com seu taco enquanto sorri largamente.

Se não tivéssemos essa barreira, pularia em cima dele e o beijaria para o

mundo inteiro ver.

Quando voltei para a cidade, pensei em ficar um pouco brava com ele.

Que eu tentaria puni-lo um pouco mais. Mesmo que por mesquinharia.

Mas e o Kane? Ele sabe mesmo como me tratar.

Ele é o único que reconhece os botões certos para apertar e o caminho para o meu coração, minha irmã.

Ele não só providenciou a entrada de Vi na faculdade no semestre seguinte, como também pagou por tudo. Totalmente.

Ele também conseguiu um apartamento para ela. Quer dizer, era para mim, mas o Kane e eu basicamente moramos juntos agora, então é dela.

Realmente não queria deixar Vi sozinha e tento passar algumas noites por semana com ela.

E mesmo sabendo que ele não é fã, Kane não reclama, entendendo perfeitamente minha necessidade de ficar de olho nela em seu atual estado frágil.

Ele diz que entende porque precisa cuidar de Preston também, especialmente depois do incidente do carro, e, em menor grau, de Jude.

Juro que esses dois vão fazer o cabelo dele ficar branco um dia desses.

No meio de todo esse caos com seus amigos encrenqueiros e da confusão com a qual ele teve que lidar depois da suposta ‘morte acidental’ de seu pai, Kane ainda cuida mais de mim.

A mensalidade da faculdade do Vi, assim como o apartamento, são apenas a ponta do iceberg do que ele está fazendo por mim. De alguma forma, ele conseguiu me colocar na lista de aprovados dos laboratórios e do hospital Callahan para que eu possa seguir minha carreira.

Essas e outras coisas são as razões pelas quais eu tive que aceitar e seguir em

frente, porque Kane fez isso por mim.

Ele ajudou Violet porque ela é minha família.

Porque ele se importa com a minha felicidade, e o bem-estar de Violet é a minha felicidade.

Apesar da relativa paz, Violet ainda se sente estranha e frequentemente se desliga. Ela se recusa a assistir a qualquer jogo de hóquei comigo, não importa quantas vezes eu tente convencê-la.

Caramba, preciso tomar cuidado com o que falo e não falar do time quando ela está por perto, o que é muito difícil, considerando que agora sou uma fanática descarada pelo Kane. A rainha dos trolls online para os Vipers. Também tenho muitos seguidores graças às minhas habilidades de trollagem.

De qualquer forma, sei parte do motivo pelo qual Vi é assim; ela ainda tem medo de Jude, apesar da garantia de Kane de que ele não vai machucá-la.

E honestamente, com a natureza de Jude, Kane não consegue controlá-lo.

Ninguém pode.

Nem mesmo Julian Callahan, que suspeito ser o Diabo de terno.

Kane marca novamente quando o relógio está se aproximando do fim. Megan e eu nos abraçamos enquanto pulamos para cima e para baixo.

Adoro ver Kane feliz.

Sorrindo.

Não me entenda mal, ainda não é frequente, mas desde que seu pai morreu, ele está mais relaxado.

Como se o peso estivesse lentamente saindo de seus ombros.

E farei tudo o que estiver ao meu alcance até que isso desapareça

completamente, assim como ele ajudou com tudo relacionado à Violet.

Kane disse que esta é sua última temporada. Ele nunca teve a intenção de se tornar profissional, não importa quantas ofertas estejam chegando.

Então ele pretende aproveitar ao máximo. Para levar o campeonato nacional aos Vipers, mesmo que tenha que matar Marcus para isso.

Ultimamente, tem havido muitas ameaças de morte ao Marcus, principalmente do Preston. Tenho quase certeza de que esse cara ainda me odeia, embora tenha parado de me ameaçar.

De qualquer forma, com a morte de Grant, Kane e Helena estão livres.

Por outro lado, o relacionamento dele com a mãe ainda não é dos melhores, mas também não é dos piores. Ele a visitou duas vezes nas últimas duas semanas, mas apenas porque estou no papel de mediadora.

Agora que Kane é o chefe da família Davenport, ele facilmente assumiu seu papel e parece ter controle total. Mas não é o tipo de controle em que ele se reprime e atende às expectativas dos outros.

Tem mais a ver com sua capacidade natural de liderança e sua facilidade para resolver crises. Em pouco tempo, ele conseguiu impor o respeito de todos por sua nova função.

Na outra noite, ele estava me contando sobre seus planos de reformar Vencor internamente e, para isso, ele precisa fortalecer ainda mais sua influência e então ajudar Jude e Preston a tomar o poder de suas famílias para que os três possam se unir.

Ele tem muitos planos para trazer de volta familiares banidos, especialmente seu tio, assim que sua posição estiver consolidada o suficiente para isso. Ele era tão apaixonado que fiquei impressionada.

Mas também sei que seus planos podem causar um motim nas profundezas

perigosas de uma organização como a Vencor.

A perspectiva de ele ter um alvo nas costas me assusta, mas Kane disse que ficará bem e só me pediu para ficar ao seu lado.

Com o que eu concordei. Não importa o que aconteça. Ele vai ficar comigo, goste ou não.

Quando o sinal final toca, nossa multidão vai à loucura, vibrando, assobiando e batendo palmas.

Cobro a boca e chamo o nome de Kane.

Ele se vira para mim, tirando o capacete, como se pudesse distinguir minha voz entre os milhares de espectadores.

Como se eu fosse a única na multidão.

Ele está incrivelmente lindo, com o cabelo úmido grudado nas têmporas e os olhos refletindo o gelo, mas de alguma forma quentes e suaves.

Para mim.

Só para mim.

Preston o mata com uma chave de pescoço, e os outros jogadores o arrastam com eles.

Ele ri enquanto todos se unem contra ele.

E registro essa risada no fundo da minha alma. Vou salvar o vídeo do jogo depois e guardá-lo na minha pasta cheia de tudo sobre o Kane.

À medida que os jogadores começam a sair do rinque, também corro e vou em direção ao túnel que leva ao vestiário.

Ainda sou estagiária da equipe, então tenho um crachá de acesso. Também sou basicamente a fisioterapeuta pessoal do Kane.

Embora esse pervertido comece pedindo uma massagem, depois acabe me despindo e me fodendo em todas as posições possíveis.

Sentada no colo dele, encostada na parede, na ilha, na banheira.

E isso quando ele não está me perseguindo e me comendo como um animal no cio.

Adoro nossos joguinhos.

Adoro quando chego na cobertura e as luzes estão apagadas, e não sei quando ele vai começar a me caçar.

Mas também adoro quando ele me acorda com beijos ou enquanto me fode.

Quando ele me fode lentamente só para incendiar meu mundo.

Sinceramente, achava que só gostava de sexo violento e que sexo tranquilo só me dava orgasmos mornos. Mas isso foi antes do Kane.

Antes disso, ele me chupava tão devagar e com tanto carinho. Desde então, ele tem alternado entre a caçada e o sexo lento.

O padrão imprevisível e a incapacidade de descobrir o que ele planejou sempre me deixam alerta.

Quando chego perto do vestiário, onde muitos jogadores estão entrando, suas conversas e vozes são tão altas no espaço confinado. Viro a cabeça para tentar vê-lo, mas não consigo.

Depois que a maioria deles desaparece lá dentro, seu corpo alto cambaleia para fora. Ele ainda está com seu equipamento, sem o capacete e as luvas.

Kane diminui a distância entre nós em poucos passos e envolve uma mão em volta da minha cintura, a outra acima da minha cabeça enquanto me prende contra a parede.

De repente, meus sentidos se enchem dele, de seu aroma amadeirado,

daqueles olhos penetrantes e da boca absolutamente linda que agora está definida como uma linha.

—Oi, — respiro fundo.

—O que você está fazendo do lado de fora de uma sala cheia de homens nus, Dahlia?

Estendo as mãos e as enfio em seus cabelos, despenteando e passando os dedos por eles até que fiquem bagunçados, mas de alguma forma mais bonitos. —Só estou aqui por causa de um homem nu.

Um gemido escapa de seus lábios enquanto ele envolve minha garganta com a mão, apertando levemente. —Não me tente ou eu te fodo aqui e agora, minha flor silvestre.

Sinto um aperto no estômago, mas ainda assim sussurro: —Estamos em público.

—Não me impediu antes. Então vá em frente. Me tente.

Prendo o lábio inferior entre os dentes e é preciso um esforço para não tentá-lo.

É impossível manter qualquer pensamento racional quando vejo aqueles olhos azul-gelo que me olham com tanto calor. Tanto calor e carinho.

Como se eu fosse o mundo inteiro dele.

Ele também é meu.

O homem que eu nunca soube que precisava ao meu lado.

Então, fico na ponta dos pés e coloco minha boca na dele, depois chupo seu lábio inferior antes de soltá-lo. —Você foi incrível esta noite. Eu só queria te dar um beijo depois do jogo.

Seus lábios brilhantes esboçam um leve sorriso. —Eu também vou precisar

de uma transa.

—Você é tão ganancioso.

—Quando se trata de você, sim.

—Só eu?

—Só você.

—Talvez eu vá lá depois que a Violet for dormir hoje à noite.

Ele franze a testa, mas logo desaparece e não diz nada.

—Vamos lá. — Acaricio sua bochecha. —Preciso dar uma olhada nela.

—Eu sei.

—Se não fosse por aquele bruto do Jude tentando matá-la…

—Para ser sincero, acho que ele nunca quis matá-la.

Faço uma pausa. —O que você quer dizer?

—Esqueça.

Meu telefone vibra e Kane se afasta quando abro a mensagem da minha irmã.

Violet: *Você esqueceu seu guarda-chuva, Dahl. Está chovendo. Estou no estacionamento da arena, perto do carro do Kane. Venha buscá-lo.*

Eu*: Ah, obrigada, Vi. Você não precisava*.

Violet*: Claro que sim. Não quero que você pegue um resfriado.*

Eu: *Estou a caminho.*

Olho para Kane. —A Vi me trouxe um guarda-chuva. Te espero no estacionamento?

—Você pode ir para casa com ela se quiser.

—E perder a festa da vitória? De jeito nenhum.

—Você está ficando um pouco viciada nisso.

—Adoro ver meu homem sendo o centro das atenções. — Beijo sua boca. — Te vejo daqui a pouco.

Kane dá um tapa na minha bunda e suspiro de horror fingido antes de correr para fora, vestindo o moletom sobre a cabeça. O estacionamento está começando a esvaziar de todos os espectadores, e o resto está correndo para seus carros para escapar da chuva torrencial.

Não consigo encontrar a Vi no meio do caos, então tento ligar para ela, mas ela não atende. Volto para onde o carro do Kane está estacionado. Não aqui. A área está praticamente deserta agora, exceto por alguns jogadores que estão indo para seus carros, conversando entre si.

Um movimento chama minha atenção em um canto próximo ao prédio.

Aproximo-me lentamente, caso Vi escolha um lugar isolado para se esconder. Ela não se dá bem com multidões e sempre encontra um canto.

Meus lábios se abrem diante da cena que se desenrola diante de mim.

Um corpo grande e musculoso está achatando minha irmã bem menor contra o canto. Seu braço direito está apoiado na parede acima da cabeça dela, enquanto o outro agarra seu queixo com o que parece ser um aperto doloroso.

Jude.

Quando diabos ele saiu do vestiário?

Um guarda-chuva amarelo aberto jaz no chão e a chuva cai torrencialmente, encharcando os dois, riachos se formando na jaqueta de couro dele, o cabelo dela grudado no rosto pálido enquanto ela o encara. Não sei se é chuva ou lágrimas

escorrendo por suas bochechas. Ou uma mistura dos dois.

Ele se inclina e sussurra algo no ouvido dela. Seus músculos estão tensos, sua postura mais rígida do que o normal.

Os olhos de Vi se arregalam enquanto ele fala e avanço, prestes a lhe dar uma nova surra.

Tapa.

Congelo.

A Vi acabou de... dar um tapa no Jude? No Jude Callahan, cujo nome ela treme só de mencionar?

O que diabos ele disse para fazer minha irmã, que nunca machucaria uma mosca, *dar um tapa* nele?

Os lábios de Jude se abrem em um sorriso enquanto ele acaricia a bochecha onde ela o estapeou.

Jude sorrindo? Nunca o vi fazer isso. *Nunca mesmo.*

Saio do meu transe.

Antes que ele possa revidar, corro até minha irmã e a puxo para perto de mim. Ela está tremendo toda, e algo me diz que não tem nada a ver com a chuva.

—Vá embora, Jude! — A abraço mais forte enquanto o encaro.

Ele me encara como se quisesse bater minha cabeça no chão por ousar interromper o que quer que ele fosse fazer.

Mas ele lança um último olhar sombrio e enigmático para minha irmã, e ela o encara de volta. Vi raramente olha diretamente para as pessoas. Ela geralmente olha para os próprios sapatos ou para qualquer lugar que não seja a outra pessoa.

Jude finalmente se afasta e ela solta um longo suspiro, como se tivesse

esquecido de respirar.

Pego o guarda-chuva e o seguro sobre nossas cabeças. —Você está bem, Vi? Juro que vou matar o Jude um dia desses.

—Não foi nada.

—Não pareceu nada. — A observo. —Ele te machucou?

—Não. Estou bem. — Ela força um sorriso. —Agora que trouxe seu guarda-chuva, estou indo embora.

—Quer que eu vá junto?

—Pare de se preocupar tanto, Dahl. Eu vou ficar bem. — Ela faz um gesto atrás de mim. —Seu namorado está esperando.

Enquanto ela se afasta, seus movimentos são rígidos e franzo a testa.

Um braço forte envolve minha cintura antes que a voz suave de Kane chegue aos meus ouvidos. —O que houve?

—Jude estava encurralando a Vi. Ele sussurrou algo que não consegui ouvir. Ela deu um tapa nele e ele... estava sorrindo. O que foi isso?

—Hmm, — é tudo o que ele diz, com uma expressão neutra.

—Que tipo de resposta é essa?

—Apenas fique longe de qualquer preliminar que eles estejam fazendo.

—Preliminares? Do que diabos você está falando?

—Provavelmente nada. — Ele me aperta contra seu peito duro como pedra. —Mais importante, posso ter sua atenção agora?

Sorrio. —Você *sempre* tem minha atenção.

—É claro. — Ele levanta meu queixo. —Preciso daquele beijo de verdade

agora.

E então seus lábios devoram os meus.

Até eu esquecer completamente que estamos em público.

Até que ele seja meu mundo inteiro.

E eu sou dele.

Epílogo 2

Kane

Um Ano Depois

Meu coração bate firme enquanto me escondo nas sombras do jardim extravagante da minha mãe.

Não há ninguém aqui.

No jardim.

Ou a casa.

Dispensei toda a equipe e a equipe de segurança depois que minha mãe fez uma viagem internacional para a instituição de caridade de saúde mental na qual ela agora gasta a maior parte do seu tempo, e dinheiro.

Mas Dahlia não sabe disso.

Ela acha que estamos tendo um jantar em família e provavelmente está se arrumando para ficar com a melhor aparência possível.

Mas tenho uma surpresa reservada.

O jardim está envolto em profundo silêncio enquanto espero pacientemente.

A neve cobre o chão, as camadas brancas suavizam os contornos das lanternas de pedra e pontes, transformando as bordas afiadas do lago em montes suaves.

Os galhos nus das cerejeiras se estendem em direção ao céu escuro, suas figuras ossudas gravadas em tons de índigo e violeta cada vez mais profundos.

Pneus rangem contra o cascalho à distância antes que eu ouça sua voz suave, baixa, quase inaudível no vento, enquanto ela provavelmente agradece a Samuel

e o interroga.

Ele odeia quando ela o interroga.

E ela parece gostar de provocá-lo.

Os pneus cantam novamente, e Samuel desaparece junto com o resto da equipe.

Então somos só nós.

Demoro-me atrás de um imponente pinheiro negro, com suas agulhas salpicadas de geada, oferecendo-me um esconderijo suficiente. Cada respiração é uma inspiração profunda de uma clareza gélida que enche meus pulmões e depois escapa como uma nuvem tênue.

O som das botas na neve me alcança antes que eu consiga distinguir sua silhueta. Dahlia está envolta em um casaco bege de inverno e um gorro peludo cobre sua cabeça, mas seus cachos castanhos caem em um ritmo saltitante de cada lado dos ombros.

Lanternas piscam ao longo do caminho sinuoso enquanto ela caminha, seu brilho quente projetando sombras alongadas que dançam na neve. Ela para perto do lago de carpas que está parado, com uma fina camada de gelo se formando nas bordas, e acena. —Oi, pessoal. Sora, você sentiu minha falta, seu bad boy?

Dahlia e seu recente e maldito hábito de conversar com peixes. Influência da mãe, e parte da ligação entre elas, aparentemente, porque planejam ir comprar carpas koi na Ásia em breve.

A luz pálida se reflete nos cabelos de Dahlia, um brilho fugaz enquanto ela vira a cabeça para observar o ambiente. Sua respiração forma delicadas plumas que permanecem antes de desaparecer.

O farfalhar sutil de suas roupas rompe o silêncio. —Kane?

Ela se aproxima, como um ímã, como se soubesse exatamente onde estou. O frio faz suas bochechas corarem levemente, e o aroma de jasmim me alcança, um calor raro em meio ao frio do inverno.

Meu olhar se aguça, acompanhando seus movimentos entre os finos troncos de bambu que balançam levemente na brisa da noite.

Permaneço imóvel, com a casca áspera do pinheiro pressionando minhas costas, e a expectativa se acumula dentro de mim.

Tensão controlada.

Mas também sem lei.

À medida que ela se aproxima, os detalhes ficam mais nítidos: a maneira como seus cílios capturam pequenos cristais de neve, a curva quase imperceptível de um sorriso puxando seus lábios.

Minha pequena flor silvestre está vibrando de excitação esperando que eu a embosque.

Desejando isso.

Tremendo por isso, até.

É por isso que Dahlia é a única para mim.

Ela é capaz de abraçar tanto o meu lado manso quanto o meu lado desequilibrado. Ela está sempre comigo na viagem. Até *exigindo* a carona quando acho que ela precisa de um descanso.

Essa mulher foi feita para mim.

Não me importa se estamos em mundos diferentes. Se não nascemos no mesmo mundo ou não fomos ensinados os mesmos costumes.

Ela é minha.

Sempre.

Dou um passo à frente, libertando-me das sombras.

Dahlia congela ao ouvir o som suave da minha bota, mas não se vira.

Não.

Ela sabe melhor do que isso.

Ela solta um grito baixo enquanto corre, deixando pegadas na neve, profundas e descontroladas.

—Juro por Deus, Kane! — Ela grita enquanto dispara entre as árvores. — Está congelando.

—E mesmo assim você continua correndo. — Mal consigo correr atrás dela, deixando que ela assuma a liderança.

—Tudo bem, tudo bem. Sou tão louca quanto você, mas vamos pelo menos entrar.

Eu a agarro pela cintura, levantando-a completamente do chão, e ela grita e então chuta.

Minha presa sabe como lutar comigo.

Ela chuta e grita.

Ela até me morde.

Minha Dahlia não é só uma lutadora, mas também sabe exatamente como me excitar. Esfregando a bunda no meu pau e deslizando as mãos pelos meus braços e coxas.

Em qualquer lugar que ela possa alcançar.

A carrego até a casa de vidro fechada com vista para o jardim.

O calor nos atinge instantaneamente e dezenas de lanternas fracas brilham automaticamente, banhando a cama grande com uma luz suave.

Dahlia congela por um segundo e a jogo na cama, jogando fora meu casaco e, em seguida, minha camiseta. Ela me observa com os olhos semicerrados enquanto se livra do casaco, revelando um vestidinho branco de tricô que complementa seu tom de pele bronzeado.

Quando tiro minhas botas, ela faz o mesmo, e então estou tirando o vestido dela enquanto ela desabotoa minha calça jeans.

—Não me toque, — ela murmura enquanto liberta meu pau e o desliza em sua boca, seus olhos profundos, agora da cor de uma floresta, perfurando os meus.

Ela me solta com um estalo, e acho que vou gozar aqui e agora.

Puxo-a para perto de mim usando o sutiã. —O que você acabou de dizer?

—Não me toque, seu babaca.

O sutiã rasga e belisco seus dois mamilos. Um gemido escapa de seus pulmões e eu a empurro para trás, dando um tapa em sua boceta nua.

—É por isso que você veio pronta para ser fodida? Sua boceta está encharcada, então acho que ela quer que eu te toque.

Seus gemidos de prazer ecoam no ar enquanto deslizo meu pau contra sua fenda.

Então a agarro pelos cabelos, a levanto e a trago para cima do meu pau duro.

Os braços de Dahlia se enrolam em meus ombros, e seu rosto se enterra na curva do meu pescoço.

Empurro fundo e ela revira os quadris, acompanhando meu movimento, golpe por golpe.

Quando chupo seu ombro, ela morde meu pescoço, deixando sua própria marca e me marcando para sempre.

—Você está cavalgando meu pau tão bem, flor selvagem. — Acaricio seus cabelos, sussurrando em seu ouvido: —Sua boceta foi feita para mim.

—Mostra. — Ela chupa o lóbulo da minha orelha. —Mais forte.

—Porra. — Puxo seus cabelos, então puxo sua cabeça para trás e a beijo profundamente enquanto vou com mais força.

Mais rápido.

Até que ela esteja pulando no meu pau e falando em sílabas ininteligíveis.

Posso estar dentro dessa mulher todos os dias, três vezes ao dia, como uma refeição, e ainda assim não consigo ter o suficiente.

Ela treme, segurando-me com mais força, e vou mais fundo, sabendo o quanto ela ama isso.

O que eu amo, no entanto, é ouvi-la gritar meu nome enquanto ela se espatifa em volta do meu pau.

Seu corpo tremendo, seus lábios alcançando os meus, beijando e sussurrando meu nome.

Não demoro muito, enfiando mais algumas vezes em sua boceta quente antes de enchê-la com meu esperma.

Um dia, eu a preencherei com meu bebê. Bebês, no plural. E ela será minha para sempre.

Nossa família será uma pausa do passado para nós dois.

Nunca deixaremos nossos filhos sozinhos em um mundo frio e certamente não os torturaremos para extrair suas emoções.

—Eu te amo, — ela sussurra, ofegante, enquanto me olha com aqueles olhos, uma mistura de amarelo e verde. —Eu te amo tanto, Kane.

—Eu também te amo, Dahlia. — Envolvendo um braço em suas costas, pego debaixo do travesseiro uma caixa de veludo vermelho e a abro. —Seja minha esposa. Minha Senhora Davenport, que se juntará a mim para mostrar o dedo do meio ao mundo.

Seus olhos se arregalam enquanto ela olha do meu rosto para o círculo ofuscante que combina com a cor dos seus olhos. Uma combinação imperfeita de verde, marrom e amarelo.

Uma pedra preciosa rara que valeu cada centavo.

—Meu Deus. Isso é impressionante.

—Isso é um sim? Na verdade, você não pode recusar.

—Não vou. Você está preso a mim. — Um brilho cintila em seus olhos enquanto ela me oferece a mão. —Não terei outro homem além de você, Kane. Você tem meu coração, corpo e alma.

—E você tem o meu.

Enquanto deslizo o anel em seu dedo, ela me beija enquanto sorri.

E chorando.

E eu lambo essas lágrimas.

Lágrimas de felicidade.

As únicas lágrimas que Dahlia derramará de agora em diante.

Porque ela é o meu mundo. E vou queimar qualquer um que chegar perto dele.

O FIM

Sobre a Autora

Rina Kent é autora *do New York Times*, *USA Today* e do best-seller número 1 de romances sombrios.

Mais conhecida por escrever anti-heróis e vilões sem remorso, Rina tece histórias de personagens pelos quais você não deveria se apaixonar, mas inevitavelmente se apaixona. Suas histórias são permeadas por um toque de escuridão, uma pitada de angústia e a dose certa de intensidade doentia.

Rinaverso em constante expansão, ela leva uma vida privada em Londres, viaja e mima seus gatos no verdadeiro estilo Cat Lady.

Notas

[←1]

"Stan" é um termo que surgiu nas redes sociais para descrever um fã que é extremamente dedicado e entusiasmado com uma celebridade, músico ou figura pública específica. A origem do termo está relacionada à música "Stan" do Eminem, que conta a história de um fã obcecado.

[←2]
TPAS é a abreviação para Transtorno de Personalidade Antissocial

[←3]

A frase "fluff you" e suas variações como "fluffin fluff" são usados informalmente para expressar um sentimento de aborrecimento, desrespeito ou frustração com alguém É semelhante a dizer ‘vai se ferrar.’ ou "cala a boca", mas com um tom um pouco menos áspero ou direto. " Fluff" também pode ser usado como verbo, significando cometer um erro, especialmente em uma apresentação ou por esquecer falas.

[←4]

Eu não sei o que

[←5]

Caridade

[←6]

"Coelhinho do disco" ou "puck bunny" é um termo usado para descrever uma fã de hóquei no gelo cujo interesse no esporte é supostamente mais motivado pela atração sexual pelos jogadores do que pela paixão pelo jogo em si.

[←7]

Limerência é um termo que descreve um estado emocional e cognitivo involuntário de intensa paixão ou apego por outra pessoa, caracterizado por uma obsessão, idealização e desejo de reciprocidade.